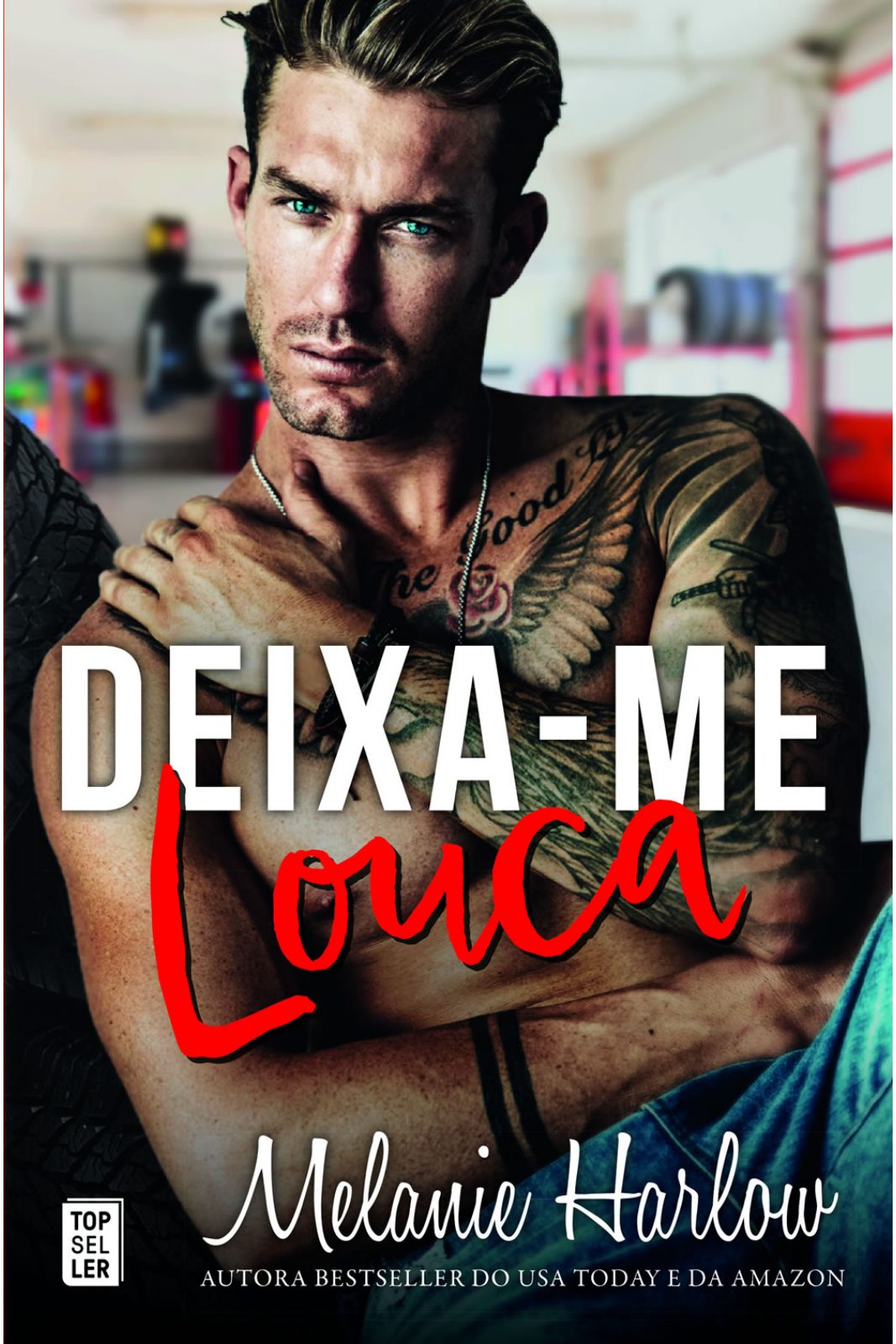




DEIXA-ME *Louca*

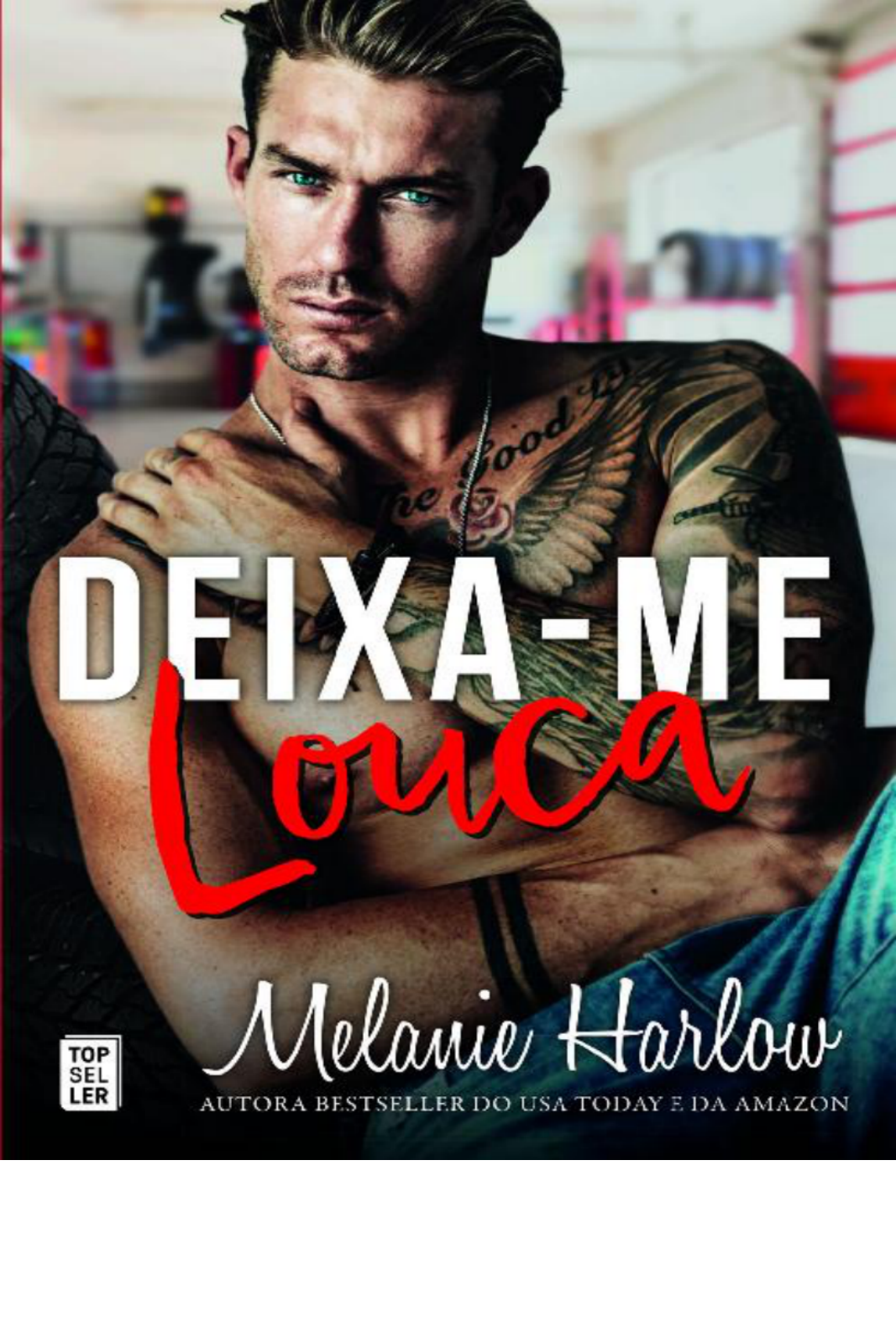
Melanie Harlow

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



DEIXA-ME *Louca*

Melanie Harlow

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON

TOP
SEL
LER

Melanie Harlow

DEIXA-ME Louca



os livros em primeiro lugar

Para todos os que precisam de um pouco mais de alegria na sua vida.

Larga o teu guarda-chuva
Porque, amor, o que te quero dizer
É que houve sempre um arco-íris
Sobre a tua cabeça...

Vai ficar tudo bem.

Rainbow, Kacey Musgraves

Um

Griffin

Se observarmos uma chaleira, a água nunca ferve. No entanto, se observarmos um mecânico, ele fica a ferver num ápice.

Não me lembro que idade tinha da primeira vez que ouvi o meu pai dizer esta frase, mas ele estava coberto de razão. Não havia nada pior do que termos alguém a rondar, e o velho Dodson fazia-o constantemente.

— Tens mesmo de bater nisso com tanta força?

Cerra os maxilares. Conta até três.

— Sim.

— De certeza que estás a fazer isso bem?

Respira fundo. Não atires coisas.

— Sim.

— Vais demorar muito?

Sim, se continuares aí especado, a fazer perguntas estúpidas.

Eu estava quase em ponto de rebuçado, mas não podia dar-me ao luxo de perder clientes, por isso virei-me com algo parecido com um sorriso no rosto.

— Já não deve demorar muito, Sr. Dodson. Porque é que não vai dar um passeio? Ou tomar um café e um dónute? Quando regressar, terei o seu veículo pronto.

O velho coçou a cabeça e puxou para cima as calças verde-relva.

— Sabes, a Swifty Auto disse que fazia isto em meia hora. E por menos dinheiro.

Agarrei na chave inglesa ainda com mais força. Maldita Swifty Auto. A cadeia de *fast food* da reparação automóvel. Volume alto, valor baixo, reparações baratas feitas à pressa, mas os clientes pareciam não

se importar. Aparentemente, um candelabro na recepção, anúncios vistosos na televisão e bolachas gratuitas eram mais importantes do que um bom serviço.

— Bem, eles são uma loja maior. E têm uma filosofia diferente.

— Mas eu sempre trouxe os meus carros aqui, e o teu pai era um tipo bom e honesto. Sabia o que fazia. Suponho que também sejas um tipo bom e honesto.

— Foi ele que me ensinou tudo o que sei — respondi. *Por outras palavras, eu também sei o que faço, imbecil. Agora vai lá comer a porcaria de um dónute e deixa-me acabar isto. Nem sequer tinhas marcação, fiz o favor de arranjar tempo para ti.*

O Dodson exalou e desistiu.

— Então acho que vou dar uma volta.

Vi-o afastar-se para o passeio e começar a sua lenta caminhada de velhote pela Main Street, e voltei ao trabalho.

— Caraças, aquele gajo é chato — disse o McIntyre, o outro mecânico da Oficina de Bellamy Creek. A oficina era minha, mas ele trabalhava ali há quase tanto tempo como eu. Também tínhamos um ajudante — um tipo para «empilhar os pneus» — cujo verdadeiro nome era Andy, mas a quem chamávamos Dá-Cá, porque estávamos sempre a dizer-lhe *dá cá essa chave de fendas, ou dá cá o pano, ou dá cá a porca de 10 milímetros que acabei de deixar cair no poço do motor e não consigo encontrar nem por nada.*

— Pois é, mas pelo menos paga a conta. — Vi as horas no relógio de parede. — Eh, onde raio está o Dá-Cá? Julguei que ele entrava às 7, mas já são quase 9 horas.

— Acho que teve de levar a Lola a um sítio qualquer.

— Ah, pois. Falou disso ontem. — Abanei a cabeça e voltei ao trabalho sob o capô do *Buick* do Dodson. — Coitado.

— Como assim, «coitado»? Farta-se de dar quecas.

— Está completamente apanhado por aquela rapariga.

— E então?

— Então, é o Dá-Cá. Ela vai comê-lo vivo e cuspir-lhe os ossos.

O McIntyre riu-se por baixo de um *Ford Mustang*.

— Ele é capaz de gostar disso. Eu gostaria.

— Tu e a Emily estão outra vez zangados? — O McIntyre estava noivo e com casamento marcado dentro de seis meses; se ele e a sua noiva complicada conseguissem manter-se juntos até lá.

— Ela acabou comigo na noite passada.

— O que foi desta vez?

— Sei lá. Acho que disse que eu era «um cabrão insensível que não se rala com nada importante». Mas por «importante» ela refere-se a coisas como a cor das flores na igreja ou o sabor do bolo ou em que lugar se senta cada pessoa na cerimónia. Quero lá saber dessas merdas! Não é importante!

Não podia concordar mais, mas fiquei de boca calada.

— São só tretas — continuou ele. — Porque é que não podemos dizer «sim» na conservatória e depois ir beber umas cervejas, como as pessoas normais? Até vou de fato.

Ri-me.

— Confundes-me. Foste tu que a pediste em casamento.

— Eu sei, mas parece que ela perdeu a cabeça com esta cena toda. Dantes era tão divertida. Costumávamos ouvir música e falar de merdas importantes, como carros e basebol. Agora, a única coisa que fazemos é discutir. Tenho de lhe pedir desculpa umas dez vezes por noite.

— Então não peças. Deixa que seja ela a rastejar para ti uma vez na vida.

— Isso podia levar semanas, Griff. Não posso esperar tanto tempo para ter sexo. Nem todos temos a disciplina de um monge celibatário, como tu.

— Não sou celibatário, idiota. Só não sou escravo da pila, como todos os outros que trabalham aqui.

— Mas não sentes falta? — perguntou McIntyre.

Ele estaria a brincar? Claro que sentia. Mas desejar alguma coisa ou alguém a todo o custo torna-nos fracos, e eu orgulhava-me de ser forte. Claro que era um ser humano como todos os outros e, ocasionalmente, um rabo giro com calças de ganga justas levava-me a melhor, mas seguia sempre as minhas regras: eu era um caso de uma noite, usava sempre proteção e nunca ficava para dormir.

— Há coisas na vida mais importantes do que o sexo — disse eu.

— Como o quê? — O McIntyre parecia genuinamente curioso.

— Como manter este negócio vivo apesar de estarmos a perder clientes e a Swifty Auto estar a caçá-los. Como arranjar tempo para formações práticas, para nos mantermos atualizados com os diagnósticos avançados. Como obter aquele pequeno empréstimo empresarial para poder pagar publicidade, outro mecânico e melhores ferramentas e software. — Endireitei-me e peguei num pano de limpeza azul. — Como ganhar o campeonato.

Ele rolou de debaixo do *Mustang* e olhou para mim, com expressão sombria.

— Ámen, irmão.

Eu e o McIntyre jogávamos pelos Bellamy Creek Bulldogs, numa liga a que a minha irmã chamava «basebol para velhotes». É verdade, tínhamos todos mais de 30, já não éramos ágeis nem rápidos como no secundário e consumíamos *muito* mais cerveja, mas levávamos aquilo muito, muito a sério. Vivíamos para aqueles jogos de quinta-feira à noite, celebrando cada vitória — e afogando as mágoas após cada derrota — no The Bulldog Pub, o nosso patrocinador. E parecia que este ano a final nos oporia aos nossos maiores rivais, os Mason City Mavericks. Tínhamos ganhado o título nos últimos dois anos, e eles estavam ansiosos por vingança.

— Vens ao treino esta noite, não vens? — perguntei.

O McIntyre era o nosso médio. Não era um grande batedor, mas era rápido e tinha bom braço para lançar.

— Claro que sim. — Fez uma pausa. — Se a Emily concordar.

Abanei a cabeça — aquele gajo não tinha remédio — e larguei o pano.

*

Fechei a oficina pouco depois das 17 horas e voltei a entrar no edifício por uma porta no extremo esquerdo da fachada, que abria para a escadaria que levava ao meu apartamento. A oficina era, de facto, um antigo quartel dos bombeiros com duas plataformas. O edifício já

estava desocupado pelo menos há uma década quando o meu avô o comprou em 1955 e o transformou numa estação de serviço. O meu pai assumiu o comando no princípio da década de 1970, quando o meu avô se reformou. Nessa altura usavam o segundo andar por cima do átrio como armazém, porém, depois de eu sair dos *Marines*, há quatro anos, o meu pai deixou-me converter o espaço em residência.

Não era esse o plano, claro, mas a vida como eu a imaginara já não era uma opção. Portanto, devolvi a aliança, retirei a proposta para a compra da casa, bebi até ao esquecimento e, de um modo geral, comportei-me bastante mal durante uns meses antes de o meu pai e os meus três melhores amigos me dizerem para parar de me armar em parvo, porque a vida continuava.

Ter um projeto ajudou, e o meu amigo Enzo Moretti, que era pedreiro, trabalhou comigo no apartamento depois das horas de expediente. Houve algo de catártico em passar as minhas horas livres a erguer paredes.

Era um espaço cavernoso, com tetos altos, tijolo exposto e soalhos de tábuas largas. O meu quarto e a casa de banho ficavam na parte de trás, e a entrada era basicamente uma grande sala retangular, com uma cozinha num canto e uma área de estar junto das três janelas frontais que davam para a Main Street.

Graças às conexões do Moretti, consegui bons materiais a um preço acessível — sobras de ladrilho e granito da nova casa de férias de alguém, soalho de madeira reciclado de um negociante de madeiras, portas e ferragens resgatadas de velhos celeiros e quintas, e até alguns dos pormenores originais do próprio quartel de bombeiros. Aos olhos de um decorador, as coisas podiam não condizer muito, mas isso não me incomodava.

A única coisa que eu ainda desejava era ter um pouco de terra. Se alguma vez a pudesse comprar, queria um lote a que chamasse meu. Durante toda a sua vida, o meu pai falara de poupar o suficiente para comprar um terreno decente quando se reformasse. Planeava mudar-se para o campo e passar os dias a reparar carros antigos num celeiro, a pescar sempre que lhe apetecesse e a ensinar os netos a jogar às cartas.

Infelizmente, um ataque cardíaco levava-o, juntamente com os seus sonhos, demasiado cedo.

«Trabalhou tanto que morreu novo», disse a minha mãe no dia do funeral. «Não faças isso, Griff. Não era o que ele queria para ti. Arranja outra maneira de o homenagear.»

Mas o meu pai trabalhara que se desunhara para manter o negócio do *seu* pai vivo, e macacos me mordessem se eu o deixaria perder-se nas minhas mãos. Se isso significasse trabalhar mais horas para manter a lealdade dos nossos clientes, que assim fosse.

Mas esta noite havia basebol.

Esfomeado, fui ao frigorífico esperando um milagre, como se pudesse ter lá uma lasanha caseira esquecida. Ou um bife com batatas. No mínimo, uma empada de frango.

Não tive sorte. Como era óbvio, tinha-me esquecido outra vez de ir às compras.

Com um resto de carne enlatada e meio pão, fiz uma sanduíche que comi enquanto mudava de roupa para o treino.

Estava a correr para as traseiras do edifício, onde tinha a carrinha estacionada, quando o meu telemóvel tocou.

— Estou?

— Como está o meu irmão mais velho favorito?

— Queres dizer o único irmão mais velho que tens? — Saltei para a carrinha, atirando a luva para o banco do passageiro.

— A sério, Griffin, como *estás*? Já te disse como estás bonito hoje?

— Estamos ao telefone, Cheyenne. — Liguei o motor. — Nem sequer me podes ver.

— Então acho que devias vir ao abrigo para eu to poder dizer a sério.

— E que mais? — perguntei, porque conheço a minha irmã mais nova.

— E mais nada — disse ela.

— Contigo há sempre mais *alguma* coisa, Cheyenne. — Engatei a marcha atrás e saí do estacionamento nas traseiras do edifício. — E nunca me elogias. Deves precisar de alguma coisa.

— Tão desconfiado — ralhara ela. — Francamente, estou ofendida.

— Hum -hum.
— Só queria ver-te.
— Pois.
— E mostrar-te uma coisa.
— Uma coisa que é um animal que queres que eu resgate?
— Não, Senhor Sabe-Tudo, não é um *animal* que quero que resgates.
— Fez uma pausa. — É só um gatinho. Um gatinho minúsculo e órfão
— enfatizou, depois de me ouvir gemer.
— Para com isso. Não vou acolher mais animais. Cagam em todo o lado. Roem coisas.

— Por favor, Griff? Foste tu que trouxeste a gata vadia já grávida para o abrigo.

— Porque não queria um animal de estimação e ela não saía da minha porta. — Claro que isso tinha acontecido porque eu a alimentara, mas tivera pena dela.

— Bem, os bebés estão prontos para serem adotados e quebra-me o coração vê-los lá todos os dias. Levava um, mas sabes que a mãe é alérgica. E sabes que entreguei a minha casa para ir viver com ela depois das cirurgias.

— Estou perfeitamente informado do teu sacrifício, Cheyenne. — A minha irmã adorava trazer isto à baila, para me fazer sentir culpado e me convencer a fazer coisas. E funcionava sempre: eu não tinha hipótese de sobreviver se voltasse para casa. Adorava a minha mãe, mas ela punha-me doido.

— Quanto tempo tenho de ficar com ele?

— Não muito, prometo. Só até eu lhe arranjar um lar permanente, e de certeza que vou conseguir daqui a um mês, quando as aulas começarem.

A Cheyenne era educadora no infantário da nossa antiga escola primária.

— Está bem — disse eu contrariado, dirigindo-me ao campo. — Mas não posso ir buscá-lo agora. Estou a caminho do treino.

— Nem pensar que eu interferiria com o baseball para velhos — disse ela, rindo. — Vem ao abrigo amanhã. Terei os documentos prontos.

— Sabes, não devias trocar de mim quando acabei de concordar fazer-te um favor. Ainda posso mudar de ideias.

Ela riu-se de novo.

— Não, não podes. Eu conheço-te, Griffin Dempsey. Granito por fora, manteiga por dentro. És como um cone de gelado de máquina coberto de chocolate. És como um ovo *Cadbury*. És como...

Desliguei-lhe o telefone na cara. Grande chata.

*

Depois do treino, a maior parte da equipa foi ao The Bulldog Pub para umas cervejas, pizza e muitos insultos aos Mavericks. Eu sentei-me a uma mesa na rua com o Cole Mitchell, a nossa estrela dos lançamentos, e o Moretti, o nosso segunda-base e corredor mais rápido.

— Vamos esmagar aqueles cabrões — disse o Cole. — Nem vão perceber o que lhes caiu em cima. — Estremeceu quando ajustou o saco de gelo que tinha no ombro.

O Cole era um polícia que enviudara cedo demais, e era agora um pai sozinho com uma menina que adorava. Enquanto vizinhos, tínhamos crescido lado a lado e éramos melhores amigos desde que aprendêramos a falar. Ele era o melhor ser humano que eu já conhecera, franco e honesto, se bem que um pouco em negação quanto à capacidade de a nossa equipa derrotar os Mavs. A verdade é que não era o único.

— Sem dúvida — concordou o Moretti, erguendo a garrafa de cerveja. Trabalhava para a Moretti & Sons, a empresa de construção da família, e éramos amigos desde que a família dele se mudara para Bellamy Creek, quando andávamos no ciclo. — Vamos dizimá-los. E vou roubar-lhes a base, tal como fiz da última vez. — Mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. — Espero que a minha lesão na virilha já esteja melhor nessa altura.

Ri-me e dei um grande gole na cerveja.

— Não me deixem ficar mal, seus sacanas. Esta noite não estivemos mal. Boas batidas. Bons lançamentos. Os Mavs são duros, mas não me

desagradam as nossas hipóteses, desde que vocês não se transformem num bando de velhotas nas próximas duas semanas.

— Onde é que está o Beckett esta noite, já agora? — perguntou o Cole, pegando noutra fatia de pizza. — Acha que é demasiado bom para treinar, ou o quê?

O Beckett Weaver era o único do nosso quarteto de amigos de infância que saíra de Bellamy Creek para a faculdade e não regressara — pelo menos diretamente. Nenhum de nós ficara surpreendido, porque ele fora sempre o mais esperto nos estudos. Sempre notas máximas, discurso na cerimónia de graduação, bolsa de estudo para uma escola da Ivy League. Depois de completar dois cursos, instalara-se em Manhattan para trabalhar em finanças, odiando de morte cada segundo. Tinha crescido numa quinta e concluiu que sentia demasiadas saudades dela, por isso, há três anos, deixara a Big Apple para trás e voltara a casa, para ajudar a gerir a criação de gado da família.

Para a equipa, isso tinha sido fantástico, porque o Beckett fora sempre o melhor batedor de todos nós. Eu vinha logo a seguir e era muito bom primeira-base, mas contra os Mavericks precisávamos de todos os músculos que pudéssemos arranjar.

— Não, disse que tinha uma coisa qualquer para fazer esta noite — expliquei.

— Mudar as vacas de sítio, provavelmente. — O Cole riu-se e abanou a cabeça. — Esse gajo passa mais tempo a mover as vacas pelo terreno do que a fazer outra coisa qualquer. Não sei como aguenta.

— É melhor do que estar preso atrás de uma secretária todo o dia — disse eu. — Nem sei como ele aguentou fazer isso durante tanto tempo.

— Eu sei: estava a ganhar milhões de dólares — disse o Moretti, tentando chamar a atenção da empregada para pedir outra cerveja. Não demoraria muito: a sua aparência garantia-lhe os olhares de praticamente todas as mulheres na sala entre os 12 e os 90 anos. Tinha sido sempre o charmoso do grupo, capaz de seduzir qualquer pessoa para se livrar de sarilhos: professores, diretores, treinadores, raparigas. Até as mães o adoravam.

«São os olhos negros», dissera a minha mãe uma vez, com uma expressão sonhadora um pouco exagerada. «Parece que queimam.»

Claro que a empregada, uma rapariga bonita de 20 e poucos anos, com longos cabelos louros e um sorriso tímido, veio a correr perguntar o que podia fazer por ele. O Moretti lançou-lhe o seu olhar ardente e pediu outra cerveja, e ela suspirou antes de dizer que a trazia já, apressando-se a entrar no *pub* sem receber mais pedidos. Eu e o Cole trocámos um revirar de olhos.

— Então, o Beckett disse-te alguma coisa acerca do pai? — perguntou o Moretti.

— O pai? — Semicerrei os olhos para ele, do outro lado da mesa. — Não. Porquê?

— A minha mãe encontrou-o há dias na mercearia e ele parecia confuso. Como se não se lembrasse de como ali chegara.

— Ui. Isso não é bom. — O Cole voltou a mover o gelo em cima do ombro. — Envelhecer é uma treta.

— Não somos assim tão velhos — disse o Moretti. — Quase nem temos 30.

— Temos 32 — corrigi eu.

— Está bem, temos pouco mais de 30, mas qual é o problema? Ainda temos bom aspeto. — Sorriu para a empregada, que pousava a cerveja.

— Podes trazer-me outra, por favor? — pedi eu.

— Claro — disse ela, antes de relancear o Cole. — E o senhor, agente Mitchell?

Ele pensou um pouco e abanou a cabeça.

— Não, é melhor ir para casa.

— Está bem, trago já a sua conta. — Sorriu-lhe e recolheu o seu prato vazio.

— Acho que ela gosta de ti, agente Mitchell — disse eu com uma gargalhada, inclinando a cadeira até ficar só sobre duas pernas.

O Cole revirou os olhos.

— Vai-te lixar.

— Não, o Griff tem razão — disse o Moretti com um sorriso. — A mim, não me chamou pelo nome. Talvez devas convidá-la para sair.

— Não. — O Cole foi categórico.

— Porquê?

— Bem, além de ela parecer pouco mais velha do que a Mariah, já nem sequer sei como é que se convida uma rapariga para sair. Não tive de o fazer desde o secundário.

— Não mudou nada — garantiu-lhe o Moretti.

— Quantas vezes tenho de dizer: estou bem assim — insistiu o Cole, levantando as mãos. — Não quero namorar com ninguém. Vivo com a minha mãe. Estou a criar uma filha. Já tenho mulheres que me cheguem.

O Moretti olhou para mim.

— E tu? Qual é a tua desculpa?

Encolhi os ombros.

— Sou mais esperto do que vocês, imbecis.

O Moretti abanou a cabeça.

— Caramba. Vocês são mesmo um par de velhos. Vão acabar como os velhos dos Marretas, o Statler e o Waldorf, sentados nas bancadas, sozinhos, a assistir aos jogos dos Bulldogs e a dizer mal de tudo.

O Cole riu-se.

— E tu estarás onde?

— Oh, nessa altura a mulher e os filhos já me conduziram a uma morte precoce.

Franzi uma sobrancelha.

— Não sabia que tinhas mulher e filhos.

— Não tenho. Pelo menos, ainda não. Mas é inevitável. Na minha família, tens de ter uma mulher, de preferência italiana, definitivamente católica, e um monte de filhos. São dispendiosos, barulhentos e põem-te maluco, mas depois podes passar o resto da vida a fazê-los sentirem-se culpados acerca de merdas. — Encolheu os ombros e pegou na cerveja. — São assim as coisas. É o ciclo de vida dos Morettis.

Ri-me.

— E onde é que vais arranjar essa mulher? Já conheces todas as raparigas italianas desta vila e a maioria são aparentadas contigo.

— Não estou preocupado — disse o Moretti, erguendo a garrafa

para o céu. — Julgo que, desde que tenha fé, ela vai aparecer quando eu menos esperar.

Nesse exato momento, ouvimos um grande estrondo perto de nós, na rua. Como os barulhos altos e repentinos me desencadeiam uma reação de grande alerta — um resquício das minhas três missões no Afeganistão —, pus-me logo de pé e avaliei a situação, com a adrenalina aos saltos. Mas ficou imediatamente claro que a fonte da explosão era um pneu rebentado.

O Cole e o Moretti também se levantaram, e vimos um *MG* vermelho, *vintage*, vacilar precariamente antes de saltar por cima de um pilar de cimento e se deter no passeio, mesmo em frente à União de Crédito de Bellamy Creek, o que me fez perceber que o condutor fizera exatamente o que não se devia fazer depois do rebentamento de um pneu — entrar em pânico e travar. Felizmente não havia nenhum carro estacionado à frente do banco a esta hora, e o passeio também estava vazio. Mesmo assim, o condutor devia estar bastante abalado, ou mesmo ferido.

Sem trocarmos uma palavra, corremos os três para o carro. Assim que nos aproximámos, vimos que tinha sido o pneu traseiro do lado do pendura que rebentara. O condutor abriu a porta e saiu do carro, o que requereu algum esforço porque parecia estar a usar... um grande vestido de noiva branco.

— Cum caraças. — O Moretti segurou a cabeça com ambas as mãos.
— Eu estava a brincar!

Ficámos a olhar enquanto a mulher se dirigia a nós, analisando cada detalhe. O longo vestido sem alças. A tiara encavalitada no topo do seu cabelo louro-escuro. As luvas brancas cobrindo-lhe os braços até aos cotovelos. A expressão de choque. Tinha o ar de uma princesa da Disney muito confusa, como se estivesse a caminho do Reino Mágico e não fizesse a mais pequena ideia de como tinha ido ali parar.

Mas era inegavelmente bonita, com olhos verdes afastados e um lábio inferior cheio, e apesar de algo nela indicar S-A-R-I-L-H-O-S, o meu instinto imediato foi de proteção.

— Estás bem? — perguntei.

Ela pestanejou para mim.

— Isto é o Céu?

— É Bellamy Creek — informou o Cole. — Precisa de ajuda?

— Eu... — começou ela. Depois os seus olhos fecharam-se, os joelhos dobraram-se e o seu corpo começou a tombar e a ser engolido pela enorme nuvem branca.

Corri para ela e amparei-lhe a queda.

Admito que não sou muito boa condutora.

Tenho um péssimo sentido de orientação, não percebo nada de carros e sofro de uma infeliz tendência para esbarrar em coisas como bermas, para-choques de outras pessoas e objetos fixos aleatórios, como postes telefônicos ou bocas de incêndio. Uma vez, por acidente, colidi com uma magnólia lindíssima, mas acredito sinceramente que a culpa não foi minha, pois virei para uma rampa de acesso errada e a árvore apareceu sem aviso onde antes nunca aparecera uma árvore.

Mas era capaz de jurar que não havia nada na estrada à minha frente quando BUM! Foi como se algo explodisse debaixo do meu carro.

Assustei-me e pisei o travão, que de repente deixou de funcionar como devia, o que desencadeou mais pânico e acabou com o carro a saltar por cima de um daqueles bloqueadores de estacionamento e a aterrar no passeio.

Ora bem, é aqui que a minha memória fica um pouco enevoada. Lembro-me vagamente de desligar o motor e ficar ali sentada um momento, a respirar pesadamente, segurando o volante e ouvindo o retumbar rápido do meu coração. Depois saí do carro, segurando a saia de tule do meu vestido com ambas as mãos e caminhando pelo passeio.

Foi quando os vi.

Três rapazes *ridiculamente* giros, ali, a olharem-me fixamente. Por momentos perguntei-me se teria batido com a cabeça e se aquele seria um momento tipo Feiticeiro de Oz, onde nada era real.

— Estás bem? — perguntou o que estava no meio. A sério, parecia o

James Dean, mas mais alto e mais musculoso, com um braço coberto de tatuagens. Nem sabia que havia gajos tão giros na vida real.

Então fez-se luz: eu tinha morrido e não sabia.

Pestanejei para ele.

— Isto é o Céu?

— É Bellamy Creek — disse o que estava à direita do James Dean. Tinha os mais brilhantes olhos azuis que eu já vira. — Precisa de ajuda?

— Eu... — Ajuda? Sim, precisava de ajuda, mas não conseguia nem por nada lembrar-me porquê. A minha cabeça começou a rodar, a minha visão ficou enevoadada e os meus joelhos cederam.

Afundi-me numa poça de tule.

*

Quando recuperei os sentidos, estava aninhada nos braços de alguém. Abri os olhos e percebi que o James Dean me devia ter apanhado antes de eu chegar ao chão.

— Senta-a no banco — disse uma voz mesmo atrás de mim. — Levanta-lhe os pés. — Senti que me baixavam gentilmente para uma superfície dura. Alguém me agarrou os pés e os levantou pelos saltos das sandálias, e outra pessoa pegou-me no pulso.

— Minha senhora! Consegue ouvir-me?

Assenti com a cabeça.

— Sim.

— Cole, será melhor ligar para o número de emergência médica? — O James Dean ajoelhou-se ao meu lado.

— Não, por favor — disse eu. Não sabia se chamar uma ambulância custava dinheiro ou não, mas, caso custasse, não podia deixar que isso acontecesse.

— Estou bem. Só fiquei tonta.

Ele examinou-me o rosto com uma expressão cética.

— De certeza?

Assenti com a cabeça, reparando nos seus olhos pela primeira vez. Também eram azuis, mas não de um azul penetrante, como os do

amigo. Eram de um azul mais suave e fumado. Nebulosos e bonitos.

É possível que eu tenha gemido.

— Não me cheira a álcool, a pulsação está normal — disse o tipo que me segurava o pulso.

— Não bebi bebidas alcoólicas — disse eu com voz rouca. — Devo estar só desidratada.

O James Dean olhou para os meus pés.

— Moretti, podes ir até ao Bulldog para lhe trazeres água?

— É para já. Cole, continuas aqui?

O tipo que me verificara o pulso pousou-me o braço gentilmente em cima da barriga e examinou-me os pés.

— Tem alguma doença? — perguntou-me. — É diabética?

Abanei a cabeça. — Sente alguma dor?

— Não. É médico ou algo assim?

— Sou polícia. Chamo-me Cole Mitchell, este é o Griffin Dempsey. Pode dizer-nos o seu nome?

— Blair Beaufort.

— Onde é que vive?

— Atualmente estou entre moradas.

— E o que é que a traz a Bellamy Creek?

Tentei recordar -me.

— Acho que foi a tarte.

— A tarte? — O James Dean, isto é, o Griffin Dempsey, parecia confuso. — Qual tarte?

— Podes ajudar-me a sentar, por favor?

Ele pegou-me nas mãos e puxou-me devagar até eu ficar sentada, enquanto o agente Mitchell punha os meus pés no chão.

— Obrigada. — Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, enquanto as peças da última hora voltavam a encaixar-se na minha mente. — Eu estava na autoestrada e vi aquele cartaz do restaurante de Bellamy Creek a anunciar a melhor tarte de maçã do Midwest desde 1957. Por acaso, adoro tarte de maçã. Como podia resistir?

— Oh, essa tarte. — O agente Mitchell suspirou e abanou a cabeça. — Bem, esse cartaz é antigo.

— Quer dizer que não há tarte? — perguntei, incrédula. Aquilo nem

devia ser legal. Devia ser proibido continuar a anunciar uma tarte que já não existia.

— Bem, há tarte — disse ele. — Mas não essa tarte. Não a tarte do cartaz. Já não temos essa tarte desde que a Betty Frankel morreu e levou a receita para a cova.

— A sério?

— A sério. — Ele abanou a cabeça e suspirou tragicamente. — Caramba, tenho saudades dessa tarte.

— Também eu — disse o Griffin.

O amigo de cabelo escuro que tinha ido buscar água voltou e entregou-me um grande copo de esferovite com uma palhinha de cartão.

— Aqui tens.

Olhei-o por alguns segundos, um pouco receosa dos seus olhos pretos e ardentes e da sua fantástica estrutura óssea. Caramba, o que é que punham na água nesta terra?

— Obrigada.

Grata, bebi alguns goles. Depois, para o caso de esta vir de alguma mítica Fonte da Beleza, bebi mais alguns.

O Griffin tirou a carteira do bolso.

— Faz-me mais um favor, Moretti. Podes ir pagar a minha conta? Vou buscar o reboque.

— Claro. — O Moretti pegou no dinheiro que ele lhe entregava, mas ficou ali mais um momento, fitando-me como se eu fosse um fantasma.

— Que foi? — perguntei eu, enervada pela intensidade do seu olhar.

— Não és italiana, pois não?

— Não.

— Pelo menos és católica?

Abanei a cabeça.

— Não.

O Moretti parecia aliviado.

— Volto já.

— Também vou pagar — disse o agente Mitchell. — Ficas bem, Griff? Assim que me despachar, fico aqui com ela enquanto vais

buscar o reboque.

— Está bem.

Um reboque.

Merda.

De certeza que isso iria ter um custo, mas não fazia ideia de quanto. A verdade é que eu tinha sido criada com todas as vantagens que o dinheiro podia comprar, mas continuava bastante ignorante em relação ao preço das coisas básicas.

Tinha muito que aprender, agora que estava por minha conta. De repente, tive uma consciência dura da realidade da minha situação. Engoli um pouco mais de água, desejando que fosse algo mais forte.

— Então, Blair Beaufort. Está alguém à tua espera em algum lado?

— O Griffin Dempsey relanceou o meu vestido. — Tipo... o altar?

Lancei-lhe um olhar divertido.

— Isto não é um vestido de noiva.

— Não?

— Não, é o meu vestido de debutante.

Ele escondeu mal o sorriso.

— Claro que é!

— Só estou a usá-lo porque não cabia na minha mala de viagem.

— E a coroa?

— Tiara. É a melhor que tenho, não queria que se esmagasse.

Ele ajustou o boné na cabeça e semicerrou os olhos para mim, claramente a perguntar-se se eu não teria um parafuso a menos.

Suspirei pesadamente.

— O meu carro é minúsculo, por isso a minha mala de viagem é pequena. Não cabia lá tudo.

— Porque não uma carrinha de mudanças?

Encolhi os ombros.

— Não tenho mobília.

— Tens um vestido de baile, mas não um sofá?

Empertiguei -me.

— Isto para mim não é só um vestido de baile. Usei-o na noite mais especial da minha vida, está bem? Dancei com ele e senti-me linda. Inspirada. Esperançosa. Como se a minha vida estivesse apenas a

começar. É um sentimento ao qual preciso de me agarrar, sobretudo agora.

— Porquê sobretudo agora?

Funguei e desviei o olhar.

— É pessoal.

— Está bem.

Esperava sinceramente que ele me pressionasse para obter mais pormenores, e fiquei um pouco aborrecida quando não o fez.

— Se queres saber, as circunstâncias da minha vida mudaram recentemente, e já não disponho dos recursos de que dispus outrora.

— Lamento.

— A minha família está a passar tempos difíceis. — Continuei, como se ele me tivesse pedido mais.

— Acontece.

— O meu pai tomou algumas... decisões contabilísticas criativas, a que afinal chamaram evasão fiscal, e agora aguarda julgamento. Mas ele não é má pessoa... só fez escolhas erradas. — O pobre rapaz claramente não sabia o que dizer, mas parecia que eu não era capaz de parar (é um problema recorrente que tenho). — Tivemos de vender quase tudo o que tínhamos, até a mobília, só para cobrir os impostos atrasados e as taxas legais. A minha mãe voltou para casa da minha avó, que lhe disse «Eu sempre te *disse* para não te casares com um Beaufort» e se ofereceu para me juntar a um velho rico do seu *country club*, mas eu disse que não, obrigada. Prefiro ser pobre do que ser a esposa troféu de alguém.

— Não te censuro.

— Depois tivemos uma grande briga, porque a minha família não está habituada a que eu me imponha. Pensaram que eu ia simplesmente fazer o que eles mandassem, como sempre fiz. Mas desta vez não. — Empinei o queixo. — *Desta vez*, vou fazer o que *eu* quero.

— E o que é?

— Vou começar de novo noutro sítio. Vou montar o meu próprio negócio.

— Que negócio?

— Uma pastelaria.

— Uma pastelaria? — O Griffin parecia surpreendido.

— Sim. — Sorvi o resto da água gelada. — Sempre adorei fazer bolos e, de facto, sou muito boa, mas os meus pais não me deixaram frequentar a escola de culinária.

— Porquê?

— Disseram que eu tinha de ir para a faculdade e escolher um curso apropriado, como História ou Francês. E eu escolhi.

— Qual?

— Francês. — Sorri maliciosamente. — E durante o meu ano no estrangeiro estudei secretamente com um *chef* de pastelaria francês. Claro que quando me licenciiei aceitei o emprego seguro que os meus pais queriam para mim, vivi no apartamento elegante que eles me deram e assisti a todos os eventos enfadonhos em que eles insistiram, nos quais bebi champanhe caro, dancei com homens de casaca e fingi que me divertia.

— Parece uma tortura.

— Era mesmo — confirmei, embora ele provavelmente estivesse a ser irónico. — Porque, por dentro, eu estava a morrer aos poucos. Estava sempre a perguntar a mim mesma: «É só isto? Vou passar o resto da vida entediada e frustrada? Ser rica vale o preço da minha alma?».

— Não sei. A tua alma deve ser mais cara do que a minha.

— Então decidi tomar uma atitude, e nos últimos dois anos trabalhei na cozinha de um café todas as manhãs, clandestinamente, das 5 às 8. Depois corria para casa, lavava-me e chegava ao escritório às 9 horas. A minha família nunca soube.

— Que bom para ti. — Ele riu-se, e reparei na covinha no seu queixo.

— Qual é a piada?

— Não sei. — Voltou a ajeitar o boné. — É estranho ter de esconder um emprego dos pais.

— Se forem os meus pais, não tem nada de estranho. Seja como for, quando este enorme revés da fortuna aconteceu, decidi entender isso como um sinal de que precisava de escapar da minha antiga vida e recomeçar outra noutro sítio. E é isso que estou a fazer.

— Boa sorte.

— Obrigada. — Examinei-o, então, esperando que me contasse a sua história. Era polido corresponder, certo?

— Entããã — incentivei.

— Então, o quê?

— Então, e tu?

— Sou mecânico. Os meus pais aprovaram.

Esprei por mais.

— Só isso?

— Só isso.

— Sempre quiseste ser mecânico?

Ele dirigiu-me um olhar divertido.

— Falas muito.

— A conversação é uma arte perdida.

— Acho que tu a encontraste.

Suspirei, desistindo da arte e passando a temas mais práticos.

— Os danos do meu carro são muito graves? A reparação vai sair cara? Quanto tempo vai demorar?

— É difícil dizer.

Ele examinou o meu *MG* por um momento, depois pôs-se de gatas e espreitou para debaixo do automóvel.

— Devido ao buraco que atingiste, vais sem dúvida precisar de um pneu novo e algum trabalho na dianteira, mas és capaz de também precisar de travões. Que idade tem o carro?

— É velho.

— Sabes o ano?

— Acho que é de 1971.

Ele olhou -me.

— *Achas?*

Encolhi os ombros.

— Foi o que o tipo disse.

— Qual tipo?

— O tipo que mo vendeu na semana passada. Foi uma pechincha, porque estava há muito tempo no celeiro dele.

— Ui, isso não é bom. — O Griffin levantou-se e esfregou as mãos.

— Faça uma revisão geral amanhã. Para garantir que é seguro.

— Mas quanto é que vai *custar*? Como já mencionei, não disponho de grande liquidez.

— Logo se vê. — Olhou para o fundo da rua, na direção do *pub*, e coçou a nuca. As suas roupas estavam um pouco sujas e ele parecia ter transpirado, mas dei por mim a admirar os seus ombros largos e a cintura estreita. Aposto que tinha uns abdominais bem definidos. Na verdade, nunca tinha visto nenhuns pessoalmente, mas ele parecia ser o género de tipo que os teria.

— Queres sentar-te? — Arranjei-lhe espaço chegando-me para um lado do banco. Ele sentou-se, cruzando os braços diante do peito.

— Obrigado.

Eu não conseguia parar de olhar para os seus antebraços grossos, as mãos grandes.

— A propósito, obrigada por não me teres deixado cair. Deves ter reflexos rápidos.

Ele encolheu os ombros.

— Digamos antes que são bons instintos.

Ficámos sentados em silêncio por um momento e eu olhei para um lado e para o outro da rua.

— Esta parece uma vilazinha simpática. Cresceste aqui?

— Sim.

Estava à espera de que ele me perguntasse onde tinha crescido, mas não o fez.

— Belle Meade, Tennessee — anunciei mesmo assim. — É de onde sou. E estou a dirigir-me para um sítio chamado Cloverleigh Farms.

— Nunca ouvi falar.

— A sério? — Franzi a testa. — Bolas, espero que estivesse a ir na direção certa.

— Onde é que fica?

— Na Península de Leelenau.

Ele assentiu com a cabeça.

— Vais bem. Fica a cerca de três horas daqui, para norte.

— Que alívio — disse eu, tirando as luvas e abanando-as em frente da cara.

Após um minuto, ele perguntou:

— Vais mudar-te para uma *quinta*?

Ri-me.

— Isso surpreende-te?

— De facto, sim.

— Bem, não é *apenas* uma quinta. É também uma pousada com adega e restaurante. É gerida pela família, e eu estive lá há uns anos, num casamento, e apaixonei-me. É *linda*. E transmitiu-me uma sensação incrível. Se um lugar pudesse corresponder ao teu amor, ou desenvolver braços e abraçar-te, era o que este sítio faria. É por isso que vou para lá.

— Para sentir o abraço.

Não percebi se ele estava a gozar comigo ou não.

— Sim. Se o sentir outra vez, saberei onde pertença.

— Parece que tens tudo organizado.

Eu não tinha, nem por sombras, mas fiz figas e esperei que ele tivesse razão.

— Ei! Desculpem ter demorado tanto. — O agente Mitchell e o amigo de cabelo escuro voltavam a correr. — O Moretti esteve a namoriscar a empregada.

— E novidades? — murmurou o Griffin, pondo-se de pé.

— Ouve, reduzi em cerca de cinco minutos o tempo que levo habitualmente a conseguir o número de alguém — disse o Moretti. — Não precisas de agradecer.

O Griffin revirou os olhos.

— Vou à oficina buscar o reboque. Demoro dez minutos.

— Tudo bem. — O polícia sentou-se no banco e vimos o Griffin atravessar a rua a correr e entrar numa carrinha branca.

— Não te preocupes com nada — disse o Moretti. — O Griffin é o melhor mecânico que existe. Vai resolver tudo num instante.

— Espero que sim — disse eu. — Achas que ele consegue reparar o carro esta noite?

— Se alguém o conseguir, é o Griffin. — O agente Mitchell parecia confiante.

Isso fez-me sentir um pouco melhor. Aquelas mãos grandes tinham-

me parecido extremamente capazes.

*

— Pronta para ir? — perguntou-me o Griffin quando acabaram de prender o meu pobre *MG* ao reboque. Foi preciso algum esforço, devido ao ângulo estranho em que eu tinha... hum... estacionado.

— Sim — respondi. — Vou na carrinha contigo?

Ele pareceu divertido.

— A não ser que queiras ir a pé. Mas não estarei por perto para te apanhar, se caíres.

— Muito engraçado. Aceito a boleia, obrigada.

Ele abriu a porta do passageiro e eu reparei no banco da frente, tapado com um cobertor. Teria feito aquilo por mim?

Comovida, segurei a bainha do vestido e entrei, embora tivesse precisado de alguns pulos ao pé-coxinho, e quase solicitei um empurrão. Mas assim que me sentei no cobertor, reuni todo o tule à minha volta e acenei-lhe para fechar a porta. Percebi que ele estava a reprimir uma gargalhada.

A cabina da carrinha estava escura e cheirava a gasolina e a couro, o que era uma combinação extremamente agradável e masculina. Durante a viagem até à oficina, espreitei o perfil do Griffin e achei-o outra vez muito bonito. Queixo esculpido, nariz forte e direito, lábios cheios. Perguntei-me de que cor seria o cabelo debaixo do boné. Lembrei-me do azul dos seus olhos e o meu estômago deu um saltinho.

Mas provavelmente era um parvalhão. Alguma vez me tinha sentido atraída por um homem bom? Essa era outra coisa que eu planeava mudar na minha nova vida — acabavam-se os namoros com *playboys* com fobia ao compromisso, ou idiotas preguiçosos e presunçosos. Não voltaria a ser iludida por mentiras bonitas ou promessas ocas, e decerto não me interessaria por uma grande conta bancária. Sabia melhor do que ninguém com que rapidez o dinheiro podia desaparecer.

Queria alguém *bom*. Alguém *real*. Alguém *honesto*. Alguém com um grande coração e grandes sonhos, e se por acaso também tivesse uma

grande pila, não me queixaria.

Mas haveria tempo para tudo isso mais tarde. O primeiro ponto da minha ordem de trabalhos era trabalhar em mim.

Logo a seguir ao centro da vila, o Griffin abrandou e passámos diante de um alto edifício de tijolo que parecia ter, no mínimo, uma centena de anos. Tinha dois pisos e meio e duas enormes portas em arco. A fachada estava iluminada pelos candeeiros da rua, e havia um letreiro a dizer OFICINA DE BELLAMY CREEK. Por cima, gravado no cimento, mal conseguia distinguir o letreiro que dizia «Regimento 3».

— Isto era um quartel de bombeiros? — perguntei.

— Sim. — O Griffin virou para o estacionamento ao lado do edifício e manobrou com perícia a carrinha, enquanto eu admirava os pormenores arquitetónicos do velho quartel de bombeiros.

— É um edifício lindo.

— Obrigada. O meu avô comprou-o na década de 1950. Mas antes disso esteve vazio e a desmoronar durante anos. Ninguém sabia o que fazer com ele e estava prestes a ser demolido.

Dei um gritinho.

— Graças a Deus que ele o salvou.

— Todos lhe disseram que era uma ideia maluca, mas ele empenhou-se até ao tutano e comprou-o.

— Foi um salto de fé — disse eu, e fiquei com pele de galinha nos braços nus.

— Ou foi apenas teimosia. — O Griffin pôs a carrinha em ponto-morto. — O meu pai era igual, quando alguma coisa lhe falava ao coração.

Olhei -o.

— E tu?

— Eu?

— Sim. Estás disposto a dar um salto de fé quando algo te fala ao coração?

— Aprendi a não deixar que nada me fale ao coração.

Os nossos olhos encontraram-se no escuro.

— Porquê?

Por um momento, pensei que ele não iria responder, ou que me

mandaria meter-me na minha vida, mas ele surpreendeu-me.

— Porque nunca acaba bem.

Queria perguntar-lhe o que é que lhe falara ao coração no passado e não corra bem, mas até eu percebi que aquela era uma conversa demasiado pessoal, por isso calei a boca.

Foi um momento muito difícil para mim.

O Griffin pigarreou.

— Vou abrir a receção e podes esperar lá enquanto descarrego o teu carro.

— Obrigada.

— Precisas de alguma coisa de lá?

Mordi o lábio.

— Não vai ficar pronto esta noite?

Ele olhou-me como se me tivesse nascido uma segunda cabeça de repente.

— Hum. Não.

— Então preciso da minha mala de viagem. Há um Hilton aqui na vila? — perguntei, esperando ter pelo menos um cartão de crédito que não tivesse atingido o limite.

Ele riu-se como se eu tivesse dito uma grande piada.

— Não, mas há algumas residenciais e um motel não muito longe, seguindo por esta estrada.

— Está bem.

— Levo a tua mala de viagem ao escritório quando acabar aqui. Está na bagageira?

— Sim.

Ele abriu a porta do seu lado.

— Precisas de ajuda para sair da carrinha?

— Acho que consigo. — Mas quando abri a porta e olhei para o chão, pareceu-me ainda mais alta do que quando tinha subido. Olhei-o por cima do ombro. — Não tens um banquinho, não?

Ele abanou a cabeça, rindo-se um pouco.

— Espera aí, Cinderela. Não quero que percas um sapato ou torças o tornozelo.

— Obrigada. — Rodei no assento e, quando o Griffin chegou ao pé

de mim, estendeu os braços... e deteve-se.

— Posso? — perguntou ele, os dedos pairando a um centímetro da minha cintura.

Assenti com a cabeça.

— Sim.

Ele pôs-me as mãos nos flancos e retirou-me facilmente da carrinha, depositando-me no chão. Nunca fui grande dançarina, mas imaginei que era assim que a Ginger Rogers se devia sentir sempre que o Fred Astaire a balançava no ar.

Como se, por um breve momento, os dois pudessem desafiar a gravidade.

*

Ele deixou-me na salinha de espera durante uns dez minutos. Era pequena e parcamente mobilada, não estava suja nem desarrumada, mas também não era propriamente calorosa ou acolhedora. Cheirava a café antigo e a algo químico e metálico, como laca do cabelo. As revistas, embora devidamente empilhadas, eram todas antigas e tinham páginas dobradas. As cadeiras eram de metal, dobráveis, com assentos de vinil almofadados. Uma tinha um rasgão. O tapete parecia bastante limpo, mas estava desfiado nas pontas, e havia uma planta triste e sedenta pendurada num prego do teto a um canto.

Peguei no telemóvel, preparada para ir ao *Google Maps* e procurar «sítios para ficar», mas como este obviamente não era o meu dia, o objeto estava morto. Voltei a enfiá-lo na mala e lutei contra as lágrimas. Não queria que o Griffin me visse chorar e, principalmente, estava determinada a ser o género de mulher que resolvia os seus próprios problemas.

Parando para fazer algumas respirações profundas, estabeleci um plano. Ia comer qualquer coisa barata, pedir no restaurante para carregar o telemóvel enquanto comia e depois arranjar um sítio para passar a noite. Claro que ainda não sabia bem como pagar isso — além da reparação do carro —, mas uma crise de cada vez.

Quando o Griffin voltou, pediu-me a carta de condução, preencheu

alguns papéis e disse que iria ver o carro de manhã bem cedo.

— Obrigada — disse eu, voltando a guardar a carta na carteira.

— Posso dar-te boleia para algum sítio?

— Não é preciso, obrigada. Mas podes recomendar-me um restaurante aqui perto?

Ele olhou para o velho relógio na parede.

— Tenho quase a certeza de que o restaurante está aberto até às dez nas noites de semana durante o verão. Mas já são nove e meia, por isso tens de te apressar.

— Dá para ir a pé?

— Sim, são alguns quarteirões para oeste. Vira à esquerda quando saíres daqui. Mas levo-te lá de boa vontade.

— Não, não. Fico bem.

Determinada a parecer corajosa e independente, peguei na minha mala de viagem e ele atravessou a receção para me abrir a porta.

Mas não me consegui mexer. Foi como se os meus pés estivessem atolados no cimento.

Foi quando percebi que não queria deixá-lo.

Por mais louco que pudesse parecer, sentia-me segura ao cuidado daquele mecânico de vila com cara de estrela de cinema, covinha no queixo, tatuagens, voz rouca, mãos grandes e fortes, e um coração a que ele decidira que nada falaria. Não tinha qualquer razão concreta para confiar nele, mas a verdade é que confiava. E parecia querer saber mais acerca dele.

Por um segundo, pensei em convidá-lo para ir comigo.

Mas, com a mesma rapidez, eliminei a ideia. Ele apenas fizera o seu trabalho esta noite. Não estava realmente interessado em mim. Estava a segurar a porta para eu sair, não estava?

Estava a segurar a porta para eu sair porque, provavelmente, achava-me uma debutante tola e mimada, que não sabia fazer nada sozinha — uma rapariga que tinha um vestido de baile mas não um sofá, que desmaiava nos passeios, falava demasiado e nem sabia de que ano era o seu carro, muito menos quanto custaria a sua reparação. Não podia dizer-lhe que estava assustada e não tinha para onde ir. Queria que pensasse que eu era corajosa. Uma mulher de recursos.

Aventureira. Tudo o que eu planeava tornar-me na minha nova vida.

Além disso, eu não era problema dele, e ele já fizera o suficiente.

Ele estava a segurar-me a porta para eu sair, e eu não podia fazer mais nada se não atravessá-la.

Observei-a a descer a rua às escuras, com a sua mala de viagem e aquele ridículo vestido branco. Quase parecia um fantasma.

Quando ela estava completamente fora de vista, tranquei a porta, desliguei as luzes e dirigi-me às escadas do meu apartamento.

Era estranho sentir-me tão mal por a deixar ir-se embora sozinha — tive de me recordar que ela era uma mulher adulta, que recusara a minha oferta de boleia e que o «crime» nesta vila se resumia geralmente a miúdos com rolos de papel higiénico e demasiado tempo livre.

Mesmo assim, esperava que ela ficasse bem. Embora não me parecesse propriamente incapaz — ela era obviamente inteligente e era provável que aterrassse sempre de pé —, tinha a sensação nítida de que lhe faltava alguma capacidade de desenrascanço básica. O facto de falar um francês perfeito não lhe seria muito útil na sua vida pós-debutante. Mas não a censurava por querer escapar da família, especialmente se esperavam mesmo que ela se casasse com alguém por dinheiro. Aquilo parecia-me uma telenovela.

Por outro lado, pensei, enquanto atirava a minha roupa suja para o cesto, eu não conhecia assim tantas pessoas muito ricas. Talvez aquilo fosse normal no mundo dela. Afinal, o nome do meio dela era Peacock, por amor de Deus. Tinha-o visto na carta de condução e quase soltara uma gargalhada, mas impedi-me de o fazer para que ela não se sentisse ainda pior. Tinha esperança de conseguir consertar o carro e mandá-la à sua vida sem muita confusão.

O problema era que não se tratava apenas de um pneu rebentado. O líquido que eu vira escorrer para o passeio indicou-me que o cabo dos

travões do MG fora, provavelmente, corroído pela ferrugem. E arranjar peças para um MG de 1971 não seria rápido nem barato. Mas eu faria o melhor que pudesse por ela.

Saltei para o chuveiro e lavei a sujidade do dia, perguntando-me se ela teria conseguido chegar ao restaurante e com quem estaria a falar por lá. Isso fez-me sorrir.

A rapariga tinha iniciativa, como diria a minha mãe.

Eu admirava o que ela estava a fazer. Era preciso coragem para deixar para trás o mundo que conhecia e recomeçar noutro sítio. Agradava-me que ela quisesse começar o seu próprio negócio e estivesse disposta a trabalhar para isso. E, caramba, era bonita. Talvez fosse a mulher mais bonita que eu já tinha conhecido. Quero dizer, era um bocado maluca, e falava mesmo muito, mas aqueles grandes olhos verdes? Aquelles lábios cheios? O corpo pequeno e curvilíneo? Não parava de pensar como seria tê-la nos braços... desejando que nos tivéssemos encontrado noutra situação, de outra maneira.

Uma maneira que envolvesse nudez no escuro, onde eu chocaria as suas sensibilidades de doce menina rica com a minha boca suja, as minhas mãos ásperas e o meu grande e duro...

Interrompi-me antes que o pensamento fosse demasiado longe e fechei a torneira do duche antes que a mão me vagueasse até ao pénis.

Não valia a pena fantasiar com isso. A Blair Peacock Beaufort não parecia o género de mulher interessada numa noite de sexo quente e sujo com o seu mecânico. Nem com outra pessoa qualquer, pensando bem. Ela era, indubitavelmente, baunilha pura entre lençóis. Provavelmente insistiria em usar as luvas brancas na cama. Talvez até a tiara.

Por outro lado, isso podia ter alguma piada.

*

Acordei sobressaltado. Tinha ouvido qualquer coisa.

Levantei a cabeça da almofada no escuro e fiquei completamente imóvel, de ouvidos atentos. Ao princípio, só ouvi os grilos. Olhei para o relógio digital na minha mesa de cabeceira — passava pouco da

meia -noite.

Então, através do estore da janela do quarto, voltei a ouvir o mesmo som — parecia alguém a abrir e a fechar portas de carros no estacionamento. Um bêbedo à procura de trocos? Adolescentes a arranjar sarilhos no escuro? Um ladrão a tentar pirlar-se com o carro de um cliente?

Só por cima do meu cadáver!

Saltei da cama, enfiei umas calças de ganga e umas botas, desci rápida e silenciosamente as escadas e saí. Parando apenas para trancar a porta atrás de mim, corri pelas traseiras do edifício até chegar ao estacionamento através do beco.

Examinei o estacionamento às escuras à minha frente e não vi ninguém. Mas estava com pele de galinha em todo o corpo — algo não estava bem. Podia senti-lo.

Fui avançando lentamente até à parte da frente do espaço, que recebia alguma luz dos candeeiros de rua. Detetei um movimento e virei a cabeça para a direita.

Um lampejo branco dentro do *MG*.

A tensão dos ombros e do pescoço desapareceu. Que raio estava ela a fazer, a tentar dormir dentro do carro?

Passando uma mão pelo cabelo ainda molhado do duche, pensei no que havia de fazer. Não queria assustá-la, mas não a podia deixar ali, no parque de estacionamento. Quando me aproximava da janela do lado do condutor, vi-a tentar abrir o fecho nas costas do vestido. Não estava a ter muita sorte, fosse por não conseguir chegar ao fecho ou por o banco da frente do *MG* ter pouco espaço, e de repente pousou a testa no volante e começou a bater contra ele, frustrada.

Foi quando bati no vidro.

Ela gritou, claro. Levantei as mãos e afastei-me do vidro.

— Chiu. Está tudo bem. Sou só eu.

Ela pôs uma mão sobre o coração e fechou os olhos, respirando pesadamente. Depois abriu a porta do carro e saiu, parecendo embaraçada e culpada e talvez um pouco escandalizada por me ver sem camisa. Reparei que tinha tirado a tiara e deixara cair o cabelo. Uma longa confusão de ondas que caía abaixo dos ombros.

— Desculpa — disse eu. — Não te queria assustar.

— Não faz mal. Eu sei que não devia estar aqui. — Arregalou os olhos para o meu peito nu, depois desviou rapidamente o olhar.

— Porque é que estás aqui? Pensava que tinhas ido arranjar um sítio para ficar.

— Bem, depois de comer qualquer coisa no restaurante, liguei para as duas residenciais da vila, mas estavam lotadas. — Olhou-me nos olhos. — Verdade seja dita, eu também não podia pagar aqueles preços. Então voltei para cá.

Cruzei os braços diante do peito.

— Bem, não te posso deixar dormir no carro.

— Mas não tenho mais nenhum sítio para onde ir. Não podes fingir que não sabes que estou aqui? — suplicou ela.

Isso estava fora de questão. Mas o que é que eu havia de fazer com ela? Era demasiado tarde para ligar à minha irmã. Devia levá-la ao motel na Highway 31? E depois? Pagava eu o quarto? Depois tinha de ir lá buscá-la no dia seguinte. Podia deixá-la dormir no sofá em minha casa, mas isso não seria estranho? Estava a pensar em ligar ao Cole e pedir-lhe um conselho — ele fazia sempre o que estava certo — quando vi uma lágrima rolar-lhe pela bochecha.

— Ei, está tudo bem — disse eu. — Não chores.

— Não, não está tudo bem — disse ela, soluçando para as mãos. — A minha nova vida já está uma confusão tão grande como a antiga. Estou a esforçar-me tanto por ser forte e lidar com as coisas sozinha, mas talvez isto seja um sinal de que não consigo. Talvez deva voltar a Belle Meade e casar com o ricoço.

— Não digas isso.

— Mas é verdade. E a culpa é só minha. Quero dizer, tenho 30 anos! Já devia ter a minha vida resolvida. Mas fui cobarde. E fui complacente. Podia ter virado costas quando não estava tão desesperada, mas nunca o fiz. Mereço dormir na rua, como um vagabundo.

— Cum caraças, Blair. — Revirei os olhos. — Não vais nada dormir na rua.

— Mas não tenho escolha — soluçou ela. E então, de repente,

aproximou-se tanto que as costas das suas mãos repousavam no meu peito.

As minhas narinas foram inundadas pelo seu perfume — claro que tinha algo de baunilha —, e os seus ombros nus e trémulos suplicavam por um abraço. Tive de enfiar as mãos nos bolsos para me impedir de o fazer.

— Olha, podes... podes ficar comigo. — Foi o que me saiu.

— O quê? — Ela fungou e ergueu o olhar. — Ficar contigo onde?

— Em minha casa. Vivo por cima da oficina.

— Oh, não posso fazer isso. — Ela recuou e tocou na clavícula. — Não seria correto.

Revirei os olhos.

— Não tens mesmo escolha, Blair. Não te vou deixar na rua, tu não tens dinheiro para um motel e estamos a meio da noite.

Ela pestanejou.

— Acho que tens razão. Mas detesto impor-me. É tão foleiro.

Impor-se, como se tivesse aparecido numa festa sem ser convidada.

— Pronto... pega nas tuas coisas e vem — disse eu roucamente.

— Está bem. A minha mala está na bagageira.

Tirei a mala e desviei-lhe a mão quando ela ia pegar-lhe.

— Eu levo — disse.

— Obrigada.

Seguiu-me pelo passeio até ao meu apartamento e ficou a ver-me abrir a porta. Um carro passou e estremeci ao vê-lo abrandar, esperando que não fosse algum conhecido; não precisava de me tornar objeto de coscuvilhice no dia seguinte.

— Vá lá — disse, impaciente. — Entra.

Ela segurou a ponta do vestido e começou a subir as escadas, enquanto eu me demorava a trancar a porta antes de subir dois degraus de cada vez, com a mala dela ainda na mão.

Não havia luzes acesas em casa, por isso, quando cheguei ao cimo, esbarrei nas costas dela. Ela tropeçou para a frente e eu estendi o braço instintivamente, segurando-a pela cintura.

— Desculpa — disse ela. — Está tão escuro.

Estava escuro. E ela encostara-se tão firmemente ao meu peito nu

que voltei a sentir o seu perfume. Ou seria o seu cabelo? O sangue correu para partes de mim que neste momento não precisavam de incentivo, e soltei-a.

— Dá-me um segundo.

Passei ao lado dela e acendi uma luz.

— Oh... oh, ena — disse ela, entrando na sala e rodando num círculo lento. — Isto é lindo.

— Obrigado. — Acendi mais algumas luzes, subitamente consciente de estar sozinho com ela.

— Não há varão dos bombeiros? — perguntou ela, sorrindo-me por cima do ombro, um sorriso que achei assustadoramente sedutor.

— Já não. — Tentando permanecer profissional, o que não era fácil, em tronco nu à meia-noite, pousei a mala de viagem e mantive-me a uns três metros dela, cruzando os braços diante do peito. — Podes ficar no sofá. Vou buscar uma almofada e cobertores.

— Obrigada.

— Se quiseses usar a casa de banho, é por ali. — Apontei para o corredor que conduzia ao meu quarto e depois voltei a cruzar os braços rapidamente.

— Obrigada. Queria tirar este vestido. Emprestas-me um cabide, por favor?

— Claro. Está no armário. — Esperava que ela fosse diretamente para o quarto, mas, em vez disso, veio até junto de mim e estendeu a mão, colocando-me a palma no ombro.

— Sinto-me mesmo grata.

O calor percorreu-me o corpo todo.

— Não é nada de mais.

— Para mim, é — disse ela. Fiquei aterrorizado, pensando que ia abraçar-me, mas não o fez.

Pegou na mala e percorreu o corredor até ao meu quarto. Quando ouvi a porta fechar-se, soltei um suspiro de alívio e fui à cómoda por baixo das janelas, onde guardava os cobertores. Visto que estava tanto calor, um lençol teria sido melhor, mas os meus lençóis extra estavam no quarto. Teria de esperar até ela sair, para ir buscar um. Fiquei ali a pensar se ela estaria em *topless* no meu quarto naquele exato

momento, e o meu pénis endureceu em segundos.

A porta do quarto abriu-se de novo.

— Griffin?

— Sim?

— Hum... preciso de ajuda.

— Ajuda?

— Para tirar o vestido.

Ergui o olhar para o teto. *A sério, meu Deus? A sério?*

Praguejando baixinho, ajeitei as calças na virilha e fui para o quarto com o coração a bater num ritmo desconfortavelmente pesado e rápido. Quando cheguei à porta, mantive o olhar no chão.

— Posso entrar?

— Sim. Desculpa. Toda esta situação é bastante desconfortável... mas o fecho está preso.

Hesitante, entrei no quarto e vi-a de pé, de costas para mim, segurando o cabelo. Dei mais alguns passos e aproximei-me o suficiente para chegar ao fecho, que estava escondido atrás de uma coluna do que pareciam botões forrados a tecido. Sustendo a respiração, concentrei-me em fingir que se tratava de mais uma tarefa mecânica, como apertar um parafuso.

O puxador do fecho-éclair era minúsculo e estava definitivamente preso, mas consegui apertá-lo nos dedos e fazê-lo mover-se — o vestido abriu-se e as suas costas nuas apareceram. Parei quando a minha mão chegou à curva da cintura.

— Está bem assim? A partir daqui já consegues?

Ela soltou o cabelo e estendeu o braço para trás das costas, mas eu estava tão perto que me tocou acidentalmente na virilha, e na sua grande protuberância. Arquejando, a Blair afastou a mão e deu meia - volta.

— Oh, meu Deus! Peço muita desculpa.

— Não faz mal.

Pigarreei e recuei.

— Acho que agora já consegues.

Ela tentou outra vez e segurou o puxador sem problema.

— Está tudo bem. Obrigada.

— De nada. — Virei-me e saí do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Na sala, tombei no sofá e tentei não pensar nos seus membros nus, no cheiro da sua pele, no roçar dos seus dedos sobre o meu pénis.

Sufocando um gemido, entrelacei os dedos atrás da cabeça e inclinei-a para trás, observando a rotação da ventoinha do teto. O seu zunir era hipnótico, e eu estava tão cansado... A minha respiração abrandou, os meus olhos fecharam-se e adormeci.

*

Quando acordei, os raios da primeira luz da manhã começavam a entrar pelas janelas da frente. Por alguns segundos, fiquei confuso, sem perceber porque é que estava ali, de calças de ganga e botas, mas de tronco nu.

Depois olhei para a esquerda, onde a Blair dormia numa cadeira, e lembrei-me de tudo.

Ela estava enrolada numa bola, a cabeça repousando numa pequena almofada decorativa entre os joelhos e a bochecha. Tinha os braços enrolados em volta das pernas e um pé descalço cruzado sobre o outro. Usava uma T-shirt e calções, mas eram tão curtos que eu via muito mais das suas coxas do que precisava. Tentei desviar os olhos dali antes que telegrafassem uma mensagem ao meu pénis sobre a sensação de as ter nas minhas mãos, nos lábios ou enroladas na cintura, mas era demasiado tarde. Ao sentir a vibração reveladora de uma ereção matinal, saltei do sofá tão depressa que a sobressaltei.

Ela abriu os olhos e levantou a cabeça.

— Oh. Olá.

— Olá. — Passei para trás do sofá, como se este fosse alto o suficiente para esconder uma ereção se eu não conseguisse evitá-la. Santo Deus, era como ter outra vez 16 anos e não ter controlo nenhum sobre o meu corpo. Daria muito nas vistas se eu pegasse numa almofada para me tapar?

Forcei-me a focar a sua cara, mas isso também não ajudou — esta manhã parecia ainda mais bonita do que na noite passada, a cara

limpa de maquilhagem, o cabelo numa confusão. De repente, tive vontade de a arrancar da cadeira e de a levar para o meu quarto. Atirá-la para cima do colchão. Fazê-la gritar o meu nome. E se ela nunca tivesse dormido com alguém que não usasse um fato para trabalhar? Eu ia mostrar-lhe o que era bom.

Os lábios dela formaram um sorriso.

— Estavas a dormir quando troquei de roupa na noite passada. Não sabia se devia acordar-te ou não.

Passei uma mão pelo cabelo.

— Desculpa, aterrei. Queria preparar o sofá para ti. Deves ter as pernas dormentes, por teres dormido assim.

— Não há problema. — Ela desenrolou-as e retorceu os dedos. — A cavalo dado não se olha o dente, não é? Estou grata por ao menos ter tido um teto. Se não tivesses sido tão simpático, ainda estaria enfiada no carro com aquele vestido desconfortável. Obrigada.

— Ainda bem que pude ajudar. — Olhei para o meu quarto. — Vou vestir-me e descer para a oficina, para dar uma olhadela ao teu carro. Mas ainda é cedo. Não precisas de te levantar.

— Gosto de me levantar cedo. Costumava entrar na pastelaria às 5 horas, lembras-te? — Pôs-se de pé e esticou os braços acima da cabeça, os mamilos rígidos perfeitamente visíveis sob o fino algodão branco. — Vou vestir-me e desaparecer daqui.

— Não há pressa. — Tentando não me babar, dirigi-me ao quarto. — Fica o tempo que for preciso.

Desde que fiques longe de mim. Estás a fazer-me desejar coisas que não posso ter.

*

Tinha planeado começar de imediato com o carro da Blair, mas acabou por ser uma daquelas manhãs em que nada corre bem.

A minha prima Lanette assumira a função de rececionista enquanto a minha mãe recuperava da cirurgia — e por «assumir» quero dizer que se sentava na cadeira três vezes por semana e atendia o telefone. Por vezes tratava das unhas, mas nunca da papelada. Mas como a

Lanette não trabalhava às quartas-feiras, claro que o telefone não parou de tocar e fomos inundados de clientes assim que abri a porta.

O que teria sido muito bom — ótimo, mesmo — se não fossem todos da pior espécie de cliente.

Como a velhota solitária que queria contar-me a história da sua vida em vez do problema do seu carro. Ou o tipo de olhos esquivos que escondia o facto de ter tentado resolver o problema sozinho e ter feito ainda pior. Ou o gajo de fato que processou os três mecânicos que trabalharam no veículo antes de mim.

E parecia que todos já tinham pedido um orçamento à Swifty Auto que era mais barato do que o meu, com a garantia de que o carro estaria pronto ao fim do dia. Depois vieram clientes buscar os carros que ficaram chateados por lhes cobrar o trabalho além das peças — como se as peças se tivessem instalado por magia sozinhas e não exigido horas de diagnóstico e trabalho técnico competente do nosso lado.

Para piorar as coisas, a secretária estava numa confusão, eu não conseguia encontrar as faturas de ninguém, porque há semanas que nada era arquivado, e ninguém me tinha avisado de que o café acabara.

Quando a Blair atravessou a porta da receção com bolos e bebidas, eu estava prestes a deitar fogo àquilo tudo.

— Olá — disse ela, pousando a caixa e o tabuleiro no balcão. Usava um vestido curto de flores e tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo. — Como é que está a correr?

Cocei a cara com ambas as mãos.

— Uma treta. Desculpa, ainda não tive tempo de pegar no teu carro. As últimas duas horas foram o raio de um caos. É a primeira vez que a oficina está tranquila.

— Não faz mal. Eu posso esperar. Fui ao restaurante buscar café e lembrei-me de que não tinhas comido nada antes de saíres esta manhã. Achei que gostarias de um pequeno-almoço. — Abriu a caixa e vi uma dúzia de donuts. — Sei que não é a melhor tarte de maçã desde 1957, mas achei que tinham bom aspeto.

— Obrigado. Também trouxeste café?

— Claro. Não sabia como gostavas do café, mas quando disse à Louise do restaurante para onde ia trazer tudo, ela disse que bebias expresso. Este é o teu. — Apontou para o copo que tinha um G antes de tirar do tabuleiro o que tinha um B.

— Perfeito. — Peguei no copo que ela me indicou e dei um gole. — Estava mesmo a precisar disto.

— Posso ajudar?

— Não, está tudo bem. — Estendi a mão para a caixa, tirei um dónute e dei uma dentada. Era estranhamente sem sabor.

— A sério que não me importo. A tua rececionista está atrasada?

— Neste momento não temos uma a tempo inteiro. É a minha mãe que está aqui há anos, mas pôs uma prótese na anca há pouco tempo. A minha prima Lanette tem estado a trabalhar em *part-time*, mas... — Franzi a testa para a zona de catástrofe à minha frente. — Não despacha muito trabalho.

A Blair espreitou por cima do balcão.

— Bolas, como é que consegues encontrar alguma coisa?

Dei mais um gole no café.

— Às vezes não encontro.

— Bem, escuta. Não tenho nada que fazer enquanto espero que repares o meu carro, e devo-te um grande favor por me teres dado um sítio para dormir. Deixa-me tratar disto e arquivar esta tralha toda, para poderes trabalhar ali. — Apontou para as áreas de serviço.

O meu primeiro instinto foi recusar, mas dei-me um instante para pensar enquanto acabava de comer o dónute insípido. Não queria passar o resto do dia a ouvir as pessoas a reclamarem. Não queria fazer horas extraordinárias a preencher papéis. E diabos me levassem se queria voltar a ouvir as palavras «Swiftly Auto» — o meu mau feito já ameaçava explodir.

— Tens a certeza? — perguntei.

— Claro que tenho a certeza.

— E não te importas de atender também o telefone?

Ela revirou os olhos.

— A sério?

— Desculpa, mas não me pareces uma pessoa com muita

experiência de rececionista.

— Tenho a certeza de que sou capaz.

— Está bem. Vou só despachar algumas coisas rápidas e depois trato do teu carro. Vou descontar o meu trabalho em troca do teu à secretária.

— Perfeito. — Mostrou-me um sorriso radioso e os músculos do meu estômago contraíram-se. Virei-me e dirigi-me para a oficina, com o café na mão. — Oh, Griffin?

Olhei para ela e senti a tensão estender-se ao peito.

— Sim?

— Devo atender o telefone em inglês ou em francês?

Olhei-a durante cinco segundos, tentando perceber se ela falava a sério, antes de a ouvir soltar uma gargalhada.

— Oh, meu Deus, devias ver a tua cara — disse ela, mandando-me embora. — Vai lá, sai daqui. Tenho trabalho a fazer.

Abanando a cabeça, virei-me e fui-me embora. Era a primeira vez que sorria esta manhã.

Dentro da primeira área de serviço, o Dá-Cá estava a reparar uma fuga de líquido num *Honda* e o McIntyre procurava no chão perto dos armários das ferramentas algo que tinha deixado cair (provavelmente o parafuso de 10 milímetros.)

— Devias mesmo pensar em contratar uma pessoa a tempo inteiro para o atendimento — disse o McIntyre. — O trabalho está a ficar atrasado sem ti.

Franzi a testa.

— Não posso pagar a ninguém. Ainda estou a pagar à minha mãe.

— E ela vai voltar?

— Porquê? Tens saudades da rabugice dela?

O McIntyre riu-se.

— Rabujava mais contigo do que comigo.

— Ei, Griffin? — chamou a Blair da ombreira da porta.

— Sim?

— Está uma pessoa do banco ao telefone. Queres falar com ele ou fico com a mensagem?

— Eu falo com ele. Atendo aqui.

— Está bem, vou-lhe pedir que aguarde.

— Quem é *aquela*? — O McIntyre estava de olhos arregalados.

A voz feminina também chamara a atenção do Dá-Cá, que se aproximara para ouvir a resposta.

— De momento, é a nossa rececionista.

— Mas quem é? — O McIntyre continuava a olhar para a porta.

— Chama-se Blair Beaufort — disse eu. — O *MG* que está lá fora é dela. Rebentou um pneu na noite passada, mas preciso de inspecionar o carro todo assim que puder. Estou só a tentar arranjar um tempo.

— É nova aqui? — perguntou ele. — Tenho a certeza de que nunca a vi antes. Havia de me lembrar.

— Está de passagem — disse-lhes. — Explico-vos depois de falar com o banco.

— É por causa do empréstimo? — perguntou o McIntyre.

— Espero que sim.

— Achas que o aprovaram?

— Acho que vamos descobrir. — Mas não criei muitas expectativas enquanto me dirigia ao telefone nas traseiras da oficina. Já não esperava muito.

Esta era a terceira vez que eu tentava obter um empréstimo num ano. A Swifty Auto estava a prejudicar-nos gravemente. Além disso, o meu pai tivera dificuldade em pagar empréstimos obtidos há muitos anos, e eu herdara uma grande dívida juntamente com o negócio. Tenho a certeza de que ele planeava ter tudo em ordem antes de se reformar, mas morrera antes de ter essa hipótese, e eu agora também estava a ajudar a minha mãe.

Os bancos diziam todos o mesmo: eu constituía um risco demasiado grande.

Sabia que podíamos melhorar com algum investimento em formação e ferramentas, e a minha irmã andava sempre a chatear-me para remodelar a receção. «As pessoas querem ver uma sala bonita e acolhedora quando chegam», dizia. «Não precisas de um candelabro elegante, mas fazia algum mal teres umas cadeiras melhores? Café melhor? Um tapete novo?»

Eu respondia sempre que a aparência da maldita receção não devia

ser importante. O importante era o *trabalho*, e eu sabia que fazíamos um bom trabalho — um trabalho excelente, de facto. E podíamos fazer ainda melhor. Porém, sem o empréstimo, isso não aconteceria.

Era por isso que eu não deixava que nada importante me falasse ao coração.

Uma pessoa acabava sempre a sentir-se um fracasso.

Quatro

Blair

A primeira coisa que fiz foi regar aquela pobre planta na recepção.

Peguei no meu copo de café vazio, descobri a casa de banho minúscula ao fundo do corredor e abri a torneira. Quando o copo começou a encher, olhei para o meu reflexo no espelho por cima do lavatório. Tinha feito o melhor que podia com o meu cabelo, que sem dúvida teria beneficiado de um pouco de champô e amaciador, mas não me sentira à vontade para usar o chuveiro do Griffin sem permissão. Eu não era uma sem-abrigo. Era apenas... temporariamente *sans maison*.

Não era, de todo, a mesma coisa, pois não?

Sentira vontade de fazer algo simpático pelo Griffin nessa manhã, visto que ele parecia um pouco maldisposto e absorto quando saía para a oficina. Mal tinha olhado para mim e apenas murmurara algo indecifrável quando lhe agradeci outra vez. Pensei que talvez estivesse chateado por eu estar ali. mas, por outro lado, podia estar apenas cansado. Devia ter passado uma noite bastante desconfortável, tentando dormir sentado. Esperava que o café e os dónutes o animassem. Ele era mesmo um bom tipo.

Com um corpo sensual.

E muito bem apetrechado.

Os músculos do centro do meu corpo contraíram-se, como faziam sempre que eu recordava a sensação de lhe tocar, acidentalmente, na virilha. Fora tão embaraçoso, santo Deus! Ele sabia que eu não tinha feito de propósito, não sabia? Sempre que me lembrava disso, apetecia-me morrer — mas também me apetecia voltar a fazê-lo. Era tão giro, a maneira como ele quase fugira do quarto logo a seguir.

Fizera-me sentir ainda mais segura com ele.

Fechei a torneira, levei cuidadosamente o copo de água para a rezeção e deitei-a na terra seca. Fiz a mesma coisa mais duas vezes antes de atacar a secretária.

O Griffin tinha razão — estava uma enorme confusão. Pilhas de faturas cobriam o tampo, montes de dossiês ameaçavam desmoronar, cliques, lápis e vários agramos estavam espalhados por todo o lado. O oposto completo da casa do Griffin, que era perfeitamente limpa e minimalista.

Lancei-me imediatamente ao trabalho, arquivando e organizando, parando apenas para atender o telefone das poucas vezes que tocou. Uma cliente veio buscar o seu veículo e eu espreitei para a oficina para avisar o Griffin, mas foi um mecânico mais jovem e mais magro que veio à rezeção com as chaves dela.

Quando a cliente se foi embora, ele virou-se para mim e sorriu.

— Olá, sou o Andy.

— Prazer em conhecer-te, Andy. Sou a Blair.

— Eu sei. Quer dizer, foi o que o Griffin disse. — Olhou por cima do ombro. — Ele está agora a ver o teu carro.

— Ótimo. — Sorri. — Estou a fazer figas para não ser muito mau.

— Bem... não tenho a certeza. — O Andy parecia um pouco desconfortável.

— Que se passa com ele?

— Como disse, não tenho a certeza, mas... ouvi muitos palavrões lá atrás hoje.

Mordi o lábio.

— Mais do que o habitual?

— Muito mais. Ele está mesmo maldisposto. Mas talvez seja por causa do banco.

— Ah, sim?

— Pois. O negócio não vai muito bem ultimamente, por causa da Swifty Auto. E ele anda há uma eternidade a tentar obter este empréstimo, percebes?

— Dá-Cá! — berrou uma voz rouca. Olhei por cima do ombro do Andy e vi a enorme estrutura do Griffin a encher a moldura da porta.

Dá cá o quê?, pensei. — Que raio estás a fazer aqui? — perguntou ele, os olhos lançando farpas ao Andy, a testa enrugada de raiva. Nunca o tinha visto tão intimidador.

— Estava só a entregar as chaves à Sra. Stephens.

O Griffin cruzou os braços sobre o seu peito enorme.

— Não vejo a Sra. Stephens em lado nenhum.

— Foi-se embora há um minuto. Estava a apresentar-me à...

— Eu não te pago para dares à língua — berrou o Griffin, entrando na receção e virando a cabeça para a oficina. — Volta ao trabalho.

— Já vou, desculpa. — O Andy voltou rapidamente para a área de serviço.

Senti-me mal por ele e ia desculpar-me e assumir a culpa por o reter aqui, mas não tive hipótese.

— O teu carro não vai ficar pronto hoje — anunciou o Griffin abruptamente.

O meu coração quase parou de bater.

— Não?

— Não. Não tenho as peças. E não vou conseguir arranjá-las tão depressa.

— Quanto tempo...? — Engoli em seco. — Um dia ou assim?

— Provavelmente, será mais uma semana.

— Uma semana!

— Pensas que as peças para carros ingleses com 50 anos crescem nas árvores por aqui?

— Não, eu só...

— Tu estás só habituada a teres tudo o que queres exatamente quando queres, porque nunca ninguém te disse que não. Eu percebo, princesa. Bem-vinda ao mundo real.

E, com isso, voltou desabridamente para a oficina, fechando a porta atrás de si.

Fiquei ali por um momento, em completo choque, com uma mão a tapar a boca e a outra espalmada na barriga. Nunca ninguém me tinha falado com tanta rudeza. Afundei-me na cadeira atrás da secretária, com as faces a arder.

O que é que eu tinha feito para o deixar tão zangado? Não era eu a

cliente? E o cliente não tinha sempre razão? Não era de admirar que o negócio andasse mal ultimamente, se ele falava assim com as pessoas. E como se atrevia a trocar de mim!

Este Griffin não era nada como o rapaz da noite anterior — obviamente, tinha um lado mau. Ou talvez na noite anterior ele estivesse a representar. Era de esperar! Nunca ninguém era o que aparentava, fosse milionário ou mecânico.

O meu primeiro instinto foi ir-me imediatamente embora dali, deixando-o pendurado, sem uma rececionista, mas quando pegava na minha mala, percebi que não podia ir.

Não só não tinha sítio para onde ir nem meio de lá chegar, como também me tinha oferecido para fazer um trabalho, e eu não era o género de pessoa que voltava atrás com a sua palavra. Para não mencionar que precisava que ele reparasse o meu carro e me fizesse um preço justo — se eu abandonasse o atendimento, ele não teria razão para me oferecer um desconto. Mas não era obrigada a deixá-lo falar-me daquela maneira. Ele não tinha o direito! E como eu nunca fora de ficar calada quando tinha alguma coisa para dizer, marchei para a oficina, em brasa, para lhe dizer umas verdades.

Avistei-o junto de um armário de ferramentas nas traseiras.

— Desculpa! — gritei.

Ele virou-se e franziu a testa para mim.

— Que foi agora?

Pus as mãos nas ancas e aproximei-me dele.

— Para tua informação, disseram-me não *muitas vezes* na minha vida.

— Oh, a sério?

— Sim — respondi. — Lá porque cresci com dinheiro, não quer dizer que tenha tido sempre tudo o que queria. Disse-te ontem que os meus pais geriram a minha vida de acordo com as suas regras: aquilo que eu queria nunca teve a menor importância!

Ele troçou.

— Não me digas que nunca tiveste um pônei.

— Nunca tive um pônei! — Detive-me e funguei. — Mas tive um *cavalo*.

O Griffin revirou os olhos.

— Mas a questão não é essa! — gritei, levantando os braços. — É verdade que precisei de perder tudo o que tinha para perceber que não podia deixar que a minha família tomasse as decisões. E também é verdade que não percebo quase nada de coisas mecânicas, como carros e o seu funcionamento. E, sim, tive um cavalo.

— Percebes que todos esses argumentos estão a dar-me razão *a mim*, não a ti.

Parei de andar e levantei as palmas das mãos.

— Sei que tenho muito que aprender acerca do mundo real. Mas estou a tentar, OK? Quero começar uma vida nova, em que não dependa do dinheiro ou dos contactos de outra pessoa para resolver os meus problemas, e por isso é mesmo uma treta estar tão falida e de mãos atadas e impotente neste momento. — Cruzei os braços diante do peito e empinei o queixo. — Não preciso, além de tudo isso, da tua falta de educação.

O Griffin olhou para mim, cada vez mais carrancudo.

— Está bem.

— Está bem! — Zangada por não ouvir um pedido de desculpa, virei-me e caminhei para a porta da receção.

— Vais-te embora? — gritou ele.

— Não — gritei por cima do ombro. — Disse que faria o trabalho, e vou fazê-lo! — Depois bati a porta atrás de mim com muito mais força do que seria necessário.

Nunca tinha batido com uma porta antes. Na verdade, soube-me muito bem.

Mas a satisfação dissipou-se muito rapidamente. A verdade é que comecei a sentir-me mal por ter gritado com ele. Ele tinha sido tão simpático para mim na noite anterior.

Talvez estivesse só a ter um dia mau. Talvez tivesse recebido más notícias naquela chamada do banco. Talvez o Andy estivesse sempre a desleixar-se e merecesse ser chamado à atenção.

Em resumo, o Griffin era a coisa mais parecida que eu tinha com um amigo na minha nova vida. E a amizade exigia paciência e compreensão.

Por volta das 13 horas, a minha barriga estava a dar horas e decidi fazer uma oferta de paz sob a forma de almoço. Talvez lhe pudesse trazer uma sanduíche, ou algo assim — tinha visto um estabelecimento chamado Main Street Delicatessen enquanto voltava a pé do restaurante na noite anterior. Estava prestes a levantar-me da secretária e ir perguntar-lhe o que é que queria quando o telefone tocou outra vez.

Atendi.

— Boa tarde. Oficina de Bellamy Creek.

— Olá, Lanette? — disse a mulher, muito alto. — Fala a Doris Applebee.

Tive imediatamente a sensação de que era uma mulher mais velha e dura de ouvido, por isso levantei a voz.

— A Lanette não está aqui hoje, Sra. Applebee. Sou a Blair.

— Oh, olá! Deve ser a senhora sortuda. Ouvi as boas notícias esta manhã. Parabéns!

— Obrigada — disse eu, sem fazer ideia de que falava. — Em que posso ajudá-la?

— Bem, não sei — prosseguiu ela. — O meu carro está outra vez a fazer aquele barulho.

Quando eu pegava numa caneta para tirar notas, vi o Griffin abrir a porta da receção e encostar-se à ombreira. Estabelecemos contacto visual e o meu estômago deu uma volta, mas a sua expressão não revelou nada.

— Que género de barulho, Sra. Applebee? Consegue descrevê-lo?

— O *barulho*, percebe. O mesmo que faz sempre. O tique-tique.

— O barulho tique-tique? — Franzi o sobrolho e escrevi *Doris Applebee, barulho tique-tique*. Enquanto o fazia, o Griffin começou a dizer-me qualquer coisa mexendo apenas os lábios.

— Sim. Lembro-me de que o Griffin o reparou da última vez — disse a Sra. Applebee —, mas não me lembro exatamente qual era o problema. Ele foi tão querido, nem sequer me levou dinheiro.

— Tenho a certeza de que o pode reparar outra vez, Sra. Applebee, pode aguardar só um segundo?

— Claro, querida.

Tapei o bocal do telefone e sussurrei:

— Que é?

— É a bola de *bowling* dela — disse o Griffin secamente, mas com uma espécie de sorriso na cara. — Ela vai jogar *bowling* com um grupo de velhotas à terça-feira e por vezes esquece-se de tirar a bola da bagageira.

— A sério?

— Garanto.

Destapei o bocal.

— Sra. Applebee? O Griffin está aqui e pergunta se a senhora por acaso não se esqueceu da sua bola de *bowling* na bagageira.

No silêncio, o olhar do Griffin susteve o meu e, por um segundo, não consegui respirar. Depois, no meu ouvido.

— Oh, santo Deus, é isso mesmo! Era esse barulho da última vez. Céus, se não tivesse a cabeça agarrada ao corpo, era capaz de me esquecer dela também. É o que acontece quando se tem 80 anos.

Ri-me.

— Todos nos esquecemos de coisas de vez em quando.

— Bem, diga ao Griffin que lhe vou levar umas bolachinhas esta semana.

— Digo.

— E ele que as partilhe consigo. Que bom, ele ter finalmente arranjado uma noiva! — Olhei atentamente para ele.

— Hum...

— Ele foi meu aluno, sabe? Inglês do 10.º ano. Sentava-se na última fila e chegava sempre atrasado, mas pedia tanta desculpa que eu não conseguia zangar-me com ele. Além disso, estava sempre a arranjar o meu afiador de lápis avariado. Era tão habilidoso! — Riu-se. — Vai dar-lhe muito jeito em casa, tenho a certeza.

Pensei em corrigi-la acerca daquela história da noiva, mas ela tinha 80 anos e estava obviamente confusa, por isso achei que não valia a pena.

— Sim — respondi. — Bem, tenha um bom dia.

— Igualmente, querida. Mais uma vez, obrigada.

Desliguei o telefone, deitei para o lixo a nota que tinha escrito sobre

o barulho tique-tique e olhei para o Griffin. Estava outra vez encostado à moldura da porta, com os braços cruzados.

— Presumo que seja uma cliente habitual.

— É.

— Diz que vai trazer-te umas bolachinhas esta semana.

— Vai-se esquecer.

Sorri.

— Também falou da turma de Inglês do 10.º ano.

— Foi minha professora. É engraçado, deve saber o nome de todos os alunos da turma de há 16 anos, mas não se lembra de tirar a bola de *bowling* da bagageira.

Sorri.

— Ela pensa que somos casados, não sei porquê.

Ele gemeu, com uma expressão de sofrimento.

— Caramba. Espero que o boato não ande a correr por aí.

— Deve estar apenas confusa. Afinal, tem 80 anos. — Pousei a caneta e apertei melhor o rabo de cavalo. — Bem, eu ia mesmo perguntar -te...

Ele falou ao mesmo tempo.

— Olha, eu queria pedir-te desculpa por...

Parámos ambos. Os nossos olhos encontraram-se e o meu coração quase parou.

— Desculpa — disse ele. — Ias perguntar-me o quê?

— Era só sobre o almoço. Ia perguntar-te se queres que vá buscar umas sanduíches, ou algo assim.

— Oh. Claro. — Ele desencostou-se da ombreira da porta e avançou para a secretária, pondo ambas as mãos no tampo. — Ouve, peço desculpa por aquilo de antes. Estava irritado com outra coisa e descarreguei em ti.

— O que é que aconteceu?

Ele suspirou.

— É complicado, mas a versão breve é que, primeiro, o meu pai morreu, e depois a Swifty Auto apareceu. Perdemos muito negócio para eles.

— Porquê?

— São mais baratos e mais rápidos. E têm uma receção mais bonita. Café *gourmet* e o raio das bolachas. — Franziu a testa. — Mas o trabalho deles é uma porcaria. As pessoas não percebem que têm de lá voltar o dobro das vezes, porque pensam a curto prazo, querem o trabalho feito *na hora*, pelo mínimo de dinheiro possível. É difícil competir com isso. — Fazendo uma pausa, ele respirou fundo. — Mas isso não é problema teu. E lamento não ter controlado a minha má-disposição. Por vezes acontece-me.

— Bem, eu não devia ter ido ali aos gritos e a apontar-te o dedo. Também peço desculpa. — Encolhi os ombros. — A verdade é que, tanto quanto sei, as peças dos carros crescem mesmo nas árvores.

Ele abanou a cabeça.

— Para o teu carro, não.

— Que se passa com ele?

— Ainda estou a verificar, mas além dos pneus e dos travões, danificaste cilindros, há alguma corrosão e muita ferrugem. Um carro desta idade tem normalmente muitos problemas e este, obviamente, não teve muita manutenção.

— Não admira que tenha sido tão barato. — Fechei os olhos e apertei as têmporas com as pontas dos dedos. — Caramba, sou tão estúpida.

— Não és estúpida. Não sabias o que procurar. O que perguntar. Vou fazer-te o melhor preço possível no trabalho e garantir que é seguro conduzi-lo, mas não consigo ter as peças aqui mais depressa.

— Eu compreendo. Obrigada.

O Griffin mostrava-se ligeiramente desconfortável.

— Blair, tens algum sítio para onde possas ir entretanto? — Coçou a nuca. — Um sítio para ficar, quero dizer.

— Ainda não. Mas hei de ter — disse eu com firmeza. — Não te preocupes comigo.

— Posso ajudar-te a arranjar...

Abanei a cabeça.

— Não. Não preciso que me salves. Não sou uma vulnerável princesa de conto de fadas presa numa torre.

Isso fê-lo sorrir.

— Qual é a piada? — perguntei.

— Não me interpretes mal, mas era exatamente isso que parecias na noite passada quando saíste do carro com aquele vestido: uma princesa de conto de fadas perdida.

— Oh. — Tentei não me ofender. — Bem, esse era o velho eu, mas não é definitivamente o meu novo eu. Sei tomar conta de mim. Mas posso... precisar de ajuda. — Suspirei, sentindo o meu orgulho desinchar. — Achas que isso é o mesmo que precisar de ser salva?

— Completamente diferente. Se *estivesses* presa numa torre e alguém te oferecesse uma escada, seria estúpido não a usar, não seria?

— Sim. Mas não era assim que eu queria que as coisas se passassem.

— Contive-me. — Mas não faz mal, nem tudo na vida vai ser exatamente como eu queria. Sou dura. Sei lidar com obstáculos.

— Todos os temos.

— E é temporário, não é? — Animei-me um pouco. — Hei de superar isto.

— Não duvido.

Abri a boca para fazer a pergunta seguinte, depois hesitei.

— Que é? — perguntou ele.

— É só que... — Respirei fundo e incentivei-me a ser corajosa. — Detesto pedir-te isto, mas achas que posso continuar a trabalhar para ti no atendimento até o meu carro estar pronto? Tenho medo de não poder pagar um alojamento e a reparação.

— Na verdade, é perfeito. A Lanette foi uma espécie de contratação de emergência. Todas as pessoas qualificadas que entrevistei queriam um emprego permanente, e a minha mãe planeia voltar assim que puder. Na verdade, ainda lhe estou a pagar.

Sorri.

— Eu aceito a posição temporária, se estiver disponível.

— É toda tua. Mas depois do almoço acho que devia ensinar-te a agendar marcações no computador.

Sorri de alívio.

— Ótimo! Estou a morrer de fome e vi um pequeno café esta manhã que parecia simpático.

— O Main Street Deli. Fazem sanduíches fantásticas.

— Tens uma favorita? — Voltei a pegar na caneta.
— Gosto da de rosbife. Com mostarda picante.
— Certo. E o Andy?
— Ele traz o almoço. — Sorriu. — Aposto que é a mãe que lho prepara todas as manhãs. Provavelmente até lhe apara a côdea das sanduíches.

Ri-me.

— E o teu outro empregado? Ainda não fomos apresentados, mas achas que ele quer uma sanduíche?

O Griffin abanou a cabeça.

— Não. O McIntyre vai almoçar a casa, para ir com o cão à rua. Mora aqui perto.

— Muito bem, então somos só nós os dois. — Sorri e pus a mala ao ombro. — Volto já, chefe.

— Só um segundo. — Ele tirou a carteira do bolso das calças e pôs uma nota de 20 dólares sobre a secretária. — Não tens de pagar o almoço. Estás a salvar-me a vida hoje.

Revirei os olhos.

— Mas tu deste-me um sítio para ficar na noite passada. Estou a tentar compensar-te. Posso ter pouco dinheiro, mas dá para comprar duas sanduíches.

— Não quero o teu dinheiro, está bem? Leva isto. — Pôs a nota mais perto de mim. — Eu pago o almoço.

— *Não*, Griffin.

Ele olhou-me nos olhos por um momento.

— Não me faças ir atrás desse balcão.

A ameaça sedutora, feita com uma cara séria e um tom de voz ríspido, ateou algo dentro de mim.

— És um chefe duro, sabes? — Mas peguei na nota de 20 e meti-a na mala.

Ele inclinou-se mais sobre o balcão.

— Não te esqueças disso.

Cinco

Griffin

Ablair tinha saído há cerca de 20 minutos quando o meu telemóvel tocou.

— Estou?

— Olá, querido.

Fiz uma careta.

— Olá, mãe. Como te sentes?

— Muito bem. Acabei de chegar da fisioterapia. O fisioterapeuta diz que em breve as minhas ancas vão estar como novas.

— Isso é bom.

— Mas escuta, querido. Não liguei para falar de mim.

— Não? — Tive um mau pressentimento acerca do assunto daquele telefonema.

— Quem é ela? — perguntou-me, confirmando as minhas piores suspeitas.

Encostei-me a uma bancada de trabalho e decidi fazer-me de parvo.

— Quem é quem?

— Não brinques comigo, Griffin Dempsey. Encontrei a Yvonne Davies na fisioterapia. A filha dela, a Natasha, trabalha no Bulldog Pub, e disse à Yvonne que houve uma espécie de acidente na noite passada envolvendo uma mulher misteriosa com um vestido de noiva. E já muito tarde, depois da meia-noite, a Natasha ia para casa de carro no fim do turno e viu-te entrar em casa com a misteriosa noiva. E hoje de manhã a Louise do restaurante disse à Fern Walton, que é enfermeira na fisioterapia, que a mulher misteriosa jantou lá sozinha na noite passada mas voltou esta manhã e comprou café para dois e uma dúzia de donuts para levar para a oficina. E referiu

especificamente o teu nome!

Suspirei, apertando a cana do nariz. Malditas localidades pequenas.

— Já acabaste?

— Não, recebi agora mesmo uma chamada da Neona Pappas a dizer que foi à Main Street Deli e estava lá uma mulher misteriosa de cabelos negros que pediu sanduíches para dois, e uma delas era de rosbife com mostarda picante, que por acaso é a tua preferida.

— Caramba, mãe. Ela ainda nem voltou do café.

— Então, quem é ela?

— É uma...

— Porque é que não a conheci?

— Porque eu...

— Griffin Dempsey, se te casaste sem me dizer, vou a essa oficina e dou-te uma sova!

— Caramba, mãe, não me casei!

— Tens a certeza? Porque a Natasha *viu-te*...

— Sim, tenho a certeza. — Afastei o telefone do ouvido e olhei-o por um segundo, incrédulo. — Enlouqueceste?

— Bem, não se pode dizer que me contes sempre tudo. Pelo que sei, tiveste uma noiva secreta este tempo todo.

— Não tenho nenhuma namorada secreta nem me casei de repente. Ela é só... — Tentei pensar no que lhe chamar. — Uma amiga.

— Oh. — Adotou um tom amuado. — Bem, não vou dizer que não estou um pouco dececionada.

— Mãe, acabaste de dizer que me davas uma sova se me casasse sem te dizer.

— Bem, já não vou para nova, como sabes. Gostava que um dos meus filhos me desse netos antes de eu partir.

— Pensei que estavas bem.

— E estou. No entanto, a vida é curta, Griffin. Não podes continuar a deixá-la passar por ti.

— Não estou a deixar. Estou perfeitamente feliz com a minha vida tal como é.

Um suspiro dramático e pesado, que seria seguido — como sempre — por um apelo ao meu falecido pai.

— Onde é que nós errámos, Hank? Porque é que os nossos filhos não querem constituir família? O que aconteceu ao nosso sonho de envelhecermos rodeados de uma dúzia de netos?

— Uma dúzia, mãe? A sério?

— Tínhamos expetativas ambiciosas.

— Então fala com a Cheyenne. Tenho a certeza de que ela não se importa de ter pelo menos dois ou três.

A minha mãe estalou a língua.

— Aquela rapariga não tem remédio. É demasiado seletiva.

— Faz bem em ser demasiado seletiva. Há muitos sacanas por aí.

— Sabes porquê? Porque os bons, como tu, decidiram não se interessar pelos valores familiares. Só estão interessados em... em...

— Em quê, mãe? — Não pude deixar de me rir.

— Em dar umas quecas.

Desatei a rir-me quando a Blair espreitou pela porta da oficina e mostrou um saco de papel do café. Acenando com a cabeça, levantei um dedo. Ela sorriu e desapareceu para a receção.

— Não ando a dar quecas com ninguém, juro.

— Bem, então e a noiva misteriosa? A *amiga*? É nova por aqui?

— Está de passagem.

— Então, nem vou conhecê-la?

— Acho que não.

— Oh. — Outro suspiro — Que pena. Parece que criei esperanças para nada. Outra vez.

O meu olho esquerdo tremeu.

— Tenho de desligar, mãe. Preciso de arranjar o carro dela, para ela continuar a viagem.

— Qual é a pressa? Porque é que ela não pode ficar mais tempo?

— Porque não pertence aqui.

— Tens a certeza? Eu acho que podia pertencer.

— Adeus, mãe. — Terminei a chamada e meti o telefone no bolso de trás, encaminhando-me para a receção. Blair Peacock Beaufort não pertencia a Bellamy Creek, disse eu tinha a certeza.

Mas quando abri a porta e a vi sentada à secretária, encantando um cliente novo com o seu sorriso acolhedor e riso polido, os músculos do

meu estômago apertaram.

E, só por um momento, desejei estar enganado.

*

O Dá-Cá e o McIntyre tinham voltado do almoço e disseram que atenderiam alguém que chegasse, por isso perguntei à Blair se queria comer comigo na sala de descanso.

Ela sentou-se à minha frente, do outro lado da mesa, tirou uma sanduíche e um pacote pequeno de batatas fritas com sal e vinagre do saco e entregou-mo.

— Toma. A senhora do café disse que eram as tuas favoritas. E está aqui o teu *ice-tea*. Ela disse que é o que bebes ao almoço.

— Obrigado.

— De nada.

Desembrulhou a sua sanduíche, que parecia uma BLT, e tirou um segundo pacote de batatas fritas — *barbecue* — e uma garrafa de chá de pêssego.

— Parece que toda a gente em Bellamy Creek sabe tudo acerca dos outros, não é? Até as tuas batatas fritas favoritas?

Assenti com a cabeça.

— Sim. De facto, a minha mãe acabou de telefonar a perguntar acerca de ti.

Ela parou de mastigar.

— A sério?

Dei uma dentada na minha sanduíche.

— Ela já ouviu falar na mulher misteriosa de vestido de noiva que teve um acidente de carro, jantou tarde no restaurante e entrou em minha casa depois da meia-noite, comprou café e dónutes esta manhã para trazer para a oficina e foi vista no café a pedir duas sanduíches, incluindo uma de rosbife com mostarda picante, que toda a gente sabe que é a minha favorita.

A Blair mostrou-se indignada.

— *Não* é um vestido de noiva!

Rindo, dei outra dentada.

— É a *única* coisa que te chama a atenção nesta história? O que tinhas vestido?

— Bem, tudo o resto é verdade, não é? — Removeu a tampa da garrafa e bebeu um pouco do chá. — Acho que isso explica o que a Sra. Applebee disse ao telefone.

Abanei a cabeça.

— Fico doido com a maneira como os mexericos correm nesta vila. As pessoas deviam cuidar da sua própria vida.

— Isso significa que não devo fazer perguntas sobre o telefonema do banco?

Não respondi imediatamente. Bebi, abri o meu pacote de batatas e dei mais uma dentada na sanduíche. Depois percebi que... raios, estava danado, mas não estava envergonhado.

— Não há muito a dizer. Apenas continuam a rejeitar o meu pedido de empréstimo.

— Porquê?

— Demasiado risco. Pouco rendimento. Demasiada concorrência.

Ela pensou por um momento, mastigando as batatas.

— A Swifty Auto?

— É uma parte muito importante. Como te disse, perdemos alguns clientes para eles. Mas também recuperámos alguns: os que perceberam que investir no seu carro é bastante compensatório, a longo prazo.

— O que é que os faz ir à Swifty, em primeiro lugar? — Ela pegou outra vez na sanduíche. — É só o preço mais baixo e a entrega mais rápida?

Pensei por um momento.

— Não sei. A minha irmã acha que uma receção mais agradável podia ajudar.

— Bem, isso é fácil de resolver. As aparências são importantes.

— Não tenho tempo nem dinheiro para redecorar a maldita receção — disse eu, chateado porque não queria que ela e a Cheyenne tivessem razão. — Não lhes devia importar se tenho a porcaria de umas bolachas e café, desde que reparemos os seus carros, e isso nós sabemos fazer.

— Pronto, pronto — disse ela gentilmente. — Não fiques chateado. Eu acredito em ti. Então, vamos supor que obténs o empréstimo. O que é que fazias com ele?

— Investimento em formação e ferramentas.

— Isso atrairia clientes?

— Devia atrair — respondi, mas, honestamente, não tinha a certeza. Formação e ferramentas, provavelmente, não eram muito excitantes para as pessoas.

A Blair parecia refletir profundamente enquanto terminava a sanduíche e pegava de novo nas batatas fritas.

— Acho que uma coisa tem de acontecer antes da outra.

— Hum?

— Achas que, se pudesses mostrar um aumento dos rendimentos e do negócio, o banco podia reconsiderar?

— Talvez — disse eu, distraído pela forma como ela lambia o molho *barbecue* que lhe escorria pelos dedos. — Mas neste momento receio ter de despedir o Dá-Cá, o que nos tornará ainda mais lentos. Ou, porra, se calhar, vender o edifício e acabar com esta coisa toda. — Zangado, fiz uma bola com o pacote de batatas vazio e atirei-o para cima da mesa. — Sessenta anos de sangue, suor e lágrimas da minha família para o boneco.

— Isso não vai acontecer.

— Não?

— Não. Porque nós não vamos deixar. Tenho uma ideia.

Peguei no meu *ice-tea* e dei um gole, surpreendido por ela ter usado a palavra *nós*.

— Qual é a tua ideia?

— E se pegasses em algum dinheiro e renovasses a receção? Nada de extravagante, só uma *makeover*.

— Uma *makeover*? Não parece muito a minha cena.

— Eu ajudo-te.

— Tu vais-te embora — notei.

— Não imediatamente. E não vai demorar muito, juro. — Sorriu, com satisfação. — Depois, quando a renovação estiver completa, fazes um evento.

— Um evento?

— Sim. — Comeu outra batata frita e semicerrou os olhos, pensativa. — Uma espécie de celebração. Como uma reabertura. Há algum aniversário nos próximos tempos?

Tentei concentrar-me na discussão e não na forma como ela continuava a lamber os lábios e os dedos. Agradava-me o seu apetite.

— Sessenta e cinco anos de serviço? Algo desse género?

A expressão dela iluminou-se.

— Isso é perfeito. Seria uma maneira de as pessoas se lembrarem de há quanto tempo a tua oficina serve esta vila, de como os negócios pequenos como o teu são, na verdade, o tecido da comunidade. Vamos criar um sentimento, uma espécie de nostalgia feliz, recordando-os das suas razões para ainda viverem num sítio como Bellamy Creek. A Swifty Auto não representa os valores da comunidade; tu, sim. Estiveste sempre aqui para eles. Fazes parte da sua história. Tu és lar. És família. É *essa* a mensagem que iremos transmitir.

Examinei-a do outro lado da mesa.

— És boa a ter ideias.

Outro sorriso, este mais tímido, mais doce.

— Obrigada.

— E depois? Como é que isso vai ajudar?

— Ajuda porque fará com que as pessoas voltem. Ou talvez a arranjar novos clientes. E depois podes pedir outra vez o empréstimo.

Não estava certo de que ela tivesse razão, mas se o custo não fosse demasiado, achei que valia a pena tentar.

— Então ajudas-me com a receção? E com o evento?

— Claro. — Ela empertigou-se na cadeira. — Por acaso tenho um excelente gosto e recentemente familiarizei-me com um... *orçamento*. Acho que é assim que lhe chamam?

Sorri.

— É. É assim que lhe chamamos.

— E a comida... deixa-me tratar do *catering* para o evento. Vão provar algo que fará corar de vergonha as bolachas da Swifty Auto.

— A sério? — perguntei, pensando que gostaria de provar a própria pasteleira.

— Alguma ideia de quando isso poderá acontecer? — Ela pegou no chá. — Idealmente, seria fantástico se coincidissem com uma altura em que a vila esteja animada, um festival de rua ou algo assim.

Pensei nisso enquanto acabava a minha sanduíche.

— Talvez no fim de semana do Dia do Trabalhador? Acontece sempre muita coisa, é o último fim de semana realmente animado da época turística. Há um desfile, o campeonato de basebol, vendas no passeio, uma feira de rua.

— É perfeito! — Ela começou a meter os restos no saco. — Embora não nos dê muito tempo, nem sequer um mês. Precisamos de começar a trabalhar imediatamente.

— Diz-me o que é para fazer.

Ela levantou-se e arrumou a cadeira.

— OK, deixa-me pensar um pouco mais esta tarde. Vou fazer uma lista. E desde que eu arranje um sítio para ficar e mantenha o emprego no atendimento, fico por cá até essa altura.

— A sério?

— Claro. Não tenho propriamente alguém à minha espera noutra sítio. E acho que será bom para mim ver como tu geres o negócio. Fazer bolos já eu sei, preciso é de aprender tudo o resto.

— Há uma *quantidade* de outras coisas que envolvem gerir um negócio — disse eu. — Muito mais do que posso mostrar-te em três semanas.

Ela suspirou.

— Começo a perceber como foi impulsivo este meu salto de fé. Não estou arrependida de o ter dado, mas devia ter planeado melhor. Contudo... fiquei impaciente. Não queria esperar nem mais um dia para começar a minha verdadeira vida.

— Isso é compreensível — disse eu. Também já me sentira assim.

— Mas não é tão fácil como nos filmes.

Abanei a cabeça.

— Nunca é.

— Bem, acho que vou voltar para o atendimento. Obrigada pelo almoço.

Vi-a deitar o saco de papel no lixo e dirigir-se para a porta.

— Ei, Blair?

Ela olhou para mim.

— Sim.

— Fizeste o que era correto. Deixar a tua velha vida para trás.

O sorriso dela fez o meu coração bater mais depressa.

Um mês, pensei com súbito alarme. Um mês inteiro durante o qual ela estaria aqui, e não estaria certo pôr-lhe as mãos em cima.

Não tinha muita certeza de sobreviver.

*

Trabalhei até um pouco mais tarde do que era habitual, muito depois de o Dá-Cá ter saído para ir buscar a namorada e de o McIntyre ter ido para casa ao encontro do cão e da habitual briga noturna com a Emily. Antes tinha-o ouvido resmungar acerca de uma festa de noivado com que aparentemente concordara uma noite, mas que acabara por não ser a ocasião sexy e privada que ele imaginara.

— Os homens não pertencem a essas festas — disse para o telemóvel. — Até a minha mãe concorda comigo.

Imaginei que a Emily se tinha zangado com ele por causa desse comentário, porque ele teve de segurar o telefone longe do ouvido durante uns bons 30 segundos. Depois de desligar, olhou para mim.

— Vê se te calas — disse, franzindo a testa.

— Não disse nada.

— Mas estavas a pensar.

Abanei a cabeça e voltei ao trabalho, para pôr um pneu novo no *MG* da Blair. Felizmente os pneus não eram originais, pelo que esse problema era mais fácil de resolver do que os outros. Mas ela parecia não se importar com a ideia de ficar aqui enquanto esperávamos pelas peças. E Deus sabia que eu precisava da ajuda dela.

Já a ensinara a usar a ferramenta de agendamento online no computador da receção e ela aprendera sem problema nenhum — o que foi bom, porque estar tão perto, por cima do ombro dela, dificultava-me a respiração. Sempre que sentia o cheiro dela, desatava a suar.

Por volta das 18 horas, estava a pensar dar o dia por terminado quando decidi deixar de ignorar o meu telefone. Tinha-o desligado depois do almoço para evitar a minha mãe, mas quando verifiquei as chamadas perdidas e as mensagens, descobri que a minha irmã tinha desesperadamente tentado falar comigo. Ao princípio, as duas chamadas e quatro mensagens frenéticas não me fizeram sentido, depois lembrei-me: o gatinho.

Com uma careta, telefonei-lhe.

— É bom ouvir-te — disse ela friamente.

— Desculpa. Tem sido um dia louco.

— Imagino. Ouvi dizer que te casaste na noite passada.

— Oh, céus!

Ela riu -se.

— Tenho um presente de casamento para ti. Chama-se *Bisou*.

— Por amor de Deus, não me casei, Cheyenne.

— Eu sei. E a mãe está destroçada por causa disso. Mas dou-te a gatinha na mesma. Não sou generosa?

— Tenho voto na matéria?

— Não. Mas é melhor vires buscá-la depressa, porque já fiquei até mais tarde no abrigo por tua causa. Tecnicamente, fechamos às seis, mas a *Bisou* esteve à tua espera todo o dia e sabia que não ias querer desapontá-la.

— Está bem, está bem. Só tenho de fechar a oficina e tomar um duche. Dá-me meia hora.

— Pode ser. Obrigada, mano.

Desliguei e arrumei rapidamente as bancadas e os armários de ferramentas antes de lavar as mãos e me dirigir à receção.

A Blair, ainda sentada à secretária, ergueu o olhar e sorriu.

— Olá.

— Olá. — Relanceei a receção. Parecia ter algo diferente, mas não percebi o que era. Cheirei... cheirava a limões.

— Há aqui... alguma coisa nova?

Ela riu-se, levantou-se e deu a volta à secretária.

— Nada de novo, só mudei um pouco os móveis. Também deitei fora as revistas rasgadas, reguei a tua planta e dei uma boa lavagem às

janelas.

— Fizeste isso tudo hoje?

— Sim. — Parecendo orgulhosa de si mesma, cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Enquanto trabalhavas no atendimento?

— Bem, não estive assim tão ocupada no atendimento — admitiu ela, baixando os olhos para o chão.

Franzi a testa.

— Oh.

— Mas aprendi alguma coisa com os clientes com quem interagi! Comecei por perguntar às pessoas há quanto tempo vinham aqui, o que é que os faz voltar e o que procuram numa oficina automóvel. Foi fascinante, na verdade. E deu-me mais algumas ideias para o teu *rebranding*.

— O meu quê?

— O teu *rebranding*. — Ela inclinou a cabeça. — Mas não tenho a certeza de que tenhas uma marca neste momento, por isso podemos chamar-lhe só o teu primeiro *branding*.

— Isso parece... um pouco mais *doloroso* do que aquilo com que concordei — disse eu, coçando a cabeça e imaginando o Beckett a marcar o gado. — Na verdade, não quero ser «marcado».

A Blair abanou a cabeça.

— Não tens escolha. A Swiftly Auto tem uma marca e, acredita, têm toda uma equipa a trabalhar nisso.

Franzi tanto a testa que fiquei carrancudo.

— Não devias fazer essa expressão tantas vezes. Vais ficar com rugas. — Piscou-me o olho. — E até ficas giro quando sorris.

— *Giro?*

— Algo de errado com giro?

— Giro é para bebés e gatinhos, não para mecânicos — disse eu de maneira rabugenta, sentindo calor por baixo da roupa. — Por falar em gatinhos, tenho de ir buscar o meu.

Ela ficou de boca aberta.

— Tens um gatinho?

— Temporariamente. A minha caridosa irmã é voluntária num

abrigo de animais e convenceu-me a ser a família de acolhimento temporário de uma gatinha, até ela lhe arranjar um lar permanente.

A Blair pôs as mãos nas bochechas.

— Vou derreter. Isso é tão querido.

— Não derretas, por favor. Eu não sou querido. Só o faço porque a minha irmã me fez sentir culpado. Ela foi viver com a nossa mãe depois de ela fazer uma operação aos olhos e ter substituído as duas ancas. Eu não teria sobrevivido.

— Continuo a achar que é querido.

— Pois... bem... — resmunguei. — Como eu disse, é temporário.

— Mas é importante. — Olhou-me nos olhos e a minha temperatura corporal aumentou ainda mais.

Pigarreei.

— Ouve. Podes ficar aqui, ou esperar em minha casa enquanto eu vou num instante ao abrigo. Não sei se já resolveste o problema desta noite.

— Fiz alguns telefonemas mas não tive muita sorte. As residenciais da zona estão lotadas até ao Dia do Trabalhador, o motel que fica à saída da vila está cheio até quinta-feira e o Airbnb não tem listas em Bellamy Creek. O mais perto é em Holland, mas visto que trabalho aqui e não tenho transporte... — A sua expressão desanimou, e ela voltou a examinar os sapatos. — Lamento muito. Não queria pedir-te ajuda outra vez, mas talvez conheças alguém com um quarto para arrendar?

— Assim de repente não estou a ver, mas isso não quer dizer que não possamos arranjar alguém. Olha, porque é que não ficas em minha casa enquanto vou buscar o gato, jantamos e depois eu faço alguns telefonemas?

A cara dela iluminou-se.

— A sério?

— A sério. É uma vila pequena, mas tem de haver alguma coisa. — Fiz uma careta. — Se for mesmo preciso, pergunto à minha mãe. Ela conhece tudo e todos.

Ela bateu palmas e pôs-se em bicos de pés.

— Perfeito!

Exatamente nesse momento, soou a campainha da entrada e virámo-nos a tempo de ver um pacote transpor a porta com um gigantesco cesto de frutas, petiscos e algo que parecia uma garrafa de champanhe.

— Oh, ótimo, ainda estão abertos — disse ele com óbvio alívio. — Esta encomenda chegou no último minuto e pensei que seria demasiado tarde.

— O que é isto? — perguntei.

— Um presente de casamento. — Olhou para o nome no cartão. — Para o Sr. e a Sra. Dempsey.

Praguejei baixinho. A Blair piscou-me o olho.

— Oh, querido, que simpático! O nosso primeiro presente de casamento. De quem é?

O rapaz, cujo polo tinha um logótipo da Bellamy Creek Gifts Galore, pousou o cesto no balcão e entregou-me o cartão. Abri-o e revirei os olhos.

— Da Sra. Applebee, claro.

A Blair riu-se.

— Não é tão querida?

— A Sra. Applebee, professora de Inglês? — perguntou o rapaz das entregas.

— Sim. — Olhei para ele. — Também a tiveste?

Ele encolheu os ombros.

— Quem é que não teve?

Tive de me rir.

— Provavelmente, ninguém. Bem, obrigada pela entrega.

— De nada. — Dirigiu-se para a porta e abriu-a. — E parabéns. Estou casado há 22 anos. Foi a melhor coisa que fiz.

Eu e a Blair entreolhámo-nos e eu abanei a cabeça.

— Preciso de uma cerveja — disse-lhe. — Mas primeiro tenho de ir buscar um gato.

— Deixa-me ir contigo — pediu ela, tirando a mala de cima da secretária. — Poderás apresentar-me à minha nova cunhada.

— Não brinques com isso.

— Porquê? Não me digas que já estás arrependido? — brincou ela,

passando por mim com um olhar tão malicioso que me deu vontade de a encostar à parede e mostrar-lhe que não estava arrependido de nada.

Vi-a abrir a porta de vidro e segurá-la para me deixar passar, mas fiquei onde estava por um momento, observando-a no passeio. Agradava-me a forma como o pôr do sol lhe acobreada o cabelo.

— Então, exatamente em que é que trabalhavas na tua vida anterior? — perguntei. — Depois do Francês, mas antes da tal mudança de circunstâncias.

— Era gestora de marca na empresa de comunicação social do meu pai.

— Eras boa nisso?

— Era, apesar de ninguém me dar ouvidos. O conselho de administração estava cheio de homens pomposos que olhavam para mim como se eu fosse a decoração de um bolo. Nunca me levaram a sério.

— Nem os teus pais?

— Sobretudo eles. Era uma posição provisória, diziam eles. Estavam só à espera de que eu me fartasse de trabalhar para ganhar a vida, arranjasse um marido rico e preenchesse os meus dias com obras de caridade e almoços com as senhoras. — Abanou a cabeça. — Nem acredito que cheguei a pensar que essa seria a minha vida.

— Não sentes falta do dinheiro? — perguntei.

Ela riu -se.

— Oh, claro que sinto falta do dinheiro. Mas não do que isso implicava, todas as regras da treta.

Apaguei as luzes e segui-a para o passeio, trancando a porta.

— Preciso de tomar um duche rápido e trocar de roupa. Queres subir?

— Claro.

Subi as escadas atrás dela até ao apartamento, olhando para o seu rabo e perguntando-me se ela teria regras *sexuais* e quanto tempo eu levaria para as quebrar, quando percebi que ela continuava a falar.

Merda, tinha-me feito uma pergunta?

No cimo das escadas, ela virou-se e olhou para mim.

— Então? Vais fazê-lo?

Parei perto dela. Ridiculamente perto. Tão perto que podia cheirá-la — baunilha e limão — e ela podia provavelmente cheirar-me — suor e óleo de motor.

— Vou fazer o quê? — perguntei, olhando para os seus lábios.

Ela lambeu -os.

— Escutar -me.

— Oh. Sim. Vou. — Mas nesse momento tinha bastante certeza de que também ia fazer-lhe outra coisa.

De repente, ela recuou.

— Ótimo — disse, com as bochechas muito coradas. — Pensando melhor, espero por ti lá fora. Estou com um pouco de calor e está uma brisa agradável.

— Está bem. Só demoro uns minutos.

Assentindo com a cabeça, ela desceu as escadas tão devagar que me perguntei se estaria com tonturas. Vi, com pensamentos lascivos, a mão dela deslizar pelo corrimão de madeira.

No patamar, ela abriu a porta e eu deixei de a ver, mas continuava a não conseguir respirar.

O que é que ela teria feito se eu tivesse colado a minha boca à dela, como desejara fazer há um momento? Teria correspondido ao beijo? Teria gostado de ter as minhas mãos na sua pele? Ou ter-me-ia dado uma joelhada nos tomates, mandando-me tirar os dedos imundos de cima dela?

Ela não era como qualquer outra rapariga que eu tivesse conhecido, e esse era ao mesmo tempo o problema e o incentivo. Não sabia como interpretá-la.

Mas, caramba, eu desejava-a muito.

Tomei um duche frio, esperando que isso ajudasse.

Não ajudou.

Abri a porta ao fundo das escadas, grata pela brisa suave que me arrefeceu a pele. O Griffin tinha uma forma de me fazer sentir excitada e perturbada só por estar ao pé de mim.

Estaria eu a imaginar a faísca de interesse nos seus olhos? A química entre nós? A forma como por vezes parecia estar a lutar contra a vontade de pousar em mim as mãos ou a boca? Suspirei, sentando-me num banco de ferro forjado no passeio e pondo os óculos de sol. Tinham de ser coisas da minha cabeça.

Se ele me quisesse beijar, tê-lo-ia feito um minuto antes. Os nossos lábios tinham estado a centímetros de distância. Mas ele não me beijara e eu sentira-me estúpida, ali de pé, à espera de algo que não iria acontecer.

Para me distrair, consultei o telemóvel e vi que tinha novas mensagens da minha mãe, exigindo saber para onde raio tinha eu fugido e quando é que voltaria para casa, usando palavras como *infantilidade*, *birra* e *perigoso*. Demasiado zangada para lhe responder naquele momento, enfiei o telemóvel na mala e fiz algumas respirações profundas.

O Griffin apareceu um minuto depois.

— Olá. Pronta para ir?

— Sim. — Levantei-me e segui-o desde as traseiras da oficina até ao beco, onde uma carrinha branca estava estacionada. Ele abriu-me a porta do passageiro e fechou-a depois de eu entrar.

Enquanto ele contornava a viatura, examinei os bancos da frente e os de trás. A carrinha era aprumada como a sua casa — o interior de pele bege estava perfeitamente limpo, o painel não tinha pó e não

havia lixo nos tapetes. Até cheirava bem.

Tal como o próprio condutor. Senti um aroma a perfume quando o Griffin se sentou ao volante, e quase tive vontade de enterrar a cara no seu pescoço. Ele estava tão giro, todo limpinho, com o cabelo molhado, calças de ganga escuras e uma t-shirt preta, justa. Mas estava outra vez a franzir a testa, consultando o telemóvel.

— Merda.

— Que foi?

— A minha irmã — respondeu ele. — Não pôde esperar mais no abrigo e teve de levar o gatinho para casa. Isso é contra as regras, e ela está a fazer-me sentir ainda mais culpado.

— E não podes ir buscá-lo a casa dela?

— Posso, mas teremos de lidar com a minha mãe.

— Ela é assim tão má?

— É apenas... intensa.

— Consigo lidar com isso.

Ele lançou-me um incrédulo olhar de esguelha.

— Escuta, a minha licenciatura foi em Francês, mas devia ter um doutoramento em graciosidade sob pressão. Consigo lidar com toda a gente.

Ele riu -se.

— Acredito. E julgo que podemos aproveitar a oportunidade para lhe perguntar se conhece alguém com um quarto para arrendar aqui na vila.

— Isso seria fantástico. — Estendi a mão e pousei-lha no braço. Estava quente sob a minha palma. — Obrigada.

Ele olhou para os meus dedos na sua pele durante tanto tempo que fiquei embaraçada e retirei a mão. Talvez não gostasse de ser tocado?

Ele ligou o motor sem proferir uma palavra.

Na viagem de dez minutos até à casa da mãe dele, o Griffin só abriu a boca para responder às perguntas que eu ia fazendo, e mesmo aí era lacónico.

— Aquilo ali ao longe é o lago?

— Sim.

— Foi aqui que frequentaste a escola primária?

— Sim.

— Porque é que cheira aqui tão bem? — Pus a cabeça de fora da janela e inalei.

— É uma quinta de alfazema.

— Não sabia que se cultivava alfazema no Michigan.

— Cultiva.

— Porque é que estás tão tenso?

— Não estou.

Fitei o seu perfil bonito e soltei um suspiro pesado. Ele cerrou obstinadamente os maxilares.

— A minha mãe pensa que sabe gerir a minha vida melhor do que eu. Isso irrita-me.

— Compreendo. Acredita.

Ele relanceou -me.

— Sim, talvez compreendas.

Alguns minutos depois, parou diante de uma encantadora casa de dois andares ao estilo *Arts and Crafts*, com um largo alpendre e um relvado bem cuidado. A casa estava pintada de azul-claro e todos os rebordos de branco.

— Foi aqui que cresceste? — perguntei quando o Griffin estacionou paralelo ao passeio.

— Sim.

— É tão bonito! — Saí da carrinha e admirei o bairro. As casas estavam muito juntas e, apesar de os jardins fronteiros serem pequenos, os alpendres eram espaçosos, e havia grupos de crianças a brincar ao longo da rua. Meninas com giz colorido no passeio e cordas de saltar, rapazes de bicicleta, um jogo de basquetebol a decorrer no caminho de acesso de uma casa. Parecia acolhedor e seguro, como se todo o bairro fosse uma espécie de família. Tão diferente do condomínio fechado, cheio de McMansions, onde eu tinha crescido, com as casas dispersas ao longo de um campo de golfe.

— O sítio onde cresceste não era bonito? — perguntou ele.

— Era, mas de uma maneira diferente. Eu não tinha amigos no meu bairro. Nunca joguei à macaca na entrada nem fui de bicicleta comprar um gelado nem tive uma banca de limonada com os amigos.

Também não tenho irmãos. Tinha de fazer as vozes de todas as minhas Barbies. Se calhar é por isso que falo demais.

O Griffin riu-se enquanto percorria à minha frente o carreiro de tijolo. Acenou a um grupo de meninas que atravessavam a correr o aspersor no relvado da casa ao lado, e uma delas respondeu-lhe.

— Olá, tio Griffin!

— Olá, Mariah — saudou ele. — O teu pai está em casa?

Ela abanou a cabeça, fazendo saltar gotas de água do cabelo.

— Está no trabalho. Está cá a avó.

— É a filha do Cole — disse-me ele. — A minha afilhada.

— Amorosa. — Sorri para a menina. — Quantos anos tem?

— Oito. Vieram viver com a mãe do Cole depois de a mulher dele morrer.

Sustive a respiração.

— Como é que ela morreu?

— No parto da Mariah.

Doeu-me o coração pelo polícia bonito que tinha conhecido na noite anterior e pela sua filha tão gira.

— Céus, isso é horrível. Ele não voltou a casar?

O Griffin abanou a cabeça.

— Não.

Subimos os degraus para o alpendre e eu reparei nos bonitos cestos de flores lá pendurados, nas cadeiras de baloiço brancas e no tapete de entrada que dizia *Fáilte*. Antes sequer de batermos à porta de madeira, alguém a abriu.

— Olá, mano mais velho. — Uma mulher bonita, com uma longa trança cor de caramelo por cima do ombro e grandes olhos castanhos sorriu para nós. Tinha uma covinha no queixo igual à do Griffin. — Ainda bem que conseguiste vir. — Piscou-me o olho. — E esta deve ser a tua noiva.

— Não comeces — avisou ele. — Blair, esta é a minha irmã, a Cheyenne.

— Prazer em conhecer-te — disse eu.

— Igualmente. — Ela recuou, segurando a porta. — Tinha esperança de ver a rapariga que fez o Griffin quebrar a sua regra

número um. Entrem. A mãe está na salinha, se quiserem ir cumprimentá-la.

— Isso é opcional? — murmurou o Griffin.

A Cheyenne riu-se.

— Provavelmente, não.

O Griffin olhou para mim.

— Um último aviso. A minha mãe pode ser intensa. E dramática. E faz-se de parva, apesar de não o ser.

— É o jogo favorito dela — confirmou a Cheyenne.

Eu ri-me, ainda intrigada pela regra número um que o Griffin tinha quebrado por minha causa.

— Vou ter isso em mente.

A Cheyenne conduziu-nos através da sala de estar e da sala de jantar até uma pequena salinha que parecia ter sido acrescentada à parte de trás da casa. Uma mulher com uma massa de cabelo grisalho despenteado repousava no sofá, a ver televisão, mas levantou-se imediatamente quando nos viu. O seu rosto, levemente enrugado pela idade, iluminou-se de excitação. Percebi logo de onde tinham vindo os olhos azuis do Griffin.

— Olá, olá — disse ela com entusiasmo, ignorando o Griffin e agarrando-me ambas as mãos. — Que surpresa tão maravilhosa!

— Mãe, esta é a Blair — disse ele.

— Muito prazer em conhecer-te, Blair. Sou a Darlene Dempsey.

Sorri.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Dempsey.

— Por favor, chama-me Darlene. — Apertou-me as mãos. — És tão amorosa! Olha como ela é amorosa, Griffin. Não é?

— Onde está o gato, Cheyenne? — perguntou o Griffin.

A Darlene olhou furiosamente para o filho.

— Fiz-te uma pergunta.

O Griffin revirou os olhos.

— É amorosa — resmungou.

— Queres tomar alguma coisa, Blair? Chá? Um petisco? Umas bolachinhas? Fiz salada de frango para o jantar. Gostas?

— Não vamos ficar aqui, mãe. — O tom do Griffin era firme.

A mãe lançou-lhe um olhar mortal.

— Tens um sítio melhor onde estar?

— Viemos só buscar o gatinho.

— Mas têm de jantar, não têm?

— Vamos jantar fora.

A Darlene fungou.

— Bem, acho que podes dispensar uns minutos à tua mãe. Não me vens ver há dias.

— Estive aqui a cortar a relva na segunda-feira, mãe. Hoje é quarta.

— Foi o que eu disse. *Dias*. — Olhou de novo para mim e sorriu docemente. — Senta-te um bocadinho. Poucas vezes tenho companhia, e sinto-me sozinha. Pensei que por esta altura já tivesse netos para mimar, mas... — A expressão dela tornou-se magoada. — Infelizmente, permaneço solitária.

Atrás de mim, a Cheyenne suspirou pesadamente.

— Griff, é melhor vires assinar os termos. Depois podemos instalar a tua nova melhor amiga.

— Muito bem — disse a Darlene, sentando-se novamente no sofá e dando uma palmadinha no almofadão ao seu lado. — Eu e a Blair ficamos aqui a conhecer-nos melhor.

Relanceei o Griffin, que parecia relutante em deixar-me sozinha com a mãe. *Desculpa*, disse ele, apenas mexendo os lábios, mas seguiu a Cheyenne e eu sentei-me no sofá, com as mãos pousadas sobre os joelhos unidos.

— Então — disse a Darlene alegremente, dando-me palmadinhas nas pernas. — Conta-me como é que tu e o Griffin se conheceram. Já foi há muito tempo?

— Na verdade, foi só na noite passada. Eu ia a descer a Main Street de carro quando se rebentou um pneu.

— Santo Deus! Magoaste-te?

— Fiquei só um pouco abalada. Quando saí do carro, o Griffin e dois amigos estavam lá. E então... — Franzi o nariz. — Desmaiei.

A Darlene deu um gritinho, apertando os dedos sobre o coração.

— Desmaiaste!

— Sim, mas o Griffin apanhou-me antes de eu chegar ao chão.

— Foi a mão de Deus! — exclamou ela, olhando para o teto.

Eu ri-me.

— Ele rebocou o meu carro para a oficina, e foi tão simpático que me deixou ficar em casa dele, porque eu não tinha para onde ir.

— Ficaste toda a noite em casa dele? — A Darlene estava claramente chocada com essa notícia.

— Sim. Mas só porque ele teve pena de mim. Sabe, neste momento eu estou assim entre situações de vida, e preciso de poupar cada tostão que tenho, que não são muitos, para poder estabelecer-me num sítio diferente. O Griffin apanhou-me a tentar dormir dentro do carro e ofereceu-me o seu sofá. Mas foi um cavalheiro, garanto.

— Claro que foi! — Ela acenou com a cabeça, satisfeita. — Ele teve uma boa educação. Se bem que fez muitos disparates enquanto crescia. Santo Deus, aquele rapaz conseguia encontrar sarilhos de olhos fechados! Eu e o pai passámos anos apoquentados, pensando se ele alguma vez se iria endireitar.

A porta abriu-se e voltou a fechar-se, assustando-nos a ambas.

— Enfim — disse a Darlene, acenando com uma mão diante da cara.

— Fico tão feliz por o ver entender-se com uma jovem simpática como tu!

— Oh, bem, eu não diria que estamos exatamente a entender-nos. Ele está só a ajudar-me enquanto eu estou aqui. Vou-me embora em breve.

— E para onde vais, querida?

— Isso ainda está um pouco indefinido neste momento, mas quando saí do Tennessee, ontem de manhã, dirigia-me a um sítio chamado Cloverleigh Farms. Estive lá num casamento há uns anos e apaixonei-me pelo lugar.

— Ah, eu conheço. É um sítio lindo. — Hesitou. — Claro que a cidade mais próxima é muito menos encantadora do que Bellamy Creek.

— É?

Ela confirmou.

— Sim. E muito pequena. Só têm um porto, e nós temos dois.

Ri-me.

— Visto que, de momento, não tenho barco, acho que não faz mal. O que eu quero, quando estiver organizada, é abrir uma pastelaria.

— Estás pronta para ir, Blair? — O Griffin apareceu junto da porta.

— Já? — A Darlene parecia desanimada. — Estávamos a conhecer-nos. Sabias que a Blair quer abrir uma pastelaria?

— Sim.

— Estava a pensar que podia abri-la aqui, na vila. Não temos aqui uma boa tarte desde que a Betty Frankel faleceu, Deus tenha a sua alma. — Fez o sinal da cruz.

— Ela não vai ficar aqui.

— Não tens a certeza — disse a Darlene, irritada.

— O Griffin tem razão. Vou ficar aqui só umas semanas.

— Umas semanas? — A esperança da senhora parecia renascer.

— Sim. O Griffin vai demorar algum tempo a arranjar as peças para o meu carro e, entretanto, vou trabalhar no atendimento e ajudar com a nova estratégia de marketing da oficina.

— Não sabia que havia uma estratégia de marketing antiga — brincou a Cheyenne, atirando-se para uma poltrona de pele.

Eu sorri.

— Está delineada em volta de um evento que planeamos para o fim de semana do Dia do Trabalhador. Uma espécie de casa aberta para reintroduzir o negócio na vila. Mas, primeiro, vamos renovar um pouco a receção.

A Cheyenne ficou boquiaberta.

— Convenceste-o a renovar a receção? Caramba, ele está mesmo caidinho por ti.

— Quem caiu foi a Blair — disse a Darlene. — Sabias? Desmaiou só por o ver, e ele *apanhou-a*.

— A sério? — O olhar espantado da Cheyenne alternou entre mim e o Griffin, que tinha os lábios cerrados numa linha sombria.

— Não — disse ele, chateado. — Ela estava desidratada.

— Disseram-me que ela usava um vestido de noiva. — A Darlene parecia orgulhosa, apontando um dedo ao filho. — Agora diz-me lá que não é intervenção divina?

— Caramba, mãe! Não foi intervenção divina, foi um pneu furado.

A Darlene ergueu uma sobrancelha.

— Vai dar ao mesmo.

— Adiante — continuei eu, levantando-me do sofá. — Sinto-me mesmo grata pelo emprego temporário na oficina. Sinto-me sortuda.

— E eu estou no sétimo céu por o Griffin ter alguém para o ajudar enquanto estou de baixa. — A Darlene recostou-se no sofá e levantou ambas as pernas dramaticamente para cima das almofadas, embora parecesse bem um minuto antes. — Sabe-se lá quanto tempo estarei fora.

— Mãe, ainda há pouco disseste que o médico achava que podias ir trabalhar já na próxima semana — disse a Cheyenne.

— Cala a boca, Cheyenne Dempsey. Não foi nada disso que o médico disse.

— Eu estava na sala, mãe.

— Deves ter ouvido mal, querida. — A Darlene lançou um olhar maléfico à filha. — Então, temos de agradecer a Deus por ter enviado a querida e amorosa Blair para me substituir enquanto precisarmos dela.

O Griffin pigarreou.

— Bem, mãe. A Blair precisa de um sítio para ficar enquanto estiver aqui. Sabes de alguém que esteja a arrendar um quarto?

— Pensei que ela estava em tua casa.

— Foi uma situação de emergência.

— Bem, não a podes deixar na rua, Griffin. Que se passa contigo?

O Griffin respirou pesadamente pelo nariz.

— Ninguém está a deixar ninguém em lado nenhum. Conheces alguém com um quarto para arrendar ou não?

— Bem, não tenho a certeza. Preciso de pensar nisso. — Sorriu-lhe indulgentemente. — És sempre tão bruto quando tens fome. Que tal uma boa salada de frango?

— Não, obrigado. — O Griffin veio ter comigo e pegou-me no braço. — Vamos, Blair.

— Prazer em conhecê-la, Darlene. Cheyenne — disse por cima do ombro, enquanto o Griffin me arrastava para a porta da frente. As pernas dele eram muito mais compridas do que as minhas, e tropecei

uma ou duas vezes.

— Igualmente! — gritou a Cheyenne. — E, mais uma vez, parabéns por terem dado o nó.

O Griffin abanou a cabeça enquanto me puxava para o alpendre, com a porta a fechar-se com estrondo atrás de nós. Segurou-me o braço enquanto descíamos os degraus, depois parou abruptamente.

— Oh, caraças.

Olhei na mesma direção que ele e vi que alguém — provavelmente a Cheyenne — tinha amarrado latas ao para-choques da carrinha e colado um cartaz a dizer CASADOS DE FRESCO ao vidro traseiro. A Mariah e as suas amiguinhas molhadas estavam aos risinhos ao lado do carro e, quando nos viram, correram para nós.

— Parabéns! — gritaram, atirando-nos punhados de arroz. — Ena, vocês casaram-se!

— Não casámos nada — berrou-lhes o Griffin.

A Mariah parecia desapontada.

— Mas a Cheyenne disse...

— A Cheyenne mentiu.

Rindo, avancei por entre a chuva de arroz enquanto ele começava a marchar através do relvado. Apertava-me com força mas sem magoar, e de certa forma agradava-me que estivesse tão irritado. Era giro quando sorria, mas era uma brasa quando estava zangado, e os maxilares obstinadamente cerrados despertavam-me certas sensações.

— Lamento, meninas — disse eu com um sorriso. — É só uma brincadeira. Não somos mesmo casados.

— Nunca acontece aqui nada de divertido — queixou-se uma delas. Mas um minuto mais tarde estavam a atirar arroz umas às outras, gritando e correndo de novo para junto do aspersor.

— Vou esganar a minha irmã — resmungou o Griffin, tirando as chaves do bolso.

— Vá lá, ela é divertida.

— É uma chata. — Ele soltou-me quando chegámos junto da carrinha. — Tira esse letreiro, por favor. Eu desamarro as latas.

Abri a porta traseira ligeiramente mais pequena do lado do passageiro e espreitei o gatinho preto e branco na transportadora.

— Olá, fofinho. Estás entusiasmado com a tua nova casa? — Subi para o banco e tirei a folha de papel da janela onde tinha sido colada.
— Não te rales com o teu novo papá. Ele agora está rabugento, mas juro que é um tipo porreiro.

— Passas-me isso, por favor? — pediu o Griffin atrás de mim.

Recuei para fora da carrinha, embaraçada porque provavelmente lhe proporcionara uma visão das minhas cuecas, que não eram particularmente sexy.

— Toma.

Ele marchou para o alpendre com as latas e a folha de papel e atirou tudo para dentro de casa. Eu entrei para o banco da frente da carrinha e esperei, ouvindo o gatinho miar lá atrás.

— Está tudo bem, gatinho — disse-lhe, perguntando-me se era menino ou menina e se teria nome. O Griffin sentou-se ao volante e fechou a porta com força.

— Bem te disse que a minha família era horrível.

— Gostam de te fazer passar um mau bocado, não gostam?

— Gostam. — Ligou o motor mas deixou a carrinha em ponto-morto. — De certa forma, era mais fácil quando o meu pai era vivo. Agora parecem sempre duas contra um.

— Há quanto tempo morreu?

— Há pouco mais de dois anos.

— Lamento.

Ele encolheu os ombros.

— É a vida, acho eu. Só gostava que ele tivesse vivido tempo suficiente para se reformar. Para desfrutar um pouco mais da vida. Trabalhou tanto, todos os dias da sua vida. Para quê?

Fitei-o. Ele não sabia mesmo?

— Para isto, Griffin. — Apontei para a casa, para o bairro, para ele.

— Pela sua família. Pela segurança. Por um negócio de que se orgulhava e que pôde passar ao filho.

— Calculo que sim.

Pensei no meu próprio pai e em como fazia negócios.

— Aposto que o teu pai era honesto.

— Sempre.

— E pagava um salário justo aos empregados.

— Pagava.

— E nunca entregou um trabalho com que não estivesse satisfeito. Nunca enganou ninguém. Nunca optou pelo fácil ou barato quando a sua reputação estava em jogo. E aposto que pagava impostos, mesmo contrariado.

— Sem dúvida que pagava muito contrariado. Mas tens razão, nunca fugiu aos impostos.

— E achas que, se ele estivesse aqui neste momento, te diria que tinha remorsos?

— Não — admitiu ele com relutância.

— Porque era um bom homem. Um bom pai. Aposto que a tua mãe diria que também era um bom marido. Isso tem muito valor. — O Griffin continuou a fitar o para-brisas. — Quer dizer... eu penso no meu pai, e sinto-me... envergonhada. Isso não significa que não o ame; continua a ser o meu pai. Mas não me orgulho das coisas que fez. Preocupou-se mais com o dinheiro do que com o que estava certo — disse eu, começando a ficar irritada. — Não quero ser essa pessoa, nunca.

Ele olhou -me.

— E não és, Blair.

— E, quanto à minha mãe, disse-me que eu era completamente *imbecile* quando parti. Disse que eu era iludida e ingénua e que não aguentaria um mês sozinha.

— Ela está enganada.

— E se não estiver? — Enervada, apertei com força os dedos das mãos, sentindo o meu coração a bater descompassado. — E se ela souber mais por ser mais velha e mais sábia e me ter criado para viver desta maneira específica num tipo de ambiente em que tudo me era dado, e todos estes contratempos que estou a enfrentar forem apenas a ponta do enorme *iceberg* escondido sob a superfície, e eu estiver condenada ao fracasso?

— Ei! — Ele pegou-me numa mão. — Ela está enganada, está bem? Para de falar e respira.

Fechando os olhos, inalei e exalei lentamente umas quantas vezes.

Quando voltei a olhá-lo, senti-me tola.

— Obrigada. Desculpa o ataque de pânico. Esta conversa devia ser acerca de ti.

— Ora, não faz mal. Também não me apetece falar de mim. — Apertou-me a mão. — Agora escuta. Eu sei que só te conheço desde ontem à noite, mas já percebi que não és o género de pessoa que vira as costas e foge a correr quando se depara com um problema. Talvez sejas um pouco, hum...

— Cuidado — avisei.

— ... *inexperiente* em relação ao mundo real — concluiu ele, num tom triunfal —, mas vais aprender depressa. És inteligente, és determinada e consegues falar com toda a gente, e logo em duas línguas!

— Três, na verdade.

— Três?

— Também falo latim.

— *Latim*?

— É a língua universal da civilização ocidental — disse eu, defensivamente. — Se bem que não seja extremamente útil na vida moderna, admito.

O Griffin abanou a cabeça e lançou-me um sorriso desarmante.

— Vais ficar bem, Blair.

— Achas mesmo?

— Sim. — Vi-o olhar para a parte interna do meu braço, que ostentava algumas cicatrizes castanho-claras. — Caramba, que foi isso?

— Queimaduras de forno. Ossos do ofício.

— Oh. — Percorreu-as com as pontas dos dedos, o que me achei enternecedor, depois largou-me a mão. — Já estás bem? Não vais desmaiar, nem nada disso?

Ri-me.

— Não. Estou bem.

— Bem, então vamos levar este gato para casa e comer alguma coisa.

— E quando é que arranjam os um sítio para eu ficar? Neste

momento, sinto-me órfã. E não sou tão gira como um gato resgatado.

— Comida primeiro, ou nem sou capaz de pensar. — Ele abanou a cabeça e arrancou. — A minha mãe tem razão acerca de uma coisa, ninguém me atura quando tenho fome.

Depois de estarmos na estrada há alguns minutos, olhei para ele.

— O que é que a tua irmã queria dizer com a história de quebrares a tua regra número um por minha causa?

— Nada.

— Oh, vá lá. — Dei-lhe uma palmadinha no ombro. — Qual é a tua regra número um?

Ele suspirou.

— Não há dormidas. Não levo mulheres para minha casa.

— Ah.

— Não que a noite passada tenha sido uma dormida desse género — apressou-se a acrescentar. — Por isso, não quebrei propriamente a regra.

— Claro que não — concordei.

Mas virei a cara para a janela e sorri.

Sete

Griffin

Subi as escadas com a transportadora e a Blair seguiu-me com os sacos. A Cheyenne providenciara a comida e os artigos necessários. — A minha irmã disse para, de início, a manter confinada num espaço, por isso acho que vou pô-la no meu quarto — expliquei.

A Blair pousou os sacos na bancada da cozinha.

— Que giro. Podes dormir abraçado a ela, esta noite.

Fitei-a por cima do ombro.

— Deixa-me adivinhar. Os mecânicos não dormem abraçados a ninguém — disse ela, seguindo-me para o quarto.

— Este, não. — Pousei a transportadora num canto e abri a porta, mas o gato não saiu.

— É menino ou menina? — perguntou a Blair.

— Menina. Chama-se *Bisou*.

— *Bisou*? — Ela riu-se e foi ter comigo. — É amoroso.

— É?

— Sim. — Virou-se para mim. — É francês. Significa beijo.

Mais uma vez, dei por mim a olhar para os lábios dela. A morrer por prová-los. Será que devia fazê-lo e pronto?

No final, ela poupou-me, acorando-se e dando palmadinhas no chão, tentando convencer a gata a sair do esconderijo.

— *Viens ici, ma petite Bisou* — entooou. — *Ma choupinette. N'aie pas peur.*

De repente lembrei-me daquelas cenas da Família Addams em que o Gomez perdia a cabeça quando a Morticia começava a falar francês. Nunca tinha percebido isso ao ver reposições em criança, mas percebia agora. Pouco importava que não fizesse a menor ideia do que

ela estava a dizer. As palavras nos seus lábios eram sexy.

A Blair suspirou e sentou-se em cima dos calcanhares, olhando para mim com um beicinho.

— Ela não quer sair.

Caramba, ela era adorável. E porque é que estava tanto calor aqui?

— Talvez só precise de se ambientar. Estás pronta para ir? Apetece-me uma cerveja fresca.

— Vamos. — Ela aceitou a mão que lhe oferecia e pôs-se de pé. — Obrigada. Já te disse que tens excelentes maneiras?

— Acho que não. — Larguei-lhe a mão, antes que começasse a beijá-la pelo braço acima, ao estilo Gomez.

— Mas tens. Ao pé de ti todos os tipos que conheci nos últimos anos não passam de uns Neandertais com sapatos caros. — Encolheu os ombros. — Ou talvez eu só atraia as bestas que pensam que ter dinheiro é o mesmo que ter classe.

— Não tenho muito de uma coisa nem de outra.

A Blair riu-se.

— Não importa. Esta noite prefiro estar contigo do que com qualquer um deles. Ouve, importas-te de que vá num instantinho à casa de banho, para me refrescar antes de sairmos?

— Não, vai. Eu espero lá fora.

Ao sair da sala, relanceei o vestido de baile pendurado na porta do meu armário.

— Queres que ponha outra vez o vestido de noiva? — brincou ela.

— Parece que fez muito sucesso por aqui.

— Não te atrevas. — Olhei-a ameaçadoramente.

— Adoro quando te armas em patrão mau comigo. — Disse-o com um sorriso cheio de malícia, desafiando-me a ir ter com ela e atirá-la para cima da cama, como me apetecia.

Tive de sair da sala antes de dizer — ou fazer — algo de que me arrependesse.

*

Liguei à minha mãe.

— Estou?

— Sou eu. Lembraste-te de alguém que possa ter um quarto para arrendar?

— Ainda não. Mas estou a esforçar-me. Entretanto, acho que ela pode ficar contigo mais algum tempo.

— Deixa de te armar em casamenteira, mãe. Isso nunca resulta.

— Porque tu és demasiado teimoso — censurou ela. — Nem sequer dás uma hipótese às mulheres que te apresento, e já te arranjei algumas perfeitamente amorosas!

— Diz uma.

— Aquela enfermeira que trabalha nas Urgências. Não era uma querida?

— Levou o jantar inteiro a choramingar por causa do ex-marido. Não, obrigado.

— E aquela bancária nova da União de Crédito. Era solteiríssima.

— Não gostava de baseball. Impossível.

— Então e a advogada que conheci no centro de jardinagem? Parecia interessada em atividades ao ar livre.

— Gosta de mulheres, mãe. E confirmou-me que foi a primeira coisa que te disse quando falaste em juntá-la com o teu filho.

— Bem, por vezes as pessoas estão confusas ou em negação.

— Neste caso, essa pessoa és tu.

— Não mudes de assunto. Estamos a falar da Blair. Se ao menos tentasses conhecê-la, acho que vocês podiam ser bons um para o outro.

— Eu estou a conhecê-la. Porque a *contratei*. Normalmente não convido os meus empregados para viverem comigo.

— Bem, esta não é uma situação normal, pois não? É especial. — Suspirou dramaticamente. — Mas se ela não se sentir bem-vinda na tua casa, acho que pode ficar aqui, no teu antigo quarto.

Estremeci perante a visão da minha mãe a encher a cabeça da Blair de disparates acerca de mim, mas depois pensei que, para já, era o melhor.

— Obrigado. Fico-te muito grato. Levo-a depois do jantar.

— Oh, *esta noite* não — disse ela. — Aquele quarto está cheio de

tralha. Preciso pelo menos de um dia para o limpar. Consegues ser cavalheiro por mais uma noite, não consegues?

— Deixa-te de jogos, mãe. — Não confiava em mim para ser cavalheiro mais uma noite. Mais uma hora já seria bastante difícil.

— Griffin Dempsey, ouviste o que eu disse. Agora tem maneiras com essa jovem, e tenta pelo menos ser sedutor. Podes não acreditar que foi um sinal ela ter aparecido aqui, mas eu penso que sim! E, se não tiveres cuidado, vai aparecer alguém para ta arrebatá-la, alguém como o Enzo Moretti! Esse *sim*, é um cavalheiro!

Estava tão chateado e faminto que perdi a calma.

— Ah, sim? Bem, ainda na noite passada o Moretti esteve a falar-nos de uma *ménage à trois* em que participou. É esse género de cavalheirismo que devo ter?

A minha mãe ficou silenciosa por um momento e eu fechei os olhos com força, imaginando-a a ter um ataque cardíaco. E depois:

— É *exatamente* disso que estou a falar! Ele seduziu duas mulheres para estarem com ele. Só te estou a pedir que o consigas com uma. — E desligou.

Eu ainda estava ali a olhar para o telefone quando a Blair saiu apressadamente.

— Obrigada por esperares — disse ela sem fôlego. — Já estou pronta. — Deteve-se ao reparar na minha expressão irritada. — Que se passa?

— A minha mãe.

— Que se passa com ela?

Abanei a cabeça.

— Sabes que mais? Que se dane. Vamos comer.

Lado a lado, caminhámos alguns quarteirões até ao The Bulldog Pub. Estava uma noite quente e, na brisa, detetei novamente o aroma a baunilha.

— Escuta — disse eu, aumentando a distância entre nós. — A minha mãe ainda vai fazer alguns telefonemas para arranjar um quarto até ao Dia do Trabalhador, mas entretanto ofereceu-te um quarto vazio em casa dela.

— A sério? Oh, meu Deus, que querida!

Franzi a testa.

— Ela consegue ser muito querida quando quer, mas preciso de te avisar, tem segundas intenções no que te diz respeito.

— Segundas intenções do género de te arranjar uma mulher para ter finalmente os tais netos que deseja?

— Exatamente.

A Blair riu-se e deu-me uma cotovelada nas costelas.

— Não te preocupes. Não estou à procura de marido. As minhas prioridades para o futuro são estabelecer a minha independência e pôr um negócio a funcionar.

— Eu sei, e tu sabes, mas ela pode ser implacável quando põe uma ideia na cabeça.

— Vou ficar bem. Estou grata por ter onde ficar. Claro que pagarei renda. Ela disse quanto é que o quarto custava?

— Não, mas podes resolver isso com ela depois. O que me lembra outra coisa: normalmente não pago aos meus empregados por baixo da mesa, mas como estarás aqui pouco tempo, é isso que vou fazer, se estiver bem para ti.

— Está perfeito.

— Só há mais uma coisa — disse eu quando nos aproximámos do *pub*.

— O quê?

Virei-me para a olhar.

— A minha mãe diz que o quarto só estará pronto amanhã. Deve ser só mais um dos jogos dela, mas perguntou se não te importavas de passar mais uma noite comigo.

A Blair mostrou-se surpreendida, talvez até feliz.

— Claro que não me importo. Mas está bem para ti?

— Sim. — Na minha cabeça, ouvia a voz da minha mãe a dizer-me que fosse um cavalheiro, contrastando intensamente com a fantasia de ter sexo com ela na minha mesa de jantar. — Desta vez, vou dar-te o sofá.

Sem aviso, ela pôs a mão no meu peito, elevou-se em bicos de pés e beijou-me a bochecha.

— Muito obrigada por tudo, Griffin. Não sei o que faria sem ti.

Caramba, ela era linda. E doce. Inteligente. Sexy. E comovedoramente necessitada de proteção, sem se comportar como uma pessoa carente. Aquela combinação estava a enlouquecer-me.

— Vamos sentar-nos. Preciso mesmo de uma cerveja.

Arranjámos uma mesa para dois na esplanada do *pub*.

— Era aqui que estavam quando eu passei na outra noite? — perguntou ela, pousando a mala aos pés.

— Noutra mesa, mas sim.

Ela estremeceu.

— Quer dizer que viste tudo?

Sorri.

— Todos vimos.

— Bolas. — Ela fechou os olhos e abanou a cabeça. — É tão embaraçoso. Nunca fui uma boa condutora, mas a noite passada foi particularmente humilhante.

— Não és boa condutora?

— Não. Quer dizer, não sou acelera, nem nada disso. As coisas tendem a esbarrar contra mim.

— As coisas tendem a esbarrar contra ti? Que género de coisas?

— Oh, sinais de Stop, suportes para bicicletas, ocasionalmente a parede de uma garagem.

Ri-me.

— Blair, essas coisas não se mexem.

Ela suspirou e revirou os olhos.

— Pronto, talvez seja eu que esbarro nelas. Mas nunca ninguém se magoou. Exceto talvez aquela motorista de autocarro que disse ter ficado com uma dor no pescoço, mas juro que estava *legalmente estacionada* quando bati de traseira no autocarro dela.

Voltei a rir.

— Pensava que não havia nenhuma condutora pior do que a Sra. Applebee, mas tu és capaz de lhe ganhar. Como é que ainda tens carta?

Ela lançou-me um sorriso embaraçado.

— Tinha um advogado *muito* bom.

A empregada veio anotar o nosso pedido de bebidas e deixou-nos

duas ementas. Ignorei a minha — sabia-a praticamente de cor — mas a Blair abriu a dela.

— Então, o que é que é bom aqui?

Respondi às perguntas dela sobre a ementa e ela brincou comigo por a conhecer tão bem.

— A verdade é que não cozinho — disse eu, encolhendo os ombros. — E este sítio é perto, rápido e de confiança. Além disso, como patrocinam a nossa equipa de basebol, gosto de lhes dar negócio.

— Estás numa equipa de basebol?

— Não é uma equipa qualquer. — Inclinei-me para a frente, cruzando os braços diante do peito. — Ficas a saber que estás sentada à frente do primeira-base dos Bellamy Creek Bulldogs, duas vezes campeões da Liga Masculina de Basebol Sénior de Allegan County.

— Meu Deus! — Com a mão a fazer de leque, a Blair abanou a cara como uma debutante prestes a desmaiar. — Tenho a declarar, Sr. Dempsey, que isso é impressionante.

Sorri, percebendo que passara muito tempo desde que levara uma mulher a jantar — e ainda mais tempo desde que desfrutara tanto da companhia de alguém.

A empregada voltou com as nossas bebidas — uma cerveja para mim e vodca com soda e lima para a Blair — e levou os nossos pedidos.

— Então és uma fã de basebol? — perguntei quando ficámos outra vez sozinhos, imaginando-a nas bancadas a aplaudir-nos.

— Hum... acho que sim. — A Blair fingiu pensar nisso, batendo no cheio lábio inferior com um dedo. — O basebol é aquele que se joga num campo em diamante, certo?

Ri-me e peguei na minha cerveja.

— É esse mesmo.

— Então sim, definitivamente. Sou fã de tudo o que envolva diamantes. — Ergueu o copo e tocou com ele na minha garrafa. — Brindemos a um terceiro campeonato, batedor. Mas agora temos de falar de trabalho.

Enquanto esperávamos pela comida, discutimos ideias para revitalizar o negócio na oficina, incluindo a renovação da receção, o

evento do Dia do Trabalhador e uma campanha nas redes sociais.

— Não tenho redes sociais — disse-lhe.

— Isso é parte do teu problema; precisas de ter. — Deu um gole na sua bebida. — Tens um site e isso é bom, mas também precisa de uma renovação. Conheces algum designer de sites?

Pensei um pouco e acabei a cerveja.

— Sabes, a namorada do Dá-Cá, a Lola, é capaz de fazer isso. Posso perguntar -lhe.

Ela pestanejou.

— Quem?

— O Dá-Cá. Oh... desculpa. O Andy. Chamamos-lhe Dá-Cá no trabalho.

— Porquê?

Expliquei-lhe a alcunha e ela riu-se, abanando a cabeça.

— Isso é maldade. Coitado do Andy.

— Ouve, já todos fomos esse rapaz na oficina, que dá chaves de fendas e empilha os pneus. Tem de se começar por algum lado.

— Tu começaste por aí?

— Bolas, sim! O meu pai não me ia poupar só por ser filho dele. Quando muito, ainda me fazia trabalhar mais do que os outros rapazes.

A empregada voltou e pousou os nossos pratos de batatas fritas e hambúrgueres.

— Mais uma rodada? — perguntou, recolhendo a minha garrafa e o copo da Blair vazios.

— Claro — disse eu.

A Blair mordeu o lábio.

— Não devia.

— É por minha conta — disse eu, pensando que ela estava preocupada com o preço. — Bebe outra.

— Obrigada.

Ela sorriu, mas continuava a parecer desconfortável. E parou de falar — a empregada voltou com a segunda rodada e ela ainda não tinha falado.

— Ei! Que se passa? — Dei uma pancadinha com o meu pé no dela

por baixo da mesa.

— Nada. — Polvilhou as batatas fritas com sal. Empurrou-as de um lado para o outro no prato.

— Não acredito Estás calada há quatro minutos completos. Deve ser um recorde.

Esperava que isto a fizesse rir, mas ela apenas me concedeu um sorriso desanimado.

— Estou a sentir-me mal comigo própria.

— Porquê? — Peguei no meu hambúrguer e dei uma dentada.

— Acho que estava só a pensar como tiveste de trabalhar duramente toda a tua vida. Tudo o que tens foi ganho por ti. A mim, deram-me tudo. Não me parece justo.

— Quem disse que a vida era justa?

— Tu percebes o que quero dizer. — Pegou numa batata frita e comeu-a lentamente, como um coelho a roer a ponta de uma cenoura.

— Conta-me mais sobre a tua infância.

— Tipo, o quê?

— Eras bom na escola?

Encolhi os ombros.

— Bom em quê? Comportamento? Não.

— Tinhas boas notas?

— Quando me esforçava.

Ela suspirou, exasperada.

— E esforçavas-te?

— Por vezes. — Dei mais algumas dentadas e pensei no assunto. — Havia algumas disciplinas de que gostava, assim como alguns professores. Esforçava-me para aqueles cuja aprovação me interessava.

— Qual era a tua disciplina favorita?

— Passava muito tempo de castigo. Isso conta?

Ela riu -se.

— Ficavas de castigo porquê?

— Sobretudo por chegar tarde à escola. Agora sou madrugador, mas nessa altura deixava-me dormir constantemente. Também me envolvia em brigas. Era malcriado quando me irritava. Eu e os meus amigos pregávamos partidas e éramos apanhados. — Encolhi os ombros. —

Nada de sério. Só demasiada testosterona contida numa vila pequena.

— Metias-te em brigas? — Ela estava de olhos arregalados. — Com quem?

— Sei lá. Eram só coisas de rapazes estúpidos. Alguém dizia alguma coisa que me chateava, eu respondia, e passávamos a vias de facto. Foi a minha fase de rebeldia.

— Quer dizer que tinhas mau feitio?

Bebi a cerveja.

— Pode-se dizer que sim.

— Ainda tens?

— Por vezes. Mas aprendi a controlá-lo.

— Como?

— Oito anos nos *Marines*.

— Oh. És um *Marine*. — Ela olhou para os meus braços. — Foi aí que fizeste as tatuagens?

— Já tinha feito algumas antes. E a maioria foi feita depois de voltar para casa.

— Nunca tinha visto tantas numa pessoa — confessou ela, parecendo um pouco escandalizada. — Isso dói?

— Já passei por pior.

— Estiveste em missão?

Assenti.

— Três vezes.

— Deve ter sido... — Ela interrompeu-se e suspirou. — Nem sei como acabar a frase. Ia dizer *difícil*, mas parece um comentário estúpido. Claro que foi difícil. É a guerra.

— Foi muitas coisas. Difícil é uma delas.

— Detestas falar acerca disso? — perguntou ela baixinho.

Não respondi imediatamente. Dei mais algumas dentadas no hambúrguer, bebi mais cerveja, e pensei numa forma de responder à pergunta. Normalmente, protejo as minhas barreiras com silêncio, mas havia algo na Blair que me fazia querer baixá-las um pouco.

Mas só um pouco.

— Desculpa — disse ela quando não respondi imediatamente. — Não te queria trazer más memórias.

— Não faz mal. Estava só a tentar traduzir os meus pensamentos por palavras. Nem todos temos três línguas à nossa disposição — disse eu, empurrando-lhe outra vez o pé. — Na maior parte dos dias, sinto que não tenho *nenhuma*.

Ela sorriu.

— Bem, sempre que quiseses os teus pensamentos traduzidos para latim, estou disponível.

Recostando-me na cadeira, virei a conversa para ela.

— E tu? Eras boa aluna, suponho?

— Sim, era.

— E suponho que nunca ficaste de castigo.

— Nem uma vez.

— E mantinhas-te afastada de zaragatas, do gabinete do diretor e dos estúdios de tatuagens?

Ela rodou os cubos de gelo na sua bebida e fitou o copo.

— Acho que tive uma vida muito enfadonha.

Senti-me imediatamente mal.

— Não era isso que queria dizer. Era só que... não sei. Somos diferentes. Tivemos diferentes experiências de vida.

— Julgo que é verdade. A coisa mais rebelde que eu fiz foi arranjar um emprego secreto numa pastelaria.

Parecia tão desanimada por causa disso que tive de me rir.

— Não sei. Pensa na forma como largaste a tua vida anterior, sem saberes o que te esperaria no futuro.

— Algumas pessoas diriam que foi estúpido.

— Bem, eu não digo. — Num impulso, cheguei-me para a frente e peguei-lhe na mão. — Acho que foi corajoso. Acho que algures, dentro de ti, existe uma Blair rebelde, ansiosa por sair e mostrar ao mundo o que é capaz de fazer.

Ela iluminou-se tanto que quase brilhou.

— Achas que devo fazer uma tatuagem?

Tive de me rir.

— Não vamos exagerar. Porque não começamos por te ensinar a mudar um pneu, ou algo assim? Ou como arrancar com um carro sem bateria. São duas das razões mais comuns para as pessoas chamarem

um reboque.

— Isso seria fantástico — disse ela. — Assim também poderia ajudar outras pessoas, não só a mim.

Assenti com a cabeça.

— Aí tens.

Ela baixou o olhar para as nossas mãos entrelaçadas.

— E o que é que te vou ensinar? A falar francês?

— Hum. Não creio que me faça muita falta.

— Tens razão. — Depois riu-se. — Lembras-te daquele episódio de *Friends* em que a Phoebe tenta ensinar o Joey a falar francês?

Abanei a cabeça. Naquele momento só conseguia pensar na forma como ela estava a brincar com os meus dedos, entrelaçando-os nos dela. O meu pénis estava a reagir como se as suas mãos estivessem dentro das minhas calças e não em cima da mesa.

— Bem, não correu bem. Vou pensar noutra coisa qualquer. Oh! — Tirou a mão da minha e ergueu um dedo. — Vou ensinar-te a cozinhar alguma coisa! Assim não terás de encomendar tanta comida.

— Isso é bom — disse eu, acabando a minha cerveja. — Mas não sei se serei muito bom aluno.

— Serás pelo menos tão bom na cozinha como eu na oficina — disse ela. — E aposto que és talentoso com as mãos.

Os nossos olhos encontraram-se. Lentamente, pousei a garrafa vazia na mesa. A parte da frente das minhas calças estava quente e apertada.

As bochechas dela coraram.

— Desculpa, não queria dizer que... não que não o sejas... quero dizer, eu não posso saber se... — Corada, ela cruzou os pulsos diante do peito. — Ajuda-me. Estou a falar e não me consigo calar.

Ri-me.

— Não faz mal. Eu percebi o que querias dizer. — Baixando a voz, disse: — E, para que saibas, foi uma boa aposta: sou excelente com as mãos.

Ela continuou corada enquanto acabávamos de comer, lançando olhares aos meus dedos.

Porra, gostei daquilo. Muito.

Depois de pagar a conta caminhámos de volta para minha casa.

Após alguns minutos de silêncio, ela olhou para mim.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Claro.

— É um bocado esquisito.

— Agora estou nervoso. Mas avança.

— Se soubesses que daqui a um ano morrerias subitamente, mudavas alguma coisa na forma como estás a viver agora?

Olhei-a com preocupação.

— Estás bem?

Ela riu -se.

— Estou. Mas é uma pergunta que me fizeram uma vez, e eu disse que não. Era mentira, claro. E assombrou-me durante muito tempo.

— Ah.

— E então? Mudavas alguma coisa?

— Não. Levo exatamente a vida que quero.

— Isso é fantástico. Admiro mesmo a forma como sempre soubeste o que querias e foste atrás disso.

Pensei por um momento.

— Não sei se é assim. Quero dizer, fui um idiota durante muitos anos. — Estávamos a chegar à porta do meu apartamento e tirei as chaves do bolso.

— Um idiota como?

Encolhi os ombros.

— Quando era mais novo pensava que sabia tudo. Mas não sabia.

— Tudo acerca de quê?

— Da vida. E quando metia uma ideia na cabeça, corria para ela a alta velocidade, tomates de fora. Não tinha qualquer autocontrolo.

Ela voltou a ficar calada por um momento.

— Percebo o que queres dizer. Não que eu tivesse tomates, claro. Mas também pensava que sabia tudo.

Ri-me.

— Provavelmente, toda a gente pensa o mesmo quando tem 18, 21 ou mesmo 25 anos. É preciso maturidade para ver as coisas mais claramente. Aprender as lições certas. — Destranquei a porta e abri-lha, depois segui-a pelas escadas, inalando o seu rasto de baunilha.

No cimo das escadas, ela virou-se para mim.

— Que lições aprendeste?

— Hum? — Passei à frente dela e acendi uma luz na cozinha. Não podia estar sozinho com ela no escuro.

— Acerca da vida. Quais foram as lições mais importantes que aprendeste?

Fui acender o candeeiro ao lado do sofá.

— Aprendi que a força interior é tão importante como a exterior, ou talvez mais. Aprendi que ficar apegado a pessoas, coisas ou ideias dá-lhes demasiado poder sobre ti. E aprendi que a única pessoa em quem podes realmente confiar és tu próprio.

Ela olhou-me do outro lado da sala.

— Caramba, Griffin. Isso é mesmo sombrio.

— Não, não é — disse eu defensivamente. — É prático. E é libertador. Quando percebes que não precisas de mais ninguém para ser feliz, deixas de sentir que te falta alguma coisa. Deixas de a procurar. Percebes que estás bem com o que tens.

— Mas como é que te manténs tão desapegado?

— É para isso que servem as regras.

— Percebo que não és uma pessoa de relacionamentos.

— Não.

— Mas não te sentes solitário, confiando apenas em ti para tudo?

— Estar sozinho não é o mesmo que ser solitário — expliquei-lhe.

— Garanto-te que estou bem. Mas se continuares a falar assim, vou começar a chamar-te Darlene.

Ela riu-se e ergueu as mãos.

— Pronto, pronto, eu paro.

— Ótimo. — Dirigi-me ao corredor, ansioso por pôr fim à conversa. Estava a falar demais. — Vou buscar um lençol para te fazer a cama no sofá.

— Obrigada. Olha, achas que posso tomar um duche rápido?

— Claro. — Continuei a andar, ignorando o sangue que me corria para as partes baixas. Ela ia ficar nua na minha casa de banho. Ia tirar cada pedacinho de roupa, entrar no meu chuveiro e pôr as mãos em todo o seu corpo. Exatamente no sítio onde eu estivera nu esta manhã e onde estaria nu amanhã, masturbando-me a pensar nisso. — Vou deixar duas toalhas em cima da cama para ti — disse, a minha voz falhando, o meu pénis a endurecer.

— Obrigada.

Com o barulho da respiração a aumentar, tirei da prateleira as minhas duas melhores toalhas de banho, as brancas que a Cheyenne me tinha dado no Natal e que não tinham as pontas a desfiar. Nunca sequer as tinha usado, porque as toalhas de um branco tão puro me assustavam — ia arruiná-las num duche depois de um dia de trabalho. Passando a mão lentamente sobre elas, não consegui deixar de pensar que aquele tecido ia estar sobre toda a sua pele nua. Subir e descer as suas pernas, costas e coxas, para baixo e para cima na barriga, nádegas e seios. Depois ela sairia do quarto, banhada e limpa e a cheirar deliciosamente, talvez a usar aqueles calções minúsculos e a t-shirt que mostrava os mamilos empinados.

Seria necessária a força de 20 homens para manter as mãos longe dela.

E eu não tinha essa força.

Oito

Blair

Não vou mentir, fiquei excitada quando me despi no quarto do Griffin. Até me deixei ficar nua por um momento — com a porta bem fechada, claro —, desafiando-o a vir ter comigo.

Ele não veio.

Peguei nas toalhas que estavam em cima da cama e apressei-me para a casa de banho.

— *Que diable, Bisou* — sussurrei para a gatinha que ainda estava escondida na transportadora. — Porque é que estou a comportar-me como uma louca?

O duche soube-me pela vida — lavei o cabelo, depilei as pernas, lavei e enxaguei dois dias de sujidade da viagem e do suor pegajoso do verão. Usei o meu próprio gel de vagem de baunilha, mas confesso que peguei no sabonete *Lava* do Griffin para o cheirar. O aroma era subtil, mas bastou para me causar uma vibração exatamente no meio das pernas.

Pensei naqueles braços grandes e fortes... seria errado querer que me manejassem um pouco sob os lençóis? Lembrei-me da forma como ele me segurara o cotovelo e me arrastara através da casa da mãe, e as minhas entranhas pegaram fogo.

Ele tinha maneiras, mas nem sempre as usava.

Caramba, era tão sensual!

Tomei uma decisão: tinha de o seduzir. Mas como?

Pensei nisso enquanto me secava, esfregava loção corporal na pele, vestia o pijama e escovava os dentes. No final, foi o meu reflexo no espelho que me fez recuperar o juízo.

Por amor de Deus, uma velha t-shirt do Snoopy e um par de calções

de rapaz desbotados?! O meu cabelo estava encharcado, as minhas cuecas eram de algodão cor-de-rosa, como as de uma avozinha — viam-se através do buraco nos calções — e já não podia pagar boas pédicures, por isso os meus dedos pareciam nus e nada sexy.

Nada em mim era *sexy*.

Desistindo da ideia da sedução, apaguei a luz, peguei nas minhas coisas e saí para a sala.

O Griffin estava sentado na cadeira em que eu tinha dormido. Embora as luzes da cozinha estivessem apagadas, o luar jorrava pelas altas janelas da frente, iluminando a sala com um brilho prateado. A simples visão da sua nuca e pescoço causou-me sensações. Quando me aproximei, vi um lençol estendido com cuidado sobre os almofadões e uma almofada de um lado.

— Obrigada — disse eu.

Ele levantou-se e olhou-me.

— De nada. Já estás despachada da casa de banho?

— Sim. — Embaraçada, toquei no meu cabelo despenteado e molhado. — Agradeço-te muito por isto. Sinto-me muito melhor.

— Ótimo. — Ele relanceou por um momento as minhas pernas nuas e depois foi para o quarto. — Acho que vou dar comida à gata e depois vou para a cama.

— Está bem. — Mas eu não queria que ele fosse. — Gostava... esquece.

— O quê?

Abanei a cabeça.

— É estúpido.

— Diz -me.

Olhei para o peito dele enquanto falava — para os bíceps protuberantes debaixo das mangas, para a tinta nos seus braços musculosos e para a largura dos ombros. O desejo acumulava-se no centro do meu corpo, borbulhando como molho de chocolate espesso e quente.

— Gostava de te ter conhecido em circunstâncias diferentes, é só isso.

Ele deu um passo na minha direção.

— Porquê?

— Porque detesto depender assim de ti. Não é que não *queira* ficar outra noite contigo; apenas gostava que não fosse por *necessidade*. — Os nossos olhares encontraram-se. — Gostava que fosse por tu queres.

— E se fosse por ambas as coisas?

— Hum?

— Se fosse por tu precisares *e* eu querer? — Pousou as mãos nas minhas ancas.

— Não tinha pensado nisto dessa forma. — Deslizei as mãos pelo seu peito, pondo-me em bicos de pés. O meu estômago estremeceu. — *Tu queres?*

Ele encostou o meu corpo ao dele, e senti a sua resposta antes de a ouvir.

— Sim.

As nossas bocas uniram-se, quentes, ardentes. Ele beijou-me como eu sempre sonhara ser beijada — de uma forma louca e selvagem, como se fosse um animal faminto devorando a sua presa. O desejo acumulado durante 24 horas dominou-nos, e as nossas mãos atiraram-se às roupas, arrancando t-shirts, calções, desabotoando, puxando fechos, despindo calças de ganga. Quando ficámos nus, os nossos corpos juntos, as mãos deslizando sobre pele quente e suada, ele gemeu e percorreu com a boca um dos lados da minha garganta. Inclinei a cabeça e suspirei sob o rolar decadente da sua língua no meu pescoço.

Pus a mão entre os nossos corpos e agarrei o seu imponente e grosso pénis, esfregando o polegar sobre a ponta, movendo o punho para cima e para baixo, murmurando de apreço e excitação.

Ele gemeu e deslizou uma mão por entre as minhas coxas, acariciando-me com toques surpreendentemente suaves e gentis, até eu julgar que morria se ele não me penetrasse. Meneei as ancas sobre a sua mão e ele deu-me o que eu queria, deslizando um dedo longo para dentro de mim, usando a almofada da mão no meu clítoris. Depois tirou o dedo e esfregou o sedoso ponto quente e húmido com círculos rápidos e senti que um alarme estava prestes a explodir

dentro de mim.

— Oh, céus — murmurei, embaraçada por poder vir-me tão depressa. Tive de lhe segurar ambos os ombros para me manter de pé. — Sabe tão bem. Eu não... tanto tempo... não pares... sim, sim, sim... — Explodi em vibrações quentes, os músculos contraindo-se uma e outra vez. Mas estava gulosa e sedenta de mais. Queria-o dentro de mim. Queria que ele perdesse o controlo como eu. Queria fazê-lo vir - se.

Mas, primeiro, as minhas pernas cederam.

Ele segurou-me — claro que sim — agarrando-me pelo fundo das costas e erguendo-me de encontro ao seu corpo. Enrolei as pernas na sua cintura e as nossas bocas colidiram de novo, as línguas sondando, os dentes a chocarem, os lábios muito abertos. Com os cotovelos nos seus ombros, deslizei-lhe as mãos pelo cabelo enquanto ele me amassava o rabo. Preso entre nós, o seu pénis era longo e escorregadio e todo o meu corpo irradiava com a necessidade de o ter profundamente dentro de mim.

— É demasiado atrevido da minha parte dizer que te desejo? — Ofeguei de encontro à sua boca. — Tipo, agora mesmo?

Em vez de responder, ele aproximou-se do sofá e pousou lá um joelho, deitando-me de costas em cima do lençol.

— Não te mexas — ordenou.

Apoiada nos cotovelos, fiquei onde estava, vendo-o correr para o quarto. As suas costas nuas eram perfeição — ombros largos, cintura estreita, rabo perfeito. Cerrei os punhos, ansiosa por enterrá-los naquela carne musculosa.

Ele voltou pouco depois e a visão do seu corpo ao luar roubou-me a respiração. Santo Deus, será que algum homem merecia tal perfeição física? Pensei que ia hiperventilar quando ele rasgou a embalagem do preservativo e o desenrolou sobre o pénis. Os meus dedos já estavam a encurvar.

Ele ajoelhou-se por cima de mim.

— És tão bonita.

— Estava a pensar o mesmo de ti.

— Não. Sou um mecânico sujo que não consegue controlar as mãos.

Nem a pila.

Abri um pouco mais os joelhos.

— Não me provoques.

Ele baixou a boca sobre um seio, lambendo-me o mamilo. Segurou o outro, enchendo a palma da mão, dedilhando a ponta rígida com o polegar. Gemi quando ele chupou e mordiscou e me atormentou. Prendi-lhe a cabeça com as mãos e o meu corpo ansiou por ele.

— Griffin, por favor — supliquei.

Ele finalmente cedeu, preenchendo-me lentamente, de olhos fechados, boca aberta.

Ele gemeu e praguejou, esforçando-se por se controlar. Eu respirava com dificuldade enquanto ele crescia dentro de mim, preenchendo-me. Senti o meu corpo contrair-se por reflexo, antes de começar a relaxar.

— Estás bem? — perguntou ele.

— Sim. E tu?

— Não sei bem. Dá-me um segundo.

Dentro de mim, senti uma única vibração reveladora, ouvi-o murmurar uma série de palavrões e ri-me.

— Está quase?

— Chiu.

Só para ser má, meneei as ancas debaixo das dele.

— És tão grande que dói — murmurei no seu ouvido. — Mas o teu corpo está a enlouquecer-me. Nunca desejei tanto ninguém em toda a minha vida.

— Eu sabia que me trarias sarilhos — disse ele, enquanto eu lhe beijava o queixo, lhe afagava o pescoço com a língua, movia as mãos para o fundo das costas e por cima do rabo. — Desde que te vi sair do carro, juro por Deus que soube.

— Vais castigar-me por isso? — provoqueei, puxando-o mais para dentro, levando a que ambos arquejássemos em simultâneo.

— Não sabes no que te estás a meter, princesa. — A sua voz estava rouca com a luta para se controlar.

— Então é melhor mostrares-me.

Foi como se tivessem ligado um interruptor no corpo dele —

irrompeu em vida por cima de mim, e de repente vi os meus pulsos cruzados e presos por cima da cabeça, os braços imobilizados pela sua força. Entrou em mim com investidas fundas e poderosas — lentamente, ao princípio, fazendo-me inalar asperamente a cada uma. Consegui ser duro e autoritário sem ser mau, e a dor começou a misturar-se com o prazer de saber que tudo o que eu sentia era por capricho dele. Sabendo que cada respiração entrecortada dele era por mim. Sabendo que cada gemido agonizante significava que ele estava a torturar-se, controlando-se para durar o máximo.

Por vezes parava, completamente dentro de mim, e realizava um movimento mágico em espiral com as ancas que fazia o meu corpo vibrar de fome e desejo. A base do pénis roçava-me o clítoris e eu não conseguia falar, não conseguia implorar, não conseguia respirar. Debatí-me para libertar os braços, sem resultado. A minha cabeça rolava de um lado para o outro — ele estava tão insuportavelmente fundo — tudo dentro de mim se apertava cada vez mais, as minhas entranhas eram como um torno em redor do seu pénis e a minha tensão subia a alturas impossíveis — e de repente eu estava a cavalgar o mais intenso e glorioso orgasmo que alguma vez experimentara.

Ou talvez fosse o orgasmo dele que eu sentia — fundo, rítmico e trovejante —, a sua força latejante esmagando-me os ossos, fazendo-me tremer por dentro, rasgando-me o corpo em pequenos pedaços que se dispersaram como estrelas pelo céu.

Aquilo era real?

Eu não tinha a certeza — nem quando ele tombou em cima de mim, nem quando o cheiro a baunilha e a sabonete *Lava* e a sexo se misturaram na minha cabeça, nem quando ele finalmente me soltou os pulsos e eu pude voltar a mexer os braços.

Só quando ele se ergueu do meu peito e me perguntou se estava bem é que me senti regressar à terra.

— Não sei — respondi, ainda sem fôlego. — Parece-me que tive uma experiência fora do corpo.

Uma gargalhada rugiu na sua garganta.

— Bem, eu tive uma experiência dentro do teu corpo. E foi fantástica. Desculpa se foi demasiado rápido e não chegaste lá.

— Não foi, e cheguei. — Esfreguei as palmas das mãos para cima e para baixo nos seus ombros. — Foi perfeito. Nunca tinha tido um orgasmo assim. Não sei o que fizeste, mas, se o meu corpo tem uma língua, tu sabes falá-la.

— Ótimo. — Ele parecia orgulhoso. Deu-me um beijo nos lábios. — Eu já volto.

Levantou-se do sofá e eu virei-me de barriga para baixo, puxando a almofada fresca para debaixo da minha bochecha. O meu coração ainda batia erraticamente e eu estava em pele de galinha, embora a sala estivesse quentíssima. O lençol debaixo de mim estava húmido.

Mas não me importei. O meu corpo estava completamente relaxado, a minha mente descontraída, e tinha a sensação distinta de que estava exatamente onde devia estar. Talvez este não fosse o meu destino final, mas fazia parte da jornada para lá chegar, e eu sabia que estava na estrada certa.

Um momento depois ouvi o Griffin na cozinha.

— Vou só dar comida à gata — explicou-me. — Ela está ali a fazer uma algazarra.

— Se calhar, acordámo-la.

— Provavelmente acordámos o quartoirão inteiro. Tenho as janelas abertas.

Ri-me.

— Ainda bem que somos casados, se não seria um escândalo.

Ele resmungou.

— És tão má como a minha irmã. Quando é que te vais embora de Bellamy Creek?

— Assim que reparares o meu carro.

— Certo. É um bom incentivo. — A porta do frigorífico abriu-se e fechou-se. — Já volto.

— Está bem — respondi, com as pálpebras a fecharem-se. Estava quase a dormir quando senti a sua mão nas minhas costas.

— Ei.

Sorri e abri os olhos.

— Olá.

Ele agachou-se ao meu lado.

— Liguei o ar condicionado do quarto. Porque é que não dormes lá comigo?

— Isso não é contra as regras?

— Sim. Mas, de qualquer maneira, já quebrámos as regras esta noite.

— Está bem. — Sentei-me no sofá e olhei para ele. Vestira boxers, mas a visão do seu peito nu ameaçou reatear o meu fogo. De facto, não consegui evitar que a minha mão traçasse as letras de uma das tatuagens perto da sua clavícula.

— E achas que vamos comportar-nos melhor no teu quarto?

— Dificilmente. Mas estou disposto a correr o risco.

Deixei tombar a mão no colo e encontrei os seus olhos na escuridão.

— Não quero que isto pareça esquisito, mas tens a certeza de que não há problema? Em geral, sempre fui muito cumpridora das regras, e quero respeitar as tuas, mas gostei mesmo destes orgasmos, por isso...

— Caramba, Blair. — O Griffin passou a mão pelo cabelo. — Não estás num tribunal. É só sexo. É só uma noite. Agora para de falar e vem para a cama.

Quando ele pôs as coisas dessa maneira, tive de concordar. Passaria a noite seguinte noutro sítio qualquer, e ele nem tinha de se preocupar com isso. Mais valia cozinhar enquanto o forno estava quente.

— OK.

Ele pegou-me na mão e conduziu-me para o seu quarto. Quando passámos pela mesa da sala de jantar, reparei na transportadora da gata encostada à parede.

— Mudaste-a para aqui? — perguntei.

— Sim. Não quero que estejas sempre a acordá-la.

— Eu? — Ri-me quando entrávamos no quarto.

— Sim, tu. — Ele fechou a porta, despiu os boxers e empurrou-me para cima da cama.

— Tu também fizeste muito barulho, sabes? — informei-o, enquanto ele subia pelo meu corpo, os seus lábios premindo-me beijos na barriga, nos seios, na garganta, até o seu rosto pairar por cima do meu. Na minha coxa, senti que ele estava a endurecer novamente.

— Ai, sim?

— Sim. Acho que aprendi alguns palavrões novos esta noite.

Ele riu-se — um rugido baixo e gutural — e virou-se de costas, pondo o meu corpo por cima do dele.

— Feri as tuas delicadas sensibilidades?

— De várias maneiras — disse eu, sentando-me sobre as suas ancas.

— Mas estou sobretudo feliz por teres dado o primeiro passo. Eu estava na casa de banho a tentar arranjar formas de te seduzir com a minha t-shirt do Snoopy e calções rasgados. Não me estava a correr bem.

— Deve ter sido um belo espetáculo.

Inclinando-me para a frente, apoiei as mãos nos seus ombros e movi-me para a frente e para trás ao longo da extensão do seu pénis, o meu cabelo húmido largando o aroma a maçã do champô.

— Ainda posso tentar dar-te um belo espetáculo. Tirando a t-shirt do Snoopy, claro.

Ele pôs-me as mãos nas ancas, enterrando os dedos na minha pele e erguendo a boca para os meus seios. Inalou profundamente enquanto a sua língua acariciava o meu mamilo duro e vibrante.

— Cheiras sempre tão bem. Isso enlouquece-me. Não consigo tirar as mãos de cima de ti.

— Ótimo. — Gemi quando ele tomou o pico endurecido entre os dentes e o lambeu. — Embora isso possa dificultar um pouco toda a nossa relação patrão/empregada.

Ele atirou a cabeça para trás.

— Que se lixe. Ainda não és oficialmente minha empregada. Isso começa amanhã.

— E isto acaba? — Movi-me para trás e para diante um pouco mais depressa. Estava novamente húmida e ansiosa, o meu desejo por ele insaciável.

— Sim, isto acaba — disse ele, respirando mais ofegantemente. — Temos acordo?

— Absolutamente. Não precisamos de complicações.

— Ótimo. Agora para de te mexer dessa maneira, antes que me descontrolo e me venha sobre a minha própria barriga.

Rindo, voltei a sentar-me enquanto ele procurava um preservativo na gaveta da mesa de cabeceira.

— Deixa-me pôr — disse eu, tirando-lho.

Ele deitou-se para trás apoiado nos cotovelos e viu-me abrir a embalagem e colocar-lhe o preservativo na ponta. Então, esperando tornar o ato inaugural do meu espetáculo mais memorável, debrucei-me sobre ele e usei a boca para o desenrolar, excitando-lhe os mamilos com a ponta dos dedos durante o processo. Quando levantei a cabeça, o queixo do Griffin estava caído praticamente até ao peito.

— Onde raio aprendeste a fazer isso?

Eu sorri como o gato de Cheshire.

— No colégio interno.

— Havia rapazes no teu colégio interno?

— Claro que não. — Posicionei-me por cima dele e deslizei lentamente pela extensão do seu pénis. — Mas até te passavas se soubesses como uma data de raparigas de 17 anos conseguem ser porcas quando estão encafuadas num dormitório com uns quantos preservativos roubados e um cacho de bananas. Além de todas as fantasias que me vinham à cabeça quando estava sozinha na cama à noite.

Ele segurou-me o rabo e o seu pénis estremeceu dentro de mim.

— Diz -me.

— Bem, não sei... — brinquei, imitando o sotaque de uma donzela do Sul. Cobri os seios com as mãos, um bónus que os fazia parecer maiores e mais empinados, e prossegui. — Na verdade, sou bastante tímida. Passo o tempo quase todo sozinha no meu quarto. Mas observei-te na vila, na estação de serviço, e adorei a forma como tu... — Inclinei-me para a frente para criar efeito, tornando a minha voz mais ofegante. — ... bombeias a gasolina.

— Ai é? — Por baixo de mim, as ancas dele começaram a fletir.

— Fiquei muito bem impressionada ao ver as tuas mãos a trabalhar.

— Empilhei o cabelo no cimo da cabeça, meneando as ancas sinuosamente. — Anseio por ter essas mãos em cima de mim.

Respirando rápida e pesadamente, o Griffin deslizou as palmas das mãos pelos meus flancos e seios. Depois, uma das mãos deslizou pela

minha barriga e usou o polegar no meu clítoris.

— Sim, exatamente isso — arquejei. — Admito que tenho olhado para ti um modo nada próprio de uma senhora. Tentei imaginar o teu corpo debaixo dessa roupa. Como seria despir-me à tua frente. Aonde é que isso poderia levar.

A respiração do Griffin tornara-se mais laboriosa, o pénis ainda mais grosso dentro de mim. Moveu o polegar sobre o meu clítoris, com toques rápidos e insistentes, fazendo todo o meu corpo irradiar de desejo.

— Então escapuli-me para o teu quarto esta noite — sussurrei. — Sei que me portei mal, sei que serei castigada, mas quando te vi a dormir nu, passou-me uma coisa pela cabeça. Tinha de te ter. — Pousei as mãos no peito dele, brincando novamente com os seus mamilos, puxando-os, passando os dedos sobre os pelos, deslizando as palmas sobre os abdominais ondulantes. — O teu corpo tira-me o fôlego. Todos esses músculos e tatuagens, a forma como te moves. E isto... — Detive-me, cerrando os músculos em volta dele. — *Isto*. Bastou uma olhadela ao teu pénis grande e duro e soube que tinha de o ter. Tinha de o sentir. Tinha de te fazer vir dentro de mim, ou enlouqueceria.

— Foda-se — gemeu ele.

Sabia que ele estava perto.

Eu também.

Estava na altura do grande final.

Movi as mãos para os meus seios, acariciando-os de modo sensual.

— E vou confessar-te outra coisa; uma coisa tão malvada que nem quero dizê-la em voz alta: por vezes toco-me e finjo que és tu. Exatamente como estás a tocar-me agora. E algo acontece dentro de mim, e sabe tão bem que não quero parar, e suplico-te que me fudas, mais depressa, sim, sim, sim, assim mesmo. — E quando o Griffin começou a menear as ancas mais violentamente sob as minhas, tombei para a frente, apoiando as mãos na cabeceira da cama. — Suplico-te que não pares porque quero vir-me sobre o teu pénis, e depois tu...

Mas foi o mais longe que cheguei antes de o Griffin atingir o clímax e entrar em erupção, gemendo longa e sonoramente, investindo o

pénis em mim, uma e outra vez. O que me provocou nova explosão de fogos de artifício, e me fez cavalgar mais um orgasmo semelhante a um terramoto, gritando de euforia a cada intensificação do prazer e suspirando quando as últimas vibrações de êxtase acalmaram.

Quando recuperei os sentidos, ainda estava a montá-lo, tinha o peito encostado ao dele e a cara enterrada no seu pescoço. Inalei o seu aroma, inebriada.

O Griffin estava silencioso e imóvel, exceto pelos movimentos oscilatórios da sua respiração. Pensei que tinha adormecido, mas depois senti as suas mãos acariciarem-me as costas.

— Ainda estás acordado — sussurrei.

— Pouco.

— Que tal foi o espetáculo?

— O melhor que já vi.

Sorri.

— A sério?

— Sim. Fazes *encores*?

— Já? — perguntei, o choque evidente na minha voz.

Ele riu -se.

— Não. Preciso de um intervalo.

— Ótimo. O meu contrato diz que tenho direito a uma sesta entre atuações. — Beijei-lhe a clavícula e rolei para o outro lado da cama.

Ele beijou-me o ombro.

— Volto já. Tens sede?

— Sim.

— Eu também. Vou buscar água.

— Obrigada.

Ele foi à casa de banho e depois à cozinha, e eu saí da cama para ir também à casa de banho. Quando voltei, ele já estava debaixo dos cobertores.

— Toma — disse ele, pegando numa das duas garrafas de água na mesa de cabeceira para ma oferecer.

— Obrigada.

Ajoelhando-me na cama, peguei na garrafa de água fresca, abri-a e bebi-a toda.

— Estavas *mesmo* com sede — disse ele, pegando na garrafa vazia.
— Deve ter sido aquela conversa toda.

— Confessa. — Dei-lhe uma palmadinha no ombro. — Esta foi uma ocasião em que até querias que eu continuasse a falar.

— Está bem, confesso. Foi a melhor história de embalar que já me contaram.

— Ótimo. — Embora me apetecesse aninhar-me nele, meti-me entre os lençóis e virei-lhe as costas, lembrando-me de que ele não era de mimos.

Por isso fiquei surpreendida quando o senti encostar-se às minhas costas, aninhando a curva da minha coluna no seu corpo.

— Quero outra amanhã à noite.

Sorri no escuro.

— Bem, não sei. Não tens uma regra qualquer contra isto?

— Normalmente, sim. Mas nada nesta situação é normal.

— É verdade. E o nosso acordo?

— Qual acordo?

— O que fizemos, estabelecendo que isto entre nós termina esta noite, visto que amanhã serás *oficialmente* meu chefe.

— Hum. Bem, não cumprir um acordo não é exatamente o mesmo que não cumprir uma promessa, pois não? Quero dizer, se ambas as partes concordarem em... renegociar os termos, acho que é justo.

— Também acho.

— Então, temos acordo?

— Temos acordo.

Ele fechou uma mão sobre o meu seio e voltou a beijar-me o ombro.

— As renegociações começam no fim do dia de trabalho amanhã. — Fez uma pausa. — Assumindo que posso esperar tanto tempo.

Ri-me.

— Vou tentar não te provocar.

— O problema é esse, princesa — disse ele. — Tu provocas-me mesmo sem tentares.

Por uma vez, não tinha vontade de continuar uma conversa. Adormeci com os seus braços em redor de mim, as suas palavras ainda melhores do que um sonho.

Quando acordei, ela não estava na cama.

Por um momento, nem me lembrava de que tinha estado, mas uma inalação mais profunda permitiu-me sentir ainda o cheiro do seu champô ou sabonete ou lá de onde vinha aquele aroma de fazer crescer água na boca que perdurava nos lençóis.

Sem vergonha, enterrei a cara na almofada dela e concedi-me mais uma longa e lenta inalação. Delicioso! Depois voltei a deitar-me por um minuto, com as mãos atrás da cabeça, contemplando tudo o que tinha acontecido.

Definitivamente, eu quebrara algumas regras.

E, se a memória não me falhava, tinha pedido à Blair para repetir.

Deveria preocupar-me que alguma dessas regras quebradas viesse a assombrar-me? Apesar de termos passado juntos as últimas 36 horas, até que ponto é que eu a conhecia? Como é que podemos conhecer *alguém* depois de um dia e meio, mesmo que passemos algumas dessas horas nus?

Mas, caramba, essas horas tinham sido boas. Melhores do que boas. Incríveis. Ela surpreendera-me, e muito poucas pessoas o faziam. Por fora, era toda doçura e luz. Delicadeza e polimento. Mas a sós no escuro era ansiosa e agressiva, barulhenta e ousada. E se ocasionalmente eu ficava chateado por ela falar tanto durante o dia, adorava isso na cama.

Eu pouco falara, apesar de ter coisas porcas na ponta da língua durante todo o tempo. Ainda não sabia bem até que ponto ela gostava de sujo e duro, por isso deixara-a estabelecer o tom e seguira a sua orientação.

Talvez esta noite forçasse um pouco mais os limites.

O meu pénis, já a endurecer por causa do cheiro dela, que se demorava na cama, ficou completamente hasteado. Gemendo, afastei os lençóis e levantei-me.

O trabalho antes da diversão — era uma regra que eu não podia quebrar.

*

— Que é isto? — Encontrei-a na cozinha a procurar nos armários de cima, com a t-shirt do Snoopy e umas cuecas roxas. Sabia que eram roxas porque sempre que ela se esticava e abria outra porta, as via espreitar debaixo da t-shirt.

— Estou à procura de ingredientes para bolo.

— De certeza que não tenho nada.

— Há algum mercado que abra cedo? Queria fazer alguma coisa para servir na receção hoje.

— Há um em Maple que abre cedo, acho eu.

— Também fiz café, espero que não te importes. E dei comida à gata. Acho que ela gosta do sol a entrar pelas janelas da frente. Está ali enrolada no chão. — A Blair pousou em cima da bancada uma tigela misturadora que eu nem sabia que tinha, antes de se virar para mim.

— Bom dia.

— Bom dia. — Sorri. Ela trinava como um pisco mesmo às 6 da manhã, mas agradava-me a sua aparência, descalça e desgrenhada. — Não estou habituado a ver ninguém na minha cozinha.

Ela parecia culpada.

— Sou uma madrugadora. E gosto de começar a trabalhar.

— Tudo bem. Eu também.

Ela pegou no café e deu um gole.

— Já estás vestido.

— Sim. Tenho de sair mais cedo às quintas-feiras por causa do jogo, por isso também começo mais cedo.

— É noite de jogo da tua equipa de basebol? — Ela encostou-se à

bancada.

— Sim.

— Posso ir assistir?

— Hum, claro. O jogo é às 7 da tarde. — Era difícil não olhar para as suas pernas nuas e recordar a forma como ela se sentara em cima de mim na noite anterior. Começava a sentir outra ereção. Não tinha sido fácil livrar-me da primeira, há cinco minutos, por isso percebi que era melhor sair dali depressa. — Tenho de ir.

— Não queres café?

— Faço um lá em baixo.

— Acabou-se, lembras-te?

— Oh, pois é. — Franzí a testa. — Podes encomendá-lo hoje? A minha mãe mantinha-nos sempre fornecidos, mas não sei onde é que o comprava.

— Eu trato disso. Entretanto, compro café no mercado, esta manhã.

— Obrigado. Guarda a fatura que eu pago-te depois.

Ela ergueu os ombros.

— Não estou preocupada.

— Está bem. — Hesitei um pouco, sem saber o que devia fazer. Dava-lhe um beijo de despedida? Fazia-lhe um aceno enquanto me dirigia para as escadas? Agradecia-lhe pela noite passada? Normalmente fazia as minhas saídas pós-sexo ao abrigo da escuridão. Isto era muito diferente.

Enquanto eu estava ali a pensar, a Blair pousou a chávena e veio ter comigo, limpou alguma poeira dos ombros da minha camisa azul de trabalho e começou a abrir um botão.

— Tem um bom dia de trabalho no escritório, querido. — Depois beijou-me a bochecha e recuou. — Era disto que estavas à espera?

Fiz-lhe cara de mau, resmungando entre dentes, e virei-me para descer as escadas. Quando atravessei a porta, ela ainda estava a rir-se.

*

Passei umas abençoadas duas horas e meia sozinho, tirando os dois minutos em que a Blair desceu com uma chávena de café para mim e

pediu instruções para chegar ao mercado de Maple Street, que ela verificara que abria às 8 horas.

— Então, quando sair daqui, viro à esquerda na Main, à direita na Maple, e depois avanço alguns quarteirões? — perguntou ela, olhando para o mapa no seu telefone.

— Correto.

Ela ergueu os olhos e endireitou os ombros.

— Faz figas por mim. Com um bocadinho de sorte, estarei no atendimento com café fresco e scones pelas 10 horas. Caso contrário, vai procurar-me, porque me perdi.

— Com certeza. — Observei-a a sair enquanto tomava um gole do café simples a esquentar que ela me trouxera. Hoje usava outro vestido curto, este azul-claro com flores. Tinha uma espécie de lacinho a atar no peito e enquanto ela estivera ali, parte de mim sentira-se tentada a pegar numa ponta com os dentes e desfazê-lo. Abanando a cabeça, pousei a chávena ao lado do computador e voltei ao trabalho.

Aquela rapariga distraía-me, por isso mantive-me a trabalhar na oficina, que era o meu lugar, mesmo depois de ela espreitar para eu saber que já estava à secretária, com café acabado de fazer e scones caseiros.

O McIntyre chegou pouco depois, com uma expressão amuada e uma disposição azeda.

— A Emily ainda está zangada por causa daquela cena da festa? — perguntei.

— Não, agora é por outra coisa completamente diferente. És capaz de ter razão em relação a isto do para sempre — resmungou. — Já será muito tarde para voltar atrás?

Ri-me sem dizer mais nada enquanto continuava a trabalhar num *Honda* antigo cuja proprietária deixara o namorado idiota trocar o motor original de quatro cilindros por um V6. Ele pedira o meu conselho quando trouxera o carro por causa de um problema no pisca — era o género de imbecil que queria ficar ali a ver-me trabalhar, porque sabia tudo acerca de carros — e eu explicara-lhe que, tecnicamente, podia ser feito, mas apenas por um mecânico certificado, pois requeria muitas modificações.

Será que ele foi fazê-lo na mesma? Claro que sim.

E agora eu tinha de corrigir a porcaria que ele tinha feito. Era um trabalho entediante e caro, o gênero de coisa que normalmente me poria maldisposto. Hoje, porém, a minha disposição estava ótima.

— Estás a assobiar, Griffin? — perguntou o McIntyre por volta do meio -dia.

— O quê? Não.

— Estavas, pois. Eu ouvi. Que aconteceu, deste uma queca?

— Vai-te lixar. — Mas ainda bem que ele não conseguia ver a minha cara.

— Deste. Eu conheço-te.

— O quê? O Griffin deu uma queca? — O Dá-Cá apareceu, limpando as mãos a um pano azul. — Foi com a nova rececionista?

— Podem parar com isso? Não é da vossa conta se dei uma queca ou não.

— Mas deste, não deste? — O McIntyre tinha um sorrisinho cúmplice. — Onde é que ela dormiu na noite passada, Dempsey?

Cerrei os maxilares e voltei ao trabalho no *Honda*.

Ele desatou a rir-se.

— Pois, a Emily contou-me a história de como a salvaste de dormir no carro. Ontem não contaste essa parte da história, quando disseste que ela estava só de passagem.

Maldita Cheyenne. A Emily era a melhor amiga dela, por isso, fora decerto a minha irmã que dera com a língua nos dentes assim que eu deixara a casa da minha mãe.

— Isso quer dizer que ela está aqui para ficar?

— Não — retorqui. — Quer dizer que a minha irmã não é capaz de manter a boca calada nem para salvar a própria vida, e não se consegue manter nada privado nesta terra.

— Se eu fosse a ti, mantinha-a cá — disse o Dá-Cá. — Já provaste uma daquelas coisas que ela trouxe esta manhã? Só me deixou comer *um* porque são para os clientes, mas era mesmo bom. E a receção cheira a bolos.

O McIntyre já estava a dirigir-se para a porta quando o chamei.

— Ei! Onde pensas que vais?

— Vou só cheirar a receção — disse ele.

Eu sabia que ele ia cheirar coscuvilhices, por isso segui-o, pegando num pano. O Dá-Cá foi logo atrás de mim.

Na receção, a Blair brilhava atrás da secretária, conversando com o velho Dodson, que estava a comer qualquer coisa. Senti o cheiro a café fresco e a algo doce, e ela escancarara a porta da frente, deixando entrar a brisa de verão e a luz do sol.

Chamou-nos com um gesto.

— Olá, rapazes. Provem uns scones. Aqui o Sr. Dodson veio só para comer um. Já tinha ouvido falar deles.

— A sério? — perguntei, entrando na receção. As minhas mãos não estavam limpas, por isso impedi-me de tirar um scone da bandeja. Aquilo tinha vindo de minha casa? Mas tive de admitir que pareciam deliciosos. Dourados e fofos e a escorrer uma espécie de cobertura açucarada que fez a minha mente derivar para território inapropriado.

— Pois ouvi. — O Sr. Dodson acabou o scone e esfregou as mãos. — Acabei de ver o Charlie Frankel no restaurante e ele disse que tinha estado aqui esta manhã e comido uns bolos maravilhosos. Não se lembrava do nome, mas disse que era a melhor coisa que provara em anos.

A Blair sorriu e disse-me:

— O Sr. Frankel veio marcar uma revisão e ofereci-lhe um scone. Parece que ele gostou.

— Parece que sim. Apareceu no restaurante a falar disso, contou a toda a gente que era a melhor coisa que comia desde a tarte de maçã da Betty.

— Houve pelo menos *três* outras pessoas que vieram cá dizer olá e comer um, depois de terem ouvido o Sr. Frankel no restaurante — disse a Blair orgulhosamente.

— Marcaram alguma reparação? — perguntei.

— Não — admitiu ela. — Mas apresentaram-se e falaram bem do teu pai. Alguns disseram que voltariam em breve.

— O Frankel, provavelmente, vai voltar todas as manhãs — disse o Sr. Dodson. — Acho que está apaixonado pela tua mulher.

Suspirei pesadamente, fechando os olhos.

— Ela não é minha mulher.

— Também aponte os nomes e e-mails deles para a nossa lista — continuou a Blair. — Disse-lhes que era para mandar um convite para a festa.

— Qual festa? — quis saber o Dá-Cá.

— É uma boda? — brincou o McIntyre.

— *Não*. Falamos disso mais tarde — disse-lhes, olhando novamente para a bandeja. Eu nem sabia bem o que era um scone. — Então, isto afinal leva o quê?

— Estes são de mirtilo, limão e tomilho — informou a Blair. Chamo-lhe MLT. — Sorriu triunfalmente. — Prova um. Fiz muitos.

— Não posso. Tenho as mãos sujas.

— Toma. — Ela pegou num e levou-mo aos lábios.

Dei uma dentada, consciente de que toda a gente na sala estava a observar -nos.

Porém, ao provar a sua criação, admito que compreendi porque é que o viúvo Charlie Frankel poderia voltar todas as manhãs.

— Caramba! Isto é bom. Pensei que fosse doce como um dónute.

Ela abanou a cabeça e sorriu orgulhosamente.

— As minhas coisas favoritas são ao mesmo tempo doces e salgadas. E eu adoro a forma como o tomilho e o limão contrabalançam o açúcar e a fruta. Toma, come mais um pouco. — Segurou o scone de novo ao pé da minha boca, e dei mais uma dentada. Enquanto a cobertura de açúcar se dissolvia na minha língua, perguntei-me se era assim que ela sabia. Porque é que não a tinha provado na noite anterior? Fiz uma nota mental para corrigir isso o mais depressa possível.

— Queres comer o resto? — A Blair levantou o scone. — Posso embrulhá-lo, e acabas mais tarde.

— Claro. — Vi-a embrulhar o scone cuidadosamente num guardanapo branco, que tirou de um molho ao lado da bandeja. — Podes guardar-mo? Acabo-o quando fizer o intervalo para almoçar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Por falar em almoço, avisa-me quando estiveres pronto. Posso ir outra vez ao café.

O Dodson dirigiu-se para a porta.

— Acho que é melhor ir para casa almoçar também. A Edna fica chateada se me atrasar mais de cinco minutos. — Virou-se de novo para nós. — Mas vou dizer-lhe para vir cá provar uma coisa dessas. O carro dela até precisa de uma mudança de óleo. Achas que podes encaixá-la esta tarde?

— Claro — disse eu. — Mas diga-lhe para vir antes das quatro.

— Certo.

Quando ele saiu, virei-me para a Blair.

— Bom trabalho!

Ela corou.

— Obrigada. É um começo, pelo menos.

Avancei para a porta e abri-a.

— Vá lá, rapazes. Voltem ao trabalho.

— E eu não provo um daqueles? — choramingou o McIntyre.

— Mais tarde — disse eu. — Temos que fazer, e vamos sair mais cedo esta tarde, por causa do jogo.

Mas a Blair embrulhou rapidamente um scone para o McIntyre e entregou-lho, com um dedo sobre os lábios. Ele aceitou-o e olhou-me com uma expressão triunfante quando passou por mim a caminho da oficina.

Seguia mesmo atrás dele quando ouvi a voz da minha mãe.

— Olá, queridos! — gritou ela, entrando a coxear atrás de um andarilho, como se eu não a tivesse visto a andar perfeitamente bem sem ajuda no dia anterior.

— Minha vida, há aqui algo com um cheiro maravilhoso!

Virei-me e suspirei.

— Que fazes aqui, mãe?

— Vim ver a que se devia tanto alvoroço! Diz-se por toda a vila que a Blair é a nova Betty.

Abanei a cabeça.

— Santo Deus!

A minha irmã entrou a seguir, bebendo um café frio por uma palhinha.

— Olá, mano mais velho. Que tal a vida de casado?

— Queres parar com isso?

— Não. Gosto da forma como isto te irrita.

— Alguma vez te fiz algum mal? — perguntei-lhe.

— Ah! Queres a lista que iniciei quando tinha 7 anos, começando por teres arrancado as cabeças de todas as minhas Barbies e as teres enterrado pelo quintal?

— Ainda no outro dia disseste que eu era o melhor irmão mais velho do mundo.

Ela encolheu os ombros.

— Isso foi porque precisava de te pedir uma coisa. É assim que funciona.

Olhei para a minha mãe.

— É por isto que não vou ter filhos.

Depois empurrei os rapazes para a oficina e bati a porta atrás de mim.

Blair

Não pude deixar de me rir.

— Ele fez mesmo isso? — perguntei à Cheyenne. — Enterrou as cabeças das tuas Barbies no quintal?

Ela confirmou.

— Isso e uma centena de outras maldades. Ele era do pior. Brigávamos constantemente.

— Não lhes dê ouvidos, Blair — disse a Darlene, sentando-se numa cadeira. — Ter filhos é uma coisa linda e maravilhosa.

— Gostaria de ser mãe, um dia. — Sorri-lhe.

— A sério? — A Darlene lançou um olhar à filha. — Ouviste, Cheyenne? A *Blair* quer ter filhos.

A Cheyenne revirou os olhos.

— Já te disse um milhão de vezes, mãe. Não é que eu não queira ter filhos. Quero, só não acho que haja um prazo limite. Tenho muito tempo para encontrar a pessoa certa com quem os ter.

A Darlene relanceou o teto.

— Ouviste isto, Hank? Ela acha que tem muito tempo. — Depois apontou-nos o dedo. — Só vos digo, meninas, que o relógio biológico é real, e só ouvirão o abrandar do tiquetaque quando for tarde demais. E depois nada resta, além de um silêncio solitário e triste onde outrora viveu o potencial para a alegria e a esperança. — Pôs uma mão no peito. — Tal como no meu coração.

Vi a Cheyenne respirar fundo, como que tentando manter a compostura, e decidi mudar de assunto.

— Alguma de vocês quer um scone? — Peguei na bandeja e contornei a secretária.

— Claro. — A Darlene animou-se. Escolheu um da bandeja e deu-lhe uma dentada, mastigando lentamente. Depois pousou uma mão sobre o coração e explicou: — Bem, não é para admirar. São soberbos! Prova um, Cheyenne.

A irmã do Griffin olhou para mim.

— Posso?

— Claro. — Sorri.

Ela assim fez e a sua reação foi igual à da mãe.

— Oh, meu Deus, tão bom — murmurou, com a boca cheia.

— E nada seco — acrescentou Darlene.

— Um scone nunca deve ser seco, apenas um pouco estaladiço — expliquei. — Mas também deve ser acompanhado por uma bebida quente. Posso fazer-vos um café?

— Eu estou bem — disse a Cheyenne, dando mais uma dentada. — Aliás, tenho de me ir embora. Tenho marcação no cabeleireiro. A mãe quis passar por aqui, para o caso de teres alguma pergunta acerca do atendimento.

— Talvez como fazer encomendas? — sugeri, relanceando a secretária atrás de mim. — O Griffin ontem ensinou-me a marcar reparações, e os rapazes têm estado a fazer os orçamentos e as faturas, por isso... — Encolhi os ombros. — Na verdade, tenho estado só a falar com as pessoas que telefonam ou aparecem aqui.

— Já ouvi dizer. — A Darlene abanou entusiasticamente a cabeça. — Toda a vila vibra de excitação.

— São apenas alguns scones — disse eu com modéstia, pousando a bandeja no balcão.

— É por ser um boato fresquinho. — A Cheyenne enfiou o resto do scone na boca e esfregou as mãos. — Estás a dar a todos os velhotes algo de que falar.

— Cheyenne Dempsey, vê se te calas. Vai para o cabeleireiro. — A Darlene apontou-lhe a porta. — Preciso de falar com a Blair.

— Estou a ir. Obrigada pelo scone, Blair, e avisa-me se quiseres ir ao jogo de basebol esta noite. Posso levar-te, para não teres de ir mais cedo com o Griff.

Sorri -lhe.

— Obrigada, gostaria muito.
— Pede-lhe o meu número de telefone e manda-me uma mensagem mais tarde.
— Perfeito.
— Então — disse a Darlene, parecendo satisfeita. — Tu e o Griffin parecem estar a dar-se bem.

Uma imagem dele nu por baixo de mim invadiu-me a mente.
— Hum, estamos. Acho que estamos.
— Maravilhoso. Maravilhoso. — Ela acenou com a cabeça alegremente. — Isso é bom, porque se calhar vai demorar um bocadinho mais até que possas mudar-te para o quarto dele em minha casa.

— Oh, a sério?
— Pois, estás a ver, tenho estado a usá-lo como armazém e para fazer trabalhos manuais, e está *cheio* de coisas que, no meu estado, não consigo levar para a garagem ou para o sótão. — Olhou lamentosamente para as suas pernas. — Por isso pensei que talvez pudesses ficar com o Griffin mais alguns dias. Isso dava-me um pouco mais de tempo para preparar o quarto para receber hóspedes.

— Eu compreendo. — Sorri-lhe. — Vou falar com o Griffin, mas acho que mais alguns dias não será um problema.

— A sério? — Ela parecia deliciada. — Bem, foi ainda mais fácil do que eu pensava. É muito mais agradável lidar contigo do que com o meu filho. Tens a certeza de que não podes ficar para sempre?

Ri-me educadamente.
— Tenho.
— Porque pesquisei Cloverleigh Farms, e sabias que sofreram um tornado há alguns anos? Aqui nunca tivemos nenhum. São tão raros no norte do Michigan; foi mesmo azar — disse ela em tom grave. — E não queres mudar para um sítio com uma grande nuvem negra a pairar por cima, pois não?

— Vou ficar bem — assegurei-lhe.
A expressão dela desanimou.
— Que pena. Tinha esperança... — suspirou, pesarosa. — Mas suponho que é um bom sinal que o Griffin esteja a mostrar interesse

por alguém. Já passou tanto tempo. Preocupo-me com ele, sabes? Não quero que acabe sozinho.

Olhei para a porta da oficina por cima do ombro.

— Acho que ele gosta de estar sozinho.

— Acho que está a representar — disse ela.

— Ainda na noite passada me disse que gosta da sua liberdade.

A Darlene olhou para o teto.

— Ouviste esta, Hank? *Liberdade!* — resmungou ela. — Por amor de Deus, eu não estou a tentar pô-lo numa jaula. Só quero que assente e e constitua família. Ele já tem 32 anos! Vai perder o vigor!

Tentei não me rir.

— Acho que ele aprecia a sua independência, é só isso.

— É demasiado independente para o seu próprio bem — desdenhou ela, olhando-me criticamente. — Devo dizer que estou um pouco desapontada, Blair. Pensei que estavas do meu lado.

Ergui as mãos.

— Não tenho lados. Só sei que o Griffin tem opiniões firmes sobre este assunto, e não vai fazer nada só porque alguém quer que ele faça.

— Oh, ele é teimoso, lá isso é. — Amaciou o tom. — Mas não achas que daria um bom marido? E um excelente pai? É muito leal. E por baixo de todo aquele mau feitio, é mesmo um doce. Gosta de tomar conta das pessoas. É muito protetor.

— Concorde. — Sorri, pensando na forma como ele tomara conta de mim na noite anterior. Na verdade, desde que me amparara no passeio. — Mas, de certa forma, também gosto do mau feitio, sabe. Tem algo de enternecedor.

— Suponho que sim. O pai dele também era assim, Deus tenha a sua alma em descanso, e estivemos juntos quase 40 anos. — Suspirou. — Assim, talvez ainda haja esperança.

*

Eu e o Griffin tivemos um almoço rápido, durante o qual discutimos mais algumas ideias para o evento do fim de semana do Dia do Trabalhador — ele gostou da minha ideia de termos rifas e fez

algumas boas sugestões para prémios —, um orçamento para alguma mobília nova para a receção, e ele deu-me o nome de um repórter do jornal local que era um bom cliente e talvez quisesse dar-nos alguma cobertura.

— Ótimo — disse eu, apontando o nome e fazendo uma nota para obter um endereço de e-mail ou um número de telefone. — Obrigada.

— De nada. — Ele amarrotou o embrulho da sanduíche e enfiou-o no saco de papel vazio. — Ei, tu estás bem?

— Sim. — Ergui os olhos e vi que ele tinha a testa enrugada de preocupação. — Porquê?

— Não sei. Pareces um pouco distraída.

— Desculpa. Tenho muitas coisas na cabeça.

Ele bebeu o resto do seu *ice-tea*.

— A minha mãe disse alguma coisa que te chateou?

— Não. — Encolhi os ombros e olhei para a metade da minha sanduíche que restava. — Só aquilo de o quarto de hóspedes não estar pronto. De certeza que não faz mal eu ficar contigo entretanto?

— Tenho cem por cento de certeza, e tu sabes. Quero a minha história de embalar. E tenho planos para ti.

Encontrei o seu olhar enquanto o calor me subia pelas faces.

— Tens?

— Sim. Mas têm de esperar até depois do jogo.

Sorri, animando-me outra vez.

— Estou ansiosa por assistir.

— Ótimo. Mas estás a mudar de assunto porque não me queres dizer o que é que te chateia? Mal tocaste no almoço.

Suspirando, pousei a caneta e recostei-me, cruzando os braços diante do peito.

— Está bem. Recebi outra mensagem da minha mãe esta manhã, a pedir para, por favor, lhe telefonar e dizer se não estou morta ou fui raptada.

— Não lhe telefonaste desde que partiste?

— Não! Estou zangada com ela. Queria o apoio dela para conduzir a minha vida da forma que quero, e ela não mo dá.

Ele coçou a nuca.

— Pois. As mães podem ser difíceis.

— Mas telefonei-lhe, para ela saber que estou bem.

— Ótimo.

— Claro que assim que soube o que tinha acontecido com o meu carro, deu-me um grande sermão de «eu bem te avisei». Disse que era claramente um sinal de que não estou talhada para a independência e que devia voltar para casa imediatamente, antes de ser raptada por traficantes de sexo à beira da estrada.

O Griffin revirou os olhos.

— Não lhe dê ouvidos.

— Não dei. Nem vou dar. Mas é... — Respirei fundo, mas de modo trémulo. — Difícil.

— É a vida.

— Ela disse que eu estava a abandonar a minha família.

— Isso é ridículo. — O Griffin levantou-se e veio sentar-se ao meu lado. — Ouve. É bom que lhe tenhas telefonado hoje para dizer que estás bem, mas não lhe debes mais do que isso. Tal como eu não devo netos à minha mãe.

— Calculo que sim.

— Vá lá. — Beijou-me gentilmente por baixo do queixo. — Decerto que a tua mãe te criou para teres a espinha dorsal e a coragem de perseguires o teu sonho, não é? Devia estar orgulhosa de ti.

— Mas eu ainda não fiz nada.

Desta vez ele segurou-me o queixo com a mão, forçando-me a olhá-lo.

— Vais fazer. Não desistas.

Os seus olhos azuis estavam cheios de sinceridade — ele acreditava em mim. Isso fez toda a diferença. Sorri.

— Está bem.

A seguir ao almoço, fui à oficina e pedi ao Andy o contacto da namorada, para tratar com ela do novo logótipo e do design do site. Depois passei o resto da tarde à secretária, dedicando cada bocadinho livre à renovação e ao evento de reabertura. Várias pessoas vieram perguntar pelos scones e eu tive de dizer que já não havia, mas que voltassem no dia seguinte, por favor — estava a pensar fazer biscoitos

de limão e lavanda. De manhã, no mercado, tinha comprado lavanda e estava ansiosa por usá-la.

Mas, no fundo da minha mente, continuava a pensar no incentivo que o Griffin me dera e, de todas as vezes, o meu coração aquecia.

A Darlene tinha razão — o Griffin daria um excelente marido ou pai. Oh, claro, aquele mau feitio por certo que o dominaria quando a filha de 16 anos infringisse o recolher obrigatório ou o filho de 17 se recusasse a empilhar os pneus, mas, no fundo, ele era bom e paciente. Era generoso. Não gostava de depender das outras pessoas, mas sabia pô-las em primeiro lugar.

Porque se obstinaria tanto em estar sozinho?

A pergunta dominou-me e recusou-se a abandonar-me.

*

Por volta das 18h45, a Cheyenne mandou-me uma mensagem a dizer que estacionara em frente ao edifício. Peguei na mala, disse *au revoir* à *Bisou* e apressei-me a ir ter com ela.

— Olá — disse sem fôlego quando entrei no carro. — Muito obrigada por me vires buscar.

— De nada! — Ela sorriu-me. — Calculei que não quisesses passar duas horas no campo a ver um bando de velhos a jogar à apanhada e a bater no peito.

Ri-me.

— Agradeço-te muito. A propósito, adoro o teu cabelo. Está tão giro.

— Obrigada. Precisava desesperadamente de um corte. E um bom *brushing* é sempre agradável.

— Compreendo-te. Na minha vida antiga, fazia-os umas duas vezes por semana. — Abanei a cabeça. — Agora parece uma extravagância.

— Duas vezes por semana!

— Pois. — Sentia-me um pouco envergonhada por admiti-lo. — Quem me dera ter esse dinheiro de volta.

— Então, estás a poupar para abrir uma pastelaria?

— Um dia. É o meu objetivo supremo.

— E a minha mãe já me contou que vais mudar-te para perto de Cloverleigh Farms. Claro, se ela não te convencer de que toda a península de Leelenau está infestada de moscardos assassinos, furacões e malária, e, oh, qualquer dia vai afundar-se no Lago Michigan. Não achas que ficarias melhor aqui, em Bellamy Creek? Casada com o filho dela, tendo os netos dela?

Ri-me.

— Sim, acho que é isso que ela tem em mente.

A Cheyenne suspirou enquanto virava para o parque de estacionamento da Escola Secundária de Bellamy Creek.

— Amo-a terrivelmente, e é minha mãe, mas consegue dar com uma pessoa em doida. Ignora-a.

— Não faz mal. Ela faz-me rir e foi muito gentil comigo. Toda a tua família foi. Na verdade, toda a vila. Não imaginas quantas pessoas vieram hoje apresentar-se.

A Cheyenne encontrou um lugar vazio e estacionou.

— Bellamy Creek é uma vila amigável, mas também despertaste muita curiosidade. Estamos habituados a ter as mesmas pessoas nos mesmos lugares, ou turistas de passagem. Não estamos habituados a mulheres bonitas e misteriosas de vestido de noiva, que seduzem um dos solteirões mais empedernidos da terra e fazem bolos como a querida e falecida Betty Frankel.

— Caramba, aquele vestido. — Ri-me tristemente enquanto desapertava o cinto de segurança. — Pensei que me traria boa sorte na minha nova vida. Até agora, foram só desastres!

— Bem, isso não sei — alvitrou ela enquanto nos dirigíamos ao campo. — Quer dizer, podia ter sido pior, não podia? O pneu podia ter rebentado na autoestrada, fora da vila.

— É verdade.

— Já agora, que fazias em Bellamy Creek, se o teu destino era Cloverleigh Farms?

— Vi aquele cartaz na autoestrada sobre a melhor tarte de maçã do Midwest desde 1957 — expliquei-lhe, abanando a cabeça. — Claro que agora sei que essa tarte já não existe, mas foi o que me fez sair da estrada e vir até aqui.

— Então foi o destino!

Ri-me enquanto subíamos para as bancadas.

— Agora parecias a tua mãe. Foi mais a minha gulodice; adoro tarte de maçã. Não estou certa de acreditar no destino.

— Porquê? — perguntou ela quando encontrámos lugares na quarta fila. As bancadas estavam surpreendentemente cheias: com famílias, casais, grupos de amigos. Assistir a jogos de basebol de velhos era obviamente algo popular para fazer numa noite de verão como aquela.

— Gosto de pensar que temos o poder de criar o nosso próprio destino — disse eu, prendendo o vestido por baixo das coxas para não voar com a brisa. — Caso contrário, estamos apenas à mercê das estrelas, não é? Alguém decide tudo por nós? Assim não tem piada.

— Talvez. Oh, a propósito, ia dizer-te que conheço uma pessoa em Cloverleigh Farms.

— Conheces?

— Sim. A Frannie Sawyer, a não ser que se tenha casado recentemente e já seja MacAllister. Mas é da minha idade e conheci-a quando estava na faculdade em Traverse City, há alguns anos. A família dela é dona de Cloverleigh Farms e ela tem um café na Baixa. Talvez esteja a contratar. Posso dar-te o contacto.

Segurei-lhe o braço.

— A sério? Adoraria. Muito obrigada!

— De nada. Só não digas à minha mãe que te ajudei a sair de Bellamy Creek. Ela deserdava-me.

Rindo, desenhei um X no peito com a ponta do dedo.

— Juro.

— Oh, ali está o Griff.

Olhei para o campo e o meu coração dançou um pouco. Apesar de usar um boné de basebol, percebi que era ele pela forma como enchia a camisola dos Bulldogs, e tive um pequeno arrepio ao pensar *conheço aquele corpo*.

— E está ali o McIntyre da oficina, no campo externo. E também o Beckett Weaver e o Enzo Moretti — disse a Cheyenne, indicando outros dois jogadores. — São dois dos melhores amigos do Griff.

— Conheci o Enzo, mas não o Beckett.

— Está muito ocupado nesta altura do ano. Gere uma exploração de gado a norte da vila. Oh, e está ali o Cole. — A Cheyenne parecia ter ficado um pouco sem fôlego. — O melhor amigo do Griffin. É polícia. Cresceu na casa ao lado da nossa e recentemente regressou com a sua filha, a Mariah.

Olhei para a Cheyenne e, apesar de ela usar óculos de sol, quase via os corações a saírem dos seus olhos ao ver o Cole Mitchell aquecer o braço de lançamento.

— Também o conheci na outra noite. Tu e o Cole são um casal?

— O quê? Eu e o Cole um casal? Não, não. — Forçou uma gargalhada. — Ele nunca olhou para mim dessa forma. — Depois soltou um grande suspiro.

— Mas gostavas que olhasse?

Ela franziu o nariz.

— É assim tão óbvio?

Ri-me.

— Sim.

— Bem, também é irremediável. Tenho um fraquinho por ele desde 1997, quando resgatou todas os meus Beanie Babies dos troncos das árvores para onde o Griffin os tinha atirado.

— Caramba. É muito tempo para ter um fraquinho por alguém.

— A quem o dizes. Vou nos 30 e ainda não encontrei um tipo que ocupasse o lugar dele no meu coração.

— E ele nunca soube dos teus sentimentos?

Ela abanou a cabeça, nunca deixando de olhar para o Cole.

— Ele teve uma namorada séria durante todo o ensino secundário. Depois casou-se com ela.

— Disseram-me que ele a perdeu quando a Mariah nasceu.

— Sim. — Ela fechou os olhos e abanou a cabeça. — Foi tão horrível. Não sei se alguma vez ele vai superar isso.

Nessa altura, o Griffin olhou para as bancadas e, automaticamente, ergui a mão e acenei-lhe. Ele não correspondeu ao aceno, mas fez um gesto com a cabeça, e eu era capaz de jurar que o vi sorrir. As borboletas na minha barriga esvoaçaram como loucas.

— O Griffin alguma vez teve uma namorada a sério?

— Na escola secundária, não. Claro, namoriscava aqui e ali, mas nessa altura nunca teve ninguém sério. Só teve uma relação séria mais tarde. Ela chamava-se Kayla.

— Quanto tempo estiveram juntos?

— Caramba, uns cinco anos. Nessa altura ainda estava nos *Marines*, por isso passava bastante tempo fora, mas tenho de admitir que lhe era bastante devotado. Pensei que iam casar-se.

Os ciúmes esfaquearam-me as entranhas. Depois de esperar um período de tempo que me pareceu apropriado, disse:

— O que é que aconteceu com eles?

A Cheyenne encolheu os ombros.

— Não tenho a certeza, mas acho que ela se apaixonou por outra pessoa durante a última missão dele. Terminaram pouco depois de ele voltar para casa.

— Caramba. Isso é muito mau. — E, definitivamente, podia explicar a atitude do Griffin acerca dos relacionamentos. Tinha sido traído.

— Pois. O Griffin esteve muito abalado por algum tempo. Mas nunca fala acerca disso, e nunca lhe podes dizer que te contei. Ele matava -me.

— Não digo — prometi. — O Griffin alguma vez soube dos teus sentimentos pelo Cole?

— Nem pensar. De certeza que iria dizer ao Cole, e passaria o resto da vida a gozar comigo. — Virou-se e segurou-me o braço. — Por isso também não lhe podes contar.

— Está descansada. Mas o Cole agora é viúvo, não é? E vive mesmo ao teu lado. Talvez vocês os dois pudessem...

— Não. — A Cheyenne abanou novamente a cabeça. — Ele olha para mim e vê aquela miúda rechonchuda com 6 anos, com os joelhos esfolados e ranho no nariz, a chorar por causa dos Beanie Babies. Foi sempre como uma irmã mais nova para ele. Isso nunca muda.

— Nunca se sabe — disse-lhe eu. — Eu compreendo que sintas que as coisas estão bloqueadas, mas podes surpreender-te a ti mesma. Podes fazer uma mudança. É assustador, mas podes fazê-la.

Nesse momento, o Cole olhou para cima, viu-nos e acenou. Correspondemos ao aceno e ela suspirou.

— Talvez. Mas é melhor esperar sentada.

O Griffin correu para o banco da sua equipa e observei-o, tentando não me babar, chegando-me para a frente para ver melhor. Ao meu lado, a Cheyenne riu-se.

— Por falar em fraquinhos...

— O quê?

— O teu é igualmente óbvio.

— É?

— Sim, mas o dele também, por isso não há problema.

— Achas que ele tem um fraquinho por mim?

Ela revirou os olhos.

— Sim. Eu venho a todos estes jogos de basebol dos velhos, Blair, e nunca vi o Griffin olhar aqui para cima, nem uma vez. Já o fez umas 20 vezes, fletindo os músculos, inchando o peito, encolhendo a barriga. — Imitou-o, de forma exagerada.

— Ele não tem barriga!

— Talvez não, mas eu percebi tudo quando estiveste lá em casa ontem. Ele olha para ti de uma certa maneira. Gosta de ti. Repara no tempo que já passou contigo.

— Sim, mas de certa forma, não tem outro remédio.

Ela abanou a cabeça.

— Quando o Griffin não quer fazer uma coisa, não faz. Acredita em mim. Ele sente qualquer coisa por ti.

Depois disso, a minha língua ficou presa, mas o comentário dela deixou-me inegavelmente feliz.

Quando o jogo já decorria, comecei a sentir que talvez a Cheyenne tivesse razão — talvez o vestido me tivesse trazido boa sorte. Afinal, fora puramente por acaso que acabara naquela vila e não noutra. Se tivesse acabado noutro sítio, provavelmente já teria dado meia-volta e partido para casa. Talvez tivesse tido um encontro com o velho milionário. Pendurado para sempre as minhas luvas de forno.

Talvez, afinal, o destino existisse.

Onze

Griffin

Depois de ganharmos o jogo — graças a uma dupla minha e a um *home run* do Beckett, que permitiu que ambos pontuássemos —, fomos ao Bulldog para comer e beber alguma coisa. Além da Blair, da Cheyenne e de mim, estavam o Cole, o Moretti, o Beckett, o McIntyre e a Emily.

Juntámos duas mesas e sentámo-nos no pátio, o que nos fez voltar a contar ruidosamente o episódio do agora famoso desmaio da Blair para quem não estivera presente, incluindo a forma como eu a amparara a sua queda.

— Caraças, nunca tinha visto o Griffin mexer-se tão depressa — brincou o Moretti. — Porque é que não corres para as bases assim? Conseguiríamos mais pontos.

— Vai-te lixar — disse eu, atirando-lhe um guardanapo amachucado. — Ganhámos, não ganhámos?

— Pois ganhámos! — O Moretti ergueu a sua garrafa de cerveja e toda a gente o imitou. — À vitória!

— À defesa do título! — acrescentou o Cole.

— Aos noivos! — berrou a minha irmã, fazendo metade da mesa desatar a rir.

Lancei um olhar fulminante à Cheyenne enquanto bebia.

Encomendámos asas de frango e pizza, pedimos mais uma rodada de bebidas e revimos a vitória da equipa por 5–4.

— Cole, como está o teu braço? — perguntei, reclinando-me na cadeira. — Fizeste um jogo do caraças.

— Obrigado. — Do outro lado da mesa, vi-o esfregar o braço. — Não está mal.

Ao lado dele, a minha irmã pôs-lhe a mão no bíceps.

— Queres gelo? Posso ir buscar.

Quase me ri desdenhosamente. Eu sabia o que a minha irmã queria fazer ao Cole, e não era pôr-lhe gelo no braço. Babava-se por ele desde que éramos miúdos, e se eu não fosse um tipo tão impecável andaria a trocar dela há anos.

— Não, obrigado — disse o Cole. — Estou bem.

Ficámos ali sentados, a beber, a comer e a falar, contando velhas histórias da nossa juventude para benefício da Blair, gabando-nos de *home runs* e *no-hitters* durante os nossos dias de glória, chocando os punhos uns nos outros e trocando palmadinhas nas costas por ainda estarmos em tão boa forma. Houve a dose habitual de maledicência acerca dos Mavs e da sova que iríamos dar-lhes na final do campeonato.

Ao meu lado, a Blair ria-se com frequência e fazia uma série de perguntas — sobre basebol, os nossos tempos na escola secundária, a vila, as nossas famílias. Por vezes punha-me uma mão na perna e isso agradou-me. A certa altura, percebi que tinha o meu braço em volta das costas da cadeira dela, e ela estava quase encostada a mim.

Claro que a Cheyenne reparou, e já a imaginava a ir contar à minha mãe, por isso retirei o braço.

— Então, Blair — disse a Emily, sentada ao lado da minha irmã. — Quanto tempo ficas por cá?

— Bem, não posso ir a lado nenhum enquanto o Griffin não arranjar as peças para o meu carro, mas provavelmente fico até ao Dia do Trabalhador. Vou ajudar o Griffin com o evento de aniversário na oficina.

— Ouvi falar disso. Parece uma excelente ideia. E ficas... — incentivou a Emily, provavelmente sabendo muito bem onde é que ela ia ficar.

— Neste momento, estou com o Griffin, mas é temporário.

— A minha mãe ofereceu-se para a alojar — disse a Cheyenne com um risinho. — Assim que acabar de limpar o quarto de hóspedes, que lhe levará apenas... umas seis semanas, no máximo. Está determinada a mantê-los no mesmo sítio o máximo de tempo possível. Acho que

espera que saia daqui um neto.

— Isso não vai acontecer — disse eu firmemente, tirando a carteira do bolso de trás. — Estás pronta para ir, Blair? Tenho de me levantar cedo amanhã.

— Também eu — disse ela, pondo-se de pé. — Quero fazer mais scones, e uns biscoitos de limão e lavanda.

— Hum, deve ser delicioso — disse a Cheyenne. — Vou ter de levar lá a mãe outra vez, para provar.

— Não te atrevas — avisei-a, deixando dinheiro suficiente em cima da mesa para pagar a minha despesa e a da Blair. — Demoraste uma eternidade a ir buscá-la hoje, e ela deu comigo em doido.

— Na verdade, foi muito útil no atendimento — disse a Blair. — Por favor, agradece-lhe por mim, Cheyenne. E obrigada por me vires buscar esta noite.

— Sempre disponível — disse a minha irmã com um sorriso. — Nunca perco o basebol dos velhos. É o ponto alto da minha semana.

Mostrei-lhe o dedo do meio, segurei a Blair pelos ombros, virando-a para o passeio na direção da carrinha. Mas tirei as mãos de cima dela o mais depressa possível. Não queria dar azo a comentários.

Na viagem para casa, a Blair falou-me de alguém que a minha irmã conhecia e que tinha um café perto de Cloverleigh Farms.

— Isso é fantástico — disse eu, estacionando a carrinha. — Talvez ela esteja a contratar.

— Espero que sim. Seria perfeito. Olha, o que é aquilo? — perguntou, apontando para uma carrinha *vintage* estacionada atrás da oficina. Eu guardava-a todo o ano debaixo de um oleado.

— É uma carrinha *Chevy* de 1955 que eu e o meu pai restaurámos. Gostava de ter espaço para ela na garagem.

Apeámo-nos e dirigimo-nos para a velha carrinha.

— De 1955 — disse ela com nostalgia, espreitando por baixo da pesada cobertura. — Foi nesse ano que abriram a oficina, não foi?

— Sim. Porquê?

— Porque acho que devias estacioná-la na parte da frente durante o evento de aniversário, para anunciar o negócio. Quem é que não gosta de um carro antigo? E sabes o que devias fazer? Pintar-lhe o teu novo

logótipo de um lado.

— Tenho um logótipo novo?

— Não te preocupes. Vais adorá-lo. — Ela deu-me uma palmadinha no braço. — De que cor é a carrinha?

— Vermelha.

— Está em bom estado?

— Claro que está. Fui eu que a arranjei.

Ela sorriu-me, o seu rosto iluminando-se na escuridão.

— Não estava a duvidar de ti. Posso dar uma volta nela?

— Agora? É um bocadinho tarde. — E eu tinha uma espécie diferente de voltinha em mente para esta noite.

Ela descaiu os ombros.

— Acho que tens razão. Que tal amanhã, depois do trabalho?

Era giro vê-la tão entusiasmada com aquilo.

— Claro.

— Boa! — Ela bateu palmas e começámos a dirigir-nos para a parte da frente do edifício. — É um encontro romântico. Ou não. Porque tu nunca terias um encontro romântico com uma empregada. Não é correto.

— Mas é correto dormir com uma? — brinquei.

— Só com a que te conta boas histórias de embalar.

— Tens razão. Prometeste-me outra história esta noite. — Destranquei a porta e deixei-a subir as escadas à minha frente. E, caramba, poderia viver cem anos sem me esquecer de quanto adorei ver lá de baixo a Blair subir um lance de escadas, a forma como me fez desejar segurá-la por trás, enrolar os braços à sua volta, enterrar a cara no seu cabelo.

De facto, quando chegámos ao cimo das escadas, foi exatamente isso que fiz.

Ela riu-se, apanhada de surpresa, cobrindo os meus braços com os dela.

— Que é isso?

— Não sei. Mas estou contente à brava por estares aqui.

— Eu também.

— Desculpa, estou suado.

— Não me importo.

Inalei, respirando o cheiro doce do seu cabelo mas também o meu fedor pós -jogo.

— Um de nós cheira horrivelmente. És tu?

Ela riu-se de novo.

— Acho que não.

— Dá-me dez minutos para me lavar. — Soltei-a e dirigi-me à casa de banho.

— Está bem. Vou dar comida à *Bisou* e encontramo-nos no quarto para a história de embalar. Tenho uma muito boa para ti esta noite.

*

Quando saí da casa de banho, ela estava à minha espera.

Com o vestido de baile. E as luvas até ao cotovelo. E a tiara.

Eu estava nu.

Ela estava perto dos pés da cama. As luzes estavam apagadas, mas ela conseguira encontrar algumas velas, que enchiam o quarto de uma luz trémula e débil. Os seus olhos viajaram pela minha pele, demorando-se mais no pénis, que endurecia.

— Era uma vez uma princesa presa numa torre — disse ela, numa voz feminina e sonhadora. — Noite após noite, esta donzela imaculada esperava que o seu príncipe cavalheiresco a encontrasse.

— Um príncipe cavalheiresco, hem? — Aproximei-me mais dela.

Ela assentiu com a cabeça.

— Ela tinha a certeza de que o seu herói seria um príncipe: alto, devastadoramente bonito, com olhos azuis e bíceps torneados, a cavalo num fantástico garanhão branco.

— Um garanhão branco. Não uma carrinha?

— Ele subiria à torre, tombaria de joelhos e pediria a sua mão. Depois desceria com ela ao colo e cavalgariam em direção ao pôr do sol, para o seu castelo na colina.

— Estou a ver.

— Onde, evidentemente, viveriam felizes para sempre.

— Evidentemente.

Tirei-lhe uma das longas luvas e atirei-a para um lado. O meu pénis estava completamente ereto.

— Mas sabes que não é isso que sou.

— O quê? — Simulando choque, ela pôs uma mão sobre o coração.

— Como assim, senhor?

— Não cheguei num garanhão. Não tenho um castelo numa colina.

— Tirei-lhe a segunda luva e pu-la no meu punho. — E não sou um príncipe cavalheiresco.

— Oh, céus. — Ela fingiu-se abalada, recuando até bater contra a parede de tijolo. — Receio muito ter sido encontrada pelo vilão da minha história. Senhor, veio para me resgatar ou... profanar?

— Ambos. Agora vira-te.

Ela presenteou-me com as suas costas, e pensei naquela vez, há duas noites, em que lhe tinha desabotoado o vestido e fugido do quarto com uma ereção.

Esta noite seria diferente.

Usando uma das suas longas luvas de cetim, comecei a amarrar-lhe os pulsos, que ela submissamente juntou.

— Debate-te — sussurrei-lhe ao ouvido.

Preso entre mim e a parede, ela tentou libertar os braços, mas eu era mais alto, mais forte e muito mais determinado.

— Linda menina. — Encostei-me a ela, prendendo-a com as palmas das mãos nos tijolos. O cheiro do seu perfume inundou-me a cabeça.

— Agora vou assumir o comando desta história, e a princesa vai fazer tudo o que eu disser, ou deixo-a na torre para sempre.

— Não — disse ela categoricamente. — És cruel e maléfico. Não deixarei que me possuas.

Embora soubesse que ela estava a representar, foi excitante à brava.

— Não tens escolha, princesa. Agora vira-te e põe-te de joelhos.

Ela arquejou. Depois, num sussurro:

— És bom nisto.

— Obedece — comandei, e recuei um pouco para lhe dar espaço.

Ela virou-se, o vestido formando uma nuvem em volta dela. Olhou - me.

— O que vais fazer-me?

— Várias coisas — disse eu, pegando no meu pénis e começando a acariciá-lo. — Vou foder a tua boca com a minha pila. Vou foder-te com a minha língua. E depois vou foder-te mesmo com esse vestido bonito que usas.

Os olhos dela quase lhe saltaram da cabeça.

Decidi naquele momento que nesta noite não iria refrear-me. Iria dizer o que queria, fazer o que queria, retirar dela o que queria — e não me importava que fosse porco. Afinal, ela é que me convidara para aquele jogo.

Mas talvez devesse dar-lhe uma saída, só para prevenir.

— Se quiseres que eu pare, o que é que vais dizer? — perguntei-lhe, continuando a mover a mão para cima e para baixo no pénis.

— Misericórdia — sussurrou ela.

Reparei na forma como ela não conseguia desviar os olhos do que eu estava a fazer.

— Gostas de me ver?

— Sim. Mas isso faz-me desejar coisas que não devia.

— Como o quê?

Ela lambeu os lábios.

— Quero saborear-te.

Ri-me.

— Estás a facilitar muito a vida ao vilão, princesa.

— Não consigo resistir. — Olhou-me nos olhos. — Não posso fingir que não te desejo.

— Queres isto? — Encostei-lhe o pénis à bochecha, rocei-o por baixo do queixo, tracei-lhe os lábios abertos.

— Sim — sussurrou ela.

— Então abre a boca e toma-o.

Ela obedeceu ao comando e eu introduzi-me entre os seus lábios, só um bocadinho. A língua dela varreu-me em círculos lascivos, provocando-me choques elétricos que me percorreram todo o corpo. Gemi quando ela começou a sugar e introduzi-me um pouco mais. A boca dela estava quente, molhada e apertada — pus-lhe as mãos na cabeça e combati a urgência de introduzir o pénis até ao fundo da sua garganta, tentando controlar o ritmo.

Mas isso não durou muito. A boca dela sabia tão bem, e o seu cheiro era tão doce, e os seus barulhos tão excitantes — gemidos suaves e pequenos guinchos sem fôlego e arquejos pesados quando precisava de ar. E era tão bonita, de joelhos para mim.

— Caraças, sim — disse eu, de maxilares bem cerrados. A visão do meu pénis a mover-se para dentro e para fora da boca dela era de enlouquecer. De repente, comecei a investir selvaticamente, cada vez mais depressa e com mais força, embatendo-lhe no fundo da garganta. Ela produziu uns sons mais altos e desesperados, mas não parei.

Agarrei-lhe o cabelo e fodi-lhe a boca como o vilão cruel e maléfico que fingia ser — de forma egoísta, feroz, sem misericórdia — até as minhas pernas vacilarem e, com um rugido de prazer a irromper de dentro de mim, derramei-me para dentro dela numa torrente quente e vibrante.

Quando fiquei exausto, retirei o pénis da boca dela e ela sentou-se nos calcanhares, procurando ar. Tinha a cara molhada e a boca vermelha. Os olhos fechados. Por um momento, pensei que estava zangada. Sabia que devia ter-lhe dado um aviso, mas descontrolara-me.

— Estás bem? — perguntei.

Ao princípio, ela não disse nada. Depois encurvou os lábios num sorriso lento e sensual. Abriu os olhos.

— O que é que se segue?

Aliviado, ajudei-a a pôr-se de pé.

— Agora vou fazer-te vir a ponto de nem te lembrares do príncipe cavalheiro no seu garanhão branco.

— Vais dar-me uma coisa melhor para cavalgar?

— Exatamente.

Encostando-a mais uma vez à parede, beijei-a dura e profundamente, deslizando a língua entre os seus lábios, acariciando-a numa antecipação do que ia seguir-se.

— Agora abre as pernas, princesa. Deixa-me saborear-te.

Tombando de joelhos em frente dela, levantei-lhe a batinha do vestido, que era surpreendentemente pesado. Para minha delícia, ela não usava nada por baixo. A visão das suas coxas nuas abertas para

mim pôs-me o motor novamente em funcionamento.

Segurando-lhe o vestido junto das ancas, acariciei-a com a língua — pinceladas longas e lânguidas no seu centro, que a fizeram retorcer-se por cima de mim. Demorei-me no topo, usando a ponta da língua no seu pequeno botão quente, prestando atenção aos seus sinais e gemidos, descobrindo do que ela gostava mais, permitindo-lhe dar-me a deixa para ir mais depressa, para abrandar, para lamber mais dura ou suavemente.

O sabor dela era tão bom como eu fantasiara — e deixei claro que o meu apetite por ela não se saciaria facilmente.

A certa altura, pus-lhe a mão entre as coxas e uma perna sobre o meu ombro, usando o novo ângulo para a penetrar mais fundo com a língua antes de lhe sugar o clítoris inchado para dentro da minha boca. Os seus gemidos tornaram-se mais sonoros e ela debateu-se contra a restrição dos pulsos. As suas pernas tremiam.

Introduzi dois dedos dentro dela, movendo-os da forma como sabia que ela gostava, enquanto a devorava com a boca.

— Oh, céus — arquejou ela, meneando as ancas sobre a minha cara —, vais fazer-me vir. Tu, malvado, cruel, terrível, lindo, *oh!*

A perna que ela apoiava no chão dobrou-se e todo o seu peso caiu em cima do meu ombro, pregando-lhe as costas à parede, ao mesmo tempo que os músculos do seu centro prendiam os meus dedos e o seu orgasmo me fustigava a língua. O meu nome tombou-lhe dos lábios, e o desejo primitivo de a penetrar novamente dominou-me.

Antes de ela poder sequer respirar, saltei, agarrei-a pelas ancas e atirei-a para a cama. Depois virei-a, enrolei um braço em torno da sua cintura e empurrei-a de modo a encostar-lhe a bochecha ao colchão. A tiara caiu para os lençóis, mas os braços dela ainda estavam amarrados, os pulsos cruzados repousando nas suas costas.

— Não. Te. Mexas.

Ela ficou quieta enquanto eu tirava um preservativo e o colocava. A respiração dela era tão rápida e dura como a minha quando me dobrei para lhe segurar a bainha do vestido.

Foi quando avistei a sua outra luva. Apanhei-a do chão e decidi dar-lhe bom uso.

— Junta os pés — ordenei.

Ela juntou os pés e usei a segunda luva para os amarrar. Depois levantei-lhe o vestido até às ancas. Parando por algum tempo, dediquei-me a apreciar a visão diante de mim — os seus calcanhares muito aprumados lado a lado, as pernas direitas e pálidas, o perfeito rabo redondo, como duas bolas de gelado de baunilha à espera de serem devoradas.

Todo o meu corpo ficou tenso de antecipação.

Ela estava aqui. Era minha. Era perfeita.

Estava completamente à minha mercê.

E eu desejava-a mais do que alguma vez desejara alguém.

Sustendo a respiração, deslizei para dentro dela, batalhando por controlo. No fundo das costas, os seus dedos fletiam-se. As suas pernas tremiam. Com as mãos firmemente sobre as suas ancas, prendi-a, estabelecendo um ritmo — lento e fundo.

O corpo dela estava quente, tenso e húmido em redor do meu pénis, e precisei de cada resquício de força para não investir como um animal selvagem. Cravei-lhe os dedos na pele. Ver o meu pénis entrar e sair dela incendiava cada terminação nervosa do meu corpo.

Quando o instinto ameaçava dominar-me e desfazer em pedaços o meu autocontrolo, meti-lhe os dedos entre as pernas. Convocando cada resto de domínio sobre o meu corpo, concentrei-me nela — segurando o pénis com força lá dentro enquanto, com a mão, voltava a pô-la frenética.

— Vem-te outra vez para mim — murmurei.

— Não! Não me podes obrigar — arquejou ela.

Sorri da sua determinação.

— Tu aqui não mandas nada. Nem sequer nos teus orgasmos.

— Já fizeste tudo o que querias comigo. Desamarra-me já!

— Não! — Apoiando-me com a outra mão no colchão, saí ligeiramente dela e inclinei-me para a frente, falando-lhe baixo ao ouvido. — Vais manter as pernas juntas, como uma boa menina. Vais admitir que queres isto.

— Não quero — choramingou ela, mas senti-a empurrar as ancas para mim.

— Diz-me que queres isto, princesa. Diz-me que adoras a minha pila dentro de ti. Diz-me que te vais vir por causa da forma como te estou a foder.

Ela gemeu em agonia, como que dividida entre o corpo e a vontade.

— Odeio-te por isto — sussurrou ela, enquanto eu trabalhava um mais rapidamente com os dedos e me introduzia mais fundo —, mas, caraças, adoro a tua pila dentro de mim.

— E?

— E quero isto.

Senti o corpo dela apertar-se em torno de mim.

— E?

— Desculpa, esqueci-me da outra coisa — sussurrou ela, saindo da personagem. — Tens-me toda... não posso... oh, meu Deus...

— Vais-te vir por causa da forma como te estou a foder. — Eu próprio mal conseguia dizer as palavras.

— Sim! — gritou ela, enterrando a cara no colchão ao tentar encurvar as ancas para receber o que queria. Era a coisa mais excitante que eu já tinha visto. — *Sim... sim... sim.*

Não consegui refrear-me mais. Com o corpo dela ainda nos estertores do clímax, cedi ao instinto de me mexer mais depressa e com mais força, segurando-lhe mais uma vez as ancas e investindo nela funda e poderosamente, fazendo-a gritar para os lençóis. O orgasmo inundou-me o corpo, fazendo cada músculo apertar-se e estremecer com alívio.

Depois, apoiei uma mão de cada lado dela, baixando a testa para as suas costas.

— É aqui que suplico misericórdia — sussurrou ela.

Eu sentia exatamente o mesmo.

*

Enquanto a Blair dormia, deitei-me de costas, com as mãos atrás da cabeça, ouvindo-a respirar, ainda inebriado pelo seu cheiro. Tentei imaginar-me a levantar-me e a partir imediatamente, o que fazia normalmente nessa altura da noite, e não consegui. Tentei imaginá-la

a levantar-se e a partir, e não consegui. Queria estar ao lado dela, mesmo que não fizéssemos mais do que dormir.

Era estranho como o caraças.

Para mim, o sexo tinha sempre que ver com alívio, com libertação de vapor. Tinha que ver com desanuviar a minha frustração com a vida de uma maneira física, e tinha uma meta definida. *Envolvia* o prazer de outra pessoa, mas nunca era *acerca* da outra pessoa. O sexo e a pessoa eram separados — até eu me sentia distante dele.

Mas com a Blair era diferente. Era impossível pensar no que tínhamos feito e separá-lo dela, ou de como me sentia acerca dela. Era sobre alívio físico, sim, mas também sobre querer estar com ela. Partilhar algo com ela. Dar-lhe alguma coisa.

E em vez de, no final, me fazer ansiar pela distância, cada encontro deixava-me a desejar mais.

Não estava com a mesma mulher duas noites seguidas desde que eu e a Kayla tínhamos rompido.

Outra regra quebrada.

E não ia sugerir que ela comesse a passar a noite noutra sítio. Mas também sabia que isso era o máximo que podia oferecer-lhe. Uma trégua temporária em relação às minhas regras enquanto ela estivesse aqui. Um pequeno alívio da solidão. Uns momentos bem passados.

Mas isso não significava que estivesse a usar a Blair — gostava genuinamente dela. Era adorável, divertida e inteligente. Era criativa e organizada, e completamente determinada a promover o meu negócio. Importava-se genuinamente. Conseguia falar com toda a gente e atraía clientes para a loja como uma sereia atraía marinheiros. Era irresistível, não só para mim, mas para toda a gente.

Além disso, talvez para ela eu fizesse parte do impulso de rebelião que ela estava a viver. Parte do intervalo em relação à sua antiga vida — aos rapazes que usavam relógios caros e fatos de estilistas, rapazes que tinham dinheiro no banco mas não faziam ideia de como dar prazer a uma mulher. Talvez isto comigo fosse o que ela precisava para se sentir diferente acerca de si própria.

Ou talvez para ela fosse como foder um serviçal... sabia-se lá.

Além disso, nem sequer importava. Dentro de algumas semanas ela

partiria e as coisas voltariam ao normal. Desde que eu e ela estivéssemos de acordo em relação a isto, que mal tinha desfrutarmos um do outro durante um bocado?

Ela virou-se para mim, atirando um braço e uma perna por cima do meu corpo. Se fosse outra mulher qualquer, noutra noite, ter-me-ia sentido desconfortável e desesperado por partir. Mas, porque era a Blair, cheguei-a mais para mim, satisfeito quando ela levantou a cabeça para o meu peito.

Parecia tudo bem — para já.

Na manhã seguinte, acordei com o sol. O Griffin ainda estava a dormir, por isso mexi-me o mais silenciosamente possível. Consegui sair da cama, ir em bicos de pés à casa de banho e vestir-me sem o acordar, mas antes de sair do quarto não resisti a examiná-lo por um momento no seu sono.

Ele estava deitado de costas e tinha um braço por cima da cabeça e outro sobre a barriga. O cobertor tapava-o até à cintura, revelando o peito tatuado, que não cessava de me excitar. Deixei que os meus olhos viajassem pela sua extensão, sentindo um arrepio secreto ao recordar tudo o que acontecera na noite anterior.

Inclinando-me sobre ele, beijei-lhe levemente o queixo. Quando me endireitava para partir, ele segurou-me o braço.

— A tentar escapar, princesa?

Ri-me.

— Nunca. Só quero começar a fazer os scones e os biscoitos.

— Oh, certo. É um dia de trabalho.

— Sim. Mas não te esqueças dos nossos planos para esta noite.

Ele franziu a testa.

— Que planos?

— Vais levar-me a dar uma volta na velha carrinha.

— Ah, sim. Já me lembro.

Sorri -lhe.

— Ótimo. Agora tens de me soltar o braço, porque tenho de ir fazer bolos.

— Não queres voltar para a cama?

— Quero, mas não posso. Tenho de trabalhar, e tu também.

Ele franziu a testa.

— Isto era melhor quando tu estavas presa na torre.

Rindo-me, dei-lhe uma palmadinha no ombro.

— Podes salvar-me outra vez mais tarde. Esta manhã, trabalhamos.

*

Foi o dia perfeito.

Passei o princípio da manhã numa cozinha ensolarada, a ouvir música, a conversar com a *Bisou* em francês e a cozer um tabuleiro de scones e dois de biscoitos de limão e lavanda.

Mais uma vez, os bolos foram um êxito, e uma torrente regular de pessoas atravessou a porta para os provar, apresentando-se e fazendo marcações para manutenção ou reparações, confidenciando que, apesar de terem experimentado a Swifty Auto da última vez, o tinham feito apenas por curiosidade e preferiam mil vezes apoiar um negócio local. Muitos contaram histórias acerca do pai e do avô do Griffin, e isso deu-me uma ideia.

— Ouve, tens algumas fotografias antigas do teu pai e do teu avô a trabalhar em carros? Ou tuas, a trabalhar com eles? — perguntei ao Griffin durante o almoço.

— A minha mãe tem, de certeza. Porquê?

— Podíamos ampliá-las, emoldurá-las e pendurá-las na parede da receção da oficina. Serão uma memória visual da história da tua família e da importância deste negócio na comunidade. E será divertido vê-las — expliquei. — As pessoas têm um vislumbre da tua vida pessoal.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Como se não bastasse. Quantas pessoas te felicitaram hoje pelo nosso casamento?

— Só uma ou duas — respondi com uma gargalhada. — Mas não te preocupes. Eu corriji-os.

— Foi?

— Sim. Disse-lhes que para já vivemos em pecado, mas que tu prometeste fazer de mim uma mulher honesta, um dia destes.

Ele atirou-me uma batata frita.

— Espertinha.

Enquanto comíamos, a Cheyenne mandou-me por mensagem o contacto da Frannie MacAllister, e eu telefonei-lhe imediatamente e deixei mensagem, explicando quem era e perguntando se havia alguma possibilidade de ela estar a contratar no seu café. Deixei o meu número e desliguei, com o coração a retumbar.

— Espero que ela me telefone hoje.

O Griffin sorriu.

— Também espero. Depois diz-me se precisares de uma carta de recomendação.

— Tua? O que é que diria?

— Hum. Organizada no trabalho em equipa, excelentes capacidades interpessoais. E uma queca incrível.

Dei um gritinho e atirei-lhe também uma batata frita.

— Estúpido!

Contudo, secretamente, fiquei feliz com o elogio.

De tarde procurei ideias para a remodelação no *Pinterest* e pelas 16 horas já tinha encomendado cadeiras novas, um tapete, duas mesas e uma mesa de centro. Também liguei à Lola, a namorada do Andy, e falámos sobre a renovação do site com um novo logótipo, e também lhe perguntei se queria abrir contas nas redes sociais.

— Será melhor se tiverem todas o mesmo estilo, e precisam de um bom grafismo — disse-lhe. — Mas encontrar alguém aqui que as mantenha atualizadas pode ser difícil.

— Sabes, o Andy seria ótimo para isso — disse a Lola. — Ele é muito bom com a câmara. O *hobby* dele é a fotografia. Aposto que era capaz de criar conteúdo.

— A sério?

— Sem dúvida. Se quiseres, falo com ele acerca disso.

— Isso é perfeito! Obrigada!

A Lola combinou voltar a contactar-me dentro de uma semana e desligámos. Fiquei ali sentada a examinar as paredes por um momento e decidi que aquela desmazelada cor verde-clara tinha de desaparecer, por isso pedi licença ao Griffin para abandonar a secretária e fui à loja

de ferragens que tinha visto a caminho do mercado. Afinal, a loja era da família Frankel e o Charlie Frankel ficou muito feliz por me ajudar.

— Estava a trabalhar, esta manhã, caso contrário teria ido outra vez tomar o pequeno-almoço — disse ele, ajeitando os tufo desgarrados de cabelos brancos na sua cabeça. — Reformei-me há muitos anos, mas agora que estou viúvo, tenho demasiado tempo livre. É o meu filho que gere a loja, mas gosto de vir algumas vezes por semana, para ver se as coisas são bem feitas.

— Ainda bem que o encontro, de certeza que pode ajudar-me. Vou pintar a receção da oficina, mas não faço ideia do que é necessário.

Ele acenou entusiasticamente.

— Claro, claro. Posso tratar de tudo. Qual é a cor?

— Estava a pensar num branco puro.

— Tudo bem — disse ele. — Está a gostar da vida em Bellamy Creek?

— Muito.

— A minha família vive aqui há seis gerações.

— Incrível.

— O meu trisavô construiu aqui uma cabana de madeira na década de 1830, e fundou uma serração. E o meu avô construiu uma das primeiras casas na Center Avenue, onde é atualmente o Bairro Histórico. Já lá estive?

— Ainda não tive oportunidade, mas agora fiquei com curiosidade.

— Veja o número 910. É a nossa casa. — A expressão feliz no seu rosto tornou-se um pouco nostálgica. — Eu e a Betty passámos aqui bons anos. Criámos quatro rapazes.

— Vou lá ver, sem dúvida. Adoro casas antigas.

— Ótimo! Quer aparecer um dia destes para tomar um chá frio? Depois de me reformar, eu e a Betty costumávamos tomar chá e comer tarte de maçã no alpendre todas as tardes. Às vezes faço isso sozinho, mas não é o mesmo sem alguém para conversar. Os meus filhos e os netos visitam-me, mas são todos tão ocupados... — A sua voz enfraqueceu e o sorriso desapareceu. O meu coração acompanhou-o.

— Adorava ir visitá-lo. E levo-lhe uma tarte de maçã.

Ele pegou-me no braço.

— É uma boa menina. Agora vamos tratar da tinta.

Com a ajuda do Sr. Frankel, escolhi um tom chamado Branco-Pomba, depois liguei ao Griffin para lhe perguntar que material nos fazia falta para fazer o trabalho no fim de semana. Não queria comprar nada que ele já tivesse.

— Vamos pintar a receção este fim de semana? — perguntou ele, claramente surpreendido.

— Sim. Tens fita de pintor? — perguntei, olhando para as prateleiras à minha frente.

— Sim. E pincéis, tabuleiros e rolos, algures. Mas traz uns pincéis finos e fita de calafetar.

— Calafetar? Não sei o que é isso.

O Griffin riu-se.

— O Frankel sabe. E diz-lhe para pôr na minha conta.

— Está bem.

— Como é que vais trazer tudo para aqui? Queres que te vá buscar?

— Ele ia fazer a entrega.

— Eu vou buscar-te. Fica aí. Demoro dez minutos.

— Perfeito. — Sorri. — A propósito, o Sr. Frankel diz que nos faz dez por cento de desconto, como presente de casamento.

O Griffin suspirou audivelmente.

— Desisto. Diz-lhe que agradeço.

*

Descarregámos a tinta e o material na receção e trancámos a porta. O Griffin disse que ainda tinha algumas coisas para fazer, por isso, enquanto ele acabava o trabalho, dirigi-me ao mercado de Maple Street e comprei comida para o piquenique que planeava para esta noite.

Tinha acabado de tirar as compras dos sacos quando o meu telemóvel tocou — era a Frannie MacAllister.

Disse uma oração rápida e atendi.

— Olá, é a Blair?

— Sim. É a Frannie?

— Sim. Desculpa ter demorado tanto tempo a entrar em contacto. Entre o café e as minhas três enteadas, raramente tenho um minuto livre.

— Não faz mal. Espero que não te importes que a Cheyenne me tenha dado o teu número.

— Claro que não! Ela ligou-me esta manhã e falou-me de ti, e estou convencida de que foi o destino, porque ainda na outra noite disse ao meu marido: «Dava-me jeito ajuda a tempo inteiro na loja este outono.» — Ela riu-se e baixou a voz. — Estou grávida de gémeos, nascem em março.

Dei um gritinho.

— Oh, meu Deus! Parabéns!

— Obrigada. Ainda estou a tentar digerir a ideia, sabes?

— Imagino.

— Adiante. Tenho uma rapariga a trabalhar comigo que é muito talentosa, mas vai voltar para a escola dentro de uma semana.

— Estou mais ou menos comprometida aqui em Bellamy Creek até ao Dia do Trabalhador — arrisquei.

— Não faz mal — disse a Frannie. — Posso dar conta do recado aqui até estares pronta para começar. Há algum dia que possas vir a Traverse City para uma entrevista? Podíamos falar acerca da vaga e ver se é mesmo apropriada para ti.

— Adorava! Também preciso de procurar casa. Digamos que estou... a começar do princípio.

— Compreendo perfeitamente, e vivi aqui toda a minha vida, por isso posso ajudar.

Fiquei com um nó na garganta.

— Muito obrigada, Frannie. Estou quase a chorar. Não imaginas o que isso significa para mim.

— Tenho todo o gosto. A Cheyenne contou-me a tua história, e senti muita empatia. Eu também tive de sair debaixo da alçada dos meus pais e fazer as coisas à minha maneira. Não é fácil.

— Bem, pelo que ouvi dizer, tens muito sucesso, por isso sei que posso aprender muito a trabalhar para ti. Tenho de esperar que o meu carro esteja arranjado antes de poder ir a Traverse City. Na próxima

semana, estaria bem?

— Claro! Que tal no próximo sábado por volta das 4 da tarde? De amanhã a uma semana?

— Parece-me bem.

— Ótimo. Vemo-nos então.

Agradei-lhe e terminei a chamada, marquei a data da entrevista no calendário e permiti-me uma dança da vitória. Depois pus a tocar Kacey Musgraves e cantarolei ao mesmo tempo, fazendo a massa para uma *galette*, e enquanto esta arrefecia fiz um recheio de espinafres, cebolas caramelizadas, feijão-branco e *Gruyère*.

Quando o pus no forno, o Griffin subiu as escadas, estacou e cheirou o ar.

— Que cheiro é este? É fantástico!

— É o jantar. — Baixei a música e continuei a lavar um cacho de uvas.

— Fizeste o jantar?

— Sim.

— Pensei que querias ir dar uma volta de carro.

— E quero. — Transferi as uvas para um saco de plástico. — É por isso que estou a preparar um piquenique no cesto que a Sra. Applebee mandou com o nosso presente de casamento. Tens uma manta velha que possamos usar?

— Acho que sim. Procura no armário do vestíbulo.

— OK. — Sequei as mãos e virei-me para ele, ansiosa por lhe dar as novidades. — Adivinha!

— O quê?

— Falei com a Frannie MacAllister, a mulher que tem o café perto de Cloverleigh Farms, e ela está a contratar. Vou lá para uma entrevista no próximo fim de semana!

— Isso é fantástico.

— Não é? — Rodopiei. — Estou tão feliz, Griffin. Finalmente, alguma coisa correu bem. Sinto que é um sinal.

— Ótimo.

Tonta, encostei-me à bancada e olhei-o, incapaz de parar de sorrir.

— Este é o melhor dia da minha vida.

Ele sorriu.

— E ainda não acabou.

*

Uma hora depois, guinchei de delícia quando o Griffin parou diante do edifício numa carrinha *vintage* de tom vermelho-vivo, com as janelas abertas.

— Oh, meu Deus! É adorável!

Depois de pôr o carro em ponto-morto, ele saiu e deu a volta até ao passeio.

— Será que uma carrinha pode ser adorável?

— Esta pode. — Mas foi o Griffin que me fez suspirar quando me abriu a porta do passageiro. O seu cabelo húmido estava penteado, mas estavam sempre a cair-lhe madeixas para a testa, as calças de ganga desbotadas apertavam-lhe o rabo, o azul da t-shirt justa combinava com a aguarela dos seus olhos — o coração quase me saltou do peito quando ele estendeu os braços para o cesto que eu levava.

— Deixa-me levar isso. — Pousou-o no banco da frente e deu-me a mão para eu subir.

Tentei subir sem lhe mostrar as cuecas, o que não era fácil com o vestido curto de verão —, no entanto, admito, tinha escolhido o vestido de propósito porque o Griffin parecia gostar de olhar para as minhas pernas. De facto, íamos apenas no primeiro sinal de Stop quando o apanhei a olhar.

— Estás gira — disse ele.

— Obrigada. Sei que gostas de me ver de vestido branco.

Ele levantou os olhos das minhas pernas para a minha cara.

— Engraçadinha.

Pus os óculos de sol.

— E sou toda tua durante toda a noite. Olha a tua sorte.

Ele abanou a cabeça, sorrindo enquanto voltava a concentrar-se no para-brisas.

— Tenho mesmo sorte.

Durante 20 minutos, percorremos estradas rurais com as janelas abertas, ouvindo a rádio AM roufenha, enquanto o sol se afundava no céu. Não falámos muito, mas não me importei — bastava-me observar a paisagem a passar por nós, cantarolar ao som de melodias antigas e inalar o ar fresco. Há muito tempo que não me sentia tão feliz.

Finalmente, deixámos a estrada e metemos por um caminho de terra batida. Ele avançou pouco mais de um quilómetro e virou para um acesso bloqueado por um portão enferrujado, com um letreiro que dizia: PROPRIEDADE PRIVADA. Colocando a carrinha em ponto - morto, disse:

— Já volto. — Abriu o portão, atravessou-o com a carrinha, depois voltou para fechar o portão.

— De quem é esta propriedade? — perguntei quando recomeçámos a andar. A estrada serpenteava entre árvores, subindo e descendo pequenas elevações.

— É do Beckett. Comprou o terreno há alguns anos, um dos limites está pegado à sua quinta, e abriu um lago de um hectare e meio.

— Para nadar?

— Bem, podes nadar, mas é sobretudo para armazenamento de água e irrigação. Encheu-o de peixes no verão passado e disse que podíamos vir pescar o jantar sempre que quiséssemos.

Ri-me.

— Bem, sem pressão. Trouxe bastante comida.

Através de uma clareira à nossa frente, pude ver o lago — um corpo de água oblongo, enorme, com uma doca de madeira no extremo mais próximo de nós. A brisa fazia ondular a superfície da água, e alguns gansos flutuavam no centro.

O Griffin estacionou e saiu, dando alguns passos em direção ao lago. Eu também saltei e segui-o, olhando a água, as árvores, o céu. A luz estava dourada e suave, o ar quente e tranquilo. Os únicos sons eram o do vento a fazer restolhar as folhas, os grilos a ensaiarem os seus coros noturnos e o ocasional grito de gaivota por cima de nós.

— Caramba, isto é mesmo bonito.

— O meu pai quase comprou esta propriedade.

— A sério? — Olhei o seu perfil determinado.

— Sim. Queria construir aqui uma casa. Para a reforma.

— Mudou de ideias?

O Griffin abanou a cabeça.

— Morreu antes de ter essa possibilidade.

— Desculpa. — Hesitei, mas depois aproximei-me, enfiei o braço no dele e encostei a cabeça ao seu ombro.

— Gosto de ouvir falar do teu pai. Conta-me mais alguma coisa acerca dele.

— Como o quê?

— Não sei. Uma lição que ele te ensinou e na qual ainda pensas?

Ele ficou em silêncio por um minuto.

— Nunca deixes um veículo sair da tua oficina se não te sentires confortável a viajar nele na autoestrada com a tua família.

— Adoro.

— Trata todas as velhotas como se fossem a tua avó.

— Especialmente aquelas que se esquecem das bolas de *bowling* na bagageira.

Ele sorriu levemente.

— E toda a gente começa por empilhar pneus, mesmo que seja filho do dono da oficina.

— Queria ensinar-te uma boa ética de trabalho. — Apertei-lhe o braço. — E ensinou. Teria muito orgulho em ti.

— Ele teria adorado isto. — O Griffin examinou o lago e as árvores do outro lado. — Teria construído uma casa ali, um celeiro acolá, e teria um barquinho a remos amarrado na doca.

Eu conseguia ver tudo o que ele descrevia. E sabia que ele também conseguia.

— Ele disse sempre que queria passar os seus anos dourados a pescar, a renovar carros antigos e a brincar com os netos.

— Aposto que teria sido um avô fantástico.

— Sim. Foi um grande pai.

Respirei fundo e decidi ser ousada.

— Tu também serias um grande pai.

Por um momento, ele não disse nada.

— Bem, a vida nunca corre como planeado, não é? — E então, antes

de eu poder continuar, prosseguiu: — Vamos comer?

— Claro.

Mas ficámos ali mais um momento, olhando para a água, e ele surpreendeu-me quando pegou na minha mão, antes de se virar e voltar à carrinha.

Treze

Blair

— Trouxeste pratos verdadeiros para um piquenique? — Ele ficou a olhar enquanto eu tirava as coisas do cesto para a manta de xadrez vermelha que tínhamos estendido na caixa da velha carrinha.

— Sim. Faz piqueniques como os franceses, é o meu lema.

— Só podia ser.

Ajoelhei-me e dispus os pratos e os guardanapos, a *galette* e as uvas.

— Além disso, tu não tens pratos de papel. Apesar de teres muitos garfos de plástico.

— Um dos muitos benefícios de encomendar muita comida. Quer dizer que vamos usar pratos verdadeiros e garfos de plástico?

— Eu disse que os *tinhas*, não que os trouxe. — Tirei dois garfos verdadeiros do cesto, a faca que trouxera para cortar a *galette*, a garrafa de *Moët & Chandon* da Sra. Applebee e duas taças embrulhadas em panos de cozinha.

— Podes abrir o champanhe?

Ele tirou-me a garrafa da mão e soltou a rolha cuidadosamente.

— Tudo isto é demasiado elegante para um piquenique. Um piquenique é frango assado e maçarocas. Salada de batata. Latas de cerveja.

— Não, se for eu a planeá-lo. — Depois de descalçar as sandálias e as atirar para o chão, dispus os copos e servi-nos um pouco de champanhe. Pondo a garrafa de lado, ergui o meu copo e sentei-me sobre os calcanhares. — Brindamos a quê? Ao nosso casamento abençoado?

— Porque não?

Ele sorriu ao tocar com o copo no meu.

— À esposa que eu nunca soube que queria.

Ri-me.

— E provavelmente não queres.

— Não és má de todo. — Olhou-me nos olhos enquanto bebíamos e tive uma sensação estranha no peito: quase de tristeza ou arrependimento. Percebi que quase temia a nossa despedida.

Mas ainda não queria pensar nisso.

— Tens fome? — perguntei, pousando o copo. — Estou ansiosa por te ver provar isto. É uma das coisas que mais gosto de fazer.

Enquanto eu fatiava a *galette*, ele tirou o telemóvel do bolso de trás e franziu a cara.

— É a minha mãe. Tenho de atender?

Rindo, pousei um prato diante dele.

— Provavelmente.

Resmungando, ele tocou no ecrã e encostou o telefone ao ouvido.

— Olá, mãe. — Olhou para mim. — Sim. Ela está mesmo aqui.

Sorri e adicionei uma fatia de *galette* ao meu prato, juntamente com algumas uvas.

— Está bem. Eu digo-lhe. — Fez uma pausa e afastou o telefone do ouvido enquanto ela continuava a tagarelar. — Está bem, mãe. Não há problema. Tenho de desligar.

Um minuto depois, continuava a tentar desligar, e já tinha os olhos fechados de frustração.

— Eu sei. Já *ouvi*. Não, não *faço*. Adeus, mãe. Adeus. Agora vou desligar. Adeus. — Desligou o telefone e guardou-o.

Rindo-me, pus uma uva na boca.

— Que se passa com ela?

— Quer que saibas que pede muita desculpa, mas não consegue preparar o meu velho quarto para ti esta semana, porque está a chocar qualquer coisa e não tem energia para lidar com aquela confusão neste momento. E também não te quer expor a qualquer germe que tenha. Não sabe bem o que é, mas tem a certeza de que é *muito* contagioso.

Sorri.

— Oh, céus.

— Também queria que eu soubesse que telefonou para

absolutamente toda a gente na vila que pudesse ter um espaço para arrendar, mas não teve sorte.

— Bem, foi muito simpático da parte dela.

O Griffin pegou no seu copo e bebeu um pouco de champanhe.

— Tenho a certeza de que não fez um único telefonema.

— Ouve, não faz mal. Amanhã ligo outra vez para o motel na Highway 31. Talvez agora tenham uma vaga.

Ele abanou a cabeça.

— Não te vou pôr no motel, Blair.

— Porquê?

— Por um lado, ainda não tens carro. Como é que chegavas ao trabalho?

— Não sei — respondi baixinho, brincando com a bainha do vestido, aborrecida por ele não me querer no motel só por recear que eu chegasse atrasada ao trabalho.

— Teria de ir buscar-te todas as manhãs e levar-te todas as noites. Não dá jeito nenhum. Além disso, não me agrada a ideia de ficares sozinha naquele motel.

— Não?

— Não. Não sei se seria seguro. Nem a minha mãe. De facto, ela está subitamente certa de que a Highway 31 pulula de assassinos em série prontos a matar-te enquanto dormes. Obrigou-me a prometer que te deixaria ficar em minha casa.

— Oh. — Segurança, conveniência e uma promessa à mãe. Nada sexy. — Escuta, tenho a certeza de que fico bem no motel — disse, alisando o vestido sobre as coxas. — São só algumas semanas. E talvez possa alugar um carro.

— Blair.

Recusei-me a olhá-lo, embaraçada por me sentir magoada.

— Deixa lá, eu resolvo. Desculpa isto estar a cair-te em cima.

— Ei. — Ele estendeu a mão e segurou-me o pulso. — Eu *quero* que fiques comigo.

— Queres?

— Sim. Devia ter começado por dizer isso. Desculpa. — Ele endireitou os ombros. — Não sou bom a dizer essas coisas em voz alta.

— Não faz mal.

Ele sorriu, um meio sorriso de esguelha.

— Chega aqui.

Deixei-o puxar-me para ele, arrastando-me cuidadosamente sobre o nosso piquenique para que os nossos lábios se encontrassem. O beijo dele foi gentil e doce, desejo misturado com um pedido de desculpa.

Recuando um pouco, sorri.

— Obrigada.

— Porquê?

— Por seres tão bom para mim. Prometo que não terás de me aturar para sempre.

— Não vamos preocupar-nos com isso agora, está bem?

— Está bem.

Beijando-o mais uma vez, ri-me quando ouvi o seu estômago rugir como um leão zangado.

— Tens fome?

— Estou esfomeado.

— Ótimo. — Sentei-me e peguei no meu garfo. — Ataca.

— Como é que isto se chama? — perguntou ele, olhando para a *galette* no seu prato. — Parece uma sobremesa.

— É uma *galette*. É um pastel, mas é salgado. Tem cebola, espinafres e queijo *Gruyère*. Prova.

Ele meteu uma garfada na boca e gemeu.

— Porra, é bom.

— Não é? É como se o jantar e a sobremesa tivessem tido um bebé.

— Provei também a minha. — Faço isto em todos os géneros, umas doces, outras salgadas. São perfeitas para os almoços. E para piqueniques. São boas frias ou quentes.

O Griffin já ia a meio.

— Era capaz de comer uma inteira sozinho.

Ri-me.

— Come o que quiseses. Fi-la para ti.

À medida que o sol se punha, as gaivotas acalmaram e os grilos tornaram-se mais ruidosos. Comemos e bebemos, fizemos planos para a pintura da receção no dia seguinte depois de fecharmos a oficina e

discutimos a possibilidade de o Andy assumir a responsabilidade pelas redes sociais.

— Terei de lhe pagar mais? — perguntou o Griffin, dando a sua última garfada.

— Sim, mas vai valer a pena. Pensa nisso como uma despesa de publicidade.

Ele resmungou baixinho mas acabou por ceder.

— Está bem. Podes pedir-lhe.

Quando ficámos saciados, guardei as sobras enquanto o Griffin despejava o resto do champanhe nos copos. Tirámos o cesto do caminho e sentámo-nos, anca com anca, com as pernas estendidas diante de nós, os meus pés descalços e as botas do Griffin cruzadas nos tornozelos. A luz era agora sombria e roxa, a superfície da água totalmente calma.

Beberiquei o meu champanhe.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Acho que me vou arrepender, mas podes.

— Quando eu disse que tu darias um grande pai, comentaste que a vida nem sempre corria como planeado.

Silêncio.

— Que querias dizer com isso?

Ele encolheu os ombros.

— Exatamente o que disse.

— Quer dizer que, a certa altura, pensaste em ter uma família?

Ele terminou o champanhe antes de responder, depois colocou o copo vazio no cesto.

— Houve um tempo da minha vida em que pensei que sim.

— O que é que aconteceu?

— Não me apetece muito falar disso.

— Foi com a Kayla? A Cheyenne mencionou-a na noite passada...

— Macacos me mordam, a minha irmã não sabe calar a boca, como toda a gente nesta vila. Já disse que não quero falar acerca disso. — A sua voz denotava irritação e isso devia ter sido a deixa para eu me calar, mas claro que não me calei.

— Está bem, desculpa. Estava só a pensar nisso porque...

— Bem, para de pensar nisso, OK? Não me conheces de lado nenhum. Conheceste-me há três dias, porra! Sabes lá se eu daria um bom pai ou não, e isso também não interessa porque não quero ter filhos.

— Já percebi. Desculpa.

— Isto não é real, percebes? Esta coisa entre nós não é real. É só uma brincadeira. É temporário.

Assenti com a cabeça, sentindo que ele me cravara uma faca e me esventrara. Abracei os joelhos e olhei em frente. A minha garganta ficou insuportavelmente apertada, mas recusei-me a chorar.

Passaram -se 30 segundos horríveis e ele deitou-se de costas. Tapou a cara com as mãos.

— Foda-se, Blair.

Fiquei calada.

— Sou um idiota.

— Não te preocupes com isso.

— Não era isto que eu queria dizer.

— Era, sim. Mas eu percebo. Uma rapariga como eu deve parecer-te uma brincadeira.

Ele sentou-se e suspirou.

— Não disse que *tu* eras uma brincadeira. Disse *nós*; referia-me à história do casamento.

— Está tudo bem.

— Não, não está. — Mais uma vez, ele esfregou a cara com ambas as mãos. — Olha, eu não gosto de falar do passado. Com ninguém, não é só contigo. E toda essa história de ter uma família é uma coisa que estou sempre a ouvir da minha mãe, por isso irrita-me facilmente. Desculpa.

— Desculpas aceites.

Mas eu fora repreendida, e isso doía.

Ele recostou-se, apoiado num cotovelo, e dobrou um joelho. Por um momento, apenas ficámos ali, sem falar. Os grilos pareciam mais ruidosos a cada segundo que passava, e tinha-se-lhes juntado o zumbido dos mosquitos. A lua apareceu por cima das árvores, à nossa direita.

À medida que o silêncio se prolongava, eu sentia-me mais desconfortável e estúpida. Porque é que não podia manter a boca calada? Ele tinha razão — só nos conhecíamos há três dias. Eu não era mulher dele. Nem sequer era namorada. Estava a viver com ele porque não tinha outro sítio onde ficar nem forma de partir, para já. Ele não me devia nada.

Engoli em seco de encontro ao nó na minha garganta enquanto sacudia um mosquito do tornozelo.

— Estás pronto para ir? Os insetos estão a atacar-me.

Ele segurou-me o braço.

— Chega aqui, por favor.

Desta vez, não o deixei puxar-me para ele. Mas olhei por cima do ombro.

— Que é?

— Estraguei o teu melhor dia de sempre?

— Não.

— Não acredito. — Encolhi os ombros. — Estás zangada comigo?

Respirei e combati novamente o nó da garganta.

— Estou mais zangada comigo.

— Porquê?

— Porque digo coisas que não devia. E entusiasmo-me.

— Gosto quando te entusiasmas.

— Sabes que eu falo muito, e deixo as pessoas de quem gosto entrarem rapidamente na minha vida. Esqueço-me que as outras pessoas são diferentes.

— Sou muito diferente.

— Eu sei. — Respirei fundo. — E percebo que acabámos de nos conhecer. Sei que o que estamos a fazer não é real. Mas já passou muito tempo desde que me diverti tanto com alguém. Gosto de ti. Quero conhecer -te.

— Eu também.

Aquilo fez-me sentir melhor.

— A sério?

— Sim. E tens razão. Não estou... acostumado a deixar as pessoas entrarem na minha vida, ou a permitir que alguém se aproxime.

Normalmente, afasto as pessoas que o tentam.

— Porquê? Desculpa. — Abanei a cabeça. — Voltei a fazê-lo. É como se a minha boca disparasse as palavras antes de o meu cérebro ter hipótese de as travar. Mas, juro, só estou a perguntar porque estou genuinamente interessada na resposta... e em ti.

Ele ficou silencioso por um momento.

— A minha única relação séria, com a Kayla, acabou mal.

— E magoou-te?

— Sim, magoou. — Abri a boca para fazer outra pergunta, depois pensei melhor e fechei-a. — Não faz mal. Podes perguntar.

— De certeza?

— Bem, estou a ficar um pouco impaciente para te pôr as mãos em cima, mas concedo-te mais três perguntas para compensar ter sido uma besta.

Sorri.

— Obrigada. Três é bom.

— OK, dispara.

— Estavas apaixonado por ela?

Ele reclinou-se e pôs as mãos atrás da cabeça.

— Parece que estava.

— Porque é que acabaram?

— É uma longa história.

Deitei-me de lado, junto dele e apoiei a cabeça numa mão.

— Adoro histórias longas.

— Claro que adoras. — Ele inspirou e expirou, lenta e profundamente. — Antes de me alistar pela segunda vez, falámos em casar e começar uma família quando eu voltasse. Pedi-lhe que esperasse por mim e ela prometeu fazê-lo. Mas não o fez.

Mordi o lábio.

— Isso deve ter doído.

O Griffin manteve os olhos fixos no céu crepuscular enquanto falava.

— Quando voltei para casa, comprei-lhe um anel. O meu pai emprestou-me dinheiro, e dei entrada para uma casa. Comecei a fazer horas extra na oficina para conseguir pagar tudo. Então ela arranjou

finalmente coragem para me dizer que se tinha apaixonado por outra pessoa enquanto eu estava fora.

— Oh. — O meu coração doeu por ele.

— Houve mais coisas, mas já ficaste com uma ideia.

Engoli em seco. As suas lições e regras de vida faziam agora sentido. Não admirava que quisesse confiar apenas em si próprio. Não acreditava que as pessoas cumprissem as promessas. Não queria que alguém tivesse o poder de o magoar outra vez. Ele entregara-se de coração às coisas — um casamento, uma casa, uma família — e acabara sozinho.

Ele olhou para mim.

— Esta era a terceira?

— Não, ainda só fiz duas.

— Tens a certeza? Tenho a sensação de que estou a falar há uma hora.

— Tenho a certeza. Mas, sabes que mais? Vou dispensar-te da terceira.

— Ótimo. — Ele estendeu a mão para mim e, desta vez, cedi e deixei-o puxar-me para cima dele. Os seus dedos deslizaram pelo meu cabelo e ele ergueu a cabeça, para que os seus lábios encontrassem os meus. O beijo foi doce, terno e fácil, e senti-me derreter. Estava tão feliz por ele sentir confiança para se abrir um pouco comigo.

Levantei a cabeça.

— Espera, mudei de ideias. Quero fazer outra pergunta.

Ele gemeu.

— O quê?

Sentei-me em cima dele, um joelho de cada lado das suas ancas, as mãos sobre o seu peito.

— O que é que achaste de mim na noite em que nos conhecemos?

— Hum. — Ele subiu-me as mãos pelas coxas. — Achei que eras linda. Achei que eras um bocadinho maluca. E achei que eras provavelmente uma daquelas pessoas com muitos estudos, mas com zero desenrascanço.

— É verdade. — Assenti com a cabeça.

— Senti que tinha de te proteger.

— A sério? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

— Sim. Lembro-me de te ver sair do carro e caminhar na minha direção com aquele grande vestido branco, com um ar tão perdido, tão confuso, e o meu instinto foi... desculpa... salvar-te.

— Não, acho que é querido.

— Depois lembro-me que quando saíste da oficina nessa noite, com a tua mala de viagem, tive vontade de correr atrás de ti e te trazer para casa comigo, só para ter a certeza de que estavas segura. — Fez uma pausa. — Mas claro que, quando te levei para casa comigo, comecei a pensar em coisas que não tinham nada que ver com segurança.

Soltei uma gargalhada.

— Eu também.

— A sério? — Ele pôs novamente as mãos atrás da cabeça. — Então, tenho de perguntar. O que é que achaste de mim nessa noite?

— Hum. — Passei as palmas das mãos pelo seu peito. — Achei que parecias uma estrela de cinema. Achei que eras calmo, forte e masculino. Senti que eras boa pessoa.

— Deves ter sentido, porque passaste a noite a um metro de mim.

Encolhi os ombros.

— Senti-me segura contigo.

— Estás segura comigo — disse ele baixinho.

Baixei a cabeça e pousei a boca sobre a dele, lembrando-me de como o olhara na noite em que nos conhecemos, perguntando-me como seria ser beijada por ele, tocada por ele, desejada por ele. O beijo tornou-se mais profundo e intenso, as nossas mãos vaguearam, os corpos queriam ver-se livres das roupas. Ele baixou as alças finas do meu vestido e eu despi-me até à cintura. Ele gemeu quando apalpou e beijou os meus seios, e o pénis avolumou-se dentro das calças de ganga. Entrelaçando os dedos no seu cabelo, balancei as ancas sobre ele, e depressa fiquei ofegante e a rebentar de desejo.

— Vamos? — sussurrei.

— Não. Não vamos conseguir chegar a casa. — Ele deitou-me de costas e deitou-se ao meu lado, tateando debaixo do vestido e acariciando-me sobre o algodão húmido das minhas cuecas. — Quero-

te aqui. Imediatamente.

Desabotoei as calças de ganga e deslizei uma mão para dentro delas, segurando a sua extensão longa e quente entre os meus dedos.

— Podes ter-me.

Não foi tão áspero comigo como tinha sido na noite anterior, e não ficámos nus nem fizemos jogos nem sussurrámos coisas porcas um ao outro.

Mas foi exatamente tão intenso — mais, até — sem ter um papel para representar.

Era apenas eu, querendo ficar mais próxima dele.

E ele, escolhendo permitir-mo.

Catorze

Griffin

No domingo de manhã encontrei-me com o Cole diante da casa da mãe dele, para uma corrida de sete quilómetros. Corremos o primeiro quilómetro e meio sem falar, para aquecermos e prevenirmos os espasmos musculares.

Mas tinha de admitir que o meu corpo se sentia fantástico nos últimos dias. Podia estar a dormir menos, mas tinha o melhor sexo de toda a minha vida. Desde a primeira vez no meu sofá, até à história de embalar no meu quarto, à caixa aberta da carrinha, até à noite anterior, depois do jantar... Levara-a ao DiFiore's, um restaurante italiano que era do tio do Moretti. Era um bocadinho caro, por isso não ia lá muitas vezes, mas a Blair disse que adorava comida italiana, por isso fiz uma extravagância de sábado à noite. Ela deve ter gostado, porque ainda mal tínhamos entrado no meu apartamento quando saltou para cima de mim. Hoje devia estar cheia de dores nas costas, pela forma como eu a atirara contra a porta de madeira.

Não sei se era por causa da Blair — embora ela fosse *fantástica* na cama e fora dela — ou se era eu que já não me lembrava como podia ser bom conhecer alguém sexualmente, deixar a pessoa aprender as tuas coisas favoritas, descobrir as dela, explorar as suas fantasias, partilhar as tuas, abandonar o exibicionismo frenético e a necessidade de dar provas das primeiras vezes e começar a descascar camadas... deixá-la conhecer o teu eu verdadeiro, mesmo que seja duro e grosseiro e complicado e nem sempre simpático. Há muito tempo que não me sentia tão à vontade com ninguém, na cama e fora da cama.

Não conseguia perceber se isso era uma coisa boa ou não.

Tirando-a da cabeça, acelerei um pouco o ritmo.

- Como está a Mariah? — perguntei. — Vi-a na semana passada.
- Ela disse-me. Disse que a Cheyenne lhe contou que tu e a Blair se tinham casado, mas afinal era mentira. — Soltou uma gargalhada.
- Maldita Cheyenne — murmurei.
- Ela disse que ao princípio ficou desapontada, mas depois ficou contente porque quer ser a menina das flores no teu casamento.
- Bem, lamento desapontá-la, mas não vai haver casamento nenhum. Mas levo-a a comer um gelado.
- É muito diferente, mas ela vai gostar. — Corremos em silêncio por alguns minutos. — Estou um pouco preocupado com ela.
- Olhei -o.
- Porquê?
- Tem passado mais tempo no quarto, sozinha. Há dias, quando foi limpá-lo, a minha mãe encontrou uma carta para mim. Estava cheia de perguntas.
- Perguntas sobre o quê?
- Sobre a mãe dela. Coisas que, aparentemente, tem medo de me perguntar. Não quer que eu fique zangado ou triste.
- A dor apertou-me o coração.
- Lamento muito, Cole. Isso é duro.
- Não sei se devo confrontá-la com isso ou não. A minha mãe diz que sim, mas tenho medo de estar a violar a sua privacidade.
- Pois, é uma decisão difícil.
- Acho que vou contactar um psicólogo. Sinto que isto é demasiado para eu lidar sozinho.
- Isso é uma boa ideia.
- Também estou preocupado com as mudanças físicas que virão com a adolescência, e por ter de lidar com *essas* questões.
- Foda-se — disse, em pânico, só de pensar em enfrentar essa situação.
- E isso só me faz sentir mais falta da Trisha, sabes? Devíamos enfrentar a adolescência da Mariah juntos.
- Não sabia o que responder àquilo, por isso dei-lhe só uma palmadinha nas costas.
- Mas já chega das minhas coisas. Como vai a oficina? —

perguntou ele.

— Bem. O banco recusou-me mais uma vez o empréstimo, mas tivemos trabalho suficiente para pagar as contas. Este mês, pelo menos. No próximo, pode ser diferente.

— Lamento.

— Pois... O que é que se pode fazer? A Blair tem um esquema maluco de recuperar algum do negócio que perdemos para a Swifty.

— A sério? — O Cole relanceou-me. — Então ela agora trabalha para ti?

— Acho que podemos dizer que sim.

— Pensei que ela se ia mudar para o Norte.

— E vai. Até já tem um emprego apalavrado. Mas primeiro tenho de reparar o carro dela, e como ela não tem dinheiro, está a trocar o trabalho pelo custo da reparação.

— Boa. E é só isso que ela está a trocar?

Olhei para o Cole e vi o sorriso dele.

— Vai-te lixar. — Mas também me ri. — Estamos só a divertir-nos.

— Isso é bom. Lembro-me vagamente desse género de diversão.

— Então volta a praticá-la.

— Não — disse ele, acelerando o ritmo. Esforcei-me por o acompanhar. Talvez as noitadas estivessem a afetar-me um pouco. Normalmente era tão rápido como o Cole, ou até mais.

— Quando é que ela se vai embora? — perguntou ele.

— Dentro de algumas semanas. Depois do Dia do Trabalhador.

— E o que é que acontece depois disso?

— Nada.

— Porquê? Pensei que gostavas dela.

— E gosto. Mas é temporário. Sem compromisso.

— Tens a certeza?

— Como assim?

— Eu estava lá na outra noite, depois do jogo. Vi-vos juntos. Não me pareceu uma coisa rápida e sem compromisso. Pareceu-me uma coisa real.

— Bem, não é. Ela vai mudar-se e ficar a três horas de distância daqui.

— Não podes namorar com ela à distância, ou algo assim?

— E porque faria isso?

O Cole riu-se.

— Não sei. Porque não é fácil encontrar alguém com quem tenhas tanta química?

— A química não é a questão.

— Qual é a questão?

Tentei pensar nisso. Seria por eu estar melhor sozinho? Seria por estar demasiado ocupado a tentar manter o meu negócio à tona para me dedicar a um relacionamento, sobretudo à distância? Seria por não querer acabar como o McIntyre, deixando que alguém mandasse na minha vida? Ou seria porque, por mais que pensássemos conhecer uma pessoa, nunca se podia realmente conhecê-la, e descobrir que se estava errado acerca dela magoava muito? De facto, todas as razões convergiam numa única verdade: eu não queria que a minha vida mudasse. Estava muito bem antes de a Blair chegar, e voltaria a estar quando ela partisse.

— Olha, não estou a negar que ela é um assombro — disse ao Cole.

— Ou que gostamos um do outro. Ela faz-me rir. E, sim, o sexo é fantástico. Mas é só isso.

— Só isso? — O Cole deitou-me um olhar estranho. — E que mais há, Dempsey? — Acelerou outra vez, deixando-me para trás.

*

Ao entrar na receção, algumas horas mais tarde, gemi pela visão que tinha diante de mim.

— Blair, isso não se faz assim. Estás a pingar o chão todo.

— Qual é o problema? — Virou-se para mim, com o rolo na mão. — Fiz como tu disseste. De baixo para cima.

— Eu disse de cima para baixo. E não podes andar com o rolo como calha. — Ela tinha feito uma espécie de gigantes «WW» brancos por toda a parede.

Ela relanceou o seu trabalho.

— Só queria pôr o máximo de tinta que conseguisse. Não fazia ideia

de que a tinta era tão cara.

Abanei a cabeça. Tinha estremecido quando a Blair sugerira começar a pintar a receção sozinha esta manhã, enquanto eu estivesse na corrida, mas não tivera coragem de lhe dizer que não.

— Não faz mal. Olha, porque é que não me deixas pintar?

— Porque quero ajudar. Tu fizeste todo o trabalho de preparação ontem.

— Ajudaste-me a pôr as fitas. É um passo muito importante.

Ela sorriu e limpou a testa, deixando um rasto de tinta branca. A tinta também salpicara a velha T-shirt cinzenta que eu lhe dera para trabalhar, e pela aparência do seu rabo naquelas calças de ganga largas, ou se sentara em cima da tinta ou se encostara a uma parede acabada de pintar.

— Obrigada.

— Mas a partir de agora vou eu assumir isto, está bem? — Tirei-lhe o rolo da mão.

— Está bem. — Por um momento, ela pareceu triste.

— Olha, tive uma ideia — disse, tentando animá-la. — Porque é que não perguntas à minha mãe se ela tem as tais fotografias antigas que querias?

Novamente animada, ela pegou num pano molhado que estava em cima do escadote e limpou as mãos.

— Boa ideia. Vou já ligar-lhe.

— Perfeito.

Ela olhou em redor da receção.

— Mal posso esperar que chegue a mobília nova.

— Quando é que chega?

— Sexta-feira. Achas que as paredes já estarão secas nessa altura?

Ri-me, abanando a cabeça.

— Sim. Já estarão secas esta noite.

O rosto dela iluminou-se.

— Boa! Estou tão entusiasmada com o novo visual da tua marca. Vai estar tudo pronto no próximo fim de semana. Oh, é verdade. Tenho a minha entrevista em Traverse City com a Frannie MacAllister no sábado. Achas que o meu carro já vai estar pronto?

— Deveria estar. Ontem falei com o tipo que vai mandar as peças — disse eu, molhando o rolo no tabuleiro. — Devem chegar na quarta - feira.

— Oh. Não me disseste isso. — Não havia qualquer entusiasmo no seu tom. — É... é bom. Quarta-feira é bom. — Fez uma pausa. — Então, telefone para o motel?

— O motel? — Comecei a espalhar a tinta na parede.

— Sim. Quando o meu carro estiver pronto, vou ficar no motel. A tua mãe foi muito simpática em oferecer-me um quarto, e não quero incomodá-la. E provavelmente já te estorvei tempo suficiente.

Ela não estava a estorvar-me. E eu não queria que ela se mudasse para a porcaria do motel. Contudo, que razão tinha para lhe pedir que ficasse? Poder continuar a ter sexo com ela todas as noites? Não me parecia correto. Além disso, ainda estava um pouco perturbado pelo que o Cole tinha dito. Talvez, se ela se mudasse para o motel, isso mostrasse às pessoas que não tínhamos nada sério. Que não queria nem precisava de uma namorada.

Porque era verdade. Provavelmente, nem sentiria a falta dela. E, se sentisse, esse era um sinal perigoso de que estava a deixá-la aproximar -se demasiado.

— Sim — disse, sem sequer me virar. — Talvez seja melhor.

Ela saiu sem mais uma palavra, e precisei de toda a minha força de vontade para não ir atrás dela.

*

Horas depois, nessa tarde, após a segunda demão de tinta e depois de ter limpadado a receção, guardei os materiais de pintura e fui para casa. O aroma que me saudou enquanto subia as escadas quase me fez revirar os olhos.

— Que cheiro é este? — perguntei quando cheguei ao patamar e a vi tirar um tabuleiro do forno. Tinha tomado duche e vestido uma saia com um top a condizer. Cresceu-me água na boca, e não foi só por causa do cheiro.

— Rolinhos de pesto. Disse à tua mãe que lhós levava. — Pousou o

tabuleiro em cima do fogão. — Ela está à nossa espera às seis.

— Vamos jantar a casa da minha mãe?

— Sim. — Ela tirou as luvas de forno e pousou-as na mesa.

— Pensava que ela estava doente.

— Parece que se sente melhor.

Fiz uma careta.

— Achei que íamos lá esta tarde só para procurar as fotografias. Visita de médico.

— Ela disse que tem algumas e ofereceu-se para procurar nos álbuns e encontrar as melhores para mim. Depois convidou-nos para jantar e eu não podia dizer que não. — Começou a lavar uma tigela.

— És demasiado simpática. — Não resisti a abraçá-la por trás, rodeando-lhe a cintura com os braços — agradou-me que o seu top fosse curto e deixasse a barriga à mostra. Beije-lhe um lado do pescoço. — E também cheiras tão bem.

— Obrigada. Oh, a propósito, lavei alguma roupa. Espero que não te importes.

— Claro que não.

— Também pus os teus lençóis na máquina.

— Não era preciso. — Encostei a cara ao cabelo dela e inalei. Talvez viesse a sentir a falta dela.

— Não há problema. Também liguei para o motel.

— Oh. — Soltei-a e recuei. — O que é que eles disseram?

— Reservei um quarto a partir de quarta-feira à noite.

— De certeza que podes pagá-lo? — perguntei, procurando uma razão para ela ficar aqui... uma razão que não estivesse relacionada com os meus sentimentos.

— Sim. Fizeram-me um preço especial, visto que ficarei mais de duas semanas. — Deixou a tigela a escorrer sobre um pano e finalmente virou-se para me olhar, com um sorriso que não chegava aos olhos. — Por isso, desde que o meu carro esteja pronto na quarta-feira, o teu apartamento volta a ser só teu.

Diz-lhe que não é isso que queres, disse uma voz na minha cabeça. Diz-lhe que mudaste de ideias e que não queres que ela vá.

Mas apenas assenti com a cabeça.

— Está bem. Vou mudar de roupa.

Ela virou-se novamente para o lava-loiça.

*

O jantar em casa da minha mãe foi mais tolerável do que eu previa, sobretudo porque a Blair teve a capacidade de manter a conversa centrada em velhas histórias de família, especialmente sobre o meu pai. E foi perita em voltar ao assunto sempre que a minha mãe se esforçava para derivar para temas como o facto de nós estarmos a dar-nos tão bem, quantos filhos ela queria no futuro e como o Senhor operava de maneiras misteriosas para unir duas almas solitárias e carentes.

Até a minha irmã revirou os olhos quando ouviu isso.

— Caramba, mãe. Deixa-os em paz. O Senhor tem mais que fazer do que arranjar uma namorada ao Griff.

— Não sejas malcriada, Cheyenne. A tua alma triste e solitária será a próxima. Eu e o Senhor vamos ter uma longa conversa acerca disso.

— Pensando melhor, não os deixes em paz — disse a Cheyenne, levantando-se da mesa. — Desculpem lá. Antes vocês que eu.

Depois do jantar, passámos para a salinha, onde apreciámos as fotografias que a minha mãe tinha retirado dos velhos álbuns de família. A Blair sentou-se a meio do sofá, com a minha mãe de um lado e eu do outro, com as pilhas de fotografias no colo.

— Oh, adoro esta — disse a Blair, pegando num instantâneo a preto e branco, com um largo rebordo branco. — São o teu pai e o teu avô em frente da oficina?

— Deixa-me ver. — Encostei-me a ela e o cheiro do seu cabelo inebriou-me. Olhei a foto com uma versão mais jovem do meu avô, com um menino pela mão, à porta da oficina.

— Sim. Deve ter sido quando abriram. O pai teria uns 2 anos, não era, mãe?

A minha mãe confirmou.

— É exatamente como tu na mesma idade, Griffin. Olha para essas orelhas.

A Blair riu-se.

— Tão querido.

Vimos toda a pilha de fotografias e a Blair fez perguntas acerca de cada uma delas, por vezes tomando notas no telemóvel. Perguntou se podia levar algumas com ela, e a minha mãe concordou imediatamente, desde que as devolvesse.

— Prometo ter cuidado com elas. Vou só fazer umas ampliações. — A Blair pôs a mão no braço da minha mãe. — Agradeço-lhe por me confiar a história da sua família. Significa muito para mim.

— Não tens nada que agradecer, querida. Essa história ainda está a ser escrita, sabes. Será agradável acrescentar mais uma geração de Dempseys aos álbuns. — Suspirou nostalgicamente.

Levantei -me.

— Está na hora de irmos. Obrigado pelo jantar, mãe.

— Estava tudo delicioso — disse a Blair, levantando-se. — Gostava de ter a sua receita das bolachinhas de açúcar.

— Claro, querida. É a receita da minha avó, e tenho todo o gosto em partilhá-la. Obrigada por trazeres os rolinhos. És *muito* talentosa.

— Obrigada.

— Já pensaste melhor em abrir uma pastelaria aqui na vila? Houve pelo menos cinco pessoas que me perguntaram se estás a pensar nisso... desejando que o faças, claro.

A Blair sorriu.

— Isso é muito querido.

— O casal que tem a pastelaria na Main Street está a ficar velhote. Aposto que ta vendiam por pouco dinheiro!

— Basta, mãe — disse eu firmemente. — Ela já tem um emprego alinhavado noutro sítio.

A minha mãe ficou lívida.

— O quê?

— A Cheyenne meteu uma cunha a alguém em Traverse City, que se ofereceu para a contratar logo a seguir ao Dia do Trabalhador.

— *Cheyenne Dempsey!* — berrou a minha mãe, virando-se para a minha irmã. — Como foste capaz?

Enquanto a Cheyenne tentava defender-se, peguei no braço da Blair

e avancei para a porta da rua.

— Vamos.

*

Quando chegámos a casa, a Blair quis ir à receção para ver se a tinta estava seca. Andou lentamente à roda, analisando cada parede.

— Estou a imaginar como vão ficar as ampliações das fotos — disse.

— Sim?

— Sim. Acho que a do teu avô e do teu pai em 1955 deve ir para ali. E aquela de vocês os três, para acolá. Depois, talvez três mais pequenas nesta parede: aquela em que o teu pai está a ensinar-vos, a ti e à tua irmã, a mudar um pneu, aqui, a outra onde estão os dois a trabalhar na velha carrinha, ali, a da família toda no corte de fita dos 50 anos, aqui. O que é que achas?

— Acho que este sítio vai ficar com melhor aspeto do que teve em anos, graças a ti.

Ela sorriu, e ficou com as bochechas rosadas.

— Acho que é muito importante mostrar aos clientes que este é um negócio de família.

— Concordo.

Virou-se de novo para a parede.

— Um dia, as paredes da minha pastelaria vão ter fotografias da minha família.

— Vais ensinar as tuas filhas a fazer pão?

Ela arqueou-me uma sobancelha por cima do ombro.

— E os meus filhos.

Sorri.

— Claro.

— Quero que os meus filhos saibam cozinhar e as minhas filhas saibam como arrancar com um carro sem bateria — disse ela, virando-se para me encarar. — O que me recorda, achas que me podes ensinar a fazer isso antes de eu partir?

Senti um aperto no peito. Não queria pensar na partida dela.

— Claro.

— Obrigada. Sei que estás muito ocupado, mas gostaria mesmo de aprender.

— Não estou demasiado ocupado para ti. Vamos para a cama? — perguntei, apagando as luzes.

— Sim. — Ela dirigiu-se para a porta. — Trabalhaste muito hoje. De certeza que estás cansado.

— Um pouco — respondi, seguindo-a e trancando a porta. — Mas essa não é a única razão para querer ir para a cama.

— Não?

— Não. — Abri a porta do apartamento. — Nem sequer é a mais importante.

— Qual é a mais importante? — perguntou ela enquanto subíamos as escadas.

Eu não conseguir parar de desejar mais de ti. Adorar ter-te na minha cama à noite. Ir sentir a tua falta quando já não estiveres cá. Saber que vou preocupar-me constantemente por estares sozinha naquele motel. Termos apenas mais três noites juntos. O facto de em menos de uma semana teres conseguido entranhar-te em mim, e eu não saber o que fazer acerca disso — só sei que sabe bem estar contigo.

Mas não consegui confessar-lhe nada disto, por isso fiquei pelo sexo, que me permitia mostrar-lhe o que não conseguia dizer.

— Isto — disse, quando chegámos ao cimo das escadas, virando-a para a abraçar e esmagar a minha boca contra a dela no escuro.

Como era habitual connosco, o fogo ateou-se instantaneamente. Estava ainda mais ansioso do que habitualmente por entrar nela, tão ansioso que não consegui chegar ao quarto. Depois de lhe arrancar a roupa, instalei-a na mesa de jantar e puxei as calças para baixo, apenas o suficiente para libertar o meu pénis ereto.

Ela tinha as pernas enroladas na minha cintura e eu estava prestes a penetrá-la quando ela suspirou freneticamente:

— Griffin... espera. Neste momento não é seguro.

— Merda. — Nem queria acreditar que me tinha esquecido da proteção. Era uma regra que nunca quebrávamos. Voltei a correr ao quarto, tirei um preservativo da gaveta e rasguei-o com os dentes a caminho da mesa. Ela esperava por mim na ponta da mesa, recostada

sobre as mãos e respirando com força, as pernas afastadas.

— Não fazes ideia de como estás linda agora — disse-lhe, desenrolando o preservativo, o meu pénis ansioso por estar novamente dentro dela. — Esta é a fotografia que eu quero emoldurada na parede.

Ela riu-se quando deslizei para dentro dela.

— Isto é só para os teus olhos.

— Foda-se, sim, pois é. — A ideia de mais alguém a ver assim enlouqueceu-me de raiva. Fui dominado por algo feroz e possessivo, e fodi-a mais rudemente do que alguma vez o fizera, quase como se quisesse magoá-la. Puni-la por mostrar a algum cabrão futuro este lado dela.

Os gritos dela assumiram um tom diferente — eu sabia que estava a ultrapassar os seus limites — e arranhou-me os braços, as unhas para cima e para baixo, como garras. Talvez até tivesse feito sangue.

Não me importava.

A menos que ela pedisse misericórdia, eu iria fodê-la como necessitava, da forma que o meu corpo me implorava. Havia algo que eu queria que ela compreendesse, e aquela era a única forma de o fazer.

Mas ela não pediu misericórdia — apesar de ter gritado de dor e me ter agarrado os braços como se estivesse a afogar-se e me ter cravado os dentes no ombro enquanto eu me vinha dentro dela.

Quando terminei, abracei-lhe os ombros e olhei-a.

— Desculpa se fui demasiado bruto. Não sei o que me deu.

— Foi o top curto?

Ri-me.

— Não, apesar de gostar dele.

— O que é que foi?

— Não sei. Acho que me esqueci das minhas maneiras.

Não podia mesmo dizer-lhe a verdade, que me atingiu com força enquanto nos enrolávamos na cama e ela adormecia nos meus braços.

Era pânico. Puro e simples.

Era pânico por estar prestes a perder algo que era importante para mim, e só por minha culpa. Era pânico por estar a aproximar-se o fim

de um prazo e eu ter de tomar uma decisão, mas não estar preparado para a tomar. Pânico por estar prestes a cometer um erro enorme, mas não saber qual era... deixá-la ir? Ou pedir-lhe para ficar?

Senti que estava a perder a cabeça. O que tinha dito ao Cole era verdade — não queria que a minha vida mudasse. Não queria mudar. Construíra aqueles muros por uma razão muito forte, e não iria derrubá-los. Nem mesmo por ela.

Mas também ainda não estava pronto para que aquilo acabasse. Precisava de mais tempo — tempo para o que quer que sentia por ela seguir o seu curso. Tempo para a faísca física se extinguir. Tempo para me lembrar de que não a queria nem precisava dela na minha vida.

Então, quando as peças para o *MG* chegaram mais cedo — na manhã seguinte, de facto — não as instalei.

Escondi -as.

E não falei disso a ninguém.

Quinze

Blair

Estava aterrorizada com a chegada de quarta-feira, mas tentei não o mostrar.

Para ser honesta, esperava que o Griffin barafustasse quando eu lhe disse que tinha telefonado para o motel. Claro que não o censurava por querer ter o seu espaço de volta. Eu já aqui estava há uma semana. Por mais fantástico que o sexo fosse, uma pessoa não podia mudar-se tão depressa para casa de outra. Era uma insanidade.

Mas eu *gostava* dele. Não queria que aquilo que tínhamos terminasse.

Foi uma segunda-feira em que não parei de olhar para o relógio, aborrecida ao perceber que o tempo parecia passar mais depressa do que o habitual. Estávamos atarefados na oficina, o que era ótimo, mas também fez com que o dia voasse. Os planos para o evento de aniversário também me preocupavam. Depois de fecharmos, corri à loja de impressões que a Darlene me recomendara e encomendei a ampliação das fotografias. A senhora ao balcão prometeu que estariam prontas na sexta-feira.

— Perfeito — disse eu. — Também queria ver a impressão de alguns folhetos para o evento do fim de semana do Dia do Trabalhador.

Ela ajudou-me com o modelo e o design, e corri de volta para a oficina quando o céu já escurecia, os relâmpagos iluminavam a noite e os trovões retumbavam por cima de mim. O Griffin estava no passeio em frente da oficina, como se estivesse à minha espera.

— Estava prestes a ir buscar a carrinha para ir à tua procura — disse ele severamente, abrindo a porta da receção e seguindo-me para dentro. — Não atendias o telefone, e aproxima-se uma tempestade das

beras.

— Desculpa, devo tê-lo deixado em cima da secretária. Estava cheia de pressa para chegar lá, com medo de molhar as fotografias.

Ele franziu a testa.

— E eu estava preocupado contigo. Leva o telemóvel quando fores a algum sítio, está bem?

— Está bem — disse eu, incapaz de não sorrir.

— Onde é que está a piada? — perguntou ele, inchando o peito.

— És tu. Preocupado comigo, à chuva. É giro.

— Pela última vez, os mecânicos não são giros.

— Então, o que devo chamar a um mecânico que faz as minhas roupas caírem no chão e o meu coração retumbar? — perguntei, batendo compassadamente no peito com uma mão.

Ele semicerrou os olhos para mim.

— É melhor que só exista um mecânico desses.

Beijei-lhe a bochecha.

— És só tu.

*

Na terça-feira à noite, depois de eu o ensinar a fazer *penne* com vegetais de verão e salada de couve — que o fez resmungar antes de provar, mas admitiu que sabia melhor do que pensara —, o Griffin insistiu em lavar a loiça toda. Depois estendemo-nos no sofá e vimos um filme enquanto a chuva de verão continuava a bater nas janelas.

Chegámos mais ou menos a meio do último filme da Marvel antes de as nossas mentes e depois as nossas mãos começarem a vaguear, e acabámos nus e suados no tapete entre o sofá e a mesinha de centro. Não sei quem fez mais barulho, eu ou os trovões, mas a pobre *Bisou* não saiu da transportadora durante toda a noite.

— Ai, sinto-me culpada — lamentei, quando ela não saiu para comer.

— Ela está bem. Já acolhi outro gato que tinha medo das trovoadas. Ela vai comer quando tiver fome. — No entanto, reparei que colocou o prato e a tigela dentro da transportadora e não no sítio habitual.

Finalmente chegámos à cama, onde nos aninhámos e ouvimos a trovoadas. A minha cabeça repousando no peito dele, o meu corpo aconchegado no dele. Um trovão particularmente ruidoso fez-me saltar.

— As trovoadas assustam-te? — perguntou ele.

— Tinha muito medo das trovoadas deste género quando era pequena — expliquei. — Vivíamos num campo de golfe e uma vez, quando era pequena, ouvi os meus pais falarem de alguém que fora atingido por um raio enquanto jogava. Eu estava sempre convencida de que me ia acontecer quando estivesse a brincar ao ar livre.

Ele abraçou-me com mais força.

— Como eras em criança?

— Hummm. Faladora. Definitivamente faladora.

Uma gargalhada rugiu do peito dele.

— Claro. Davas com os teus pais em doidos?

— Sim, mas não era só com eles. Falava com toda a gente. Sou a típica menina que podia ter sido raptada pelo tarado numa carrinha branca.

— Parte de mim receia que ainda sejas essa menina.

Apertei-me mais de encontro a ele.

— Também era solitária.

— Solitária?

— Sim. Não tinha irmãos, nem miúdos na vizinhança com quem brincar. Estava sempre sozinha.

— Ou com o teu cavalo — brincou ele.

Dei-lhe uma palmadinha.

— Certo. Ou com o meu cavalo. Mas o *Alistair* nunca queria brincar com as Barbies.

Ele riu-se com desdém.

— *Alistair*?

— Sim. *Alistair Peacock Beaufort*.

— É curioso. Deste-lhe o teu primeiro apelido.

Levantei a cabeça.

— Quando é que eu te disse o meu primeiro apelido?

— Não disseste. Vi-o na tua carta de condução na noite em que nos

conhecemos.

— Oh. — Sorri. — É o apelido da minha mãe. Achaste que era esquisito?

— Mais ou menos. Mas achei que te assentava bem.

Deitei-lhe a língua de fora, e ele riu-se.

— Acima de tudo, pensei que não havia qualquer hipótese de uma Blair Peacock Beaufort se interessar por um tipo como eu.

— Bem — disse eu, montando-me nele. — Estavas enganado.

*

Acordei na quarta-feira de manhã com uma dor no coração. Ao meu lado, o Griffin ainda dormia. Em vez de sair da cama para começar a fazer bolos, como fazia na maior parte das manhãs, deitei-me de lado e observei-o por um momento.

Ele era lindo, de tirar a respiração, mesmo enquanto dormia, e a visão dos seus ombros e peito musculosos e tatuados excitava-me sempre. Sem conseguir conter-me, estendi a mão e tracei o perfil bem definido do queixo, depois a protuberância arredondada do bíceps. Ele abriu os olhos.

— Olá — sussurrei.

— Olá. — Ele espreguiçou-se, o que fez os seus músculos fletirem e a minha boca criar água.

— Já está na hora de levantar?

— Quase.

— Mas ainda está um bocado escuro. — Estendeu a mão e puxou-me mais para ele.

Sorrindo, aninhei a cabeça debaixo do seu queixo, atirando-lhe uma perna e um braço por cima do peito.

— Podemos fazer gazeta hoje?

— Podíamos, mas acho que os meus empregados e clientes não iam gostar muito.

— Provavelmente não.

— Mas talvez possamos chegar atrasados — disse ele, acariciando-me os ombros, os braços, as costas. — Afinal, sou o dono daquilo.

— Isso é verdade — concordei, deslizando a mão pelo seu estômago esculpido para brincar com o pénis duro como uma pedra. — Acordas sempre assim?

— Sempre? Não. Muitas vezes? Sim.

— E o que é que fazes em relação a isso?

— Ou ignoro, ou trato do assunto.

— Assim? — Enrolei os dedos em volta do pénis e movi a mão para cima e para baixo.

Um riso rugiu-lhe no peito.

— Mais ou menos. Mas não tão gentilmente. Sou um bocadinho mais agressivo.

Intrigada, sentei-me e atirei os cobertores para trás. Lancei-lhe um sorriso lascivo.

— Mostra -me.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Mostro -te?

— Sim. — Sentei-me de joelhos e cruzei as mãos debaixo do queixo.

— Por favor.

Um sorriso lento e sexy abriu-lhe a boca.

— És uma menina tão má.

— Eu sei.

Apoiando-se num cotovelo, ele segurou o pénis e apertou com força, movendo o punho ao longo dele.

— Parece que estavas a falar a sério quando disseste que gostavas de me ver.

Confirmei, de olhos muito abertos, quando ele começou a mexer o corpo, investindo lenta e ritmicamente na própria mão. Os seus abdominais firmes ondularam. Acho que gemi.

— Estou a pensar em ti — disse ele, a voz rouca e áspera, os olhos movendo-se pelo meu corpo nu. — Estou a pensar no teu sabor, na forma como te moves, na sensação de estar dentro de ti.

— Oh, céus — suspirei, a morrer por lhe tocar, mas não querendo interromper o que acontecia diante de mim. Era a coisa mais excitante que eu já tinha visto. Ao invés, abri ligeiramente os joelhos e acariciei o interior das minhas coxas.

— Foda-se, sim — gemeu o Griffin por entre os dentes. — Deixa-me ver-te. Faz-te vir para mim.

Isto era algo que eu nunca tinha feito — nunca sequer pensara em fazer —, mas eu já não era a pessoa que tinha sido. Sentia-me mais corajosa com ele. Sem medo de que me visse assim. Lambi a ponta dos dedos e os olhos dele seguiram a minha mão quando a coloquei entre as coxas e comecei a esfregar o clítoris. O botão floresceu rapidamente sob o meu toque. Enquanto me observava, o Griffin apertou o pénis com mais força, masturbou-se mais violentamente, rolando as ancas mais depressa. Os músculos dos seus braços cresciam e fletiam. A respiração saía-lhe em exalações lentas e sussurradas, que se tornavam mais ruidosas e próximas umas das outras enquanto os seus movimentos se tornavam mais frenéticos.

Hipnotizada, eu nem conseguia mexer a mão enquanto via o seu orgasmo desenrolar-se diante de mim — os olhos fechados, os maxilares cerrados, todo o seu corpo a aquietar, e depois, com algumas investidas finais e incontroláveis das ancas e puxões com o punho, veio-se em cima do peito em correntes longas e vibrantes.

Era a coisa mais excitante que eu já tinha visto. A mais honesta. A mais íntima. O seu corpo era como uma obra de arte. E observá-lo a obter prazer consigo mesmo daquela forma, diante de mim, sabendo que queria que eu o visse, fez o meu coração bater com tanta força que pensei que me saía do peito.

— Foda-se. — Ele abriu os olhos, viu o líquido no seu peito e olhou para mim. — Tu não o fizeste.

Culpada, abanei a cabeça.

— Desculpa. Distraíste-me.

— Isso não é desculpa, mas podes compensar-me no duche.

— Posso?

Ele deslizou cuidadosamente para fora da cama sem sujar os lençóis e estendeu a mão para mim.

— Anda, princesa. Vamos sujar-nos antes de nos lavarmos.

Sorrindo, dei-lhe a mão.

Chegámos finalmente ao trabalho, mas tive dificuldade em concentrar-me. Fiquei sentada à secretária na maior parte do tempo, a olhar para o espaço, a pensar na manhã, a abanar-me com um catálogo de um fornecedor. A temer a chegada das peças do meu carro.

Sentia que a reparação assinalaria o início do fim de algo que eu não estava preparada para deixar ir. Não queria depender do Griffin, mas também não queria dizer-lhe adeus. Quem me dera saber o que ele estava a pensar, mas não tinha coragem de lhe perguntar. Já conhecia a opinião dele acerca de relacionamentos, e não me parecia justo esperar que mudasse por mim.

A Cheyenne espreitou para a receção por volta do meio-dia.

— Olá!

Parei de me preocupar por um momento e sorri-lhe.

— Olá.

— Caramba, isto está com bom aspeto. Muito mais claro — disse ela, entrando. — Aquelas fotos vão ficar fantásticas.

— Obrigada. Estou mesmo entusiasmada com elas. E com a festa também. O Griffin disse-te que concordou que a carrinha *vintage* servisse de cabina fotográfica nesse dia?

A Cheyenne riu-se.

— A sério? Caramba, ele e o meu pai trabalharam uma eternidade nessa carrinha.

— Ele contou-me. Acho que as pessoas vão ficar entusiasmadas com a hipótese de tirarem uma foto lá dentro, e convenci-o a pintar o novo logótipo de um dos lados.

— És um génio. Vai haver comida?

— Sim. Falei com a proprietária do Bulldog Pub ontem, e ela foi muito cooperante. Estamos a pensar numa pequena banca para vender hambúrgueres e batatas fritas na parte da frente.

— Boa! Estás a dedicar-te a sério a isto. — Riu-se. — Foi mesmo uma sorte para o Griffin, teres rebentado aquele pneu.

— Estou a gostar. E espero que tenha um impacto positivo no negócio.

— Tenho a certeza de que vai ter. Tens tempo para um almoço rápido? Ou o meu irmão mantém-te acorrentada à secretária todo o

dia?

Encolhi os ombros.

— Acho que posso almoçar agora. De qualquer forma, não estou a adiantar muito trabalho.

— Porquê?

— É só que... tenho muitas coisas na cabeça, acho eu. — Levantei-me. — Deixa-me ir avisar o Griff. Normalmente almoçamos juntos, por isso vou ver se ele quer que lhe traga alguma coisa.

A Cheyenne levantou uma mão.

— Convida-o para vir connosco, se quiseses.

O Griffin estava debaixo do capô de um reluzente *Corvette* preto. Vê-lo a trabalhar, sujo, sexy e excitante, remexeu-me as entranhas e senti as pernas ficarem um pouco moles ao aproximar-me dele.

— Olá.

— Que se passa? — Ele parou e olhou para mim, apoiando-se na estrutura do carro.

— A tua irmã está aqui e convidou-me para almoçar com ela.

— Vai.

— Queres vir connosco?

— Não.

— Posso trazer-te alguma coisa?

— Não é preciso. Vou num instante lá acima comer os restos de ontem. — Voltou ao que estava a fazer sob o capô. — Diz olá à Cheyenne por mim.

— Está bem. — Olhei em volta, com medo de fazer a pergunta que estava na minha cabeça, mas querendo a resposta. — As peças do meu carro chegaram?

— Ainda não.

O alívio inundou-me.

— Está bem. Talvez esta tarde?

— Talvez. — Ele não levantou o olhar. — Mas, mesmo que cheguem, não sei se terei tempo de fazer o trabalho hoje. Esta semana estamos um pouco mais ocupados do que é habitual, e quero garantir que entrego todos os trabalhos no prazo previsto.

— Está bem — disse eu, hesitante, perguntando-me o que queria ele

dizer com aquilo.

— Será melhor cancelares o motel esta noite — prosseguiu ele. — E provavelmente amanhã à noite. É dia de jogo. Para ser realista, acho que não consigo pegar no teu carro antes do fim de semana. — Fez uma pausa, olhando finalmente para mim. — Pode ser?

Tentei não guinchar de excitação.

— E onde é que eu fico?

— Comigo. — Um sorriso lento e sexy moveu-lhe a boca. — E antes que perguntes... *sim*, é isso que eu quero.

Fui percorrida por sentimentos por ele — enormes e monstruosos. Dei um salto e lancei-me ao seu pescoço, levantando os pés do chão.

— Fico tão feliz por dizeres isso!

Rindo-se, deu-me umas palmadinhas desajeitadas nas costas.

— Vais-te sujar, Blair.

— Não me importo. — Fechei os olhos e inspirei o seu odor — a suor e óleo de motor, juntamente com algo único dele que fez as minhas regiões inferiores vibrarem. Mas a Cheyenne estava à minha espera, por isso soltei-o. — Não demoro.

— Está bem.

Quando me virei e voltei para a receção, era capaz de jurar que os meus pés não tocavam no chão.

*

Estava um dia lindo — com sol e uma temperatura amena — por isso eu e a Cheyenne decidimos comprar umas sanduíches no café e levá-las para o parque ribeirinho. Enquanto caminhávamos, falei-lhe do meu telefonema com a Frannie e da minha entrevista no sábado.

— Agradeço-te muito por nos teres posto em contacto — disse. — Estou mesmo ansiosa por conhecê-la.

— Ainda bem, e não tens nada que agradecer. Talvez um dia a minha mãe deixe de se queixar ao meu pai por eu ter estragado tudo entre ti e o Griffin.

Ri-me.

— Desculpa lá isso.

— Então, como estão as coisas entre vocês? Achas que vão continuar a ver-se depois de te ires embora?

— Não sei. A verdade é que eu gostaria, mas não sei se ele sente o mesmo.

— Já lhe perguntaste?

Abanei a cabeça.

— Não. Sinto-me desconfortável em relação a isso. Ele é tão categórico quanto às suas regras e à sua independência. Deixou muito claro, desde o princípio, que não é homem de relacionamentos. Tenho medo de o assustar.

A Cheyenne ficou silenciosa por um momento. Chegámos ao parque adjacente ao porto e sentámo-nos num banco à sombra.

— Então e tu? — perguntou ela, enquanto desembrulhávamos as sanduíches. — Procuras uma relação séria?

— Mais à frente, sem dúvida. Mas antes quero organizar-me, percebes? Estabelecer-me. Mas... conhecer o Griffin mudou as coisas.

— Como assim?

— Nunca tinha conhecido ninguém como ele. É um *homem real*, com problemas reais, mas enfrenta-os. Trabalha arduamente todos os dias. Preocupa-se com a perda do negócio que o pai e o avô construíram, e está disposto a suar as estopinhas para o manter. Mas não mente, não faz batota nem engana os clientes. É impossível não admirar isso.

— Ele foi sempre honesto — concordou a Cheyenne. — E acredita no trabalho duro. O nosso pai era igual. Nem um grama de preguiça.

— E passou por uma *guerra*, não é? Isso é incrível para mim. Serviu o seu país durante uma *guerra*.

— Sem dúvida. — A voz da Cheyenne era orgulhosa. — E aposto que não te falou da medalha *Silver Star*.

— Não. Nem sei o que é isso — confessei.

— É uma medalha que ele ganhou por heroísmo. Nunca fala disso, mas foi muito importante para a nossa família. Foi a única vez que vi o meu pai chorar.

Eu própria fiquei com um nó na garganta.

— Ele nunca me contou. Mas era desse género de coisas que falava. A maior parte dos homens que conheci na minha vida passada não

conseguiram parar de falar acerca si próprios. Do seu dinheiro. Dos seus carros. Dos seus fundos de investimento. Das suas relações. E isso são tudo tretas. Nada disso importa.

— Sim, o Griff é um pedante, mas não dessa forma. — Riu-se. — E de certeza que não tem qualquer fundo de investimento.

— Não precisa deles. Tem muito mais para oferecer. — Suspirei. — Além disso, é sexy. Desculpa, sei que é teu irmão, mas é mesmo, mesmo uma brasa!

— Que nojo!

— Eu sei, eu sei. Vou-te poupar aos pormenores. Mas tem aquele corpo, e aqueles olhos, e aquelas mãos grandes, e é tão generoso. Sabe exatamente como...

— Pensei que me ias poupar aos pormenores — disse ela, levantando uma mão.

Ri-me.

— Desculpa. Comecei a pensar nele e entusiasmei-me.

— Notou -se.

Comemos em silêncio por alguns minutos. Depois ela disse algo que me surpreendeu.

— O Griffin tem um grande coração. Não o mostra a toda a gente, e sem dúvida que por vezes é muito casmurro e temperamental, mas por baixo desse exterior duro, concordo contigo. É um dos bons. Mas não deixa as pessoas entrarem facilmente na sua vida. — Pensou por um momento. — Não sei se foi o que aconteceu com a Kayla ou a morte do meu pai ou outra coisa, mas depois disso ele fechou -se.

— A sério?

Ela anuiu com a cabeça.

— Vi-o a fechar-se cada vez mais ao longo dos últimos anos, quase como se tivesse medo de sentir.

Dei uma dentada no meu *wrap*, que, de repente, perdera o sabor.

— Mas não tenho dúvidas de que ele é diferente contigo.

Engoli tão depressa que quase me engasguei.

— O quê?

— É diferente contigo. Na semana passada, vi-o rir-se mais do que se riu num ano inteiro. E sorri mais. E vejo a maneira como ele te

trata, sempre à tua volta, muito protetor. Quero dizer, convidar-te para ficar em casa dele? É uma loucura.

— Acabou de me pedir para ficar mais alguns dias — confessei. — Disse que, mesmo que as peças do meu carro chegassem hoje, como esperado, não terá tempo para trabalhar nele.

— Vês? Ele *nunca* faria isso por mais ninguém. Iria fartar-se de trabalhar para arranjar o carro e recuperar a sua casa. Tu és especial para ele. — Ela riu-se. — Não admira que a minha mãe esteja tão angustiada por te ires embora.

— Não vou assim para tão longe — disse eu, com o coração a retumbar de alegria por tudo o que ela tinha dito. Mas seria verdade?

Acabámos de comer e ficámos a observar os miúdos a brincar no parque infantil, as mães a empurrar carrinhos de bebé e os barcos a entrar e a sair do porto. Algumas pessoas paravam para cumprimentar a Cheyenne e perguntar pela Darlene, ou para se apresentarem a mim e dizerem que tinham ouvido coisas fantásticas sobre os meus bolos, e um par de miúdos abordaram timidamente a «Menina Dempsey» e disseram que esperavam que ela fosse sua professora no próximo ano.

— Esta é mesmo uma vila muito querida — disse eu, guardando o papel da sanduíche e um guardanapo no saco.

A Cheyenne concordou.

— Pois é. Quero dizer, fartas-te de ver sempre as mesmas pessoas quando és jovem, e confesso que eu estava ansiosa por ir para a faculdade, viajar e fazer amigos novos. Nem tinha a certeza de voltar para cá.

— Não?

Ela abanou a cabeça.

— Na altura em que estava preparada para arranjar emprego e escolher um sítio para viver, já estava cheia de saudades daqui. E não me imaginava a encontrar outro sítio onde me sentisse realmente em casa. Aqui sentia-me... completamente na minha pele, percebes? É pacífico. É amigável. É seguro.

Empurrei o pé dela com o meu.

— E a autoridade é particularmente bonita.

Ela suspirou.

— Pois é.

— Continuo a achar que devias convidá-lo para sair — sugeri, quando voltávamos para a Main Street.

— Nem pensar. Tenho demasiado medo.

— Nem que seja só como amigos — insisti. — Afinal, vocês conhecem-se há tanto tempo. E aposto que ele se sente sozinho por vezes. Não podiam ir só jantar, ou algo assim?

— Claro que podíamos.

— Então convida-o. Aposto que ele aceita.

— Provavelmente aceitaria. Não é de o *convidar* que tenho medo.

Olhei -a.

— Então é de quê?

— De me apaixonar por alguém que não posso ter — disse ela. — Alguém que nunca pode pertencer-me. Se começarmos a passar tempo juntos, mesmo que seja só como amigos, sei que ficarei totalmente embeijada num instante. Sei que cederia se ele só quisesse sexo sem compromisso. Sei que acabaria a chorar na minha almofada, tal como quando tinha 14 anos. Lembras-te daquela cena do *Grease* em que a Olivia Newton-John canta *Hopelessly Devoted to You* enquanto imagina a cara do John Travolta naquele lago estúpido?

— Sim — respondi, tentando não me rir.

— Bem, essa foi a minha figura durante toda a escola secundária. Não quero voltar aí. — Abanou a cabeça enquanto atravessávamos uma estrada secundária. — Já basta ter 29 anos, viver na casa ao lado, dormir na minha antiga cama e ter todos aqueles sonhos estúpidos que tinha com ele naquela altura. É como se estivesse presa neste círculo vicioso e não conseguisse sair.

— Lamento. — Pus o meu braço em torno dos ombros dela. — Não devia ter dito nada.

— Não faz mal. Agradeço o incentivo, mas preciso mesmo de avançar. De que serve querermos alguém que não podemos ter?

A pergunta dela ficou-me na cabeça.

Pensei nela nessa noite, enquanto o Griffin me observava a pendurar alguns vestidos no espaço que libertara no seu roupeiro. Pensei nela na quinta-feira à noite enquanto aplaudia a sua equipa depois de outra

grande vitória, vestida com a camisola dos Bulldogs que ele usara no ano anterior. Pensei nisso na sexta-feira de manhã, quando a nova mobília chegou e a dispusemos na receção, e nessa tarde quando pendurámos nas paredes as grandes impressões em tela das fotografias da sua família. Ele olhou para a fotografia onde estava com o pai durante alguns minutos, sem dizer nada.

— És parecido com ele — disse eu. — O que é um elogio, porque ele era muito jeitoso. — Era verdade. Hank Dempsey era um pouco mais moreno do que o Griffin, e era óbvio de onde vinham os grandes olhos castanhos e as longas pestanas pretas negras da Cheyenne, mas a estrutura óssea era estranhamente similar. O recorte do queixo, o nariz forte, a boca grande.

O Griffin abraçou-me.

— Ele teria gostado de ti.

— Achas? — O meu coração aqueceu com o elogio.

— Sim.

— Porquê?

— Porque és genuína.

Inclinando a cabeça para trás, sorri-lhe.

— Continua.

Ele riu -se.

— És bonita. És doce. És divertida, se bem que metade do tempo não seja intencional. — Deitei-lhe a língua de fora. — És trabalhadora. Cheiras *sempre* bem. E tens esse lábio inferior que me enlouquece. — Tomou-o entre os dentes e deu-lhe um puxão.

— Não me parece que o teu pai se ralasse com o meu lábio inferior.

— Mas eu ralo-me.

Com os braços em torno da cintura dele e os olhos fechados, encostei a bochecha ao seu peito quente e largo e tentei com muita força não sentir que estava a apaixonar-me por alguém que nunca me pertenceria.

Dezasseis

Griffin

Na sexta-feira de manhã rebocaram um carro sem bateria para a oficina. Não estávamos muito ocupados, por isso fui à recepção buscar a Blair.

— Está na hora de uma aula — disse-lhe. — Vai lá acima e veste qualquer coisa suja.

Ela tocou no peito, parecendo ligeiramente ofendida.

— Não tenho nada *sujo*.

Revirei os olhos.

— Não tens umas calças de ganga?

— Tenho.

— Então veste-as e tira uma t-shirt da minha cómoda para pôr por cima. Prende o cabelo e vai ter comigo ao estacionamento daqui a dez minutos.

Ela fez-me continência.

— Sim, senhor.

Dez minutos depois, apareceu no estacionamento.

— Muito bem, chefe. Estou pronta.

Dei-lhe uma olhadela e desatei a rir. Trocara os seus habituais vestidos de verão por um par de calças de ganga largas, com elásticos no tornozelo, e uma das minhas t-shirts, a que dera um nó na cintura. Calçava uns ténis brancos imaculados e o rabo de cavalo passava pela abertura de um boné da Oficina de Bellamy Creek.

— Qual é a piada? — perguntou, baixando os olhos para a sua indumentária.

— Nada — disse eu. — É só que pareces a Barbie Mecânica, ou algo assim.

Ela empinou o nariz.

— Bem, é melhor que a Barbie Mecânica aprenda alguma coisa, para merecer o seu nome. Vais ensinar-me, ou não?

— Vou ensinar-te.

Ela levantou um dedo.

— *Sem* te rires.

Abanei a cabeça, rindo-me ainda mais.

— Vou mesmo tentar.

*

— Muito bem. Então, para rever, quando tens os dois carros bastante próximos, de forma que os cabos de ligação se toquem, certifica-te de que estão ambos desligados, puxa o travão de mão e tira as chaves da ignição.

A Blair fez que sim com a cabeça, voltando a olhar para a minha carrinha e o *Ford* sem bateria. Estavam frente a frente no estacionamento, com os capôs abertos, como eu lhe ensinara.

— Já percebi — disse ela.

— Muito bem, agora vamos olhar para a bateria da minha carrinha. Sobe para esse banco, para poderes ver.

Ela subiu para o banco que eu lhe trouxera e espreitou hesitantemente por baixo do capô, quase como se tivesse medo de que saltasse de lá alguma coisa que lhe mordesse.

— Sabes onde fica a bateria? — perguntei.

Ela apontou para o carburador.

— É aquilo?

Tentei, mas não consegui esconder um sorriso.

— Não. É aquela caixa ali.

— Ah. — Bateu-me no ombro. — Prometeste não te rir de mim.

— Começo a arrepender-me dessa promessa. — Dei um puxão ao boné na cabeça dela. — Mas vou continuar a tentar.

Expliquei-lhe como identificar os terminais positivo e negativo de uma bateria, depois pedi-lhe para localizar a bateria do *Ford* — o que ela fez.

— Bom trabalho — disse eu, puxando-lhe o rabo de cavalo. — E agora, consegues encontrar o positivo e o negativo?

Ela apontou para os pequenos tubos vermelhos e pretos da bateria do *Ford*.

— Ali. Não é?

— Boa. Aprendes depressa.

— Obrigada. — Ela sorriu com orgulho. — Nunca pensei que seria boa nestas coisas.

— Podes ser boa em qualquer coisa. Agora vamos ver os cabos de ligação.

A seguir, mostrei-lhe como ligar as molas dos cabos a cada terminal — começando com o vermelho.

— Começa sempre com a bateria descarregada. É mais seguro — expliquei. — Deixa a mola preta para já, mas não a deixes tocar em metal.

— Percebido — disse ela.

— A seguir, vais ligar o cabo vermelho e o preto à bateria operacional. Começa com o vermelho.

Entreguei-lhe as pontas dos cabos.

— Queres que seja *eu* a fazer? — perguntou ela, chocada.

— Sim. Tenho confiança em ti. Só não deixes que se toquem, e faz exatamente como te mostrei.

Ela pegou nos cabos com cuidado para não os deixar tocarem-se, e subiu novamente para o banco. Com o lábio inferior preso entre os dentes, prendeu o clipe vermelho ao terminal positivo e o preto ao negativo.

— Assim?

— Exatamente.

Ela virou-se para mim e ergueu as mãos.

— Tenho as mãos a tremer.

— Porquê?

— Não sei. Sinto que se fizer o gesto errado o teu carro pode explodir. Assim como a minha cara.

Sorri.

— Nunca deixaria que nada acontecesse a essa cara. Estás a ir muito

bem.

— Obrigada. Então, agora ligo o último cabo preto ao terminal preto da bateria descarregada?

O ritmo do meu coração triplicou.

— Não! — respondi rapidamente, abanando a cabeça. — Nunca faça isso.

— Porquê?

— Vai causar uma faísca, que pode provocar gases e causar uma explosão.

Ela pestanejou para mim.

— Não tenho muito jeito para isto.

— Tens, sim. Vá lá. Estamos quase a terminar.

Alguns minutos depois, estava tudo ligado.

— E agora? — perguntou ela.

— Agora vou ligar a carrinha e deixamo-la ligada durante dois minutos.

— Estou nervosa — disse ela, retorcendo as mãos.

— Porquê?

— Não quero falhar. Se o meu carro ficar sem bateria algures e eu ficar pendurada, quero ser capaz de me resgatar.

Pus-lhe um braço em volta dos ombros e beijei-lhe o cimo da cabeça.

— Eu sei. É uma coisa que me agrada em ti.

Quando chegou o momento de tentar arrancar o motor do *Ford*, pedi-lhe que o fizesse.

— Está bem — disse ela, a voz cheia de dúvidas. Mas sentou-se ao volante e girou a chave na ignição. O motor engasgou-se, tossiu e cuspiu.

Vá lá, cabrão, incentivei o carro. *Ela precisa desta vitória*.

O motor arrancou.

— Iuuupi! — guinchou ela. Lançou-me um sorriso ofuscante através do para-brisas e eu levantei-lhe o polegar.

— Deixa-o a trabalhar — gritei.

Ela saltou do carro e lançou-se a mim, ficando presa como um coala.

— Consegui!

— Consequiste! — Correspondi ao abraço, recordando o meu próprio entusiasmo ao fazer isto pela primeira vez com o meu pai.

Novamente no chão, ela olhou com assombro de um motor para o outro.

— Sinto-me como o Dr. Frankenstein — disse, socando o ar. — Trouxe uma coisa morta à vida!

Ri-me.

— Conheço a sensação.

— Tenho de ter cabos de arranque no meu carro, não é? Posso comprá-los em separado? Ou estão, tipo, incluídos num carro novo?

— Só se comprares um *Rolls Royce* — respondi ironicamente.

Ela suspirou.

— Isso deve estar fora do orçamento da Barbie Mecânica. Pelo menos, para já.

Puxei-lhe outra vez o chapéu.

— Tenho alguns cabos extra. Ofereço-tos quando partires.

Quando partires.

Disse-o, mas não queria pensar nisso. E, pela expressão da Blair, ela também não queria. Mas sorriu e agradeceu-me.

— Agradeço muito a lição.

— Não tens de quê. Mas ainda não acabou. Tenho de te mostrar como se tiram os cliques.

Ela prestou atenção enquanto eu demonstrava como desligar os cabos pela ordem inversa em que os ligara, mas o estalar de excitação que vibrava no ar um momento antes tinha desaparecido.

Tínhamos dado vida a alguma coisa, e tinha sido fácil.

Mas mantê-la viva seria impossível.

Nada vivia para sempre.

*

No sábado de manhã, desci cedo para o trabalho. Era o dia da entrevista da Blair em Traverse City e eu ia levá-la, o que significava que só podia trabalhar até por volta do meio-dia. Ela sugerira ir

sozinha, se eu lhe emprestasse a carrinha, mas depois de ouvir as histórias de terror do seu cadastro como condutora, eu tinha dito que a levava. Afinal, a culpa de o seu carro ainda não estar pronto era minha.

Tinham passado seis dias desde que eu escondera as peças. Seis malditos dias.

Por fora, as coisas estavam bem. Fantásticas, mesmo.

Por dentro, eu começava a entrar em pânico.

Os meus sentimentos por ela não estavam a desaparecer, como eu queria. De facto, estavam a ficar mais fortes. Eu tinha a certeza de que me fartaria dela dentro de alguns dias e estaria desesperado por ter novamente a minha casa só para mim, mas isso não estava a acontecer. Pelo contrário. Adorava tê-la por perto e a minha mente começava a vaguear para o perigoso território do «e se?».

E se continuássemos a ver-nos depois de ela se mudar? E se o Cole tivesse razão e eu estivesse louco por querer atirar toda aquela poderosa química pela janela? E se eu estivesse enganado acerca de estar melhor sozinho?

Tentava imaginar como seriam as coisas. Com que frequência nos veríamos. Quanto tempo aquilo poderia durar.

Contudo, sempre que pensava nisso, a minha adrenalina começava a bombear como se me encontrasse numa espécie de perigo iminente. Durante anos, conseguira manter-me imune a este género de fraqueza por alguém. Mas a Blair tinha aquela sua maneira de me fazer sentir forte e impotente ao mesmo tempo. Levava-me a querer fazer tudo o que pudesse para a manter por perto, e para a manter feliz. Quando ela se ria de alguma coisa que eu dizia, ou a via aplaudir nas bancadas durante um jogo, ou quando ela tinha outra ideia para me ajudar com o negócio, sentia-me tão bem — como se houvesse uma reacção química dentro de mim.

Não podia negar que tinha sentimentos verdadeiros por ela, e que estes cresciam todos os dias.

Não sabia como bloqueá-los.

Não, isso não era verdade. *Sabia* como — simplesmente não tinha força suficiente para o fazer.

Ainda estava a pensar nisto quando o McIntyre apareceu, por volta das 8 horas.

— Olha, o *kit* com o gancho de reboque para o jipe já chegou? Preciso de tratar disso esta manhã. É para o irmão da Emily.

— Não o vi, mas é possível. Recebemos várias coisas esta semana. Vai procurá-lo lá atrás.

Não o vi durante algum tempo. Calculei que ele tinha encontrado o gancho e estava a instalá-lo no jipe, porém, cerca de 30 minutos depois, ele aproximou-se de mim e ficou ali especado, sem dizer nada.

— Encontrei o gancho? — perguntei, sob o capô de um *Nissan*.

— Não. — Fez uma pausa. — Mas encontrei as peças para o carro da Blair. A nota de encomenda diz que chegaram na segunda-feira. — Gelei. Não levantei os olhos. — Sabias que estiveram ali toda a semana?

Continuei a apertar um parafuso.

— Sabia.

— Então, o que é que se passa? Porque é que não consertaste o carro da Blair?

Endireitei-me e olhei para ele.

— Não tive tempo.

Ele lançou-me um olhar estranho.

— Queres que eu o faça?

— Não — respondi rapidamente. — Eu faço. Quero fazer uma revisão geral. Garantir que está seguro.

— Está bem. — Coçou a cabeça. Percebi que havia algo que não se encaixava, para ele.

— Só quero fazer-lhe uma surpresa. Ela não sabe que as peças chegaram, e achei que seria divertido surpreendê-la quando o trabalho estiver concluído. Por isso, não lhe digas nada, está bem?

— Não digo uma palavra.

Voltei à minha tarefa, mas nunca mais consegui concentrar-me.

O McIntyre também ficou em silêncio o resto da manhã.

Senti que ele tinha percebido perfeitamente o que eu fizera.

Durante toda a viagem para norte, a Blair manteve um ritmo regular de tagarelice, exprimindo a sua convicção visceral de que ela e a Frannie MacAllister se iam entender, preocupando-se com a procura de um sítio para morar que pudesse pagar, e desejando que o dia acabasse, para poder telefonar à mãe e dizer-lhe que ela se tinha enganado redondamente.

— Sinto que, se este emprego se concretizar, será finalmente aquilo de que eu precisava para me sentir cem por cento confiante — disse ela. — Como se todas as peças do puzzle começassem a encaixar -se.

— Quais são as outras peças? — perguntei.

— Bem, tenho um plano para um ano, um para cinco anos e um para dez anos.

— Começemos pelo de um ano.

— Muito bem, daqui a um ano quero reduzir seriamente a minha dívida pessoal e estar em posição de pedir um pequeno empréstimo para um negócio, para poder procurar o meu próprio espaço.

Então, ela ia passar o ano seguinte a trabalhar muito. De qualquer modo, não teria tempo para mim.

— E a cinco anos? — perguntei.

— Daqui a cinco anos, gostaria que o meu negócio fosse de vento em popa. Gostaria de estar na minha própria casa, casada com um lindo príncipe, talvez com um bebé ou dois.

Melhor ainda. Não havia hipótese de eu ser esse tipo.

Segurei o volante com mais força.

— E daqui a dez anos?

— Daqui a dez anos, estarei a celebrar o meu 40.º aniversário. E, sinceramente, a única coisa que quero é olhar para a minha vida e sentir-me grata por tudo o que tenho. Que será, espero eu, uma casa confortável, uma família feliz, bons amigos, um negócio de sucesso e alguma sabedoria para passar aos meus filhos, juntamente com as minhas receitas.

— Parece-me bem — disse eu, desejando saber quem é o lindo príncipe com quem ela planeava casar, para ir à procura dele e lhe dar um pontapé no rabo.

— E tu? — perguntou ela, virando-se no banco do passageiro para

me encarar. — Onde é que te vês daqui a um ano?

Encolhi os ombros.

— Na oficina, a aturar o McIntyre, que vai estar sempre a queixar-se da mulher, e a mandar o Dá-Cá empilhar os pneus.

Ela riu -se.

— E daqui a cinco anos?

— Deixa-me ver. Daqui a cinco anos, terei 37. Espero ainda ter uns abdominais rijos e um bom braço para lançar.

— E daqui a dez?

Dez anos. Porra, teria 42. Ainda viveria no meu apartamento? O Moretti estaria casado e com 9 filhos? A Mariah já teria acabado o secundário? O Beckett ainda seria capaz de fazer *home runs* sobre a rede do campo esquerdo? E a minha mãe? Ainda estaria cá? A Cheyenne casar-se-ia finalmente, dar-lhe-ia netos? Iríamos juntar-nos todos nos jantares de domingo e falar sobre o pai e os velhos tempos e os sarilhos que eu arranjava?

Imaginava toda a gente à mesa — a minha mãe, a Cheyenne e o palhaço que concordasse casar-se com ela, um bando de fedelhos em cadeirinhas altas ou a correrem atrás uns dos outros à volta da mesa, como eu e ela costumávamos fazer apesar dos gritos da minha mãe para pararmos de nos comportar como macacos e nos sentarmos como humanos civilizados. A recordação quase me pôs um sorriso na cara.

Mas a ideia do futuro, não.

Porque, quando olhei para a cadeira ao lado da minha, estava vazia. Eu estava sozinho.

Franzi a testa. Mas era isso que eu queria, não era? Era como eu decidira que tinha de ser.

Sozinho era simples. Sozinho era descomplicado. Sozinho era seguro.

Não tinha de significar o celibato, embora a ideia de estar com alguém que não fosse a Blair me repugnasse.

— Griff? — A Blair inclinou-se e tocou-me na perna. — Para onde foste?

— Para dez anos no futuro.

— E? Como era?

Solitário como o raio, pensei.

— Ótimo — respondi, mudando de faixa na autoestrada. — Era bom.

*

Alguns minutos antes das 16 horas, eu e a Blair chegámos a um sítio chamado Coffee Darling. O letreiro dizia «Fechado», mas quando girámos o puxador da porta, descobrimos que estava destrancada.

Dentro da loja, percebi imediatamente que a Blair se encaixaria ali. Era alegre, moderno, feminino, com fotos a preto e branco nas paredes, um comprido balcão de mármore e expositores de vidro forrados de bolachinhas coloridas que a fizeram arquejar.

— *Macarons!* — suspirou com admiração. — Olha como são bonitos.

Uma mulher de avental apareceu atrás do balcão com um grande sorriso.

— Olá. Sou a Frannie. És a Blair?

A Blair assentiu com a cabeça e estendeu a mão por cima do balcão.

— Sim. Prazer em conhecer-te. Este é o meu amigo Griffin Dempsey.

A Frannie acenou com a cabeça.

— O irmão da Cheyenne, não é? Prazer em conhecer-te.

Estendi também a mão.

— Igualmente.

— Bem, deixa-me mostrar-te o espaço e depois podemos conversar. Está bem? — perguntou a Frannie alegremente.

— Perfeito — disse a Blair.

A Frannie virou-se para mim.

— Hoje estamos fechados, por isso não tenho empregado, mas podes sentar-te e eu sirvo-te um café. Ou podes acompanhar-nos na visita guiada.

— Acho que vou só dar um passeio pela vila e depois encontro-me com vocês aqui. — Olhei para a Blair. — Achas bem?

— Claro. — Ela estava nervosa por trás do sorriso, mas eu tinha a certeza de que a Frannie não notaria. Seria excelente naquela entrevista e o emprego seria dela.

Iria mudar-se para aqui, atingiria os seus objetivos e daqui a dez anos teria tudo o que queria.

Eu seria uma memória.

Irrracionalmente zangado por causa disso, calcorreei as ruas do centro de Traverse City, olhando furiosamente para pessoas alegres, sem perceber bem com o quê ou com quem estava zangado e chegando à conclusão de que não importava e só precisava de o ultrapassar.

Talvez eu viesse a ser apenas uma memória para ela e nada mais. Mas seria uma boa memória. A memória do melhor sexo que ela alguma vez tivera.

Faria tudo por isso.

*

Ela conseguiu o emprego — claro!

— É tudo tão perfeito — chilreava alegremente na viagem para casa. — Serei gerente e pasteleira a tempo inteiro enquanto ela precisar, e quando ela estiver pronta para voltar, depois de os gémeos terem idade suficiente, poderei decidir se quero continuar ou procurar uma loja para mim.

— Parece-me ótimo.

— *E* — prosseguiu, batendo palmas — ela falou com os pais sobre arrendar o seu antigo apartamento, que fica por cima da garagem em Cloverleigh. Uma espécie de anexo.

— Ah, sim?

— Sim. É pequeno, mas eu não preciso de muito espaço, e a renda são só 350 por mês. Posso pagá-lo perfeitamente com o salário que vou receber, e vou conseguir pagar toda a dívida do meu cartão de crédito em dois anos.

— Isso é fantástico. — Obriguei-me a fazer a pergunta seguinte. — Quando é que te mudas?

— Disse-lhe que não posso começar antes do Dia do Trabalhador, e ela não se importou.

— Se tiveres de vir mais cedo, não faz mal — disse eu, quase

desejando que o fizesse. Não tinha sentido prolongar aquilo. — Não sintas que tens de ficar em Bellamy Creek por minha causa. Por causa da minha oficina, quero dizer.

Ela acariciou-me o ombro.

— Então! Eu *quero* ficar. Depois do Dia do Trabalhador venho muito a tempo. Só preciso do meu carro nessa altura.

— E vais tê-lo. — Pigarreei. — Vou... hum... fazer mais um telefonema ao fornecedor. Verificar se ele tem a morada correta.

— Mal posso acreditar — disse ela, limpando as lágrimas dos olhos. — Está tudo a compor-se.

— Que bom.

Mas eu sentia que estava tudo a desmoronar-se.

Dezassete

Griffin

— O que é isso? — Perguntei quando a Blair pôs um pequeno bolo com cobertura de açúcar diante de mim. Era terça-feira, já passava das 21 horas, mas eu tinha tido treino. Tinha dispensado o convívio habitual no *pub* depois, para ir para casa tomar banho e poder cear com ela.

— É um bolo. — Ela acendeu a única vela sobre a cobertura branca.

— Isso vejo eu, mas para quê? — Olhei-a. — Não é o meu aniversário. É o teu?

Sorrindo, ela abanou a cabeça.

— Não. O meu aniversário é em junho. É o nosso aniversário!

— O nosso quê?

— O nosso aniversário. Passaram exatamente duas semanas desde o nosso casamento. — Ela pestanejou e pôs ambas as mãos sobre o coração. — As duas semanas mais felizes da minha vida.

Rindo, puxei-a para o meu colo. Usava um dos meus vestidos favoritos — o azul com o lacinho à frente, e não sei como, parecia ainda mais bonita do que o habitual.

— És maluca.

— Eu sei. — Beijou-me. — E invadi o teu espaço, e falo demasiado, sou uma péssima condutora e não tenho jeito nenhum para pintar, gastei demasiado no tapete novo para a receção, entornei café na tua carrinha toda limpinha...

— O quê?

Ela estremeceu.

— Pois, não te tinha dito. Mas quando levei a carrinha para comprar mercearias, no outro dia, entornei o café no banco da frente.

Mas limpei!

Resmunguei.

— E também sou capaz de ter batido num passeio.

Resmunguei ainda mais alto, mas era impossível ficar zangado com ela.

— O que *quero* dizer — continuou ela docemente —, é que sei que não sou perfeita, mas tu fazes-me sentir bem comigo própria. Sinto-me grata por ti.

— Sim?

— Sim. *E...* — continuou, baixando a voz para um sussurro, como se mais alguém pudesse ouvi-la. — Dás-me os melhores orgasmos que alguma vez tive.

Ergui o queixo.

— Que bom.

— Sopra a vela. Pensa num desejo.

Eu soprei e ela retorceu-se no meu colo.

— O que é que desejaste?

— Um milhão de dólares na minha conta bancária, o que é que havia de ser?

Ela fez beicinho.

— Pensei que fosse algo mais sexy.

— Isto é sexy. Estou a ficar duro só de pensar nisso. — Beijei-a e deslizei-lhe as mãos por baixo do vestido. Na verdade, tinha tido o cuidado de não desejar nada.

— OK, é a tua vez — disse ela, um pouco ofegante, enquanto os meus lábios lhe desciam pelo queixo e pela garganta.

— A minha vez de quê?

Ela riu -se.

— De me dizeres o que este casamento significou para ti nas duas últimas semanas.

— Oh. — Desfiz-lhe o laço do vestido com os dentes, como me apetecera fazer no primeiro dia em que ela o vestira. — Não posso só mostrar-te com um daqueles orgasmos? Ou talvez dois?

— Sim — disse ela. — Mas também gostava de ouvir as palavras.

— Hum. Não sou bom com as palavras. Sou bom nisto. — Abri-lhe o

vestido e puxei para baixo a renda branca do soutien antes de fazer círculos com a língua em torno de um mamilo perfeito.

— Sim, és muito bom nisso. — Ela pôs-me as mãos no cabelo. — Mas não podes... ei... podemos falar por um minuto?

— Acerca de quê?

— Talvez, tipo... sobre o que estás a sentir? Qual é o próximo passo para nós? — Inclinou-me a cabeça para cima, para eu ser forçado a olhá-la. — Não consigo pensar quando estás a fazer isso.

— Nesse caso, terás de parar de pensar. — Levantei-me com ela nos braços e comecei a avançar para o quarto. A última coisa que queria fazer neste momento era falar dos meus sentimentos. Não confiava em mim para não dizer uma estupidez.

— Espera, então e o teu bolo? — gritou ela.

— Como-o mais tarde. Quero-te a ti para sobremesa.

Atirei-a para cima da cama, puxei-lhe o vestido para cima e baixeilhe as cuecas.

— Este é o próximo passo para nós. — Abri-lhe as pernas e enterrei a cara entre as suas coxas.

Ela gemeu e agarrou os lençóis, meneando as ancas sob a minha boca. Nesta altura eu já sabia como fazê-la vir-se facilmente, mas gostava de arrastar as coisas, levá-la a um frenético estado de desespero, até ela me suplicar que a deixasse vir.

Mas esta noite não a provoquei. Poucos minutos depois, os punhos dela puxavam-me os cabelos, os seus gritos ecoavam nas paredes, o seu clítoris latejava enquanto eu o chupava.

Quando ela me soltou os cabelos, levantei-me, tirei a camisa e as calças de ganga. Nu, sentei-a e tirei-lhe o vestido pela cabeça. Então ela tombou para trás, levando-me consigo.

Beijámo-nos e acariciámo-nos e rebolámos sobre lençóis amachucados, pele com pele, brincando de forma imprudente. Bem lá no fundo, eu sabia que devia parar e pôr um preservativo, mas não consegui encontrar a minha voz. *Só um minuto*, dizia a mim mesmo. *Só quero senti-la assim por mais um minuto e depois paro.*

Mas não parei.

Coloquei o pénis dentro dela e ela gemeu.

— Mais — suplicou.

Dei-lhe mais dois centímetros, ambos gemendo numa bênção agonizante. As mãos dela desciam pelas minhas costas.

— Não pares — arquejou ela, levantando as ancas para ter mais de mim.

Agarrando-me a uma corda cada vez mais desfiada de autodomínio, permiti-me mais algumas investidas superficiais brincalhonas. Mas era demasiado bom — e então ela estava a segurar-me o rabo e a puxar-me mais para dentro, gritando de desejo frustrado. Quando dei por mim, estava todo dentro dela, investindo com força, rapidez e profundidade, e nada entre nós.

E não me importei. Naquele momento eu desconhecia o medo e a precaução. Não me importavam as regras e as consequências. Não pensei no passado nem no futuro nem em nada, exceto neste momento, nesta sensação, nesta mulher, nesta implacável necessidade de *mais, mais, mais*.

Ela agarrou-me com força, correspondendo ao meu ritmo, e os nossos corpos chocaram um contra o outro, deixando a nossa pele pegajosa de suor. Precipitámo-nos para o clímax em conjunto, subindo em espiral, cada vez mais alto, até colidirmos no céu e rebentarmos em chamas. Permanecemos abraçados até as brasas regressarem à terra.

Uma queda lenta, entontecedora, inevitável.

Após a qual colidi com o chão, com uma pancada seca e áspera.

— Oh, merda. — Saí de dentro dela, como se o risco não tivesse já sido corrido. — Merda. Não devíamos ter feito isto.

— Não... não faz mal.

— Faz, sim. Na outra noite disseste-me que não era seguro. E eu...

— Não é tão perigoso esta noite. O meu ciclo, quero dizer. Acho que não há problema.

— *Achas?* — Eu não percebia nada de ciclos, mas o tom dela não era convincente e a ideia de uma gravidez acidental era assustadora como o raio. — Não podes engravidar, Blair. Seria um verdadeiro desastre.

— Griffin — disse ela, obviamente magoada.

Zangado comigo mesmo, saí da cama e enfiei-me na casa de banho, fechando a porta com um pouco mais de força do que seria necessário. Estava a ser uma besta em relação àquilo e sabia-o, mas ela tinha-me deixado desorientado e confuso. Sentia que não sabia distinguir o lado de baixo do de cima. Já não me restavam regras para quebrar.

Que raio se passava comigo? Lavei-me e saí da casa de banho ainda sem saber bem o que ia dizer. Ela levantou-se imediatamente e foi para a casa de banho, sem sequer olhar para mim. Fechou a porta com menos força do que eu, mas ainda assim o suficiente para mostrar que estava chateada.

Não a censurei.

Sentei-me na ponta da cama e baixei a cabeça. Tinha estragado as coisas em grande. Colocara-me numa situação da qual não podia sair sem magoar alguém que não o merecia.

Ela saiu da casa de banho e foi buscar a mala de viagem. A luz do quarto estava apagada, mas a do vestíbulo ainda estava acesa e vi-a tirar roupa interior e a T-shirt do Snoopy.

— Que estás a fazer? — perguntei. Ela dormia sempre nua, ambos dormíamos.

— Nada.

— Chega aqui.

Ela fechou a mala e voltou para a cama, sentando-se hesitantemente na ponta, a um metro de mim, os braços cruzados diante do peito, os joelhos juntos. Ficou a olhar em frente.

— Desculpa — disse eu. — Fui um cabrão acerca do que acabou de acontecer. A culpa não foi tua.

Ela não disse nada, e dei por mim a procurar mais palavras. Senti que lhe devia uma explicação melhor, e havia uma, mas aterrorizava-me pensar em abrir essa caixa em particular. Derrubar essa parede. Mas ouvi-me dizê-lo um momento depois.

— Ela estava grávida.

A Blair olhou-me.

— O quê?

— A minha ex, a Kayla. Engravidou pouco antes de eu partir para a minha última missão. Mas eu só soube depois de me ir embora.

Silêncio.

— Oh.

— Eu estava aterrorizado, mas medo era algo que um gajo como eu não podia admitir. Não podia falar disso. Tinha crescido a acreditar que um homem tinha de ser duro. Alistei-me nos *Marines* porque eram os mais heroicos. Tinha sido treinado para ser um matador, controlado pela autodisciplina, e era muito bom nisso. Naquela altura ainda não me sentia qualificado para ser pai, para criar um filho. Já para não dizer que havia a hipótese de o meu filho nem sequer conhecer o pai. Tinha conhecido muitos tipos mais duros do que eu que não regressaram a casa. — A Blair virou-se ligeiramente para mim. — Mas durante as semanas que se seguiram, à medida que fui absorvendo a notícia, comecei a ficar verdadeiramente entusiasmado com a ideia. A ideia desse pequeno ser inocente que precisaria de mim para o proteger. Imaginei todas as coisas que tinha feito com o meu pai: brincar à apanhada, construir uma casa na árvore, restaurar um carro antigo. Imaginar a vida que tinha à minha frente ajudou-me a superar os meus piores dias.

— Então o que é que aconteceu? — sussurrou ela. — Onde está esse bebé agora?

— Ela teve um aborto espontâneo.

— Oh. — Ela estendeu a mão e tocou-me brevemente o ombro. — Lamento.

— Eu fiquei chocado com a forma como aquela perda me destroçou. Mas, mais uma vez, não consegui falar com ninguém acerca disso.

— Nunca contaste a ninguém?

— Não. Não havia ninguém a quem contar. Os tipos da minha unidade não falavam acerca dessa treta dos sentimentos. Estávamos ocupados a tentar manter-nos vivos uns aos outros.

— E a tua família?

— Também nunca souberam. A Kayla fez-me prometer não dizer nada, porque ainda não tinha contado à família dela. Eles eram rígidos e antiquados, o género de pessoas que nos teriam censurado severamente.

— Deve ter sido difícil para ela — disse a Blair docemente. — Para

ambos.

Passei uma mão pelo cabelo.

— O pior veio depois. Ela culpou-me por ter perdido o bebé. Acusou-me de não o querer. Disse que foi o stress de ter de lidar sozinha com a gravidez que causou o aborto. Disse que, se eu não me tivesse realistado, já estaríamos casados e ela teria conseguido levar a gravidez até ao fim. Disse que a culpa tinha sido minha.

A Blair arquejou.

— Tu sabes que isso não é verdade, Griffin.

— Eu achava que não era. Mas depois comecei a acreditar que sim. Ouves uma coisa tantas vezes que começa a parecer real.

Ela tocou-me outra vez no ombro.

— Não era.

— Quando voltei para casa, tentei tudo o que podia para endireitar as coisas, para cumprir as minhas promessas. Só queria corrigir as coisas, porra, mas não fui capaz. O mal estava feito. Ela acabou por me confessar que se tinha apaixonado por outra pessoa quando eu estava fora, alguém que tinha estado lá para ela quando eu não estive.

— Griffin, ela estava magoada e zangada. Queria castigar-te.

— Resultou. Fui um destroço de ser humano até o meu pai e os meus amigos me obrigarem a sentar e me dizerem que parasse de estar zangado com o mundo por as coisas não correrem como eu tinha planeado. E eu percebi. A vida é imprevisível e a merda acontece. Mas nunca mais queria passar por uma situação idêntica, e foi por isso que estabeleci as regras.

— Para te protegeres?

— Para proteger *toda a gente*. — Levantei-me, apanhei os boxers do chão e vesti-os.

— Mas... e se as regras te estiverem a impedir de avançar? Se te impedirem de ser feliz?

— As regras impedem-me de cometer erros — disse eu, esticando-me o mais que podia, com os ombros para trás. Barreiras erguidas. — Pelo menos, era para isso que deviam servir.

Ela voltou a abraçar o corpo.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que o que fizemos foi estúpido e imprudente.

— Só isso?

Forcei-me a dizer as palavras.

— E quer dizer que precisamos de parar de andar a foder um com o outro. Já chega.

— *A foder um com o outro?* — Ela ficou boquiaberta. — Para ti é só isso?

— Que mais podia ser?

— Não sei, Griffin. Acho que pensei que havia algo de especial entre nós.

— Bem, estavas enganada.

Os olhos dela brilhavam, com as lágrimas que ameaçavam destruir a minha determinação.

— De onde é que veio isso? Num minuto estás a pedir desculpa por ter sido uma besta e a abrires-te acerca desse acontecimento traumático do teu passado, e no seguinte estás a ser uma besta ao quadrado. Não percebo em que ficamos.

Encolhi os ombros, tornando-me besta ao cubo.

— Nunca te fiz promessas.

— Nunca te pedi que fizesses!

— Mas terias pedido — disse eu amargamente. — Era só uma questão de tempo.

— A única coisa que ia pedir era para continuar a ver-te. — As lágrimas rolaram-lhe dos olhos e ela limpou-as, irritada.

— Não. Quando partires, isto acabou.

— Porquê? Somos bons juntos, Griffin. Pelo menos éramos, até há cinco minutos.

— E depois? — perguntei, enervado, sem saber como fazê-la compreender. — Continuamos a ver-nos, e depois?

— Não sei! Logo vemos no que vai dar.

— Mas há um limite, Blair. Há um limite até ao qual podemos levar isto. Nós não queremos as mesmas coisas. — Apontei para ela. — Tu queres um conto de fadas, e eu não sou nenhum príncipe.

— Isso não é verdade!

— É, sim. O teu plano a dez anos não é nada parecido com o meu.

— Mas as coisas podem mudar — ripostou ela. — Não podem?
— Não. — Comecei a andar para trás e para diante aos pés da cama.
— Vês, é por isso que eu tenho regras. E se as tivesse cumprido e mantido as mãos quietas, isto não estaria a acontecer.

— Mas tu criaste essas regras para ti próprio quando estavas a sofrer. Precisavas de sarar antes de avançar.

— Precisava de ser realista acerca do que era capaz de fazer — respondi asperamente, virando-me para ela. — E tu também precisas.

Ela encolheu-se, quase como se a tivesse esbofeteado.

— Então, para ti, foi mesmo só sexo?

Vi-a a chorar na minha cama e cerrei os punhos. Os meus braços ansiavam por abraçá-la. Mas isso só serviria para adiar o inevitável.

— Sim — menti, sabendo que nunca me perdoaria por a magoar. — Tiveste sempre razão. Eu estava sozinho e tu estavas aqui e... eu aproveitei-me disso. Lamento.

— Mentiroso! — gritou ela, pondo-se de pé de um salto. — Não lamentas nada! Todas as tuas desculpas são mentiras. Pensei que eras diferente, mas és igual a toda a gente. Nunca devia ter confiado em ti.

As palavras dela golpearam-me até aos ossos. Ela tinha razão — eu era um mentiroso, mas não da maneira que ela pensava.

Apesar de não ter dinheiro, fama nem estatuto, tinha honra e arrasava-me que ela pensasse o contrário. Contudo, antes de poder defender-me — se é que isso era possível — ela saiu do quarto a correr e fechou a porta.

Subjugado por uma enorme tristeza que não sentia desde que perdera o meu pai, afundei-me na cama, com a cabeça nas mãos.

Estava outra vez sozinho.

Mas a sensação era horrível.

Dezoito

Blair

A primeira coisa que fiz foi atirar aquele estúpido bolo de aniversário para o lixo com toda a força que tinha.

Cabrão! Como podes fazer-me uma coisa destas?

Passei a noite enrolada num canto do sofá, a chorar baba e ranho. A *Bisou* acabou por ir ter comigo e aninhou-se no meu colo, mas isso só me fez chorar com mais força.

Caraças, eu era tão estúpida! Tão ingénua! Claro que ele só estava ali pelo sexo! Quando é que um gajo sentira realmente algo por mim, algo suficiente para se comprometer com uma relação duradoura?

Nunca. Essa era a dura verdade. Contudo, eu fora levada a acreditar na possibilidade porque, lá no fundo, o Griffin tinha razão — eu não passava de uma rapariguinha que queria acreditar em histórias de fadas.

— Talvez esteja na hora de eu própria ter algumas regras, *Bisou* — sussurrei orgulhosamente. — Número um: nunca mais acreditar em nada do que um homem disser, porque eles mentem. Todos. — A gata miou a sua concordância. — Número dois: vou trabalhar e poupar, para nunca mais voltar a depender de um homem. Serei sempre capaz de me sustentar. — A gata levantou uma pata, quase como se me quisesse dar mais cinco, por isso foi o que fiz. Depois pensei por um momento. — E número três: não vou deixar que nada me fale ao coração, porque nunca acaba bem.

A *Bisou* ficou silenciosa, e outro soluço subiu-me pelo peito. Enterrando a cara numa almofada para o Griffin não me ouvir, chorei até secar os olhos, e adormeci.

Quando acordei na manhã seguinte, o Griffin tinha saído. Com um nó na garganta e os olhos horrivelmente inchados, fui à casa de banho e descobri que me tinha vindo o período.

Aliviada por, pelo menos, não ter de me preocupar com uma gravidez não planeada, lavei-me, vesti-me e fiz a mala. Depois sentei-me na cama e liguei à Frannie MacAllister.

— Estou?

— Olá, Frannie. É a Blair Beaufort.

— Olá, Blair. Como vão as coisas?

— Tudo bem. — Engoli em seco. — Escuta, os meus planos alteraram-se um bocadinho, e afinal posso ir para Cloverleigh Farms mais cedo do que pensava.

— Ah, sim? — Passou um momento. — Tu estás bem?

— Sim e não — respondi. — Fisicamente estou bem, mas aconteceu uma coisa e preciso de sair de Bellamy Creek. — Para meu horror, comecei outra vez a chorar. — Desculpa, Frannie. Isto é tão embaraçoso. Mas se eu conseguir chegar a Cloverleigh hoje, o apartamento estará disponível para mim?

— Claro que sim — disse ela. — Mas como vens para cá? O teu carro já está arranjado?

Durante a entrevista, eu tinha contado à Frannie a forma como ficara presa em Bellamy Creek. Na altura, parecera-me uma história engraçada. Ela adivinhara os meus sentimentos pelo Griffin pela forma como eu falara dele e tínhamo-nos rido porque, se as coisas corressem bem, teríamos uma grande história para contar aos netos. Agora parecia-me ridículo ter acalentado a ideia de um futuro em conjunto.

— Ainda não — admiti. — Parece que o homem enviou as peças para a morada errada. Mas tenho algum dinheiro de parte e vou tentar alugar um carro.

— Espera. Vou ligar ao Mack para lhe perguntar se está muito ocupado. Talvez ele possa ir buscar-te.

— Não, por favor — pedi, fungando. — É uma oferta muito querida, mas a tua família já está a ajudar-me muito.

— Disparate. Vou telefonar-lhe. Se estiver numa reunião, talvez não te possa ir buscar imediatamente, mas não te preocupes, Blair. Trazemos-te para aqui o mais depressa possível.

— Muito obrigada, Frannie. Fico muito agradecida.

Depois de desligar, olhei para a porta do roupeiro, onde o meu vestido de debutante ainda estava pendurado. Só de o ver, lá veio novo dilúvio de lágrimas; bastou recordar-me de diferentes momentos — ter recuperado os sentidos nos braços do Griffin depois de desmaiar, os seus dedos nervosos a abrir o fecho mais tarde nessa noite, vesti-lo e fingir ser a princesa na torre.

Tinha de admitir, uma boa parte da nossa relação estava ligada ao sexo. Mas *toda* ela?

Pensei noutros momentos, que não tinham tido nada que ver com sexo. Coisas doces e protetoras que ele dissera ou fizera. Ajudar-me a descer da carrinha. Não me deixar dormir no carro. Ensinar-me a carregar uma bateria. Lavar a loiça depois de termos feito o jantar juntos. Incentivar-me a perseguir os meus sonhos. Falar-me do pai. Confidenciar-me a sua tristeza depois do aborto.

Era tudo mentira?

Caraças, Griffin, pensei, enxugando as lágrimas. Qual das tuas versões é a verdadeira? O cabrão duro e temperamental que me arrancou o coração na noite passada e o pisou? Ou o homem bom, de grande coração escondido atrás das suas barreiras protetoras?

Tinha de enfrentar o facto de talvez nunca vir a saber.

*

Por volta do meio-dia, apliquei batom nos lábios, pus os óculos de sol para tapar os olhos inchados e vermelhos e reuni coragem para descer à oficina e me despedir do Griffin. A Frannie tinha voltado a ligar para me dizer que Mack, o seu marido, chegaria a Bellamy Creek por volta das 17 horas. Até lá, encontraria um sítio para esperar que não estivesse cheio de memórias de nós os dois.

Com um dossiê debaixo do braço, entrei na receção. À secretária estava uma loura platinada que eu não conhecia, a mascar pastilha

elástica e a limar as unhas.

— Olá — disse ela. — Se estás à procura dos bolos, esta manhã não temos, nem a pagar.

— Olá, sou a Blair — expliquei. — Deves ser a Lanette, não é?

Ela arregalou os olhos.

— És a Blair?

— Sim. — Pousei o dossiê no balcão. — Só queria deixar isto. Contém todos os detalhes para o evento do aniversário. Vais encontrar...

— Sabes que vieram aqui muitas pessoas esta manhã à tua procura?

— A Lanette abanou a cabeça. — Tipo, umas cem. És muito popular.

— Isso é simpático, mas...

— O Sr. Frankel quase chorou quando lhe disse que te demitiste.

— Demiti -me?

— Foi o que o Griffin me disse quando ligou. Explicou que o teu carro ficaria pronto hoje, por isso ele achava que te ias embora mais cedo do que o esperado. Não tens outro emprego algures?

— Sim — confirmei, sentindo-me confusa. O meu carro ficaria pronto hoje?

— Também me fez prometer que não ligava à mãe dele a dizer que te ias embora. Até me pagou 20 dólares extra. — Inclinou a cabeça. — Estás bem, querida? Pareces um pouco pálida.

— O Griffin está aqui? — perguntei, relanceando a porta da oficina.

— Acho que sim. Queres que vá chamá-lo?

— Sim, obrigada. Se ele não estiver muito ocupado, preciso de falar com ele.

— É para já.

Ela dirigiu-se apressadamente para a área de serviço. Voltou pouco depois.

— Ele diz que já vem.

— Obrigada. — Virei-me para a janela, observando a rua e tentando manter a compostura.

Alguns minutos depois, ouvi a voz dele.

— Blair.

Virei-me e vi o Griffin na ombreira da porta, alto e sólido como uma

fortaleza. Tinha os olhos vermelhos, as mãos fechadas em punhos, mas a sua expressão não denunciava nada.

— Lanette, podes dar-nos um minuto? — pediu.

Claramente desejando assistir a um pouco mais de drama, a expressão da Lanette desanimou. Pôs a mala ao ombro.

— Acho que vou almoçar agora. Estou na sala de descanso.

Quando ficámos sozinhos, o Griffin clareou a garganta e disse, baixinho:

— O teu carro está pronto. Está no estacionamento. As chaves estão no banco da frente.

— A Lanette já me disse. Não compreendo.

— As peças chegaram ontem.

Continuava a não fazer sentido.

— Mas quando é que fizeste o trabalho?

— Na noite passada. Não conseguia dormir, por isso desci e despachei o trabalho.

Aquilo explicava os seus olhos vermelhos. Observando melhor, apercebi-me também das olheiras e da pele amarelada.

Ele encolheu os ombros.

— Calculei que quisesses partir o mais depressa possível.

A coisa mais louca é que eu não queria. Queria voar para ele, bater-lhe no peito, ripostar, obrigá-lo a admitir que eu tinha significado alguma coisa para ele. Queria tentar convencê-lo de que o que nós tínhamos merecia uma oportunidade.

Mas tinha demasiado medo de ser novamente rejeitada. Sendo realista, ele provavelmente trabalhara toda a noite para se livrar de mim o mais depressa possível.

— Quanto te devo das reparações? — perguntei.

— Nada.

— Griffin, por favor. Diz-me quanto te devo.

Ele abanou a cabeça, cruzando os braços diante do peito.

— Não me debes nada, Blair.

O meu lábio inferior tremeu. Quando ele dizia o meu nome assim, baixinho, eu ficava com falta de ar.

— Estás bem? — perguntou ele, com a voz entrecortada.

Puxei os óculos de sol para o topo da cabeça.

— Não estou grávida.

Ele mostrou-se aliviado.

— Tens a certeza? Já?

— Tenho a certeza.

— Bem, isso é bom.

— É. Mas, para responder à tua pergunta, não. Não estou bem.

— Desculpa — disse ele, aproximando-se tanto que senti o cheiro a óleo de motor. — Gostava que as coisas tivessem sido diferentes.

— Eu também. — Ri-me, mas não tinha graça nenhuma. — Gostava de tanta coisa. Acima de tudo, gostava que o homem que eu pensei que tu eras existisse de verdade.

— Existe — disse o Griffin, os seus olhos atormentados. — Mas não te pode dar o que tu queres.

— Sinto que imaginei tudo — disse eu, os olhos cheios de lágrimas.

— Imaginei que gostavas de mim.

— Não imaginaste isso.

Abanei a cabeça.

— Porque é que hei de acreditar em qualquer coisa que digas?

— Porque é verdade. — Segurou-me os ombros. — Lamento tudo o que disse ontem à noite. Não foi só sexo, está bem? Foi muito mais do que isso, mas tu tens de ir agora.

— Porquê? — perguntei, com as lágrimas a rolares-me pelas faces.

— Se sentes alguma coisa por mim, porque é que me mandas embora?

— Que raio, Blair. — Ele esmagou a boca na minha e naquele beijo senti o desespero e a agonia, uma mágoa que rivalizava com a minha. Ele interrompeu-o abruptamente. — Tens de ir — repetiu, respirando asperamente. — Cometi um erro ao manter-te aqui tanto tempo.

— Como assim, manter-me aqui?

— Esquece. — Afastou-se. — Não tornes isto mais difícil.

— Não te compreendo, Griffin. Se é tão difícil dizer adeus, porque é que o fazemos? Porque é que não podemos dar uma oportunidade a isto?

— Porque não podemos! — gritou ele. — Nós não somos iguais, percebes? Somos demasiados diferentes. De mundos diferentes. Nunca

resultaria. Estou a fazer-te um favor.

— Isso é um disparate. Deixei o meu mundo superficial para trás em busca de um lugar real. De um lugar melhor. Um lugar que me acolhesse de braços abertos e me fizesse sentir que lhe pertencia. Um lugar que me fizesse sentir amada.

Ele cerrou os maxilares.

— Espero que o encontres. — Depois passou à minha frente e abriu a porta.

Que escolha tinha eu?

Ele estava a segurar a porta para eu sair.

Ele estava a segurar a porta para eu sair porque lhe tinham partido o coração no passado. Porque passara anos a construir a sua armadura emocional. Porque queria esconder-se atrás das suas regras e da sua solidão e chamar a isso liberdade.

Eu sabia que ele sentia algo por mim. Sabia que nem tudo o que partilháramos tinha sido mentira. Sabia que, se ele me pedisse para ficar nesta vila e lhe dar uma oportunidade, eu diria que sim.

Mas ele não pediu.

Ele estava a segurar a porta para eu sair e a única coisa que eu podia fazer era atravessá-la.

Ela foi-se embora.

Tal como eu sabia desde a noite em que a conhecera. Como era suposto que fizesse. Como eu queria que fizesse. Então, não faço ideia porque é que vê-la sair me deixou uma sensação de vazio no peito.

Não sei há quanto tempo estava ali, com vontade de esmurrar todas as paredes que tínhamos pintado juntos, quando a Lanette reapareceu na sala.

— Caramba — disse ela, de olhos muito abertos. — Isso foi intenso. Desculpa, não pude deixar de ouvir. — O que significava que a notícia da nossa despedida correria toda a vila pela hora do jantar. — Estás bem? — perguntou ela.

— Estou ótimo.

Voltei para a oficina e pus-me a inspecionar um veículo qualquer sem sequer registar o que se passava e o que era suposto fazer. Passei cinco minutos espcado como uma estátua, até o Dá-Cá me interromper.

— Ei. Não é a Blair que vai ali? Leva uma mala de viagem. Vai-se embora agora?

— Sim — respondi, recusando-me a olhar pelas portas abertas. Ela estava com o vestido amarelo curto, de flores, que usara no primeiro dia de trabalho no atendimento. Eu adorava vê-la com aquele vestido. Adorava vê-la com qualquer coisa. Não queria acreditar que não voltaria a vê-la. Tocá-la. Beijá-la.

— Bem, vamos até lá despedir-nos?

— Não te atrevas, Dá-Cá.

Tentei trabalhar, mas a minha cabeça estava uma confusão. Estava

exausto, infeliz, ressentido e a sufocar de culpa. Tinha-a magoado. Estragara uma coisa boa. Devia sentir-me melhor agora que ela partira, mais ao comando, mas a verdade é que não sentia. Sentia-me completamente descontrolado.

Descarreguei nas pessoas à minha volta, claro. Perdi a cabeça com o Dá-Cá por não dobrar as toalhas como eu queria. Gritei com o McIntyre por um erro numa fatura que eu já cometera uma centena de vezes. Desliguei o telefone na cara da minha mãe depois de ela me perguntar porque é que ouvira, de pelo menos duas pessoas, que a Blair deixara subitamente de trabalhar para mim e saíra da vila. E fiquei rabugento com a Lanette quando ela veio até à oficina com um dossiê na mão.

— Olha, já viste isto? — perguntou ela. — É realmente impressionante. A Blair fartou-se de trabalhar.

— Sim, já vi — respondi com maus modos. — Mas estou demasiado ocupado para tratar disso. Dá-o à minha mãe ou à Cheyenne.

— Está tudo muito bem organizado. Só precisa de estar alguém no local a coordenar. Eu posso fazer isso.

— Ótimo.

— Mas não sei fazer bolos como ela. Por isso temos de esquecer a mesa de doces ou ver se a Louise do restaurante pode fazê-los.

Franzi a testa. Ninguém gostava dos bolos da Louise.

— Esquece a mesa de doces.

— Que pena a Betty Frankel nunca ter tido filhas. Pergunto-me se...

— Deixa lá a porcaria da mesa de bolos, Lanette! Nem a Betty nem a Blair estão cá, e nenhuma delas vai voltar!

Surpreendida pela minha explosão, a minha prima recuou.

— Está bem, está bem. Só estou a tentar ajudar.

Virei-me de novo para o motor em que estava a trabalhar, resmungando acerca das constantes interrupções, desejando que a Blair Beaufort nunca tivesse aterrado na minha vida, e recusando-me a imaginá-la na estrada... Estaria bem? Já estaria a meio do caminho? Ainda estaria a chorar? Teria acreditado em mim quando lhe disse que não tinha imaginado que eu gostava dela?

Porque eu gostava. E até ao resto dos meus dias iria provavelmente

lembrar-me das duas semanas que passara com ela como as mais divertidas, mais felizes e mais vivas que já tivera.

Depois de sair da oficina mais tarde do que era costume — não tinha vontade de ir para casa sozinho —, tranquei a porta atrás de mim e subi lentamente as escadas até casa, pensando em todas as vezes que seguira atrás dela.

Lá dentro, parei e olhei em volta. A casa era grande, vazia e silenciosa. Até a *Bisou* estava algures, longe da vista. Inspirei profundamente, mas não havia qualquer cheiro de bolos no forno, qualquer vestígio do perfume ou do champô da Blair.

Voltei para o meu quarto e vi que a mala de viagem dela desaparecera, a cama estava feita e o vestido já não estava pendurado nas costas da porta do roupeiro. Uma pontada de remorso golpeou-me por dentro.

Eu cometera um erro.

Errara ao mandá-la embora. Errara e fora mau e estúpido e agora iria passar todas as minhas noites sozinho nesta cama onde ela me fizera sentir tão bem.

Queria-a de volta.

Em pânico, tirei o telefone do bolso de trás e estava prestes a ligar-lhe quando recebi uma mensagem do Cole, a perguntar se queria fazer uma corrida com ele. Lembrei-me da última, quando ele me incentivara a namorar com a Blair à distância, e eu insistira que isso não iria acontecer, porque não queria que a minha vida mudasse.

Olhei para a minha cama. Para a porta do roupeiro. Para o telefone.

Se eu fizesse este telefonema, mudaria tudo. Teria de admitir que tinha cometido um erro — perante toda a gente, não só a Blair. Perante a minha mãe, a minha irmã, os meus amigos, os colegas de trabalho, esta vila.

Teria de reconhecer que tinha sido fraco. Que não era tão forte como me gabara ser. Que havia outra pessoa que tinha tanto poder sobre mim, apenas depois de duas semanas, que eu estava disposto a desdizer tudo o que tinha dito e a virar a minha vida do avesso para ficar com ela.

Não tinha coragem de o fazer.

Isto era temporário, e havia de passar. Eu já passara por tempos difíceis. Perdera pessoas que eram importantes para mim, pessoas que eu amava. Batera no fundo do poço. Conseguira sair. Reconciliara-me com o género de vida que teria.

Decidindo responder à mensagem mais tarde, tomei um duche e atirei-me para a cama. Era impossível não me sentir rodeado pelas recordações dela — ainda sentia o cheiro do seu champô na almofada. A *Bisou* entrou e farejou o quarto como se procurasse alguma coisa — ou alguém — e depois saltou para cima da cama e aninhou-se ao meu lado, mais ou menos como a Blair costumava fazer. Miou algumas vezes e acariciei-lhe o suave pelo branco e preto.

— Desculpa, *Bisou*. Ela foi-se embora e tens de te aguentar comigo.

A gata continuou a fazer barulhinhos infelizes, mas eu fechei os olhos e adormeci.

Depois de deixar o Griffin na recepção, tinha ido diretamente para casa dele e mandara uma mensagem à Frannie para a avisar de que afinal não precisava de boleia porque o meu carro estava pronto. Ela respondeu-me de imediato.

«Oh, isso são boas notícias!», dizia a mensagem dela. «Conduz com cuidado e liga-me quando chegares.»

A seguir despedira-me da *Bisou*, apertando-a junto a mim enquanto tentava conter as lágrimas.

— *Tu vas me manquer, ma chatounette.*

Depois, com o coração despedaçado, peguei na mala de viagem e, com o vestido branco dobrado num braço, deixei a chave extra do Griffin em cima da mesa e saí.

Óculos de sol na cara, nem sequer olhei pelas janelas da recepção quando passei, e mantive a cabeça erguida e o queixo empinado quando passava pelas áreas de serviço abertas. Ele estaria a observar-me?

Encontrei o meu carro no estacionamento e abri a bagageira. Lá dentro estavam os cabos de arranque, o que me causou um nó na garganta e um formigueiro no nariz. Empurrando-os para o lado, pus a mala na bagageira e pousei o vestido em cima. Por um momento fiquei ali, a olhar para o vestido, lembrando-me de que tinha achado que me traria boa sorte. Esperança. Oportunidade. Agora, porém, sempre que olhava para ele, pensava no Griffin, e era o oposto de todas essas coisas.

Por impulso, tirei o vestido da bagageira e marchei para o caixote do lixo.

Porém, não consegui abrir a tampa e atirá-lo para lá.

Optei por o deixar dobrado em cima da tampa antes de voltar a correr para o carro e me sentar ao volante. Através das lágrimas, apanhei as chaves do banco do passageiro e liguei o motor.

Saí do estacionamento e virei para a Main Street, embora não fizesse ideia de para onde ia. Conduzi ao acaso por vários quarteirões, percebendo que teria de parar e usar o GPS do telemóvel para chegar a Cloverleigh Farms.

Mas quando cheguei ao sinal de Stop na Center Avenue, lembrei-me de que não chegara a ir tomar chá com o Sr. Frankel. Não fazia ideia se ele estava em casa ou não, e não tinha a tarte que lhe prometera, mas decidi que ia pelo menos cumprir a minha promessa de passar por lá. Ele parecera ficar tão feliz quando lhe prometera fazê-lo.

Virei para a ruazinha bonita, ladeada de árvores, admirando as casas vitorianas de cores vivas de cada lado. Lembrei-me de que o Sr. Frankel dissera morar no 910, e encontrei-o no segundo quarteirão. Contornei a rampa de acesso e estacionei na berma, diante da sua bonita casa ao estilo Rainha Ana, que parecia saída de um livro de histórias, juntamente com um alpendre a toda a volta, vitrais e até um torreão digno de uma princesa. As telhas eram vermelho-escuras, e a casa estava pintada num verde musgo com rebordo âmbar.

Parei por um momento para assoar o nariz e enxugar os olhos, mas não havia muito que eu pudesse fazer para disfarçar os sinais de ter estado a chorar. Felizmente, os olhos do Sr. Frankel não eram tão bons como os da Lanette.

Bati três vezes à porta. Menos de um minuto depois, o Sr. Frankel abriu. A sua expressão iluminou-se.

— Blair! — exclamou. — Pensei que te tinhas ido embora!

— Estou de saída — disse-lhe —, mas lembrei-me de que lhe prometi uma visita.

— Vieste para o chá?

— Sim — disse, mostrando as mãos vazias. — Mas, infelizmente, sem tarte de maçã.

— Oh, não faz mal. A minha empregada, a Sra. Moon, fez umas bolachinhas de limão esta manhã. Não são tão boas como as coisas

que tu fazes — acrescentou num sussurro encenado —, mas são melhor do que nada.

Sorri.

— Parece-me ótimo. Quer que espere aqui, ou ajudo-o com o chá?

— Eu vou buscar o chá e as bolachas. Senta-te aqui no alpendre. — Ia voltar para dentro de casa, mas sorriu-me outra vez. — Estou muito feliz por teres vindo. Ia agora para a loja, só para ter alguém com quem falar.

— Também estou feliz, Sr. Frankel. Hoje também me dá jeito um amigo.

Ele acenou com a cabeça, em sinal de compreensão.

— Há dias assim. Volto já.

*

Duas horas depois, eu ainda estava sentada no alpendre com ele, acabando um terceiro copo de chá frio, rindo-me das suas péssimas anedotas de velhote e ouvindo com extasiada atenção todas as suas histórias sobre crescer em Bellamy Creek. Adorei especialmente ouvir como ele se apaixonara pela Betty Brinkerhoff, de olhos castanhos, no dia em que a vira pela primeira vez na segunda classe, mas só reunira coragem para falar com ela no secundário.

— A família dela era proprietária do restaurante, e eu ia lá todos os dias depois da escola tomar um refresco de chocolate só para a ver atrás do balcão — recordou. — Eu nem gostava de refresco de chocolate.

Ri-me.

— Amor verdadeiro.

— Finalmente, convidei-a para ir ao cinema e a resposta dela foi: «Estava a ver que não, Charlie Frankel.» Acho que a pedi em casamento na nossa primeira saída — disse ele, rindo-se com vontade. — E ela aceitou.

— Isso é tão querido — disse eu. — Por vezes conhecemos alguém e, simplesmente, sabemos.

Ele assentiu com a cabeça.

— Exatamente. E, se sabemos, para quê desperdiçar uma quantidade de tempo a ruminar acerca disso? Toda a gente disse que éramos muito novos para nos casarmos, tínhamos só 18 anos, mas é o que te digo, nós sabíamos. E estivemos 70 anos juntos. Não é incrível?

Fiquei com um nó na garganta.

— Sim, pois é.

Ele suspirou.

— Sinto a falta dela todos os dias. Mas sinto que fui um felizardo por tê-la durante tanto tempo.

— Ouvi coisas maravilhosas acerca dos bolos dela — disse eu. — Aquela tarte de maçã devia ser do outro mundo.

— Ah, pois era. Pois era.

— Sabe o que é que me trouxe a Bellamy Creek? Vi o cartaz na estrada, anunciando a melhor tarte de maçã do Midwest desde 1957, por isso saí da estrada e vim à procura.

— Que coisa fantástica. — O Sr. Frankel parecia agradado.

— Claro que fiquei triste por saber que essa tarte já não existia.

Ele abanou a cabeça.

— Ninguém consegue replicá-la, embora muitos tenham tentado. Mas a Betty tinha uma receita secreta que nunca partilhou com ninguém. Venceu um concurso nacional, foi assim que conquistou uma grande reputação.

— Ena! Estou impressionada.

— Sempre lhe disse que ela devia abrir a sua própria pastelaria, mas ela nunca quis. Disse que gostava de fazer tartes e outras coisas em pequenas quantidades para o restaurante, tal como a mãe dela fizera, e criar a sua família. Também fazia muito trabalho voluntário. Adorava esta vila.

— Percebe -se.

— Ela era especial — disse ele, ficando com os olhos enevoados. — E eu quero que as pessoas a recordem. Se toda a gente pudesse fazer aquela tarte, iriam esquecê-la.

Pousei-lhe uma mão no ombro.

— Não acredito que esta vila alguma vez a esqueça. Apesar de nunca a ter visto, consigo imaginá-la atrás do balcão, como descreveu,

com os seus grandes olhos castanhos e o cabelo escuro encaracolado, usando um avental branco enquanto esperava todos os dias que fosse tomar um refrigerante de chocolate que detestava.

O sorriso voltara ao seu rosto.

— Ela também sabia que eu o detestava. Mais tarde confessou-me que ela e a irmã, Louise, se riam da cara que eu fazia ao bebê-lo.

Ri-me, dando-lhe palmadinhas no braço antes de me levantar.

— Obrigada por partilhar as suas memórias comigo. Hoje precisava de sorrir.

— Sempre que quiseses. — Ele também se levantou. — Fico triste por partires, Blair. Gostei mesmo da tua companhia e passámos o tempo todo a falar de mim. — Abanou a cabeça. — A Betty estaria furiosa!

— Não faz mal, a verdade é que eu ainda não tenho propriamente uma história para contar. Sou uma espécie de... processo em curso com 30 anos. — Sorri e senti um nó na garganta. — Mas espero encontrar um *felizes para sempre* tão maravilhoso como o seu.

Ele sorriu.

— E vais encontrar.

— Acha?

— Sei-o. Mas talvez precisas de ser um pouco paciente — disse ele, enquanto descia os degraus do alpendre comigo. — Como a minha mulher, se pudesse, te confirmaria, por vezes os rapazes precisam de um pouco mais de tempo do que as raparigas para reunir coragem para uma história de amor. Quero dizer, mesmo duas pessoas que estão destinadas a ficar juntas terão os seus tempos de provação e mal-entendidos. Vais dizer coisas e ouvir coisas que magoam. Mas não desistas.

Virei-me para o encarar.

— Não vou desistir.

— Obrigada por vires ver-me hoje. Não tenho muitas visitas.

Ocorreu-me uma coisa.

— Sr. Frankel, conhece a Doris Applebee?

— Claro que conheço a Doris. Ela cresceu na Elizabeth Street. Também conheci o marido dela, o Roy. Morreu há alguns anos.

— Bem, a Sra. Applebee esteve na oficina um dia destes e por acaso mencionou que adora falar da história local. De facto, disse que gostava de organizar uma visita guiada ao bairro histórico.

— Ah, foi? É uma boa ideia.

— Também acho, e com o seu conhecimento das casas desta rua e o legado da sua família, acho que seria uma mais-valia para ela. Convide-a para tomar chá um dia destes.

— Oh, não sei. — O Sr. Frankel parecia perturbado. — As pessoas podem falar.

— Que falem!

— E ela pode não querer um parceiro no projeto.

— Bem, pode descobrir isso, não pode?

— E não gostaria que pensassem que eu estava a tentar substituir a Betty.

— Acho que ninguém pensaria uma coisa dessas.

— Eu... vou pensar nisso. — Perdido em pensamentos por um momento, ele recompôs-se e concentrou-se em mim. — Agora não desapareças, está bem? Volta para me visitar. Sai da estrada quando vires o cartaz da tarte.

Rindo-me, pus-me em bicos de pés e beijei-lhe a bochecha.

— Assim farei. Mas se calhar era melhor eles tirarem aquele cartaz, não acha?

Ele corou.

— Posso contar-te um segredo?

— Claro.

— O cartaz é meu. Mantenho-o lá porque quero que as pessoas a recordem — confessou humildemente. — Mas lamento que te tenha feito sair do teu caminho, claro.

— Sabe que mais? — Sorri-lhe, apesar de o meu coração estar pesado. — Acho que as melhores viagens têm muitos desvios e volteios, não acha? Não são uma linha reta. E temos de estar abertos a seguir o nosso coração e ver para onde a estrada nos leva. O meu coração trouxe-me aqui, e não o lamento.

Porém, enquanto conduzia para fora da vila e entrava na autoestrada, chorei como um bebé.

Vinte e Um

Griffin

Na noite depois de a Blair partir, perdemos o jogo de basebol com os Mavericks.

Não era o jogo do campeonato, nem nada disso, mas era o jogo final da nossa época regular, e perder com eles era péssimo.

Todo o jogo foi um espetáculo deplorável. O Moretti voltou a lesionar a virilha ao deslizar para a terceira, o Cole atirou mais bolas do que *strikes* graças ao ombro magoado, e eu entrei numa discussão com o juiz da primeira base depois de ele ter tomado uma decisão errada. O corredor dos Mavs estava claramente fora — eu sei que estava na base com a bola na luva quando ele passou por mim a correr, mas o árbitro não invalidou.

Como eu já estava com uma disposição de merda, fiquei irritado e contestei-o, berrando na cara dele, espetando-lhe o dedo no peito, perguntando-lhe se era cego ou estúpido.

Ele expulsou-me do jogo e eu chamei-lhe mais alguns nomes de que me arrependo, porque a seguir ele ameaçou banir-me da liga.

O Beckett levantou a máscara de recetor e veio a correr até à primeira base.

— Ei, ei — disse ele, afastando-me do juiz. — Já chega. Que estás a fazer?

— Este gajo é um cabrão — respondi. — Não me pode pôr fora da liga.

— Queres apostar? — disse o juiz, aproximando-se novamente de mim.

O Beckett empurrou-me outra vez e pôs-se entre ambos, de frente para mim.

— Por acaso acho que pode, Griff, por isso acalma-te, está bem? Isto nem parece teu. O Smithy vai entrar e cobrir a primeira base. Vai para o banco.

— Não. Este gajo que se lixe.

— Já te mandei para o banco. — O Beckett fitava-me furiosamente e, como eu não queria entrar numa discussão também com ele, enterrei o boné na cabeça e passei à bruta pelo meio de ambos. Atravessei o campo, atirei a luva ao chão e lancei-me para o banco ao lado do Cole, que estava sentado com um saco de gelo no ombro. O jogo recomeçou e ele não disse nada, o que me irritou.

— O que é que foi? — disse-lhe, zangado.

Ele olhou -me.

— Não disse nada.

— O tipo estava fora — afirmei, como se o Cole tivesse defendido o contrário.

— OK.

— Aquele juiz é um cabrão.

Silêncio.

— O quê, não concordas comigo?

— Não sei se é um cabrão ou não. Mas sei que a minha filha está nas bancadas a assistir a este jogo.

— Desculpa — murmurei, sentindo-me culpado pela primeira vez.

Vimos os Mavs fazerem mais dois *runs* e com esforço fizemos duas eliminações.

— Estamos uma merda esta noite — resmungou o Cole, abanando a cabeça. — Simplesmente estamos a jogar mal.

— Tem estado tudo contra nós, esta noite — insisti.

— Talvez. Mas nós também estamos a cometer muitos erros. Não estamos bem.

— Pois. — Vendo o Moretti falhar uma jogada simples, abanei a cabeça. — Talvez tenhas razão. Eu sei que não estou bem.

O Cole ajeitou o saco de gelo no ombro.

— Disseram-me que a Blair se foi embora ontem.

— Quem é que te disse?

— Várias pessoas. — Ficou em silêncio por um minuto. — Vais

voltar a vê-la?

— Já te disse que não.

— A escolha é dela ou tua?

— Foi uma decisão mútua — menti. — E não quero falar mais disso.

— Está bem.

O jogo terminou cinco minutos depois, quando o melhor batedor dos Mavs fez um *home run* com dois na base.

— Pelo menos a nossa pontuação ainda nos permite ir ao campeonato — disse o Cole enquanto arrumávamos o equipamento.

— É melhor que estejamos em condições no próximo fim de semana. — Olhei para o ombro dele. — Descansa esse braço.

— Sim.

Todos queriam ir afogar as mágoas ao *pub*, mas decidi dar a noite por terminada. Não estava com disposição para pessoas, nem sequer os meus amigos. Em vez disso, ofereci-me para levar a Mariah a comer gelado e disse ao Cole que a deixava em casa depois.

— Pode ser?

— Sim! — A Mariah pôs-se aos saltinhos e a bater as palmas. — Diz que sim, pai!

O Cole encolheu os ombros.

— Acho que pode ser.

— Ótimo. — Puxei uma trança da Mariah. — Eu levava-te, mesmo que ele dissesse que não.

Ela sorriu.

— Podemos ir àquele sítio ao pé do rio, com os cones de baunilha?

— Podemos ir onde tu quiseres.

— Porque é que não vens ao *pub* depois de a deixares em casa? — perguntou o Cole.

— Não. Esta noite não me apetece.

Vinte minutos depois, estava a calcorrear o cais com a Mariah, que se esforçava por devorar uma quantidade exorbitante de gelado num cone de *waffle*. Apesar de o sol estar no seu ocaso, ainda estava calor, e regatinhos de chocolate escorriam-lhe pela cara, pelo cone, pelas mãos.

— Devíamos ter trazido mais guardanapos — disse eu. — Estás toda

suja.

— Não me importo. — Lambeu o interior do pulso. — Vi-te ficar zangado durante o jogo.

— Pois. Desculpa lá isso.

— Disseste palavras feias.

— Pois disse. Às vezes faço isso quando me zango. Mas não foi simpático.

— Quando o pai diz essas palavras, a avó diz que lhe vai lavar a boca com sabão.

Ri-me.

— Ela ameaça fazer isso desde que o teu pai tinha a tua idade.

— Conhecias o meu pai quando ele tinha a minha idade?

— Conhecia.

— Como é que ele era?

— Hum, deixa-me ver. Corria muito depressa, mas não tanto como eu, era um grande nadador e adorava os Power Rangers e truques de magia... mas não era um grande ilusionista.

A Mariah riu-se.

— Ainda não é.

— Mas era o mais fixe da turma e todos queriam ser amigos dele.

— O que é que vocês faziam durante o verão?

Pensei naqueles verões ensolarados, quentes e pegajosos da nossa juventude.

— Jogávamos muito baseball. Andávamos de bicicleta. Eu tinha uma casa numa árvore do quintal, e passávamos lá muito tempo.

— A fazer o quê?

— Já nem me lembro. A falar sobre baseball e a tentar que as meninas não entrassem. — Fiz uma pausa. — Até começarmos a querer que elas reparassem em nós.

Ela ficou calada por um minuto, tentando acompanhar o ritmo do gelado a derreter.

— Conhecias a minha mãe?

— Claro que sim.

— Como é que ela era?

Lembrei-me de o Cole referir que a Mariah estava curiosa acerca da

mãe, mas tinha medo de lhe perguntar. O coração doeu-me enquanto pensava um pouco, tentando recordar as melhores coisas sobre a Trisha.

— Era muito fixe. Jogava softbol e costumávamos dizer, a brincar, que ela batia melhor do que o teu pai. Era muito inteligente e os professores adoravam-na. Era nossa delegada de turma. E também era muito boa enfermeira. Uma vez cortei-me com uma coisa no trabalho e ela foi lá coser-me.

— Foi? — A Mariah parecia impressionada.

— Sim. E nem sequer me doeu.

— A avó diz que eu sou parecida com ela.

Olhei-a e sorri.

— Concorde. E isso é muito bom porque a tua mãe era gira, mas o teu pai parece um velho *troll* rabugento.

Ela riu -se.

— Às vezes porta-se como um.

Caminhámos um pouco mais em silêncio. A Mariah terminou o cone e lambeu os dedos, as palmas das mãos e os pulsos. Mesmo assim, estava toda suja quando a deixei em casa do Cole — com uma barba de gelado de chocolate na cara e manchas na blusa cor-de-rosa.

— Desculpe — disse, quando a Sra. Mitchell abriu a porta. — Ela está um bocado enchocolatada.

A mãe do Cole riu-se e deu uma palmadinha na cabeça da Mariah.

— Não faz mal. Vai diretamente para a banheira. Divertiste-te, querida?

— Sim.

— Agradece ao Griffin.

A Mariah virou-se e abraçou-me pela cintura, com a bochecha encostada às minhas costelas.

— Obrigada, tio Griffin.

Abracei -a também.

— De nada.

— Adoro-te — disse ela, surpreendendo-me. Nunca me tinha dito aquilo.

— Também te adoro, miúda. — Nem me lembrava da última vez

que dissera aquilo a alguém. Ou ouvira alguém dizer-mo. Esquecera-me de como as palavras se nos podiam enterrar nos ossos.

No caminho para casa, pensei na sorte que o Cole tinha, por ter uma filha.

*

De volta a casa, abri uma cerveja fresca e examinei o conteúdo do meu frigorífico. A Blair tinha comprado mercearias, por isso havia muito mais escolha do que habitualmente, mas não me apetecia fazer nada. Ia encomendar uma pizza quando bateram à porta.

Surpreendido, desci as escadas com a cerveja na mão. A porta não tinha painel de vidro, por isso tinha de a abrir para ver quem era.

Era a minha irmã.

Mostrou-me um saco de papel castanho.

— Tenho comida. Posso entrar?

— Acho que sim. Porque tens comida.

Ela subiu as escadas atrás de mim e começou a desempacotar comida do *pub* na ilha da cozinha.

— Como não apareceste, calculei que tinhas vindo para aqui curtir o teu ego ferido, por isso armei-me em boa irmã e trouxe-te o jantar.

Mostrei-lhe o dedo do meio.

— Queres uma cerveja?

— Sim, por favor.

Ela tirou a tampa de plástico de um recipiente com hambúrguer e batatas fritas e espreitou debaixo do pão antes de o deslizar na minha direção.

— Este é o teu. O meu não tem cebola.

Abri a cerveja e dei-lha.

— Obrigada. — Sentou-se num dos bancos da ilha diante de mim, e começámos a comer. — Então — disse após alguns minutos. — Jogo difícil.

— Pois.

— Vocês dão cabo deles no próximo fim de semana.

— Espero que sim. — Bebi um longo trago da minha cerveja.

— Esta não parece a tua prosápia habitual. — Encolhi os ombros. Dei mais um gole. — Pobre Cole — disse ela com um suspiro. — Achas que o braço dele vai ficar bem?

— Se ele o não o forçar. — Depois não resisti a picá-la. — Porque não lhe ofereces uma massagem?

Ela revirou os olhos.

— Muito engraçado.

— Vá lá. Há vinte anos que lhe queres pôr as mãos em cima.

— O quê? — guinchou ela. — Não é verdade.

— Por favor. — Dei uma grande dentada no meu hambúrguer e, enquanto mastigava, vi a cara dela passar de rosa a roxo. — Não sou idiota.

Ela pegou na cerveja e bebeu.

— Ele sabe?

— Não faço ideia. Nunca me falou disso.

— Não podes dizer-lhe — disse ela. — Nunca.

— Porque havia de lhe dizer?

— Não sei. — A Cheyenne pousou a cerveja, pegou numa batata frita e largou-a outra vez. — Agora estou com dores de barriga.

— Cum caraças, isso não é nada de especial.

— É sim, Griffin!

— Se tens sentimentos tão fortes, porque não o convidas para sair, ou algo assim?

— Porque não posso! Simplesmente, não posso. — Abanou a cabeça.

— Além disso, ele diz sempre que não quer namorar.

— É verdade — admiti. — Deve ser péssimo estar no teu lugar.

Franzindo a testa, ela pegou outra vez na batata frita e atirou-ma.

— És tão sacana.

— Estou a brincar. — Apanhei a batata frita do chão e atirei-a para o lixo. — E talvez ele queira namorar, mas esteja preocupado com a Mariah.

— Porque dizes isso?

— Não sei. Estou só a pensar que não pode ser fácil pensar em namorar quando tentas criar um filho sozinho. Ele está sempre preocupado com ela. De facto, queria perguntar-te se conheces algum

psicólogo infantil. Ele está à procura de um.

— Está? A sério? — A expressão da Cheyenne ficou preocupada. — A Mariah está bem?

— Acho que sim, mas está a lidar com algumas coisas, e ele pensou que seria bom ela falar com alguém.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sem dúvida. E sim, conheço. Achas que fale com ele?

Pensei por um momento.

— Sabes que mais, vou dizer-lhe que fale contigo.

— Perfeito.

Acabámos de comer e abrimos mais duas cervejas.

— Agora posso perguntar por ela? — arriscou a Cheyenne.

— Não.

— Griffin, vá lá. O que é que aconteceu?

Dei um longo gole.

— Cometi um erro.

— Como assim?

— Ao deixá-la ficar aqui.

— Bem, que alternativa tinhas? A Blair estava mais nas lonas do que o carro, a mãe foi extremamente manipuladora e não havia quartos para arrendar nos arredores. Ela não tinha para onde ir. Ias pô-la na rua?

Não respondi. Limitei-me a beber.

— Pronto, se calhar podias ter-lhe emprestado algum dinheiro para ela ficar no motel e alugar um carro. Mas gostavas de a ter aqui, não gostavas?

— Por algum tempo.

— Eu percebi. Então, o que é que mudou? Qual o motivo da grande briga?

Revirei os olhos.

— Calculo que a Lanette te tenha telefonado.

— Encontrei-a no jogo desta noite.

Encolhendo os ombros, voltei a beber.

— Estava previsto que acontecesse.

— Estava? Almocei com a Blair na semana passada, e ela não parou

de falar de ti. Quase vomitei, de tão nojento. Ela tinha verdadeiros sentimentos por ti, Griff.

— O que é que ela disse? — perguntei, arrependendo-me imediatamente. — Não interessa. Não quero saber.

— Disse que tu eras um homem a sério. Que te admirava muito pela tua ética de trabalho, a tua honestidade e o teu compromisso com o legado do pai.

— Disse-te que não queria saber — ripostei.

— Falou da tua coragem, do facto de teres servido o teu país. Ela não sabia da *Silver Star*, mas não te preocupes. Eu informei-a.

Respirei asperamente, as narinas a incharem.

— E depois foi aquela tagarelice toda acerca dos teus olhos azuis, ou talvez as tuas mãos grandes ou dos teus músculos, não sei, estava bastante enojada, por isso obriguei-a a calar-se.

— Posso obrigar-te a calares-te?

— O que quero dizer é... — prosseguiu ela — a mulher quer estar contigo, Griff. Tipo, quer mesmo, mesmo, estar contigo.

— Bem, lamento, mas isso não é possível.

Ela fitou-me, bebeu um pouco de cerveja e suspirou.

— Eu não ia fazer isto, mas pronto.

— Fazer o quê.

— Sei das peças.

— Quais peças? — Fingi não saber, apesar de ter uma sensação embaraçosa de que sabia perfeitamente.

— As peças para o carro dela, que chegaram mais de uma semana antes de as montares.

Furioso, terminei a cerveja e abri outra.

— Maldito McIntyre. Ele contou à Emily?

— Hum -hum.

— Caraças, não há privacidade nenhuma nesta vila.

— Não estou a julgar-te, mano. — Levantou as mãos. — Eu percebo. Não querias que ela partisse. O que *não* percebo é porque é que não querias que ela ficasse.

Não havia maneira de a fazer entender sem lhe contar toda a história dolorosa, mas não conseguia fazê-lo. Amava a minha irmã,

mas não podia partilhar tudo com ela.

Não da forma como tinha partilhado com a Blair.

Compreender que confiara na Blair mais do que alguma vez confiara em alguém fez-me estremecer.

— Percebi que estou melhor sozinho, OK? Deixemos as coisas por aí.

Ela suspirou.

— Como queiras.

Depois olhou em volta.

— Onde está a *Bisou*? Vais gostar de saber que acho que lhe encontrei uma casa.

— Já?

— Sim. Só estou à espera da confirmação. — Olhou para mim. — Se não te importares. Podes ficar com ela, se quiseres. Só pensei...

— Eu fico com ela.

A Cheyenne ergueu as sobrancelhas.

— A sério?

— Sim. Quero ficar com ela.

Que raio estava eu a fazer? A maldita gata era só mais uma recordação da Blair, e eu não precisava disso.

Já tinha uma pendurada no meu roupeiro.

Vinte e Dois

Blair

Não podia ter pedido um melhor começo para a minha vida nova.

O meu apartamento era amoroso, completamente mobilado e com o tamanho ideal para uma pessoa. Os pais da Frannie, John e Daphne Sawyer, não podiam ter sido mais simpáticos nem mais acolhedores. Na noite em que cheguei, insistiram para que jantasse com eles e com a família da Frannie. No domingo, fui novamente convidada para jantar e apresentaram-me as cinco irmãs Sawyer, os seus respetivos companheiros e a sobrinha e os sobrinhos da Frannie.

Era um grupo enorme, amoroso e barulhento, e fizeram-me sentir em casa.

Mas faltava-me alguma coisa. Sentia que tinha deixado um pedaço de mim para trás. Não era que estivesse infeliz — não estava. Apenas tinha saudades dele. Queria saber como ele estava. O negócio aumentara na oficina? As pessoas estavam entusiasmadas com o evento de aniversário? Alguém tinha perguntado por mim? Tinham ganhado o jogo de basebol de velhotes?

Mais importante, alguma vez pensava em mim? Ficava acordado a recordar as coisas que tínhamos dito e feito? Estava arrependido de me ter mandado embora?

Ou estaria mais feliz sozinho?

Estas perguntas sem resposta não cessavam de me torturar.

Felizmente tinha o trabalho para me distrair, e dediquei-me a começar do zero com todas as minhas forças.

O café abria às 7 horas e eu chegava às 6, ligava o forno, punha o avental, prendia o cabelo num rolo e punha mãos à obra. A cozinha da Frannie tinha janelas, o que era fantástico, porque muitas cozinhas são

umas masmorras.

A rotina matinal, desempenhada como um bailado enquanto o sol se erguia no céu, era reconfortante. Primeiro tirava as massas fermentadas do frigorífico. Enquanto acabavam de levedar, começava os scones. Eu e a Frannie tínhamos estudado a ementa e decidíamo-nos por duas fornadas de doces e uma de salgados por dia.

Enquanto os scones estavam no forno, enchia o expositor com coisas feitas no dia anterior — bolos, biscoitos, *galette*, *strata*. Nesta altura, muitas vezes desfrutava de uma chávena de café, inalando o aroma dos scones a cozerem e o meu café escuro favorito com um pouco de natas. A Frannie chegava perto das 7 horas para receber os clientes, e adorava ouvi-los perguntar se a nova pasteleira estava e elogiarem os meus produtos.

A pausa não durava muito, porque havia bolachas para cozer, massa para fazer, perguntas a responder acerca de ingredientes específicos por causa das alergias e a ocasional apresentação a um cliente satisfeito que queria conhecer-me. Eu estava sempre atarefada para manter as montras cheias e raramente tinha intervalo para almoçar, mas não me importava. Estar ocupada significava menos tempo para a minha mente fugir para Bellamy Creek.

Pelas 15 horas estava meio morta e a Frannie tentava enxotar-me para casa. «Vai», dizia ela. «Tu abres, eu fecho, lembras-te?» Mas eu não me importava de ficar para ajudar a fechar e muitas vezes acabávamos a tomar uma última chávena de café e a conversar no longo balcão de mármore.

Gostava mesmo do trabalho, e estava muito grata à Frannie por me ter dado a oportunidade.

Mas aquele aperto no coração recusava-se a abandonar-me.

Se ao menos ele não estivesse a tentar levar-me para onde eu não era desejada...

*

Uma semana depois da minha chegada, a Frannie espreitou para a cozinha depois do fecho e sorriu.

— Tens uma visita.

— Tenho? — Pensei logo no Griffin; afinal, ele sabia onde ficava o café, mas não queria criar grandes esperanças. Mesmo assim, sacudi a farinha do avental e apertei o nó do cabelo no cimo da cabeça.

Mas quando saí da cozinha, encontrei a Cheyenne.

— Olá, desaparecida — disse ela com um sorriso.

— Cheyenne! — Excitada por a ver, dei a volta ao balcão e abracei-a. — Que boa surpresa! É tão bom ver-te.

— A ti também. Como estás?

— Estou bem. Ocupada.

— A Frannie disse que as coisas estavam a correr bem.

— Ela é extremamente talentosa — confirmou a Frannie, que estava a limpar as prateleiras dos copos.

As minhas bochechas aqueceram e enfiei as mãos nos bolsos do avental.

— Adoro estar aqui. O café é fantástico, as pessoas são muito simpáticas e a família da Frannie tem sido maravilhosa.

— Ela já se tornou uma irmã Sawyer honorária — brincou ela. — O meu pai não se farta do conforto sulista da sua *strata*. Acho que veio aqui almoçar todos os dias desta semana!

A Cheyenne sorriu.

— Isso é maravilhoso.

— Como está a *tua* família? — perguntei.

— Bem, a minha mãe ainda não me fala, e o Griffin não fala muito com ninguém.

— Porque é que a tua mãe não te fala? — perguntou a Frannie.

— Porque eu ajudei e fui cúmplice da fuga da sua futura nora, ou seja, a mãe dos seus futuros netos.

— O Griffin não fala com ninguém? — Não sabia como sentir-me em relação a essa notícia. Tanto queria que ele estivesse com o coração tão partido como o meu, como queria que estivesse bem.

— Não. E quando fala, é irritado como um urso. — A Cheyenne sentou-se num banco ao balcão. — O palerma está perdido sem ti, mas é demasiado teimoso para o admitir.

— Homens — disse a Frannie com veemência, esfregando uma

mancha obstinada no vidro. — Qual é exatamente o problema do Griffin?

— O seu último relacionamento acabou mal — disse eu, esperando não estar a trair a sua confiança. — E nessa encruzilhada da sua vida, parece que decidiu que estar sozinho era melhor para ele.

— Mas toda a gente tem a sua bagagem — disse a Frannie. — Não é verdade?

— Além disso, o Griffin é muito pressionado pela nossa mãe para «arranjar uma boa rapariga e assentar» — acrescentou a Cheyenne, fazendo aspas com os dedos. — E nada irrita mais o meu irmão do que dizerem-lhe o que fazer. Ele é muito independente, sempre foi. Francamente, surpreende-me que tenha ficado tanto tempo nas forças armadas.

— Acho que ele gostava das forças armadas pelo que lhe ensinavam sobre autodisciplina — comentei. — Faz-lhe falta.

A Cheyenne riu-se.

— Toda aquela adrenalina era demasiada para uma vila quando ele era jovem. Mas é fantástica a forma como tu o compreendes, Blair. É tão óbvio que vocês são bons juntos.

Encolhi os ombros, impotente.

— Mas não posso fazer nada se ele não sente o mesmo que eu.

— Mas ele sente. — A Cheyenne bateu com a palma da mão no mármore. — É isso que me irrita, ele sente. Eu vejo. A minha mãe vê. Toda a *vila* vê!

— Sabes, Blair, se isto te serve de consolo, o Mack também me fez passar um mau bocado — confidenciou a Frannie.

— A sério? — Fiquei surpreendida, porque ele estava visivelmente tão apaixonado por ela.

— Oh, não duvides. Podes perguntar às filhas dele um dia. Foi horrível. Acabou comigo porque estava convencido de que não ia voltar a casar-se nem a ter mais filhos, e sabia que eu queria as duas coisas. Ele achava que estava a fazer-me um favor ao terminar as coisas rapidamente para eu poder avançar e conhecer a pessoa certa para mim.

— Também foi isso que o Griffin disse! Que estava a fazer-me um

favor. — Abanei a cabeça enquanto os meus olhos se enchiam de lágrimas. — Mas não é verdade.

— Claro que não é — disse a Frannie, pegando-me na mão. — Ele está a fazer o que o Mack fez, a bater em retirada para não ter de lidar com bagagem seu passado. Enfrentar os seus medos.

— Exatamente — concordou a Cheyenne.

— E o pior é que não podes fazer nada em relação a isso. — A Frannie apertou-me a mão. — Ele tem de se sentir horrivelmente infeliz sem ti, para chegar à conclusão de que aquilo que vocês têm compensa o risco.

— Acho que isso nunca vai acontecer — disse eu, tristemente. — E quanto mais depressa eu enfrentar a realidade, melhor.

— Ouve, não vim visitar-te propriamente por causa do casmurro do meu irmão. Tenho uma coisa para ti. — A Cheyenne tirou um grande envelope amarelo do saco e deslizou-o pelo balcão na minha direção.

— O que é isto? — Peguei no envelope e examinei-o. Tinha o meu nome escrito, com uma serpenteante tinta preta.

— É do Charlie Frankel — disse ela com um risinho. — Talvez seja uma carta de amor.

— Quem é o Charlie Frankel? — perguntou a Frannie.

— É um velhote viúvo, muito querido, lá da vila, que tem um fraquinho gigante pela Blair — disse a Cheyenne. — Ficou devastado quando ela saiu de Bellamy Creek.

— Ele gostava dos meus bolos — expliquei, deslizando os dedos ao longo do envelope.

A Cheyenne riu-se.

— Aposto que gostava do pacote completo. Ele também é rico, sabes? Se calhar, pode ser o marido que te sustenta.

Revirei os olhos.

— Nada disso. É mais como o avô que nunca tive.

— Adiante. Ele foi à oficina e deu isto à minha mãe, que voltou a trabalhar no atendimento, e ela pediu-me para to entregar. Ia mandar pelo correio, mas depois decidi vir visitar-te.

— Ela telefonou-me ontem a avisar-me que vinha — explicou a Frannie com um sorriso culpado —, mas eu não podia dizer nada.

— É uma grande surpresa — disse eu, sorrindo enquanto tirava duas folhas de papel do envelope. — Obrigada.

— Então, isso é o quê? — perguntou a Frannie com curiosidade.

A primeira página era uma nota manuscrita pelo Sr. Frankel, num papel branco sem linhas.

— Parece uma carta e... — Olhei para a segunda folha, que era consideravelmente mais antiga do que a primeira. Era uma folha de papel de linhas que devia ter sido branca em tempos, mas agora estava amarelecida, com uma textura suave como algodão, com os cantos a desfazerem-se. Dei um gritinho. — É uma receita!

A tinta estava desvanecida, mas conseguia percebê-la. Tarte de Maçã da Betty, dizia no topo.

Examinei a lista de ingredientes e as instruções enquanto se me formava um nó na garganta. Percebi como, ao longo do tempo, ela fora ajustando as coisas, mudara de ideias quanto a certas quantidades, técnicas ou condimentos.

— Banha na base, não me surpreende. Mas cardamomo sim! — exclamei, surpreendida. — Ela usava cardamomo no recheio!

— Isso é... — O tom da Cheyenne era reverente, e tinha os olhos arregalados. — É a receita de tarte de maçã da Betty Frankel?

— Sim — confirmei.

— Oh, céus! Existe! — guinchou a Cheyenne. — Todos estes anos houve pessoas que afirmavam tê-la visto, mas nunca ninguém a tinha encontrado. Era como o Monstro de Loch Ness de Bellamy Creek!

— Quem é a Betty Frankel? — perguntou a Frannie.

Enquanto a Cheyenne explicava a história, li a carta do Sr. Frankel com lágrimas nos olhos.

Querida Blair,

Espero que esta carta te encontre bem. Desde que saíste de Bellamy Creek, tenho pensado muito em várias coisas que disseste. Quero agradecer-te novamente por me visitares e me ouvires divagar acerca do passado. Foi muito importante para mim.

Mas também tenho pensado no futuro, e percebi que tinhas razão acerca

de a jornada da vida estar cheia de voltas e reviravoltas. Algumas das melhores coisas da minha vida foram as mais inesperadas, nascidas quando segui o meu coração. Espero que continues a seguir o teu.

Disseste que tinhas vindo parar a Bellamy Creek por causa da tarte de maçã da Betty. Embora essa tarte já não exista há alguns anos, envio-te a receita na esperança de que possa voltar um dia a existir. (E então, percebes, essa pequena reviravolta vai transformar-se num laço... e talvez num nó bem atado.) Ou talvez eu seja apenas um velho tonto com noções românticas. Cabe-te a ti decidir.

Seja como for, guardei a receita durante vários anos desde a morte da Betty por uma série de razões — negação de que ela nunca voltaria, um desejo egoísta de guardar algo dela para mim, medo de que, se alguém fizesse a tarte, se desvanecesse a magia que rodeia a sua memória. Mas agora percebo melhor as coisas. E confio-te o seu legado.

Ela teria adorado o teu espírito generoso... embora pudesse ficar um pouco ciumenta por eu gostar tanto dos teus bolos!

Atentamente

Charlie Frankel

P.S.: Segui o teu conselho e falei com a Doris Applebee sobre a ideia do passeio histórico. Vamos encontrar-nos na sexta-feira à tarde para tomar chá e discutir o assunto. Acho que, aos 88 anos, ainda sou um processo em curso!

— O que é que ele diz? — perguntou a Cheyenne.

— Diz que guardou a receita para si por razões pessoais, mas agora quer confiar-me o seu legado — expliquei, limpando as lágrimas.

— Oh, isso é tão querido. — A Frannie pôs uma mão sobre o coração.

— É mesmo — acrescentou a Cheyenne, de olhos brilhantes. — Vais fazer a tarte?

— Quero fazer. Mas não me parece justo fazê-la e vendê-la aqui, sabem?

— Hum. — A Cheyenne pensou por um momento. — Olha, tenho uma ideia. Porque não fazes algumas para premiar os vencedores do concurso de dança que a minha mãe organizou para o evento na oficina este fim de semana?

— Ela organizou um concurso de dança?

— Sim, e o valor da venda dos bilhetes servirá para apoiar o abrigo de animais.

Sorri.

— É uma excelente ideia.

— Então fazes? Acho que vai haver muito entusiasmo quando se souber que há tarte de maçã da Betty.

Assenti com a cabeça.

— Claro que sim. O que é que vão servir na receção com o café?

A Cheyenne ficou com um ar culpado.

— Bolachas compradas na loja.

— Santo Deus! Não. — Abanei a cabeça. — Deixa ver... hoje é quinta-feira, o evento é no sábado. Posso fazê-las amanhã, assim como um bolo retangular para a receção, e levá-los de manhã.

— Seria perfeito — disse a Cheyenne.

— Eu gostava de ajudar — ofereceu-se a Frannie. — Podes usar esta cozinha, e até podes incluir as meninas. Ficarás com cinco pares de mãos.

— És a maior, Frannie. — Sorri-lhe. — Adoraria.

— Então vemo-nos no sábado de manhã? — perguntou a Cheyenne.

— Sim. Mas, Cheyenne... — Detive-me e respirei fundo. — Não quero encontrar-me com o Griffin. Posso deixar tudo em casa da tua mãe?

— Claro — disse ela. — Mas de certeza que não queres passar por lá, só para dizer olá? Talvez ele acordasse.

— Podes tirar todo o dia de folga — ofereceu a Frannie generosamente. — Eu e as meninas asseguramos o café.

Abanei a cabeça.

— Não. Ele deixou bem claro o que queria quando me mandou embora. Vê-lo não vai ajudar-me.

A Cheyenne suspirou.

— Compreendo.

*

A Frannie e a Cheyenne convidaram-me para jantar com elas, mas recusei — tinha muitos bolos para fazer. Contudo, pedi à Cheyenne que passasse por Cloverleigh Farms antes de ir para casa. Queria mostrar-lhe o meu novo apartamento, mas também queria mandar uma coisa para Bellamy Creek.

Ela disse que sim, e depois de elas saírem fui para casa e cozi uma fornada de scones de mirtilo, limão e tomilho para o Sr. Frankel. Depois comprei um postal. Queria escrever-lhe a agradecer toda a sua generosidade.

Querido Sr. Frankel,

Que maravilhosa surpresa tive hoje! Agradeço-lhe tanto por me enviar uma carta, e pelo presente precioso da receita de tarte de maçã da Betty. Tenho-a lido sem parar, e gostei muito de a imaginar a estender a massa, a acrescentar ingredientes, a pincelar o topo com creme e a polvilhá-lo com açúcar. Estou ansiosa por tentar fazê-la este fim de semana.

Compreendo perfeitamente as suas razões para manter a receita para si, e não acredito que alguém o censure. Eu não censuro, de certeza. Mas também adoro que esteja a olhar para o futuro, em vez de se agarrar ao passado. O senhor merece muitos mais dias felizes!

Planeie esse passeio histórico, e peço-lhe desde já que me leve a participar nele um dia destes. Bellamy Creek é um lugar encantador e penso muito nele. Espero que desfrute destes scones e pense em mim com carinho.

Cuide de si, meu amigo.

*Atentamente,
Blair Beaufort*

P.S: Gosto de pensar que somos ambos processos em curso. Se já

fôssemos obras-primas, não havia nada para fazer!

Guardei o cartão no envelope e prendi-o no cordel da caixa de cartão onde guardara os scones. Quando a Cheyenne chegou, ficou maravilhada com a minha casa, deu um passeio comigo pelo terreno, espreitou para dentro da pousada e da adega e deu-me um abraço apertado na rampa de acesso.

— Estou tão feliz por ver que tudo te está a correr bem — disse-me ela.

— Obrigada. Gosto mesmo muito disto.

— Mas... — começou ela, soltando-me, porque ela sabia.

— Mas tenho saudades dele. — Abracei o meu próprio corpo. — Estou sempre à espera da manhã em que vou acordar e ele não é a primeira coisa em que penso. Ou da noite em que ele não seja a última coisa. Sei que só passou uma semana desde que o deixei, mas parece que esta dor nunca vai desaparecer.

Ela suspirou.

— Não desistas, está bem?

A minha garganta fechou-se.

— Não quero sentir-me assim para sempre.

— Não vais sentir. — Ela mordeu o lábio. — Não te devia dizer isto, e ele pendurava-me pelos dedos dos pés se soubesse, mas pronto, ele está a ser tão estúpido. E eu revi a conversa muitas vezes, e juro que ele não me pediu especificamente que não te dissesse.

Tonta, abanei a cabeça.

— Falo três línguas e não percebi nada do que disseste.

Ela respirou fundo e fechou os olhos por um segundo.

— O Griffin recebeu as peças do teu carro mais de uma semana antes de as montar.

Fiquei de boca aberta.

— O quê?

— Não as montou porque não queria que te fosses embora.

— Não acredito!

— Acredita. O McIntyre encontrou-as, confrontou-o e ele admitiu. Oh, inventou uma história de treta, sobre querer fazer-te uma

surpresa, mas ambas sabemos a verdade. O McIntyre contou à Emily, a Emily contou-me e eu perguntei-lhe se era verdade.

— E ele confirmou?

— Sim. Estava muito irritado por o seu segredo ter sido descoberto, mas não negou. Ele estava a apaixonar-se por ti, Blair. E quando se apercebeu disso, entrou em pânico e recuou, tal como a Frannie disse. Porque ele pensa que isso é mais fácil do que dar uma nova oportunidade ao amor.

Claro que eu sabia que não era só isso, mas o Griffin revelara-me essas coisas em confiança e eu nunca as contaria a ninguém.

— Talvez.

— Só espero que ele recupere o juízo antes que seja demasiado tarde. Quero dizer, olha só para este sítio. — Estendeu os braços e olhou em volta. — Isto é lindo. Tens um emprego fantástico. Tens uma família. E, muito em breve, um tipo vai atravessar a porta daquele café, comer uma porção de *strata* e cair de joelhos. Aí, será demasiado tarde para o Griffin.

Suspirei.

— Uma parte de mim deseja que tenhas razão.

— E a outra parte?

— É o meu coração. — Com um sorriso triste, endireitei os ombros.

— E pertence a alguém que não posso ter.

Vinte e Três

Griffin

Visto que a final da liga se jogaria no sábado do fim de semana do Dia do Trabalhador, não tivemos jogo na quinta-feira. Ao invés, a equipa juntou-se para um treino extra, durante o qual nos sentimos muito bem. Confiávamos que o nosso último jogo tinha sido uma aberração e estávamos ansiosos por dizimar os Mavs no encontro deste fim de semana.

Bem, a maioria estava ansiosa. Eu não conseguia sentir muito entusiasmo por nada nos últimos tempos. Nem sequer pelo baseball.

Na sexta-feira, depois do trabalho, fui ter a casa do Cole para uma corrida. Quando lá cheguei, a Mariah estava a saltar à corda na entrada.

— Olá, miúda — saudei. — Tens novidades?

Ela encolheu os ombros.

— Nem por isso. Muitos dos meus amigos foram passar o fim de semana fora, por isso estou um bocado aborrecida.

— Bem, amanhã vai haver muito que fazer. Vamos ter uma grande festa na oficina.

O rosto dela iluminou-se.

— Eu sei. A Cheyenne perguntou-me se eu queria ajudá-la com o concurso de dança. Vou pôr a música.

— Perfeito. Precisamos de muita ajuda porque vamos ter muita gente, espero eu. — Fiz figas com os dedos no ar.

O Cole saiu um minuto depois para começarmos o aquecimento.

— Como foi a tua semana? — perguntou ele.

— Boa — respondi.

Uma mentira descarada. Estava uma desgraça desde que a Blair se

tinha ido embora. Já tinham passado dez dias, e cada um deles parecera-me mais sem vida e monótono do que o anterior. Apenas 24 horas para aguentar, antes de outro dia começar. Não havia luzes ao fundo do túnel.

Sentia saudades de a ver atrás da secretária — a minha mãe voltara ao trabalho, ignorando-me de forma passivo-agressiva com os seus suspiros e silêncios —, tinha saudades do seu sorriso e da sua voz e do seu cheiro em minha casa à noite. Sentia saudades de a ouvir cantar no ducho aquela canção sobre o arco-íris, sonora e desafinada. Tinha saudades de a abraçar à hora de dormir, e sempre que abria a porta do roupeiro via o maldito vestido ali pendurado. A assombrar -me.

Mas não conseguia desfazer-me dele. Tê-lo visto dobrado sobre o meu caixote do lixo destroçara-me, e levara-o furtivamente para casa quando não estava ninguém a ver. Até o tinha mandado limpar a seco e, ao ver a empregada de sobranceira arqueada, oferecera-lhe o olhar mais iracundo que conseguira e avisara-a: «Não pergunte.»

— Amanhã vai ser um dia divertido — disse o Cole.

— Sim.

— E um bom jogo.

— Acho que sim.

— Achas? — O Cole olhou-me como se eu fosse maluco. — Esperámos o verão todo por este jogo. E a tua família investiu muito na festa, não foi?

— Sim. A Blair fez a maior parte do trabalho, fartou-se de dar à perna. — Onde raio é que eu tinha ido buscar esta expressão? Agora estava a pensar nas pernas dela.

— Achas que ela vai aparecer?

— Não.

— Porquê?

— Porque eu disse-lhe que ela tinha de se ir embora, e ela sabia que eu falava a sério.

— Tinhas dito que tinha sido uma decisão mútua.

— Quando é que eu disse isso?

— Na semana passada, quando perdemos com os Mavs.

— Ah. — Cerrei os dentes. — Menti. Não foi mútuo. Ela queria

ficar, e eu disse-lhe para se ir embora.

— Porquê?

— Porque tinha de o fazer! — De repente, as palavras saíam-me da boca como uma avalanche. — Comecei a ter sentimentos por ela que não eram certos. Estava sempre a deixar-me distrair por ideias estúpidas acerca de nós.

— Por exemplo?

— Por exemplo... tê-la na minha vida. Ela ficar aqui. Ficarmos juntos.

— O que é que isso tem de estúpido?

— Não é isso que eu quero!

O Cole olhou-me de esguelha.

— Tens a certeza?

— Sim — confirmei, ofendido. — Tomei há anos a decisão de nunca mais me pôr na situação de precisar de alguém. De nunca mais me apaixonar. Porque é uma treta quando corre mal.

— Não sei se isso é uma coisa que se possa decidir — disse o Cole, da sua maneira categórica e natural. — Quando te apaixonas, apaixonas. Não é uma escolha.

— Sabes o que quero dizer. Mesmo que sintas alguma coisa, não tens de agir em conformidade. Tens livre-arbítrio. Podes escolher ser forte o suficiente para resistir ou ignorar os sentimentos.

— Ou podes escolher ser forte o suficiente para correr o risco. Mas concordo que é uma treta quando corre mal.

Olhei-o e suavizei o meu tom.

— Desculpa. Não estava a tentar comparar as nossas situações. Aquilo por que passaste foi muito pior.

— Não achei que estivesse a comparar. Só concordo que perder alguém que amas dói como o caraças. Mas não me arrependo de um único dia passado com a Trisha, mesmo sabendo como acabou.

Envergonhado, calei-me e passei o resto da corrida a tentar pensar em razões para o Cole estar errado e eu estar certo. Ele não disse mais nada até estarmos quase de volta à casa dele.

— Somos amigos há muito tempo — disse ele. — O quê, uns 25 anos?

— Aproximadamente, sim.

— Foste o meu padrinho de casamento. És padrinho da minha filha. Se me acontecer alguma coisa, confio em ti para a criares.

Relanceei-o. O que quer que ele fosse dizer, tinha a sensação de que não ia gostar.

— Pois.

— Por isso, conto contigo para me avisares se eu um dia estiver a fazer uma grande asneira e a ser um cretino. Certo?

— Certo.

— Por isso vou dizer-te uma coisa. — Parou de correr e eu também. Estendeu uma mão e segurou-me o ombro, mantendo-me à distância do seu braço. — Estás a fazer uma grande asneira e a ser um cretino.

Sacudi-lhe o braço do meu ombro.

— Vai-te lixar, Cole. Tu não sabes nada acerca disto.

Ele pôs as mãos nas ancas.

— Pensas que não te conheço? Pensas que não percebi algumas coisas nos 25 anos em que tenho sido o teu melhor amigo? Pensas que não percebo quando gostas mesmo de alguma coisa? — Cerrei os maxilares, obstinado. — Eu estava lá, Griffin. Quando voltaste para casa e a Kayla te abandonou. Sei o que passaste quando o teu pai morreu. Sei que pensas que ter controlo sobre a tua vida significa nunca precisares de alguém que possas perder. Mas nada disso é razão para bloqueares uma pessoa que amas.

— Não a amo — ripostei, embora não tivesse muita certeza.

— Mas podias amar.

Não o admiti. Não fui capaz. Em vez disso, fui ainda mais estúpido, algo que fazia sempre quando estava encurralado.

— Então e tu? Não te vejo a entregares-te a ninguém.

— As nossas situações são totalmente diferentes, e tu sabes. Mas podes ter a certeza de que, se aparecesse alguém que me encantasse da forma que a Blair te encantou, não a afastaria.

Senti a minha armadura estalar.

— Não posso desfazer aquilo que fiz.

— Tens a certeza?

— Nem saberia o que lhe dizer. O mais certo é ela odiar-me, neste

momento. Acho que nem me ouviria.

Era uma desculpa, e o meu melhor amigo sabia-o.

— Ouviria. Se dissesse as palavras certas.

— Quais são as palavras certas?

— Que estavas enganado. Que lamentas. Que lhe dissesse coisas que não sentias, porque tinhas medo.

Caramba. Seria capaz de lhe dizer aquilo?

— Não é... fácil para mim admitir essas coisas.

— Não é fácil para ninguém, Griff. Sempre que entras em campo, tens a possibilidade de pontuar. Mas também tens a possibilidade de atirar uma bola fora. Não desperdices a oportunidade de, ao menos, tentar.

Soltei a respiração, deixando descair os ombros.

— Corre o risco, homem. — O Cole baixou a voz. Os seus olhos azuis eram intensos. — Sabes a sorte que tens? O quanto te arrependerás de não ter feito nada quando podias ter tido tudo? Simplesmente... corre o risco.

Deixou-me ali, foi jantar com a família, e eu fui para casa comer sozinho.

*

Nessa noite fiquei acordado a pensar no que o Cole tinha dito. Será que ele tinha razão? Eu estava a estragar tudo? Arrepender-me-ia de nem sequer ter *tentado* fazer com que as coisas funcionarem com a Blair?

Era possível. Estar sozinho não era o bálsamo na ferida que eu tinha esperado. Sentia demasiado a falta dela. Tivera um gostinho daquilo que podia ser a vida com ela, e agora que se fora era como se se estendessem diante de mim infindáveis dias de chuva, sem qualquer hipótese de ver o sol. Coisas de que costumava retirar prazer — incluindo o basebol — tinham perdido todo o seu brilho.

Pensei no género de intimidade que tinha tido com ela. Era diferente de tudo o que já tinha vivido antes. Ela tornara tão fácil partilhar acerca de mim coisas que nunca partilhara com ninguém.

Tornava tão fácil ser eu próprio.

Ela fizera-me querer ser uma melhor versão de mim mesmo. Mais paciente. Menos zangado. Mais esperançoso. Menos amargo. Fizera-me querer soltar as rédeas e abrir-me a novas possibilidades — um género diferente de futuro.

Não queria aquela vida solitária para mim. Queria comer as refeições que ela cozinhava e lavar a loiça quando ela terminava. Queria abraçá-la durante as trovoadas e dizer-lhe que ia ficar tudo bem. Queria ouvi-la a chilrear como um pisco logo de manhã e a contar histórias picantes à noite. Queria admitir que estava errado, derrubar os meus muros e construir algo novo com ela ao meu lado.

Mas estaria preparado para o género de mudança que ela traria à minha vida?

Fitei o teto, como se a resposta pudesse estar ali escrita, e de manhã eu fosse capaz de a ver.

*

— Espera... A Blair esteve *aqui*? *Hoje*? — Em pânico, olhei em volta da sala de espera renovada da oficina, como se a pudesse ter perdido na multidão. Estivera toda a manhã a sorrir distraidamente aos presentes, dando apertos de mãos a antigos e novos clientes, recebendo os elogios pelo novo espaço. Mas estava totalmente absorvido na Blair. Não parava de pensar que ela devia estar ali. *Isto não parece certo sem ela.*

O evento estava a ser um grande sucesso, pelo que percebia. A partir do momento em que tínhamos aberto as portas, tivéramos um fluxo regular de pessoas a entrar e a sair. O Bulldog Pub tinha uma pequena banca no passeio em frente, onde servia hambúrgueres e batatas fritas, o meu *Chevy* de 1955 estava estacionado na berma e os miúdos podiam sentar-se no banco de trás ou ao volante e tirar uma fotografia. O logótipo que a Lola desenhara estava pintado na lateral com tinta branca, e sempre que eu olhava para ele desejava que a Blair pudesse ver como ficara, visto que a ideia tinha sido dela.

Tinha sido tudo ideia dela.

Ela devia estar aqui. Isto não parece certo sem ela.

— Quando é que ela esteve aqui? — perguntei.

— Não foi aqui na oficina — respondeu a minha mãe. — Foi lá a casa hoje de manhã, deixar as tartes e o bolo. Olha só para estas belezas. — Apontou para seis tartes de maçã que pareciam, de facto, deliciosas. — É como se a Betty Frankel se tivesse erguido do túmulo. Pensar que o Charlie teve a receita o tempo todo!

— Não compreendo — disse eu, preocupando-me menos com as tartes do que com a mulher que as tinha feito. — Foi a Blair que fez isso?

— Claro que foi. E o bolo também.

Olhei para o bolo — um bolo retangular, grande, com uma cobertura de açúcar azul-celeste, decorado com uma carrinha *Chevy vintage* vermelha e o nosso logótipo ao lado. Pensava que a minha mãe o tinha encomendado numa pastelaria.

— A Blair fez o bolo?

— Sim. A tua irmã pode contar-te a história toda. Ela foi visitar a Blair na quinta-feira.

— Mas viste-a esta manhã? — perguntei, seguindo a minha mãe para a sala de descanso, de onde trouxe mais copos de plástico para o café na receção.

— Claro que vi.

Agitado, segui a minha mãe de volta para a receção, onde ela empilhou os copos numa mesa. A música da banda ao vivo infiltrava-se através da porta aberta.

— Porque é que não me disseste nada?

Ela lançou-me um olhar.

— Agora queres falar sobre a Blair? Depois de quase duas semanas a mandares-me meter na minha vida?

— Sim. Agora quero falar sobre ela.

Ela olhou-me e cruzou os braços diante do peito.

— O que é que queres saber?

Passei o peso de um pé para o outro, agitado. Parecia que tinha um enxame de abelhas debaixo da pele.

— Como é que ela estava?

— Linda.

— Estava... parecia bem?

— Parecia muito bem. Não falámos muito porque ela estava com pressa de voltar ao trabalho, lá para norte.

— Ela gosta de lá estar?

— Disse que adora.

Senti uma dor no peito. Talvez nem sentisse a minha falta. Talvez adorasse tanto a sua nova vida que nem tivesse pensado mais em mim. Talvez já tivesse conhecido alguém.

A ideia pôs-me doente. Como é que eu a tinha deixado ir?

— Perguntou por mim?

A minha mãe suspirou.

— Não, não perguntou. E não a recrimino, depois de a Lanette me contar a forma como a mandaste fazer as malas. Eu também não perguntaria por ti!

Franzi a testa.

— A Lanette deve-me 20 dólares.

— Sabes, toda essa preocupação com a Blair teria sido simpática antes de ela partir — ripostou a minha mãe. — Oh, eu vejo como andas amuado e infeliz sem ela, e a culpa é só tua. Não tenho pena de ti! — Virou-se para cumprimentar um velho amigo da família e eu saí à procura da minha irmã.

Avistei-a perto da carrinha, corri para ela e agarrei-lhe um braço.

— Mas que raio? — disse ela, enquanto eu a fazia subir um pouco o passeio, para longe da multidão.

— A mãe diz que viste a Blair na quinta-feira.

Ela soltou o braço.

— Sim, e depois?

— Ela disse alguma coisa acerca de mim?

A minha irmã encolheu os ombros.

— Talvez. Não me lembro bem.

Eu estava prestes a perder a cabeça.

— Deixa-te de tretas, Cheyenne. Disse alguma coisa ou não?

— Porque é que queres saber? Julgava que tinhas decidido que estavas melhor sem ela.

— Olha, talvez estivesse enganado em relação a isso, está bem? —
Passei uma mão pelo cabelo. — Eu... ando a pensar nas coisas.

A minha irmã ergueu as sobrancelhas.

— Vê lá se te aleijas.

— Dás-me um desconto? Estou um caco, Cheyenne. Não consigo deixar de pensar nela. Nada me sabe bem ou parece certo. Não me consigo concentrar em nada. Nem sequer estou entusiasmado com o jogo desta noite.

— Bolas! Isso é grave.

— É o que estou a dizer. — Esfreguei a cara com ambas as mãos. —
Por isso, por favor, podes ajudar-me? Ela disse alguma coisa?

A minha irmã abrandou e falou baixinho.

— Claro que disse, Griffin. Está apaixonada por ti.

O meu coração saltou imediatamente para a boca. Passei os dedos pelo cabelo.

— Ela disse isso?

— Não, mas não precisava de dizer. Eu percebi.

Baixei os braços.

— Não sei o que fazer.

— Se a queres, vai buscá-la. Mas digo-te uma coisa, Griff. — A voz da minha irmã assumiu um tom caloroso. — Não faças asneira com ela. Ela está ótima no norte. Tem um sítio para viver, pessoas que gostam dela, um trabalho que adora. Sem dúvida que está apaixonada por ti, e se lhe pedisses desculpa e outra oportunidade, acho que ta dava... mas é melhor teres a certeza de que é isso que queres.

Nem precisei de pensar.

— É isso que quero.

— *Finalmente.* — Ela abriu os braços e deu-me um abraço que me soube surpreendentemente bem. — Adoro-te, meu grande idiota. Porque é que tens de tornar as coisas tão difíceis?

— Não sei — respondi. — Parece que gosto de lutar.

Ela riu-se e deu-me umas palmadinhas nas costas.

— Bem, agora tens algo por que vale a pena lutar. Vai buscá-la.

Algum tempo depois, ainda eu estava a pensar no que poderia dizer à Blair que a convencesse a dar-me uma segunda oportunidade quando o Charlie Frankel me abordou.

— Isto é maravilhoso, maravilhoso — disse ele, apertando-me a mão.

— Obrigado.

— O teu pai e o teu avô ficariam orgulhosos.

— Agradeço.

— Viste aquelas tartes de maçã? Foram feitas pela Blair. Com a receita da Betty. — Parecia envergonhado. — Esteve sempre nas minhas mãos, sabes. Tive as minhas razões para a guardar, mas a Blair lembra-me tanto a Betty, um coração tão bom e um espírito tão vivo, que eu soube que ela era a pessoa certa a quem a confiar.

Engoli em seco.

— A Blair vai cuidar bem dela.

— Ela fez-me uma visita, hoje.

O ciúme deu-me um pontapé no estômago.

— Hã?

— Sim. Levou-me uma tarte e sentámo-nos no alpendre a comer uma fatia e tomar chá, apesar de serem só 9 da manhã. — Riu-se.

Engoli em seco.

— Parece agradável.

— Tivemos uma boa conversa — continuou o Frankel, coçando a cabeça. — Ela falou muito deste evento e de tudo o que tinha aprendido a trabalhar contigo. Espero que não aches isto muito intrusivo, mas mencionou que estás a ter dificuldades em obter um empréstimo do banco.

— «Dificuldades» é um eufemismo — disse eu, tenso.

— Bem, estive a pensar. Sou um bom cliente do banco. A minha família está aqui há gerações. E aposto que se eu fosse fiador desse empréstimo, eles estariam mais dispostos a aprová-lo.

Fiquei boquiaberto.

— Está a falar a sério?

— Claro. Aprecio o bom trabalho que estás a fazer aqui, e sei como pode ser difícil manter um pequeno negócio de família. Acredito que

devemos investir nas pessoas que conhecemos, pessoas que fazem desta vila o que ela é. A tua família também tem aqui um negócio há muito tempo, e eu gostava que continuasse. Deixa-me ajudar-te.

Senti-me completamente aparvalhado.

— Não sei o que dizer.

— Diz que vais visitar-me em breve e podemos falar acerca do que precisas. Depois eu marco uma reunião no banco e vamos lá os dois.

Estendi a mão.

— Combinado, Sr. Frankel. E obrigado.

— Não tens de quê, Griffin. Agora, posso dar-te um conselho?

— Claro.

— Raparigas como a Betty e a Blair não aparecem muitas vezes. São especiais. Há uma num milhão. — Pôs-me uma mão no ombro. — Se calhar não devia dizer-te isto, mas primeiro ofereci o empréstimo à Blair. Pensei que podia usá-lo para abrir uma pastelaria na vila, mas ela recusou. Disse que, se alguém merecia ajuda, eras tu.

Mais uma vez, dei por mim sem palavras, o que fez o Frankel rir-se. Apertou-me o ombro.

— Não a deixes fugir, filho.

Engoli em seco.

— Não vou deixar. Prometo que não.

*

Ao final da tarde, eu e o Cole sentámo-nos lado a lado no banco, à espera do começo do jogo.

— Peço desculpa por ontem — disse eu.

Ele deitou-me um olhar divertido.

— Não tens de pedir desculpa.

— Tenho, sim. Estavas a tentar ser honesto comigo e eu não queria ouvir, por isso fui uma besta. Não é contigo que estou zangado.

Ele riu -se.

— Eu sei. Sou teu amigo há 25 anos, lembras-te? Deteto as tuas tretas.

Ri-me também, sentindo-me melhor.

— De qualquer forma, agradeço o conselho.

— Vais segui-lo?

— Sim. Mas não deixes que isso te suba à cabeça. — Sorri-lhe. — Agora vamos ganhar isto para eu consertar o que estraguei.

Foi um jogo de nervos. Ninguém pontuou antes da pausa da sétima entrada, quando o braço do Cole começou a dar-lhe problemas e os Mavs fizeram um duplo *home-run*. Felizmente, consegui chegar à base na segunda parte da oitava, o Moretti pontuou um duplo logo a seguir e depois o Beckett fez um *liner* que o terceira-base dos Mavs não conseguiu segurar e o defesa do campo esquerdo deixou escapar. Eu pontuei, o Moretti pontuou e o Beckett chegou à terceira. Mas depois disso o batedor fez um *strikeout* e regressámos ao campo para a última entrada com o jogo empatado.

Graças à resiliência do Cole e a uma fantástica jogada dupla, conseguimos impedi-los de marcar durante a primeira parte da nona. Só nos faltava um *run* para vencer este jogo e conservar o título do campeonato — que obtivemos quando fiz voar uma bola rápida sobre a rede no campo esquerdo.

Corri pelas bases com um sorriso na cara e atravessei a base principal para celebrar a vitória com os meus colegas de equipa, que saltaram do banco com as mãos no ar, gritando a plenos pulmões.

Foi quando olhei para as bancadas e a vi. Ela estava na secção dos visitantes, com o vestido branco que usara na noite do nosso piquenique, um chapéu de sol na cabeça e óculos de sol a tapar os olhos.

Ao primeiro olhar, pensei que estava enganado. Tanto a minha mãe como a Cheyenne tinham confirmado que a Blair partira tão depressa quanto chegara esta manhã, para voltar ao trabalho.

Mas era ela. Eu sabia porque nesse momento ela tirou os óculos de sol e quando cruzámos olhares, o meu coração explodiu. Ela voltou a pô-los imediatamente e começou a caminhar para o fundo da bancada, como se tentasse sair rapidamente. Eu queria impedi-la, mas senti-me a ser levantado para os ombros dos meus colegas e levado de volta para o banco. Quando me puseram no chão, ela já tinha desaparecido.

Isso não me deteve. Agarrei nas minhas chaves e desatei a correr. Se

não a apanhasse a pé, apanhava-a na autoestrada. Nem pensar que a deixaria ir outra vez.

— Dempsey! Que raio! Aonde vais? Volta para aqui!

Ignorando os urros da minha equipa, corri para o parque de estacionamento e estava quase a chegar à carrinha quando ouvi o estrondo de um pneu a rebentar.

Com um olhar para o céu, acelerei o passo.

Vinte e Quatro

Blair

Não. Isto não podia estar a acontecer.

Que raio tinha o universo contra mim? Teria eu sido uma cretina na minha vida passada? Isto era uma espécie de karma a que não podia fugir? Talvez afinal *existisse* um destino e as minhas estrelas estivessem muito, muito desalinhadas.

Exatamente como o volante do meu carro.

Fui lançada para a frente e embati nele com a cabeça.

Eu só queria ver o jogo. Era tão importante para ele, para toda a gente. Pensei que, se me sentasse nas bancadas dos visitantes, usasse chapéu e óculos de sol e ficasse calada, ninguém daria por mim.

Mas ele tinha-me visto, eu sabia que tinha. Os nossos olhares cruzaram-se e eu fiquei incapaz de respirar.

Então entrei em pânico. Fiquei tão envergonhada! Tão óbvio que eu ainda tinha esperança, mesmo depois de ele me dizer em termos muito claros que tínhamos acabado. Tinha saído das bancadas à pressa e corrido para o parque de estacionamento, rezando para conseguir sair dali antes que mais alguém me visse. Saltei para o carro, atirei o chapéu e arranquei tão depressa que os meus pneus cuspiram gravilha.

Mas estava nervosa e andei às voltas no estacionamento, sem saber bem qual era a saída. Seria aquela junto do campo de ténis? Ou esta, ao lado do campo de futebol? Tinha os olhos toldados pelas lágrimas e dei por mim a acelerar faixa após faixa, como se estivesse num labirinto do qual não conseguia sair. Havia uma série de barreiras brancas e cor-de-laranja por todo o lado, e o pavimento era pedregoso e esburacado. Finalmente vi uma saída e acelerei.

E então — *bum!* Senti uma explosão familiar sob o carro e carreguei no travão.

O carro andou de lado, estremeceu, saltou o passeio e bateu numa grande pedra no relvado da escola, onde estavam pintadas as palavras BEM-VINDOS DE VOLTA!

Caramba! Era tão injusto!

Sufoquei um soluço enquanto saía do carro.

— Blair!

Sobressaltada, olhei para a esquerda e vi o Griffin a atravessar o parque de estacionamento a correr na minha direção, como se a sua vida dependesse disso. Quando chegou ao pé de mim, inclinou-se, com as mãos nos joelhos, respirando asperamente.

— Estás bem, Blair?

— Estou. E *tu*?

— Sim. — Ele endireitou-se, ainda a arfar. — Mas não desmaies já. Preciso de um segundo para recuperar o fôlego.

Fiquei com as faces a arder e abanei a cabeça.

— Não vou desmaiar.

— Ótimo. De certeza que estás bem?

Começou a apalpar-me os braços, que ficaram cobertos de pele de galinha.

— Sim. Só estou mesmo muito envergonhada.

O público do jogo estava a dirigir-se para os carros e muitas pessoas olhavam para nós.

— Porquê?

— Porque não queria que me visses aqui. E acabei de rebentar outro pneu. E provavelmente estraguei esta pedra que deve estar aqui há uma centena de anos. — Apontei para a pedra.

— Tenho a certeza de que estavas legalmente estacionada quando ela te atingiu.

Quase sorri. Uma lágrima rolou-me pela bochecha.

— Sou um desastre.

— Para com isso. És linda. — Limpou-me a lágrima com o polegar.

— Sabes como estou feliz por te ver aqui?

O meu coração deixou de bater.

— Estás?

Ele segurou-me a cara nas mãos.

— Se não tivéssemos o jogo, neste momento eu estaria à tua porta, a suplicar o teu perdão.

— Estarias?

— Sim. Estou tão arrependido, Blair. Errei ao mandar-te embora daquela maneira. Menti-te sobre os meus sentimentos, porque tinha medo. Juro por Deus, no minuto em que te foste embora, percebi o meu erro, mas fui demasiado teimoso para o admitir.

— Magoaste-me muito — disse-lhe calmamente.

— Eu sei. E peço desculpa. Odiei-me por isso. Tu... apanhaste-me de surpresa. Nem fazia ideia que existia alguém como tu, e eu não estava minimamente preparado para a forma como me fizeste sentir. Mas não quero lutar mais contra isso.

A multidão atrás dele estava a fechar-se à nossa volta, e ouvi algumas pessoas a murmurarem de curiosidade e outras a mandarem calar os murmúrios para ouvirem melhor.

— Hum, estamos cercados — sussurrei.

— Não faz mal — disse ele com um sorriso malicioso. — Afinal, não é possível ter segredos nesta vila.

— É verdade.

— Nada foi bom sem ti, Blair. Preciso de ti na minha vida. E não me importo que saibam.

— Griffin — disse eu, sentindo as lágrimas a rolares-me pelas bochechas.

Ele limpou-as com os polegares.

— Diz que vais dar-me outra oportunidade.

— Eu quero, mas tenho medo. Confiei em ti.

— Não tenhas medo. — Beijou-me a testa. — Sou o homem que pensaste que eu era, Blair. Deixa-me provar-te isso.

Senti que a multidão sustinha a respiração ao mesmo tempo que eu.

— Diz que sim! Ele está a dizer a verdade! — gritou alguém.

— Está calada, Mariah — ralhou uma voz de homem.

— Mas, pai, tu sabes que sim. E ela está com um vestido branco. Se calhar é porque se vão casar *a sério*.

Desatei a rir-me, apesar de não conseguir parar de chorar.

— Adoro mesmo esta vila.

— Isso significa que vais voltar?

— Significa que terás a tua segunda oportunidade. Depois disso, falamos.

E então os lábios dele estavam sobre os meus, a multidão em nosso redor aplaudiu e senti que me levantavam os pés do chão. Foi quando soube — se um lugar pode corresponder ao teu amor, ou desenvolver braços que te abraçam, esse é o lugar.

*

Depois de rebocarmos o meu carro para a oficina, liguei à Frannie e contei-lhe o que tinha acontecido.

— Oh, meu Deus, a sério? — guinchou ela. — *Rebentaste* outro pneu? Isso é mesmo pouca sorte.

— Ou muita sorte, dependendo da perspectiva. — Troquei um olhar com o Griffin, que me abria a porta da carrinha.

A Frannie riu-se.

— Certo! Então vocês reconciliaram-se exatamente aí? Rodeados por uma multidão?

— Sim — confirmei, subindo para o banco do passageiro. — Demos-lhes um tema de conversa para amanhã, sem dúvida.

— Estou ansiosa por ouvir os pormenores. Ouve, não te preocupes em voltar esta noite. Fica aí e desfruta.

— Tens a certeza? O Griffin diz que não se importa de me levar.

— Tenho a certeza. E como fechamos à segunda-feira, também não precisas de voltar amanhã. Tira o fim de semana.

— És a maior, Frannie. Vemo-nos na terça-feira.

— Está tudo bem? — perguntou o Griffin, sentando-se ao volante.

— Tudo bem. Não precisas de me levar já.

Ele pegou-me na mão e beijou-a.

— Acho que não te quero levar nunca.

Sorri.

— Havemos de falar sobre isso.

Fomos juntar-nos aos festejos do resto da equipa no *pub*. Quando a Cheyenne me viu, abraçou-me com força e arrastou-me para a casa de banho, querendo saber tudo.

— Ele deu o braço a torcer? — guinchou ela. — Nem acredito que perdi a grande cena!

Ri-me.

— Mais ou menos. Estava muito lamentoso e assumiu toda a culpa. Pediu-me uma segunda oportunidade.

— Ótimo. Ele tinha-me dito que ia buscar-te, mas receei que estragasse tudo.

Abanei a cabeça.

— Não estragou. Ainda temos algumas coisas para resolver, mas tenho um pressentimento de que vamos conseguir.

A Cheyenne sorriu.

— Eu também.

— Mas sabes o que isso significa — avisei, quando voltámos para a mesa.

— O quê?

— És a próxima. — Empurrei-a para o banco ao lado do Cole.

*

— *Bisou!* — Assim que a vi, ajoelhei-me e peguei nela ao colo, de olhos embaciados. — Tive tantas saudades tuas!

— Ela também teve saudades tuas — disse o Griffin. — Vou tomar um duche, está bem?

— Claro. Eu dou-lhe comida. — Aninhei a gata nos braços mais um minuto antes de a pousar, mas mesmo depois de me levantar ela enrolou-se nos meus pés e esfregou a cabeça no meu tornozelo. Rindo-me, baixei-me para lhe fazer festinhas. — Não me vou embora, para já — prometi.

Enchi-lhe a tigela de comida, apaguei todas as luzes e despi-me no quarto.

Quando o Griffin saiu da casa de banho, eu já estava debaixo dos cobertores.

— Caramba, não fazes ideia de como estou feliz por te ver novamente na minha cama — disse ele, deitando-se ao meu lado. — Não fazia ideia de como este lugar podia ser solitário.

Ficámos deitados de lado, virados um para o outro.

— Eu também me sentia sozinha — disse-lhe, passando-lhe um dedo nos pelos do peito. Ele beijou-me a testa.

— Consegues perdoar-me por ser um cabrão teimoso?

— Talvez. — Sorri maliciosamente. — Mas tenho de te fazer algumas perguntas primeiro.

Ele gemeu.

— Esqueci-me da tua mania das perguntas.

— Estas são as minhas condições.

— Nesse caso, acho que tenho de as cumprir. Pergunta.

— Ias mesmo para norte hoje, para me trazeres?

Ele assentiu com a cabeça.

— Prometi, tanto à minha irmã, como ao Charlie Frankel, que o faria. Eles podem confirmá-lo. Por falar no Charlie Frankel, ele ofereceu-se para pedir o empréstimo bancário comigo.

— Foi? — O meu coração trinou de alegria. — Aceitaste?

— Claro que aceitei. Se estás preso numa torre e alguém se oferece para te emprestar uma escada, serias estúpido se não aceitasses.

Ri-me.

— É verdade.

— Sei que foste tu que o incentivaste a fazer-me essa oferta, Blair. E nem posso dizer-te o quanto isso significa para mim. Para a minha família.

— Bem, tu mereces. Trabalhas tanto. Como correu o evento?

— Foi ótimo. E péssimo.

Sustive a respiração.

— Péssimo? Porquê?

— Porque não estavas lá. E trabalhaste tanto para que fosse o sucesso que foi. Passei o dia a olhar em volta, esperando ver o teu rosto na multidão.

— Obriguei-me a não ir — disse-lhe calmamente. — Tinha medo de me ir abaixo se te visse.

— Porque é que vieste ao jogo?

— Estás a brincar? Não podia perder a final do campeonato de basebol da liga dos velhotes! — Dei-lhe uma palmadinha no ombro. — Menti à tua mãe e à tua irmã quando disse que ia voltar para Traverse City, para elas não me procurarem. Mas a verdade é que a Frannie me deu o dia inteiro para o caso de... para o caso de ser preciso. — Suspirei. — Por isso passei todo o dia escondida em casa do Charlie Frankel. Ele era o único que sabia onde eu estava.

— Ele adora-te.

— É um querido.

— Eu adoro-te. — Acariciou-me a anca e o seu pénis agitou-se entre nós. — E estou ansioso por te mostrar quanto. Já acabaram as perguntas?

— Não. Tenho mais duas. É verdade que escondeste as peças do meu carro por mais de uma semana, porque não querias que eu partisse?

Ele suspirou.

— É verdade.

— Grande palerma, porque é que não me *disseste* apenas que querias que eu ficasse? — ralhei, apesar de me alegrar ouvi-lo admitir o que tinha feito.

— Porque dizê-lo em voz alta significaria admitir sentimentos que eu não queria ter — disse ele.

— Então qual era o plano, deixar-me pendurada aqui até os teus sentimentos por mim desaparecerem?

— Na verdade, não planeei nada, Blair. Só sabia que não te podia deixar ir.

— Mas deixaste — recordei, espetando-lhe um dedo no peito.

— Deixei. Porque me assustei. Pensei que podia ter-te engravidado e isso desencadeou uma grande paranoia na minha cabeça.

— Eu sei. Concorde que foi um momento assustador.

— Depois passei-me porque nunca tinha contado a ninguém acerca do aborto, e ali estava eu, a abrir-me contigo.

— Ainda bem que o fizeste — disse eu baixinho, erguendo o olhar para ele. — Ajudou-me a compreender-te melhor. Não te considero

menos homem por ficares triste com essa perda, Griffin. Acho que ninguém pensaria isso.

Ele ficou silencioso por um momento, depois virou-se de costas.

— Provavelmente tens razão. Mas nunca me pareceu uma coisa de que pudesse falar. Até tu surgires.

Pus um braço e uma perna em cima dele e encostei a bochecha ao seu peito quente e nu.

— Sei que nunca serás falador como eu. Mas chega de esconder as coisas importantes, está bem? É a única promessa que te peço.

— Não esconder coisas? E tenho a minha segunda oportunidade?

— Não esconder coisas. E tens a tua segunda oportunidade.

— Nesse caso, há algo que preciso de te mostrar. — Sentou-se na cama, levando-me com ele.

— O que é?

Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira, saiu da cama e foi até ao roupeiro.

— Juro que era a última coisa que eu estava a esconder.

Lancei-lhe um olhar curioso.

— Está beeeeeem.

Então abriu a porta e eu soltei um gritinho.

— O meu vestido!

— Salvei-o do caixote do lixo.

Saltei da cama e toquei no vestido, embrulhado no plástico da lavandaria, parecendo novo como no dia em que o comprei.

— Não acredito!

— Lembrei-me de que o usavas na noite em que nos conhecemos. E que me disseste que não conseguias separar-te dele por te fazer sentir bonita e esperançosa. Como se a tua vida estivesse a começar.

Fiquei com um nó na garganta e os olhos cheios de lágrimas.

— Pois é.

Ele puxou-me para os seus braços.

— Quero que te sintas assim novamente.

— Eu sinto. — Ri-me, apesar das lágrimas que me escorriam pela cara. — Sinto-me assim, honestamente.

— Ótimo. — Pegou-me ao colo e levou-me para a cama, apagando o

candeeiro antes de se estender em cima de mim. — Porque me falaste ao coração, Blair Peacock Beaufort. E eu descendo de uma longa linhagem de homens horivelmente teimosos quando alguma coisa lhes fala ao coração.

Enrolei as pernas em volta dele.

— Estou tão feliz por teres estado lá naquela noite, para me apanhares quando caí.

— Estarei sempre lá para te apanhar — sussurrou ele, enquanto o seu corpo começava a mover-se por cima de mim no escuro. — É nos meus braços que tu deves estar.

— **B**lair! Estás pronta?

— Um minuto! — Saí do quarto e vi-o ao cimo das escadas, com as chaves na mão. — Desculpa — disse sem fôlego. — Esta coisa demora um bocadinho a vestir. Podes ajudar-me a vesti-lo?

— Tenho mais jeito para te despir, mas está bem.

Ri-me, virando-lhe as costas. Depois de ele puxar para cima o fecho-éclair do meu vestido branco sem alças, encarei-o de novo.

— Tenho sorte por ainda me servir. Que tal pareço?

— Uma debutante pronta para o baile. Ou, pelo menos, para uma fotografia.

— A minha tiara está direita?

Ele fingiu que a examinava atentamente.

— Está perfeita.

— O batom está borrado?

— Não.

— Ótimo. — Olhei-o de cima a baixo e todo o meu corpo vibrou. — Tu também estás giro.

Ele olhou-me intensamente.

— Sabes o que penso dessa palavra.

Ri-me.

— Não consigo evitar. O equipamento de basebol excita-me. Sei que não o usavas na noite em que nos conhecemos, mas acho que, para a sessão de fotografias, está perfeito.

A *Gazeta de Bellamy Creek* estava a publicar uma série de artigos acerca da forma como casais da vila se tinham conhecido e apaixonado, e a Cheyenne inscrevera-nos. A editora ficara muito entusiasmada com a história de eu ter ficado ali presa depois de o meu carro avariar e me ter apaixonado pelo mecânico que o arranjava. Adorara especialmente o pormenor do meu vestido de baile e de o Griffin me ter amparado quando eu desmaiara. Queria que reencenássemos o momento.

A única diferença, além de o Griffin estar com a camisola dos

Bulldogs, era ela querer tirar as fotos numa localização diferente — em vez de ser em frente da União de Crédito, onde realmente acontecera, queria que fôssemos fotografados diante da loja que eu acabara de abrir: A Boulangerie de Bellamy Creek.

Eu tinha cortado a fita no fim de semana do 4 de julho, e o negócio fora um êxito desde o início. A tarte de maçã da Betty era uma grande atração, claro, mas com a ajuda do Sr. Frankel tinha mudado uma coisinha ou outra para a tornar minha. Depois de a provar, ele disse-me que a Betty teria ficado orgulhosa. Também servíamos todo o gênero de bolos e pastéis, *strata* e quiche, pãezinhos e dónutes, *muffins* e scones, assim como café, chá, limonada fresca e mimosas aos fins de semana.

A Frannie e a família tinham vindo à inauguração, empurrando um carrinho de bebé duplo com as gémeas, Audrey e Emmeline. Foi muito importante para mim tê-la ali, visto ela ter-me apoiado tanto no ano que passara.

Como prometido, trabalhei no Coffee Darling até ao fim da sua gravidez, assumindo a tempo inteiro enquanto ela estava de licença de maternidade. Não tinha sido fácil porque, ao mesmo tempo, eu estava no processo de comprar a velha padaria da Main Street em Bellamy Creek, tratando do financiamento, desenhando e supervisionando a remodelação, e planeando uma inauguração para o verão.

Tinha sido muito cansativo — mas o Griffin fora o meu pilar. Namorámos à distância durante o outono e o inverno, tentando nunca passar mais de uma semana sem nos vermos, embora não fosse fácil. As viagens eram duras, especialmente quando estava mau tempo, e o Griffin insistia sempre em ser ele a deslocar-se quando nevava. Teve de contratar outro mecânico para trabalhar aos sábados, que passava comigo.

Mas nunca se queixou. Sabia como era importante para mim estabelecer-me de forma independente, ser a minha própria chefe, sustentar-me, sentir-me equilibrada sobre os meus próprios pés. Ele compreendia-me e eu sentia-me mais apaixonada por ele a cada dia que passava.

Quando chegou a primavera, sabíamos que não podíamos passar

mais tempo separados. Depois de conversar com ele e de pedir um conselho à Frannie, tomei a decisão de abordar o casal de velhotes que possuía a Main Street Bakery e oferecer-me para lhes comprar o espaço. Eles ficaram muito entusiasmados com a ideia, visto a minha proposta ter sido o empurrão de que precisavam para se reformarem e irem para a Florida, algo que planeavam há anos.

Eu mudara-me para casa do Griffin em maio, e nunca tinha sido mais feliz. Relanceando-o enquanto ele guiava até à loja, senti um impulso de afeto e gratidão. Peguei-lhe na mão.

— Que foi? — perguntou ele.

— Nada. É só que estou apaixonada por ti.

Ele levou a minha mão até aos lábios e beijou-a.

— Eu também.

— Não duvido, visto teres concordado com esta sessão de fotografias. Sei que odeias ser o centro das atenções.

— Bem, disseste que seria bom para o negócio. Depois de tudo o que tu fizeste pelo meu, como podia recusar?

Sorri. O Griffin tinha investido o empréstimo que o Sr. Frankel o ajudara a obter em ferramentas, formação, publicidade e mais ajuda na oficina, e compensara. O Andy tratava das redes sociais e a Darlene ia todas as manhãs recolher os bolos para servir na receção. A Swifty Auto ainda era uma pedra no sapato, mas já não era a ameaça que tinha sido.

A vida era boa.

Continuávamos a viver por cima da oficina, embora por vezes falássemos do dia em que poderíamos comprar uma casa. O Griffin queria um terreno, eu queria uma cozinha um pouco maior, e ambos queríamos uma família, mas não tínhamos pressa (para desgosto da Darlene).

Tínhamos aprendido algumas coisas um com o outro no último ano. Eu aprendera a não fazer tantas perguntas e a deixar as coisas desenrolarem-se um pouco mais naturalmente, e o Griffin tinha aprendido a aliviar a sua necessidade de controlo e a confiar nos seus sentimentos.

— Parece que a fotógrafa já ali está — disse eu, quando parámos

diante da minha pastelaria. Como sempre, tive de me beliscar quando vi o toldo às riscas brancas e pretas, as letras elegantes no folho, a madeira polida da porta, as duas mesinhas de café sob janelas iguais de cada lado da entrada.

Lá dentro, a cozinha estava cheia de luz e todas as manhãs eu acordava entusiasmada para fazer o café, acender os fornos e saudar os clientes sorridentes que saíam das suas casas para virem provar o que eu tinha criado. Isso significava tudo para mim.

Era difícil acreditar que era mesmo meu — tudo aquilo, a loja, o homem ao meu lado todas as noites, o amor que partilhávamos, a vida à nossa frente, este lugar a que chamava lar, esta esperança no meu coração.

Era melhor do que um conto de fadas.

*

— Então, achas que tirámos a fotografia perfeita? — perguntei-lhe quando nos afastávamos da loja.

— Considerando que ela tirou pelo menos cem, espero que sim. Não podemos ser tão pouco fotogénicos. Bem, tu não podes.

Peguei-lhe na mão.

— Foi divertido, não foi? Espero que saia na primeira página.

— Toda a gente vai pensar que nos casámos outra vez.

— Oh, meu Deus! Lembras-te disso? — disse e ri-me, recordando a forma como o boato se espalhara.

— Como se isso pudesse ter mesmo acontecido.

— As pessoas gostam de uma boa história.

— Pois gostam. Ei, aonde vamos? — perguntei quando passámos pela oficina sem parar.

— Pensei em darmos um passeio.

— Vestida desta maneira? — Baixei os olhos para o meu vestido.

Ele encolheu os ombros e deu-me um sorrisinho de esguelha.

— Tenho uma surpresa para ti.

Dei um gritinho.

— Adoro surpresas!

— Eu sei.

— Posso tentar adivinhar o que é?

Ele riu-se e abanou a cabeça.

— Se quiseres.

Inclinando o pescoço para olhar pelas janelas em todas as direções, tentei perceber para onde nos dirigíamos.

— Vamos jantar a casa da tua mãe?

O Griffin resmungou.

— Será que tu me conheces mesmo?

Ri-me quando entrámos na autoestrada para fora da vila.

— Hum... o lago?

Por vezes fazíamos um piquenique no lago, para passarmos uma noite juntos, como tínhamos feito na primeira semana que eu estivera aqui. Essas noites, deitados na caixa do *Chevy* sob as estrelas, eram melhores do que qualquer uma que eu tivesse passado a dançar com milionários em salões de baile de hotéis.

— Não — disse ele.

— Hum. — Bati com um dedo no queixo, confusa quando ele saiu da autoestrada, deu meia-volta e continuou na direção oposta.

— Saíste no sítio errado?

— Sabias — disse ele — que esta noite faz exatamente um ano que rebentaste aquele pneu na Main Street?

Dei um gritinho.

— A sério? Um ano, exatamente hoje?

— Verifiquei na fatura original.

— Ainda tens a fatura original? — A minha voz estava aguda de excitação.

— Claro que tenho.

— Acho que nunca sequer a vi, porque não me deixaste pagar a reparação.

— Não queria o teu dinheiro — disse ele, parando na berma. — Queria mais qualquer coisa.

O meu coração batia com força quando ele desligou o motor.

— Griffin, o que é?

— Fica aí. — Ele saiu do carro, deu a volta e veio ter comigo,

abrindo a porta e ajudando-me a descer, tal como fizera na primeira noite. Contudo, desta vez manteve as mãos na minha cintura. — Na altura eu não sabia, aliás, teria mesmo contrariado alguém que tentasse dizer-mo, mas queria que tu mudasses a minha vida. Brincámos muito acerca de eu te ter salvado nessa noite, mas agora vejo que foi o contrário.

Sorri -lhe.

— Mas era eu que não tinha para onde ir.

— Tu tinhas para onde ir. Mas seguiste o teu coração.

— Mais ou menos. — Rindo-me, endireitei os ombros. — Segui um cartaz, lembras-te?

— Lembro. E espero que o sigas novamente.

Por um segundo, fiquei ainda mais confusa. Depois olhei por cima do ombro dele e vi-o — o cartaz.

Fiquei boquiaberta e sustive a respiração.

O cartaz que costumava anunciar a melhor tarte de maçã do Midwest desde 1957, com uma ilustração da tarte e o logótipo do restaurante, tinha agora apenas três palavras:

QUERES CASAR COMIGO?

O Griffin pôs um joelho no chão e tirou do bolso uma pequena caixa, e eu tapei a boca com as mãos. Os meus olhos ficaram enublados de lágrimas.

— Este cartaz mudou tudo para mim — disse ele, com a voz entrecortada. — Não sei o que teria sido a minha vida se não o tivesses visto.

— Ou se tivesse tido mais atenção aos buracos — guinchei, com a garganta apertada.

— Passarei alegremente o resto dos meus dias a reparar os teus pneus furados, se me deixares. E agora, por uma vez, sou eu que faço uma pergunta. — Abriu a caixa e um diamante piscou para mim à luz do crepúsculo. — Blair Peacock Beaufort, queres casar comigo?

— Sim — gritei, dando pulos de contentamento. — Sim! Sim! Sim!

Sorrindo, ele tirou o solitário simples e clássico da pequena almofada de cetim e enfiou-mo no dedo. Depois levantou-se e

abraçou-me, erguendo-me do chão. Pus os braços em volta do seu pescoço e apertei-o com força, com lágrimas de felicidade a rolarem-me pelas bochechas.

Quando finalmente me pousou no chão, olhei novamente para o cartaz e abanei a cabeça.

— Não posso acreditar nisto! O Sr. Frankel esteve envolvido?

— Claro que sim.

— Quem mais sabia?

— A Cheyenne, a minha mãe, o Cole e a Mariah, a Althea Bond, da joalheria, o McIntyre, o Moretti e o Beckett...

— Oh, meu Deus, contaste a *toda a gente*!

— Tive alguma dificuldade em guardar segredo — admitiu ele. — Estava muito entusiasmado.

— Não acredito que ninguém se descaiu!

O Griffin encolheu os ombros.

— Afinal, parece que se pode confiar neles quando é preciso.

Com o coração a transbordar de alegria, pus-me em bicos de pés para o beijar.

— Este é o melhor dia de sempre.

Ele riu -se.

— Estás sempre a dizer-me isso.

— Porque tu continuas a dar-me sempre os melhores dias!

— Isto é só o princípio, Blair. — Ele beijou-me, suave e doce. — Prometo-te que o melhor ainda está para vir.

Scones de Mirtilo, Limão e Tomilho

Scones:

- 3 3/4 de chávenas de farinha
- 2 colheres de chá de sal
- 2 colheres de sopa de fermento em pó
- 1/2 chávena de açúcar
- 1 colher de chá de raspa de limão
- 250 g de mirtilos
- 2 1/2 chávenas de natas

1. Pré-aquecer o forno a 190 graus.
2. Misturar a farinha, o sal, o fermento em pó, a raspa de limão e o açúcar.
3. Adicionar os mirtilos e incorporar nos ingredientes secos, de modo a ficarem distribuídos uniformemente. Acrescentar as natas e mexer até enlaçar.
4. Pôr a massa em cima da mesa e dobrar algumas vezes.

Nota da Blair: «Gosto de amassar até os mirtilos começarem a abrir, resultando num scone mais suculento».

5. Formar uma bola com a massa e achatá-la até ficar um círculo de 25 cm. Cortar em 9 fatias e colocar sobre papel vegetal, separados entre si por pelo menos 2,5 cm. Cozer a 190 graus por cerca de 20 minutos.

Cobertura:

- 1 colher de chá de tomilho fresco
- 1 chávena de açúcar em pó
- 4 colheres de sopa de sumo de limão
- 1 colher de chá de raspa de limão

Misturar todos os ingredientes e espalhar sobre os scones já frios.

Biscoitos de Limão e Lavanda

Biscoitos:

2 chávenas de farinha

1/2 colher de chá de sal

225 g de manteiga sem sal

1/2 chávena de açúcar

1 colher de chá de baunilha

2 colheres de chá de raspa de limão

1 1/2 colheres de sopa de sumo de limão 1 colher de sopa de lavanda seca

1. Pré-aquecer o forno a 150 graus.
2. Polvilhar uma forma redonda de 20 ou 23 cm. Forrar o fundo com papel vegetal.
3. Bater a manteiga e o açúcar até a mistura ficar leve e fofa. Adicionar a baunilha, a raspa de limão, o sumo de limão e a lavanda. Misturar até ficar homogéneo.
4. Misturar os ingredientes secos. Adicionar a mistura de farinha e mexer até enlaçar. Espalhar a mistura na forma preparada.
5. Cozer a 150 graus por cerca de 25 minutos ou até as pontas ficarem douradas.

Cobertura:

1 chávena de açúcar em pó

2 colheres de sopa de manteiga sem sal à temperatura ambiente

1/8 chávena de sumo de limão

Bater os ingredientes até a mistura ficar homogénea. Depois de arrefecer, espalhar a cobertura sobre os biscoitos e polvilhar com mais lavanda seca.

Galette de Espinafres, Cebola Caramelizada e Gruyère

Massa:

- 1 1/4 chávena de farinha
- 1/4 colher de chá de sal
- 8 colheres de sopa de manteiga sem sal
- 1/4 chávena de natas amargas
- 1 colher de sopa de sumo de limão
- 1/4 chávena de água gelada

Pôr a farinha e o sal num processador de alimentos e bater com pedaços de manteiga. Misturar a água fria, as natas amargas e o sumo de limão numa tigela à parte. Adicionar à mistura de farinha e bater até combinar. Cobrir de película aderente e levar ao frigorífico por uma hora.

Nota da Blair: «Normalmente triplico a receita e fico com porções de massa prontas para congelar. Tiro a massa do congelador para o frigorífico, para estar pronta para estender de manhã.»

Recheio:

- 450 g de espinafres
- 3 dentes de alho cortados
- 1 chávena de cebolas caramelizadas (descrito abaixo) azeite
- 1 lata de feijão-branco, sem a água
- 2 chávenas de *Gruyère* em pedaços
- Sal, pimenta

Para pincelar:

- 1 ovo com 1 colher de sopa de água

Cebolas caramelizadas:

- 2 cebolas amarelas
- 3 colheres de sopa de manteiga
- 1 colher de chá de sal

Cortar as cebolas em rodela finas. Derreter a manteiga numa

frigideira sobre lume médio-alto. Quando a manteiga estiver derretida, adicionar as cebolas. Cozinhar as cebolas mexendo constantemente até amaciarem. Adicionar 1 colher de chá de sal. Reduzir o lume para médio-baixo e cozinhar as cebolas até terem um tom âmbar-escuro. Isto levará cerca de 30 minutos. Mexer de vez em quando para não queimar.

1. Pré-aquecer o forno a 190 graus.
2. Saltear o alho até dourar e depois adicionar a cebola caramelizada. Misturar até aquecer e adicionar lentamente os espinafres. Depois de cozinhado, deixar arrefecer.
3. Montar: estender a massa num círculo de 30 cm. Espalhar o *Gruyère* em pedaços uniformemente sobre a massa, deixando um rebordo de 5 cm de massa a toda a volta. Em seguida, deitar os feijões brancos escorridos sobre o queijo. Colocar por cima uma camada homogénea de mistura de espinafres/cebolas.
4. Dobrar o rebordo da massa sobre o recheio. Pincelar com o ovo misturado com água e cozer a 190 graus por cerca de 30 a 40 minutos, ou até a base estar dourada.

Rolinhos de Pesto

Nota da Blair: «Faço duas versões destes rolinhos salgados: de malagueta e de *pesto*. A massa é a mesma para ambos. Os métodos de rechear e dar forma são diferentes».

Massa:

- 1 chávena de leite morno
- 2 1/4 colheres de chá de fermento em pó
- 4 1/2 chávenas de farinha
- 1/4 chávena de açúcar
- 1 3/4 colheres de chá de sal
- 2 ovos grandes
- 1/3 chávena de manteiga sem sal, em cubos

1. Numa tigela pequena, misturar o leite, o fermento e uma colher de chá de açúcar. Deixar repousar por 10 minutos num lugar quente.
2. Na tigela de um misturador fixo com gancho para massa, misturar a farinha, o leite, o açúcar, o sal, os ovos e a manteiga, na potência média, até todos os ingredientes estarem bem ligados. Amassar na potência máxima cerca de 10 minutos, até ficar lisa e macia. Transferir a massa para uma tigela untada, cobrir com película aderente e deixar levedar durante uma hora a uma hora e meia até duplicar o tamanho.
3. Bater a massa com o punho.

Rolinhos de *pesto*:

Faço um *pesto* com espinafres, pistácio, azeite, parmesão e alho. Estender a massa num retângulo. Espalhar o *pesto* sobre a massa. Salpicar com parmesão e *mozzarella*. Dobrar a massa. Cortar em tiras e fazer rolinhos.

Rolinhos de malagueta:

Faço uma pasta com malaguetas assadas (num frasco), amêndoas,

parmesão, alho, óleo e molho *sriracha*. Estender a massa num retângulo e espalhar esta pasta picante na massa. Depois, espalhar tiras de malagueta sobre a pasta e polvilhar com *mozzarella*. Enrolar, cortar em 12 pedaços. Deixa florescer e cozer. Pincelar com manteiga de alho assim que saírem do forno.

Nota da autora: «Blair, que raio queres dizer com “florescer”?» Blair: «Trata-se apenas da fase final de fermentação. Normalmente, deixa-se a massa levedar até duplicar de tamanho, durante cerca de uma hora.»

Strata «Conforto do Sul»

Ingredientes:

18 ovos
5 1/2 chávenas de natas magras
2 colheres de chá de cominhos
1 colher de chá de tomilho
1 colher de sopa de sal
2 colheres de chá de pimenta
1/2 colher de chá de pimenta-caiena
2 colheres de chá de alho em pó
1 colher de chá de curcuma
2 molhos de acelgas, grosseiramente cortadas
1 chávena de bacon cozinhado cortado
2 chávenas de fiambre cortado
1 cebola grande
5 dentes de alho
1 chávena de caldo de galinha
680 g de cubos de pão duro
340 g de *Gruyère* em pedaços
110 g de parmesão gratinado
680 g de feijão-branco de lata

1. Laminar a cebola e o alho. Cozinhar até estarem dourados. Acrescentar as acelgas cortadas. Temperar com sal e pimenta. Cozinhar cerca de 5 a 8 minutos ou até as acelgas começarem a reduzir.
2. Adicionar o caldo de galinha e cozinhar até os caules das acelgas estarem macios. Escorrer o resto do líquido e reservar.
3. Misturar os ovos, as natas e todas as ervas aromáticas e especiarias com uma batedeira elétrica ou manual. Reservar.
4. Untar uma assadeira de 30 por 45 cm. Colocar uma camada de cubos de pão no fundo da assadeira. Por cima, dispor uma camada com metade das acelgas. Espalhar metade do bacon, do fiambre e do feijão por cima das acelgas. Por cima disso, espalhar metade do queijo. Repetir mais uma vez com os ingredientes restantes.
5. Deitar a mistura dos ovos cuidadosa e uniformemente por cima

dos ingredientes. Deixar ensopar pelo menos duas horas ou de um dia para o outro.

6. Assar a 180 graus durante cerca de uma hora ou até o topo estar dourado.

Tarte de Maçã da Blair com Creme de Mascarpone

Base:

- 2 1/2 chávenas de farinha
- 3 colheres de sopa de açúcar
- 1/4 colher de chá de sal
- 225 g de manteiga
- 6 colheres de sopa de água

1. Numa tigela grande, misturar a farinha, o açúcar e o sal. Com um cortador ou garfo de pasteleiro, cortar a manteiga para dentro da mistura de farinha até esta parecer uma papa de milho grossa. Adicionar a água e misturar com um garfo até a massa juntar.
2. Cortar a massa em duas peças iguais e formar discos planos. Refrigerar durante uma hora.

Recheio:

- 1,5 kg de maçãs *Granny Smith*
- 1/4 de chávena de açúcar amarelo
- 1/2 chávena de açúcar granulado
- 2 colheres de sopa de farinha
- 3/4 colher de chá de cardamomo
- 1/2 colher de chá de canela
- 1/4 colher de chá de sal
- 2 colheres de sopa de manteiga sem sal cortada em pedaços pequenos.
- Natas e açúcar q.b. para polvilhar o topo.

1. Descascar, descaroçar e cortar as maçãs em fatias de 1 cm de espessura. Juntar aos ingredientes restantes e reservar.
2. Estender a massa em dois círculos de 30 cm com uma espessura de 3 mm. Transferir um dos círculos para uma forma de 23 cm ou uma frigideira de ferro, acamando a massa no fundo e nos lados. Aparar a massa, deixando uma ligeira saliência. Isto pode ser feito com uma tesoura. Espalhar a mistura de maçã na base e colocar os pedaços de manteiga sobre a mistura.
3. Colocar o segundo círculo de massa sobre o recheio de maçã.

Aparar a massa para ficar uniforme com a base. Dobrar a saliência para baixo calcando com os dedos ou com um garfo. Com uma faca, faça algumas fendas no topo.

4. Pincelar o topo com as natas e polvilhar com açúcar.
5. Colocar a tarte sobre uma folha de papel vegetal. Cozer a 200 graus por 15 minutos, depois baixar a temperatura para 180 graus e cozer por mais 45 a 60 minutos ou até a cobertura estar dourada.

Creme de *mascarpone*:

110 g de *mascarpone*

1/4 de chávena de açúcar em pó

2 chávenas de natas

1 colher de chá de baunilha

1 colher de chá de canela

Numa tigela média, bater o *mascarpone* e o açúcar em pó até estar macio e fofo. Adicionar 1 colher de chá de baunilha e meia colher de canela. Adicionar lentamente as 2 chávenas de natas batidas e bater em velocidade baixa até enlaçar. Aumentar para a velocidade alta e bater até se formarem picos rígidos.

Agradecimentos

Deixa-me Louca foi muito inspirado por *Schitt's Creek*, uma série que descobri durante a quarentena e que trouxe riso e alegria a dias que eram muitas vezes tristes, complicados e inseguros. Sabia que queria que o próximo livro que escrevesse trouxesse esse género de esperança e leveza aos meus leitores — por isso espero que a história da Blair e do Griffin faça sorrir, e estou grata aos brilhantes Dan e Eugene Levy por criarem uma série tão maravilhosa sobre a família, o amor, a pertença, a esperança e a aceitação.

Preciso de agradecer à incrivelmente talentosa Dina Cimarusti por todas as deliciosas receitas deste livro, tanto doces como salgadas! Ela foi a inspiração por trás de todas as criações da Blair, e espero que também gostem de as fazer. Pode ser encontrada aqui: <https://www.instagram.com/dinasaurclub/> (ela é uma maquilhadora incrível, além de padeira/chefe pasteleira). Procurem mais receitas da Dina ao longo dos próximos livros da série Bellamy Creek!

Como sempre, deixo amor e gratidão às seguintes pessoas, pelo seu talento, apoio, sabedoria, amizade e incentivo...

Melissa Gaston, Brandi Zelenka, Jenn Watson, Hang Le, Devyn Jensen, Kayti McGee, Laurelin Paige, Sierra Simone, Lauren Blakely, Corinne Michaels, Meghan Quinn, toda a equipa da Social Butterfly, Anthony Colletti, Rebecca Friedman, Flavia Viotti e Meire Dias da Bookcase Literary, Nancy Smay da Evident Ink, a revisora Michele Ficht, Stacey Blake da Champagne Book Design, Andi Arndt e Katie Robinson da Lyric Audiobooks, os narradores Rock Engle e Vanessa Edwin, os Shop Talkers, a Sisterhood, a equipa Harlots and the Harlot ARC, *bloggers* e organizadores de eventos, as minhas rainhas, as minhas *beta readers*, os meus revisores, os meus leitores de todo o mundo...

E, mais uma vez, à minha família. Passámos MUITO tempo juntos

ao longo dos últimos meses, mas vocês são as minhas pessoas favoritas no mundo, e não há nenhum lugar onde eu preferisse estar do que em casa convosco, a encomendar comida para fora e a ver *Schitt's Creek*. («Parabéns pelo vosso contínuo amor uns pelos outros. Vocês conseguiram!»)

**NUMA SÓ NOITE,
TUDO PODE MUDAR.
PARA OS DOIS.**

A vida de Griffin muda de um momento para o outro quando assiste à aparatosa entrada de Blair na sua pequena vila de Bellamy Creek. Vestida de noiva e com uma tiara na cabeça, a condutora do *MG* que se estampa diante de Griffin e do seu grupo de amigos é claramente alguém que ali foi parar por engano. Mas, depois do acidente, Blair não tem para onde ir, e Griffin vê-se obrigado a oferecer os seus préstimos como mecânico, bem como o seu sofá para ela passar a noite

Afinal, que mal poderá haver nisso? Ele é um profissional e ela tem um carro para arranjar. E embora ele se reja por regras muito rigorosas em relação às mulheres que leva para casa, Blair é apenas uma cliente a quem ele irá dar guarida por uma noite. A sua regra de não permitir que durmam em sua casa não se aplica neste caso.

Só que Griffin não estava a contar com a enorme atração que começava a sentir por ela e que não tardaria a fazê-lo repensar todas as suas opções de vida. E Blair não imaginava que iria encontrar naquela pequena vila tantas razões para ficar. Mas a data da sua partida já estava marcada, e nada a faria mudar de ideias. Ou será que sim?

Melanie Harlow é autora norte-americana bestseller do *USA Today* e da *Amazon*.

Exímia contadora de histórias românticas e muito sensuais, gosta de beber martínis secos, calçar saltos altos e manter as partes mais marotas nos seus livros sobre casais modernos que se apaixonam à moda antiga e que, tal como toda a gente no mundo real, têm problemas a resolver até chegarem ao seu final feliz.

Vive em Detroit com o marido, as duas filhas e um coelho de estimação.



Edição em formato digital: maio de 2022

DEIXA-ME LOUCA

Título original: *Drive Me Wild*

Texto: © 2020, Melanie Harlow

Capa: Hang Le

Fotografia da capa: Michelle Lancaster

© desta edição:

2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a protecção do copyright. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Fernanda Semedo

Revisão: Manuela Duarte

Paginação: Raquel Silva

Por acordo com Bookcase Literary Agency e RF Literary.

ISBN: 978-989-564-978-5

Composición digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

Facebook: [topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

Índice

Deixa-me Louca

Dedicatória

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Um Ano Depois

Scones de Mirtilo, Limão e Tomilho

Biscoitos de Limão e Lavanda

Galette de Espinafres, Cebola Caramelizada e Gruyère

Rolinhos de Pesto

Strata «Conforto do Sul»

Tarte de Maçã da Blair com Creme de Mascarpone

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Melanie Harlow

Créditos